

# **COMO É QUE É COM O *É QUE*?** **ANÁLISE DE ESTRUTURAS COM *É QUE* EM** **VARIEDADES NÃO STANDARD DO PORTUGUÊS** **EUROPEU.**

**Aleksandra M. W. Vercauteren**

---

**Dissertação**  
**de Mestrado em Ciências da Linguagem**

**MARÇO 2010**

Aleksandra Vercauteren – Como é que  
é com o *é que*? Análise de estruturas  
com *é que* em variedades não standard  
do português europeu. – Lisboa 2010



Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, realizada sob a orientação científica de prof. Dr. Maria Lobo

### **[DECLARAÇÕES]**

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

---

Lisboa, .... de ..... de .....

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas.

O(A) orientador(a),

---

Lisboa, .... de ..... de .....

## **AGRADECIMENTOS**

**Agradeço a minha orientadora Maria Lobo, pelas muitas horas que ela dedicou a discutir e  
rever esta dissertação.**

**Também agradeço ao Pedro, por ter-me ensinado uns truques informáticos que aceleraram a  
elaboração do corpus.**

**E por último, agradeço a Família de Sapadores que insuflaram a minha inspiração ao som de  
Débussy ao longo desta odisseia académica.**

## [RESUMO]

**Como é que é com o *é que*? Análise de estruturas com *é que* nas variedades não standard do português europeu.**

**Aleksandra M. W. Vercauteren**

**PALAVRAS-CHAVE:** clivadas, interrogativas, *é que*, periferia esquerda

Esta dissertação discute o estatuto e a estrutura interna da sequência *SER que* em diferentes estruturas do português europeu não standard a partir do corpus Cordial-Sin. Com base na concordância temporal concluímos que existem dois tipos de *SER que*: *é que* invariável e *SER que* com *SER* verbo pleno. Argumentamos que *é que* invariável lexicaliza C em todas as estruturas em que aparece. Nas clivadas, o constituinte clivado encontra-se no especificador de uma categoria proxy projectado por CP que tem *é que* como núcleo, e pode ser gerado na base ou ser movido desde o interior de IP para a verificação de um traço de CP. A nível semântico-pragmático, existem três tipos de *é que*: i) um marcador de contraste que encontramos nas clivadas de *é que*, ii) um intensificador de valor expressivo que encontramos nas exclamativas com pronome expletivo e iii) um simples lexicalizador de C nas interrogativas, adverbiais e relativas. Ainda, as clivadas podem ter diferentes interpretações, dependendo do estatuto informacional do constituinte clivado e do resto da proposição. Pode haver contraste de mais do que um constituinte numa mesma oração, e um mesmo constituinte pode ser objecto a duas estratégias de clivagem. Propomos que as clivadas de *SER que* têm o mesmo valor que as clivadas canónicas. Ainda analisamos duas estruturas do português europeu não standard: os clivados nulos e as clivadas de *SER X é que*. Os primeiros comportam-se como clivadas de *é que*, sendo o constituinte clivado um Operador nulo ligado ao discurso. A clivada de *SER X é que* é uma estrutura mista com características sintáticas e semântico-pragmáticas das clivadas canónicas e das clivadas de *é que*. Apesar de não estar descrita na maioria dos trabalhos sobre o português, está largamente difundida no território português.

## [ABSTRACT]

### **What about *é que*? Analysis of structures containing *é que* in non standard varieties of European Portuguese.**

**Aleksandra M. W. Vercauteren**

**KEYWORDS:** clefts, interrogatives, *é que*, left periphery

This thesis discusses the status and the internal structure of the sequence *SER que* in different structures of non standard European Portuguese, based on data from the Cordial-Sin corpus. Based on temporal agreement we conclude that there exist two types of *SER que*: invariable *é que* and *SER que* in which *SER* is a full verb. We argue that invariable *é que* lexicalizes C in all structures in which it occurs. In clefts, the cleft constituent is located in the specifier of a proxy category projected by CP that has *é que* as a head. The cleft constituent can be base-generated or moved from the inside of IP to check a feature of CP. On a semantical-pragmatical level there are three kinds of *é que*: i) *é que* in clefts marks contrast, ii) *é que* in exclamatives headed by an expletive pronoun marks intensification of expressive value and iii) *é que* in interrogatives, adverbial and relative clauses simply lexicalizes C. Clefts can have different interpretations depending on the informational status of the cleft constituent and the rest of the proposition. More than one constituent can be contrasted in one and the same proposition, and one constituent can be subject to various cleft strategies. Further, we propose that *SER que* clefts have the same value as canonic clefts. We also analyze two structures of non standard European Portuguese: null clefts and *SER X é que* clefts. The first behave in the same way as *é que* clefts, the cleft constituent being a discourse-linked null Operator. *SER X é que* clefts are a mixed structure that has syntactical and semantical-pragmatical characteristics of both canonic clefts and *é que* clefts. Despite the fact this construction hasn't been described in most of the literature on Portuguese, it is widely spread in the Portuguese territory.

## ÍNDICE

1. Introdução.....	1
2. Dados.....	3
2.1 O corpus.....	3
2.2 Sistematização dos dados.....	4
2.2.1 Interrogativas.....	7
2.2.2 Explicativas.....	8
2.2.3 Contrastivas.....	8
2.2.4 Relativas.....	8
2.2.5 Adverbiais.....	10
2.2.6 Clivadas.....	11
2.2.7 Outras.....	14
2.2.8 Conclusão.....	14
3. Características sintáticas de <i>SER que</i> .....	16
3.1 Análises existentes: interrogativas e clivadas.....	16
3.2 A estrutura interna de <i>SER que</i> .....	20
3.2.1 Os dados do português não-standard.....	20
3.1.2 A estrutura interna de <i>SER que</i> nas clivadas de <i>é que</i> .....	21

3.3 A posição de <i>é que</i> na estrutura sintáctica das clivadas de <i>é que</i> .....	23
3.4 <i>É que</i> em orações adverbiais, relativas e completivas.....	26
3.5 O estatuto do constituinte clivado.....	31
3.5.1 Os dados do português não-standard.....	31
3.5.2 Geração na base vs. movimento: proposta.....	35
4. Função semântica e pragmática de <i>é que</i> .....	37
4.1 Estruturas de ‘clivagem’.....	38
4.2 Clivadas de <i>é que</i> vs. clivadas de <i>SER que</i> .....	43
4.3 Estruturas interrogativas com <i>é que</i> .....	47
4.4 Origem das diferenças de valor.....	48
5. Análise das estruturas clivadas com <i>é que</i> .....	49
5.1 O que desencadeia o movimento dos constituintes clivados?.....	49
5.2 Em que posição está o constituinte clivado? Está numa posição distinta se for movido ou gerado na base?.....	51
5.3 Quais são as diferenças estruturais entre as estruturas interrogativas com <i>é que</i> e as estruturas clivadas de <i>é que</i> ?.....	53
6. Clivados nulos.....	56
7. Clivadas de <i>SER X é que</i> .....	61
8. Conclusão.....	63
9. Bibliografia.....	65
10. Anexos.....	69
10.1 Lista de localidades.....	69
10.2 Mapas.....	71

10.2.1 Interrogativas com <i>é que é que</i> .....	72
10.2.2 Explicativas com concordância temporal.....	72
10.2.3 Contrastivas.....	73
10.2.4 Relativas.....	73
10.2.5 Adverbiais.....	74
10.2.6 Clivadas de <i>SER</i> <i>que</i> .....	74
10.2.7 Clivados nulos.....	75
10.2.8 Clivadas com <i>é que é que</i> .....	75
10.3 Corpus.....	CD
10.3.1 Interrogativas	
10.3.2 Explicativas	
10.3.3 Contrastivas	
10.3.4 Relativas	
10.3.5 Adverbiais	
10.3.6 Clivadas de <i>SER</i> <i>que</i>	
10.3.7 Clivados nulos	
10.3.8 Clivadas de <i>SER</i> <i>X</i> <i>SER</i> <i>que</i>	
10.3.9 Encaixadas	
10.3.10 Outras	
10.3.11 Não entram na classificação	



## 1. Introdução

O tema geral da presente dissertação são as estruturas com *é que* nas quais esta sequência é uma expressão lexicalizada que preenche uma categoria funcional na periferia esquerda da frase, como foi proposto por Ambar (1999), Soares (2006) e Costa & Lobo (2009) e.o. Contrastamos as diferentes hipóteses teóricas sobre as estruturas em que ocorre *é que*, em particular, e sobre a periferia esquerda da frase, em geral, com os dados das variedades do português europeu não standard. Analisaremos mais detalhadamente as estruturas de clivagem e interrogativas com *é que*, as estruturas quantitativamente mais presentes no corpus considerado. Tentaremos determinar em que contextos sintáticos pode aparecer a sequência *é que* e que função sintática tem. Tentaremos ainda dar conta da função discursiva da sequência em causa nas diferentes estruturas em que ocorre, para obter indicações sobre a articulação sintaxe-discurso. Outra pergunta à qual tentaremos responder é se há alguma propriedade comum aos diferentes contextos em que surge *é que* ou se é necessário considerar que existem diferentes categorias homófonas.

O quadro teórico adoptado para a realização da presente dissertação é a Teoria de Princípios e Parâmetros, mais especificamente as teorias recentes tendencialmente Minimalistas. Explicaremos mais detalhadamente as teorias adoptadas quando for necessário para o entendimento das análises propostas no presente trabalho.

Em primeiro lugar, damos conta de forma geral do corpus tomado em conta para a análise. Explicamos o como e o porquê da sistematização dos dados, centrando-nos na distribuição sintáctica de *é que* (capítulo 2). Depois passamos para a análise sintáctica e semantico-pragmática. Analisamos o comportamento sintático da sequência *é que*, com base nos padrões de concordância (ponto 3.1), na recursividade (ponto 3.2) e no tipo e na função do constituinte que precede a sequência em causa (ponto 3.3). Neste capítulo, contrastamos o comportamento das clivadas com o das interrogativas e das subordinadas adverbiais, para determinar a estrutura interna da sequência *é que*. Em terceiro lugar, tentamos definir a função semantico-pragmática de *é que* e de *SER que* nas clivadas (capítulo 4), recorrendo ao contexto em que as construções clivadas ocorrem. A seguir propomos uma análise sintáctica para as estruturas de clivagem com *é que* invariável (capítulo 5), baseando-nos nas suas características sintáticas e semantico-pragmáticas. Os dois últimos capítulos são consagrados a duas estruturas frequentes no PE não standard: a construção clivada nula (capítulo 6) e a construção de clivagem de *SER X é que* (capítulo 7), tendo em conta a sua função semantico-

pragmática e o seu comportamento sintáctico, vendo se as análises existentes para as clivadas dão conta de estas construções particulares.

## 2. Dados

### 2.1 O corpus

Os dados utilizados para a realização da presente dissertação provêm do CORDIAL-SIN<sup>1</sup>, um corpus de dados dialectais do português europeu (PE), orientado para a investigação no âmbito da sintaxe. Trata-se de um corpus de transcrições de fala espontânea ou semi-dirigida, estabelecido no contexto de inquéritos dialectais. Os informantes são originários de um meio rural, caracterizam-se pelo baixo grau de escolarização ou até analfabetismo e são geralmente idosos naturais da localidade onde foi efectuado o inquérito. As gravações que integram o CORDIAL-SIN foram realizadas entre 1974 e 1997 pelo Grupo de Dialectologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, com maior intensidade nos anos 90. O corpus integra dados de 42 localidades (ou micro-regiões) de Portugal continental e dos arquipélagos da Madeira e dos Açores. Uma lista das localidades está incluída nos anexos (cf. anexo 1).

Trabalhar com um corpus de fala espontânea implica inevitavelmente algumas limitações e dificuldades. Em primeiro lugar, existe a impossibilidade de aceder a juízos de gramaticalidade ou a dados negativos. Também temos de ter em conta a limitação do corpus: não pode conter todas as construções gramaticais de uma determinada variedade linguística. Finalmente, analisar dados de fala espontânea significa lidar com falantes “imperfeitos”, i.e. estão presentes no corpus frases incompletas, lapsos, excertos ininteligíveis devido a interferências ou barulho, repetições, hesitações, etc.

Para este trabalho, foi feito o levantamento de todas as sequências do verbo SER seguido de *que* no Cordial-Sin através de uma concordância. Foram encontradas 2844 estruturas com *SER que* nas 42 localidades que integram o corpus. Destas, 106 ocorrências não foram analisadas, por diversas razões. Baseando-nos nos critérios propostos por Casteleiro (1979), podemos distinguir diversas estruturas que superficialmente apresentam SER na terceira pessoa do singular do indicativo presente, seguido de *que*. Estas frases podem ter uma estrutura de base distinta. Só foram consideradas as frases em que *SER que* poderia funcionar como unidade autónoma relativamente a outro núcleo predicativo. Foram, por conseguinte, excluídas da nossa análise as frases em que a supressão de *SER que* daria origem a uma estrutura agramatical por não ter núcleo verbal ou por ficar a faltar o complementador.

---

<sup>1</sup> [http://www.clul.ul.pt/english/sectores/variacao/cordialsin/projecto\\_cordialsin.php](http://www.clul.ul.pt/english/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin.php)

Trata-se mais especificamente das frases pseudo-clivadas básicas (1), das clivadas de SER construídas com uma completiva (2), e das frases identificacionais em que a cópula SER é seguida de uma completiva (3).

- (1) O que é certo é que o que se desconta para a Casa do Povo é muito poucachinho. (AAL33<sup>2</sup>)
- (2) Interessa é que eu tenho mesmo que o arrancar, hã! (GRC30)
- (3) A origem de ser a raça lobeira, entende, é que eles obrigavam o próprio cão a dormir no curral. (CTL08)

Não incluímos este tipo de frases na nossa análise, assim como as frases incompletas como por exemplo:

- (4) É quase o tipo, o que é, é que são... (VPC12)

De agora em diante, quando falamos do corpus, referimo-nos apenas às frases analisadas, e não ao corpus do Cordial-sin na sua integridade. Isto é, referimo-nos apenas às frases contendo a sequência *SER que*.

## 2.2 Sistematização dos dados

Para a sistematização dos dados, escolhemos uma classificação com base em características maioritariamente sintáticas: a estrutura sintática em que *SER que* aparece, a forma verbal de *SER* e a ocorrência de *SER que* recursivo. As características sintáticas da sequência podem dar-nos indicações sobre a sua estrutura interna e sobre a sua posição na estrutura sintática.

Em primeiro lugar, organizámos as frases com *SER que* segundo a estrutura sintática em que esta sequência ocorre, para determinar a sua distribuição contrastando-a com o PE padrão. No corpus, a sequência *SER que* ocorre em sete grupos de estruturas sintáticas distintas. A maioria pode subdividir-se em grupos mais restritos. Encontrámos interrogativas (5a.), explicativas (b.), contrastivas (c.), orações relativas (d.), orações adverbiais (e.), construções clivadas (f.), e outras construções que não entram em nenhuma das classes anteriores (g.).

- (5) a. O que é que julgava? (AAL06)

---

<sup>2</sup> Código da localidade seguido do número de excerto, segundo as normas do CORDIAL-SIN.

- b. É que a ovelha está alfeira, ainda não pariu. (ALC26)
- c. Eu ainda há pouco tempo as aí tinha, o que é que queimei-as. (MTM22)
- d. Quando tirava a coalhada dalém, é claro, (...) depois no fundo, aonde é que tinha a coalhada, ficava também líquido. (CBV55)
- e. Depois quando era que iam lá no Espírito Santo, iam lá as procissões todas, não era? (GRJ66)
- f. Ah, isso é que não sabemos. (AAL53)
- g. E de maneira que ela (...) criava bois e acho que é que lavrava. (CLH35)

Como já referido, nem todas as estruturas serão consideradas neste trabalho.

A tabela seguinte sintetiza o número de ocorrências de cada estrutura encontrada, assim como as percentagens respectivas:

Tabela 1: frequência de estruturas

	Interrogativas	Explicativas	Contrastivas	Adverbiais	Relativas	Clivadas	Outras	<u>Total</u>
frequência	<b>712</b>	<b>185</b>	<b>43</b>	<b>37</b>	<b>108</b>	<b>1634</b>	<b>17</b>	<b>2738</b>
percentagem	26, 0%	6, 8%	1, 6%	1, 4%	3, 9%	59, 8%	0, 6%	100%

Como se pode verificar, no corpus, as sequências de *SER que* encontram-se maioritariamente em estruturas clivadas (59, 8%), seguindo-se as orações interrogativas (26, 0%). As outras estruturas são minoritárias.

Também classificámos as frases com base na recursividade da sequência *SER que*. Isto é, separámos aquelas estruturas em que *SER que* ocorre mais do que uma vez, sem elemento intercalado entre as duas ocorrências. Outra característica tomada em conta foi a concordância da forma verbal SER. Este verbo pode estar no presente do indicativo ou em outro tempo verbal. Com base na recursividade da sequência *SER que* e da forma verbal de SER, chegámos à tabela seguinte:

Tabela 2: concordância e recursividade

	Interrogativas	Explicativas	Contrastivas	Adverbiais	Relativas	Clivadas	Outras
<i>É que</i>	693	182	43	25	107	1600	17
<i>É que é que</i>	7	0	0	0	0	23	0
<i>SER que</i>	11	3	0	12	1	8	0
<i>É que SER que</i>	1	0	0	0	0	3	0
<b>Total</b>	<b>712</b>	<b>185</b>	<b>43</b>	<b>37</b>	<b>108</b>	<b>1634</b>	<b>17</b>

A linha com as estruturas com *é que é que* indica a quantidade de frases encontradas em que ambas as formas de SER estão na forma neutra, ou seja, na terceira pessoa do singular do indicativo presente<sup>3</sup>. A linha *SER que* indica o número de frases em que o verbo SER concorda com outra forma verbal, e a última representa as frases que têm duas ou mais ocorrências da sequência *SER que* em que pelo menos uma forma de SER concorda com outro verbo.

A concordância temporal com outro verbo pode dar-nos indicações sobre a estrutura interna da sequência em causa, ou seja, pode indicar se se trata de um elemento não segmentável ou de uma forma de SER com um complementador (3.1). A tabela seguinte mostra os padrões de concordância:

Tabela 3: concordância temporal

	Interrogativas	Explicativas	Contrastivas	Adverbiais	Relativas	Clivadas	Outras	<b>Total</b>
Indicativo presente invariável	282	73	19	7	40	736	10	<b>1168</b>
Concordância ambígua	418	109	24	18	67	887	7	<b>1531</b>
Outro tempo verbal	12	3	0	12	1	11	0	<b>39</b>
<b>TOTAL</b>	<b>712</b>	<b>185</b>	<b>43</b>	<b>37</b>	<b>108</b>	<b>1634</b>	<b>17</b>	<b><u>2738</u></b>

<sup>3</sup> Pode-se tratar realmente da forma neutra, ou de uma concordância temporal com outro verbo que está no presente do indicativo, sendo que a concordância não é morfologicamente visível.

Temos de observar que, nas estruturas em que *SER* está na forma neutra, pode haver ou não concordância temporal com outro verbo no presente do indicativo. Das 2699 frases com *SER* no presente do indicativo, em 1168 delas (43, 3%) claramente não há concordância verbal.

No que segue neste capítulo, apresentamos uma breve descrição da distribuição sintáctica de *SER que* e da distribuição geográfica de cada estrutura.

### 2.2.1 Interrogativas

No corpus, encontramos *SER que* tanto em interrogativas directas (6) como em indirectas (7), podendo os constituintes *-qu* ter várias funções: sujeito (10), objecto (6), adjunto (8) e predicativo (9). A maioria das interrogativas constroem-se com um constituinte-*qu* seguido de *é que* (6 e 7). Em 40, 3% delas o verbo principal não está no presente, pelo que claramente não há concordância temporal com o verbo *SER*. Em sete estruturas, o constituinte-*qu* é seguido de uma sequência recursiva de *é que* (8). Há onze ocorrências de interrogativas em que o verbo *SER* concorda em tempo com outro verbo (10 e 11), e uma em que ocorre uma sequência *é que* seguida de *SER que* (12):

- (6) O que é que julgava? (AAL06)
- (7) Ela não sabe onde é que vai buscar pele para encher de vento. (PAL25)
- (8) Então como é que faziam com a espiga dos amores? (UNS30)
- (9) Agora, como é que é que se chamava aquilo, não sei. (AAL19)
- (10) E quem foi que semeou esta semente? (PAL01)
- (11) E não sei como foi que eu falei em orquestra. (CPT06)
- (12) Mas o Senhor Doutor não me disse quanto é que era que eu tinha a pagar. (CBV29)

A maioria destas estruturas é comum ao PES (português europeu standard). Apenas um tipo destas interrogativas não existe no PES. Trata-se das estruturas em que o constituinte-*qu* é seguido de uma estrutura com *é que* duplo, em que nenhuma das formas de *SER* concorda com outra forma verbal (cfr. (8)). Esta construção dentro de interrogativas ocorre apenas em seis pontos, correspondentes a localidades do Alto Alentejo (Castelo de Vide, Porto da Espada, São Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa), Alcochete, Alvor, Porto de Vacas, Santa Justa e Montalvo.

### 2.2.2 Explicativas

Dentro do grupo das explicativas, a maioria das ocorrências corresponde à estrutura explicativa standard (13). Há três estruturas em que o verbo *SER* está num tempo verbal diferente do presente (14) e em que é dada uma explicação para a proposição anterior.

(13) É que a ovelha está alfeira, ainda não pariu. (ALC26)

(14) Era que ele, se fazia com os olhos abertos, também eu ia fazer com os olhos abertos, também podia fazer conforme ele fazia. (PIC02)

A explicativa em *SER que* ocorre nas variedades linguísticas de Pico (Bandeiras e Cais do Pico), Granjal e Luzianes.

### 2.2.3 Contrastivas

Todas as estruturas contrastivas têm a mesma estrutura: o verbo *SER* é invariável em tempo, pessoa e número, e o *é que* segue imediatamente o *que*, funcionando a expressão *o que é que* como uma adversativa.

(15) Eu ainda há pouco tempo as aí tinha, o que é que queimeei-as. (MTM22)

As estruturas contrastivas com *é que* têm, como o nome indica, um valor contrastivo, aproximado de uma adversativa com *mas*. Estão atestadas em apenas 14 pontos<sup>4</sup>.

### 2.2.4 Relativas

Como referimos, *SER que* também ocorre em orações relativas. Classificámos como orações relativas aquelas que são introduzidas por pronomes, advérbios ou determinantes relativos. Tradicionalmente, a classe de morfemas-*qu* relativos inclui *que*, *o qual*, *quem*, *quanto*, *onde* e *cujo*. *Quando* e *como*, tradicionalmente considerados conjunções subordinativas, são também classificados em alguns trabalhos como morfemas relativos (cf. Mória 2000, Haegeman 2010). Decidimos classificar as construções introduzidas por estes morfemas como relativas nos casos em que introduzem uma estrutura oracional que

---

<sup>4</sup> Ocorrem no Alto Alentejo, Câmara de Lobos e Caniçal, Vila Praia de Âncora, Alvor, Covo, Enxara do Bispo, Lavre, Arcos de Valdevez, Bade e São Lourenço da Montaria, Melides, Moita do Martinho, Montalvo, Santa Justa e Vila Pouca do Campo.



desempenha uma função argumental dentro da oração complexa, podendo corresponder a uma relativa livre.

Outro problema que encontramos para a classificação das orações relativas é a ambiguidade entre as relativas livres e as interrogativas indirectas. Decidimos classificar como interrogativas as estruturas em que, em vez de uma subordinada introduzida por um morfema-*qu*, poderíamos ter uma subordinada introduzida pelo complementador *se*. As frases em que isto não é possível foram classificadas como relativas livres.

Dentro do grupo das orações relativas, distinguimos as relativas livres (16), as apositivas (17) e as restritivas (18). A tabela seguinte representa os tipos de relativas encontradas e a sua quantidade:

Tabela 4: estruturas relativas

	Relativas livres	Relativas apositivas	Relativas restritivas
<i>é que</i>	79	8	20
<i>é que é que</i>	0	0	0
<i>SER que</i>	0	0	1
<i>é que SER que</i>	0	0	0
	<b>79</b>	<b>8</b>	<b>21</b>

Em todas as relativas, o morfema relativo é seguido de *é que*. Há uma atestação com verbo SER variável (cf. 18 b).

- (16) Mas não tinha onde é que se pusesse uma agulha que não picasse numa tal erva dessas (...) que eu digo que nasceu. (PAL03)
- (17) Quando tirava a coalhada dalém, é claro, (...) depois no fundo, aonde é que tinha a coalhada, ficava também líquido. (CBV55)
- (18) a. Olhe, aquilo naquele tempo, o fulano ia lá onde é que ela estava, fazia ali um fogo com uma mancheia de ramas de esteva e dava-lhe fumo ali por baixo hã? (LUZ31)

b. Isto chamava-se a sega - uma sega -, que era que cortava a leiva (...), cortava o restolho à frente para não ficar tão apertado aqui. (MTM26)

*É que* dentro de uma relativa foi atestado em 30 pontos<sup>5</sup>.

### 2.2.5 Adverbiais

Em 37 frases, *SER que* ocorre dentro de uma oração subordinada adverbial, ou seja, dentro de uma subordinada que desempenha uma função de adjunto. O verbo SER pode (cf. 19) ou não (cf. 20) concordar em tempo com outra forma verbal.

(19) Mas, (...) sim, para desempatar número um, a minha senhora desempatou o número quatro, quando é que tinha a filha dezoito anos, (...) a mais velha. (CTL27)

(20) Depois quando era que iam lá no Espírito Santo, iam lá as procissões todas, não era? (GRJ66)

Há apenas sete frases nas quais SER claramente não concorda com outra forma verbal. A estrutura com *é que* invariável dentro de uma subordinada adverbial (cf. 19) não existe em PES segundo a maioria dos autores (e.o. Lobo 2006). No entanto, Casteleiro dá um exemplo de uma frase subordinada onde *é que* surge imediatamente depois do morfema subordinante, classificando-a como uma frase explicativa:

(21) Os resultados são os seguintes, se é que as contas estão certas. (Casteleiro 1979, p. 108)

*É que* pode surgir em condicionais periféricas (epistémicas ou de acto de fala) em PE standard, mas corresponderá ao verbo SER; em PE standard não pode, contudo, aparecer em condicionais não periféricas.

*SER que* dentro de uma subordinada adverbial é produtivo em todo o território português, com a excepção da região meridional<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Câmara de Lobos e Caniçal, Castro Laboreiro, Porches e Alte, Vila Praia de Âncora, Alcochete, Alvor, Cabeço de Vide, Lavre, MIN (Arcos de Valdevez, Bاده, São Lourenço da Montaria), Monsanto, Outeiro, Pico, Porto de Vacas, Terceira (Fontinhas), Aljustrel, Calheta, Corvo, Fiscal, Graciosa, Larinho, Luzianes, Melides, Moita do Martinho, Montalvo, Santo André, Santo Espírito, Gião, Santa Justa e Unhais da Serra.

<sup>6</sup> Ocorre em Porches e Alte, localidades da zona meridional. Ver mapa 5 nos anexos.

## 2.2.6 Clivadas

No Cordial-sin, encontramos diferentes tipos de estruturas de clivagem em que ocorre uma forma do verbo SER seguida de *que*, alguns dos quais inexistentes em PES. Em primeira instância vamos classificar como construção clivada todas as frases em que o constituinte visível ou invisível imediatamente à esquerda da sequência *SER que* não é um constituinte-*qu*. No entanto, no capítulo 4. veremos que algumas delas não têm características típicas de clivada.

As construções que encontrámos podem subdividir-se em 10 classes:

- *X é que*<sup>7</sup> (cf. 22): 1395 ocorrências
- *X SER que* (cf. 23): 7 ocorrências
- *X é que é que* (cf. 24): 19 ocorrências
- *X é que SER que* (cf. 25): 1 ocorrência
- *X é que é que SER que* (cf. 26): 1 ocorrência
- *SER X é que* (cf. 27): 122 ocorrências
- *SER X é que é que* (cf. 28): 3 ocorrências
- *SER X SER que* (cf. 29): 1 ocorrência
- *X é que X é que* (cf. 30): 8 ocorrências
- *SER X que é que* (cf. 31): 5 ocorrências

As clivadas com *é que* inicial (cf. 32) são um sub-tipo das clivadas com *é que* (*supra*). Apenas o primeiro tipo, i.e., a construção com *é que* invariável, está descrito no PES (cf. Duarte 2003).

- (22) E depois, ele mostrou-me aquilo depois de pintado, que aquilo é que era uma coisa mesmo linda. (AAL04)
- (23) Fazia tudo e eu era que andava no moinho. (PFT23)
- (24) Um padre que estava aí é que é que foi professor deles. (CRV50)
- (25) E depois, a serra de São Mamede é que era que pagava, que era o quartel (...) dos lobos. (CBV44)
- (26) Eles mesmo, lá na Caixa, é que é que foi que me ensinaram aquela coisa. (AAL33)

---

<sup>7</sup> Inflection-less clefts (Ambar 2005) ou pseudo-clivada invertida de *é que* (Costa & Duarte 2001)

- (27) Era todo o bichinho é que lá corria a picar no ovo. (CBV61)
- (28) Era com pão mole é que é que se fazia aquilo. (CBV38)
- (29) A ripar e depois ficava aquele (...) linho a luzir, (...) que aquilo era depois era que fazia estrigas. (PCV20)
- (30) Mas, hoje em dia, já eu tenho os meus genros e o meu filho, é que a gente é que arranja. (FLF68)
- (31) Mas naquele tempo não havia a moeda, era só se fosse com estrume, (...) ou uma coisa qualquer, que é que podia dar. (TRC69)
- (32) Depois está uns dias e é que é picadinha (...) e é que se enchem as linguças. (CRV05)

Se compararmos com a estrutura standard, observamos que em algumas variedades do PE o *é que* pode ser recursivo<sup>8</sup> e que pode haver variação temporal<sup>9</sup> na forma do verbo SER contrariamente ao que acontece em PES. Outra característica das estruturas de clivagem do PE não-standard é a possibilidade de ocorrerem duas estratégias de clivagem simultaneamente. Assim, uma clivada de *é que* pode co-ocorrer com outra clivada de *é que* (cf. 29), formando assim uma estrutura que faz lembrar a recomplementação. Ainda, *é que* pode ocorrer dentro da subordinada de uma clivada canónica (cf. 31), mas como não ocorre nada à esquerda de *é que*, não é certo que seja uma clivada.

Duas destas estruturas merecem mais atenção. A clivada de *SER X é que* não parece ser geograficamente circunscrita, visto que há poucas localidades em que não ocorre<sup>10</sup>. No entanto, quase nenhum autor descreve esta estrutura como fazendo parte das estratégias de clivagem do PES. Apenas Casteleiro (1979) menciona esta estrutura, qualificando-a de coloquial. A estrutura parece ser uma fusão da construção clivada canónica e da clivada de *é que*.

Na estrutura com clivado aparentemente nulo, em que *é que* ocorre em posição inicial da oração, clivando um constituinte aparentemente nulo, o constituinte nulo pode ter um valor temporal (33) ou referencial (34). Há duas frases exclamativas (35) que não parecem ter o valor de clivagem.

<sup>8</sup> Alto Alentejo, Alcochete, Cabeço de Vide, Vila Praia de Âncora, Serpa, Corvo.

<sup>9</sup> Vila Praia de Âncora, Perafita, Fiscal, Granjal, Covo, Alto Alentejo e Cabeço de Vide.

<sup>10</sup> Não ocorre em Porches e Alte, Perafita, Camacha, Tanque, Aljustrel, Calheta e Santo André.

- (33) Depois está uns dias e é que é picadinha (...) e é que se enchem as linguças. (CRV05)
- (34) Eram nove irmãos e eu era a mais velha deles todos não é? e é que trabalhava no campo, e é que os levava. (MIN15)
- (35) Pus-me a comer e é que comi bem! (AJT20)

Também encontrámos uma estrutura com *é que* inicial duplo (36) e uma com *é que SER que* inicial (37), as duas provenientes de Cabeço de Vide:

- (36) É que é que fazia (...) aqueles tremoços, aqueles carcozinhos (...) de coalhada. (CBV56)
- (37) É que era que coalhava. (CBV56)

A estrutura com *é que* inicial não é muito frequente: encontrámos apenas 77 ocorrências. Além disto, parece ser mais restringida geograficamente<sup>11</sup> que a estrutura com *SER...é que*. Nos capítulos 6 e 7 trataremos mais detalhadamente estas estruturas.

Uma estrutura a que chamámos de ‘espelho’, aparenta-se às construções com *é que* inicial. Ocorre 10 vezes, e caracteriza-se pelo facto de o constituinte clivado ser aparentemente o argumento de dois verbos, funcionando como argumento da primeira oração e como clivado de *é que*:

- (38) Ah, (...) uma cavaca se diz a uma lenha que esteja grossa, que seja desdobrada, é que a gente lhe põe o nome de cavaca. (SRP29)
- (39) Pois, os lavradores (...) davam aquelas terras (...) mais mal andamosas, é que eles davam para a gente fazer aí serviços. (MLD12)

No exemplo (38), o constituinte clivado é simultaneamente complemento de *dizer* e de *pôr*; no exemplo (39), é complemento tanto da primeira ocorrência de *dar* como da segunda. Temos de observar que esta estrutura só existe nas variedades linguísticas onde existe a estrutura com *é que* inicial, o que pode indicar que se trata, na realidade, de duas orações coordenadas, a segunda delas iniciada por um constituinte nulo (ver capítulo 6). A única excepção é Serpa, onde não está atestada a estrutura com *é que* inicial, mas apenas a estrutura

---

<sup>11</sup> Ocorre em 31 localidades: Castro Laboreiro, Camacho, Tanque, Vila Praia de Âncora, Alcochete, Covo, Enxara do Bispo, Figueiró da Serra, Ponta Garça, Arcos de Valdevez, Bade, São Lourenço da Montaria, Bandeiras, Cais do Pico, Porto de Vacas, Fontinhas, Aljustrel, Cedros, Calheta, Corvo, Fiscal, Gião, Graciosa, Granjal, Melides, Moita do Martinho, Montalvo, Santo André, Santo Espírito, Santa Justa, Cabeço de Vide, Outeiro e Vila Pouca do Campo.

de “espelho”. De agora em diante, trataremos as estruturas de ‘espelho’ como estruturas com um constituinte clivado nulo.

Para as estruturas de clivagem efectuámos uma classificação mais refinada: subdividimos as estruturas de clivagem encontradas segundo a função do constituinte clivado. A função e o tipo de constituinte clivado podem dar-nos indicações sobre a sua ‘história’ dentro da estrutura sintáctica, i.e. podem ajudar-nos a determinar se sofreu a operação *move  $\alpha$*  ou se foi inserido por *merge externo*. Voltaremos à função do constituinte clivado no capítulo 3.3.

### 2.2.7 Outras

Encontrámos umas estruturas que não cabem em nenhuma das classes descritas anteriormente: são as estruturas em que *é que* ocorre depois de um complementador. *Que* pode ser um complementador (40), um recomplementador (41) ou pode estar dentro de uma clivada canónica (ver exemplo 31):

(40) E de maneira que ela (...) criava bois e acho que é que lavrava. (CLH35)

(41) Até (...) as minhas irmãs ficaram aborrecidas por via que lembraram-se que eles que é que convenceram mais os pais para eles lhe darem aquilo quase tudo. (MLD46)

Também há uma estrutura com *é que* imediatamente à direita de *que*, na estrutura *faz X tempo que*:

(42) Faz três anos para Junho que é que dissemos. (MIN02)

### 2.2.8 Conclusão

Neste capítulo, demos uma visão geral das estruturas com *é que* existentes nas variedades não-standard do PE.

- Verificámos que há algumas construções que não existem no PES:
  - *é que* dentro de orações relativas
  - *é que* dentro de subordinadas adverbiais
  - explicativas com variação temporal do verbo SER

- clivadas dentro de clivadas : *é que* dentro de clivada de *é que* ou dentro de clivada canónica
- clivadas com *é que* inicial
- *é que* depois de um complementador
- Existem estruturas com *é que* recursivo em algumas localidades que se inserem nas variedades centro-meridionais<sup>12</sup> e ainda na ilha do Corvo. O *é que* recursivo aparece em várias estruturas: nas interrogativas, nas clivadas de *é que*, de *é que* inicial e nas clivadas de *SER X é que*.
- Em algumas estruturas os padrões de concordância temporal são distintos dos do PES.
  - clivadas de *X SER que*
  - clivadas de *SER X SER que*

---

<sup>12</sup> Trata-se dos pontos seguintes: Alto Alentejo, Cabeço de Vide, Corvo .

### 3. Características sintáticas de *SER que*

Neste capítulo, procuramos determinar a posição estrutural ocupada pela sequência *SER que* e do constituinte à sua esquerda, e ainda verificar se se trata de um constituinte ou não, centrando-nos principalmente nas estruturas clivadas. Para tal tomaremos em conta o comportamento sintático de *SER que* nas diferentes estruturas, considerando, entre outros aspectos: i) a concordância do verbo *SER*, ii) a recursividade do conjunto *SER que*, iii) o tipo e a função do constituinte clivado, iv) a intervenção de constituintes entre o constituinte anteposto e *SER que*. O papel discursivo desempenhado pela sequência *SER que* será tratado no capítulo 4. Sempre que for relevante, referiremos algumas características da mesma estrutura no PES.

#### 3.1 Análises existentes: interrogativas e clivadas

Quando observamos as interrogativas do PES, verificamos que há uma diferença de valor entre as estruturas com e sem concordância temporal: as estruturas com concordância temporal são mais focalizadas ou enfáticas (Duarte 2000, Soares 2006, Ambar 1988).

Um argumento a favor de uma análise distinta para as interrogativas com *é que* e com *SER que* vem de contrastes como os seguintes:

- (42) Quem foi que a Ana viu?  
O João./ Foi o João./ ?Telefonou o João.
- (43) Quem é que a Ana viu?  
O João./ \*É o João./ Telefonou o João.

Nas interrogativas em que ocorre *SER que* sem concordância verbal, não é possível retomar a forma verbal *SER* na resposta, ao passo que, nas interrogativas em que a forma verbal *SER* concorda, *SER* pode aparecer na resposta. No corpus analisado não encontramos nenhuma interrogativa com *é que*<sup>13</sup> cuja resposta retome o verbo *SER*, confirmando este argumento.

Soares (2006) propõe, com base nos padrões de concordância e no valor distinto de *SER*, que existe uma diferença estrutural entre interrogativas com *é que* invariável e interrogativas com *SER que*. Soares (2006) acrescenta outro argumento: nas estruturas com *é*

---

<sup>13</sup> Trata-se das interrogativas em que há um *é que* invariável, sendo que *SER* claramente não concorda com outra forma verbal.



*que* invariável, o verbo *SER* e *que* são sempre adjacentes (cf. 44); nas interrogativas com *SER* variável pode aparecer o consituente –*qu* entre *SER* e o complementador (cf. 45):

- (44) \*É o quê que a Maria leu?
- (45) Foi o quê que a Maria leu? (Soares 2006, p. 140)

Para além disso, as duas estruturas são compatíveis, sendo que a forma variável ocorre sempre em segundo lugar:

- (46) O que é que foi que a Maria leu? (Soares 2006, p. 137)
- (47) \*O que foi que é que a Maria leu? (Soares 2006, p. 139)

Com base nestes contrastes, Soares, seguindo Duarte (2000) e contrariamente a Ambar (1988)<sup>14</sup>, propõe que, nas estruturas interrogativas sem concordância, *é que* é um elemento não segmentável e invariável que lexicaliza a cabeça C, enquanto, nas interrogativas com concordância, *SER* e *que* são dois elementos, lexicalizando dois nós distintos. O verbo *SER* das estruturas com concordância projecta uma categoria IP, contrariamente a *SER* das estruturas sem concordância:

[illegible]

A forma do verbo SER concorda em tempo com o verbo subordinado graças à coindexação com T. Soares (2006) alarga esta hipótese para as estruturas clivadas de *é que*, assim como Lobo (2006).

Costa & Duarte (2001) também propõem que *é que* é um elemento não segmentável que se encontra em I, mas mais tarde reformulam esta análise<sup>16</sup>, propondo que *é que* lexicaliza C da oração completiva que desempenha a função de sujeito de uma oração pequena (SC):

<sup>14</sup> Ambar revê esta análise em trabalhos posteriores.

<sup>15</sup> Para esta análise, Soares (2006) adota a Condição de Visibilidade (Platzack 1998) que determina que cada projecção do domínio C tem de ser visível na Forma Fonética, ou seja, cada projecção tem de ter traços fonológicos mas não simultaneamente na posição de cabeça e de especificador de uma determinada projecção. Para além disto, propõe que o tipo de frase é determinado pelo conjunto sintaxe e semântica. As características lexicais e prosódicas dos enunciados permitem a sua distinção pragmática. Desta forma, não é preciso postular a existência de muitos núcleos funcionais na periferia esquerda. Um terceiro elemento da sua análise é a caracterização de C. Este pode ter alguns traços (Wh, F (primeira posição), Tempo) que têm de ser verificados se forem não interpretáveis (Nash & Rouveret 2002), atraindo um constituinte. Para além disto, os traços EPP têm de ser verificados dentro do seu domínio local. Isto, em conjunto com a Condição de Visibilidade, provoca o fisionamento dos traços em categorias proxy (XP na estrutura em cima), que são uma cópia da categoria original (Nash & Rouveret 1997, 2002).

Dentro do sujeito da oração pequena, existe uma relação entre um Operador e uma variável [e] ligada por este Operador. Para além disto, o DP predicado da oração pequena estabelece uma relação de identidade com a cadeia Operador-variável. Na análise dos autores, trata-se, portanto, de estruturas identificacionais.

[<sub>FocP</sub> o João [<sub>Foc'</sub> [<sub>Foc</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>V'</sub> é que [<sub>CP</sub> [<sub>C'</sub> ~~que~~ [<sub>IP</sub> ~~o João~~ [<sub>I'</sub> comprou [<sub>VP</sub> comprou-o livro]]]]]]]]]]]

Outros autores propõem uma análise em que *é que* é uma sequência segmentável, entre outros Duarte (2000). Para esta autora, as clivadas de *é que* são estruturas nas quais o verbo SER selecciona uma oração pequena. O sujeito da oração pequena será uma oração relativa livre na qual se estabelece uma cadeia Operador-variável (cfr. Costa & Duarte 2001). O predicado da oração pequena é um XP que sobe para uma posição de adjunção a IP, passando por FP:

[<sub>IP</sub>três queijos]<sub>IP</sub> pro[<sub>I'</sub> é [<sub>FP</sub>~~três queijos~~]<sub>FP</sub>é [<sub>SC</sub>[<sub>CP</sub> Op que o corvo comeu *t* ]]<sub>XP</sub> ~~três queijos~~]]]]]]

Outro autor que propõe uma análise semelhante é Modesto (1995). Segundo este autor, todas as clivadas, e não só as clivadas de *é que*, são estruturas especificacionais nas quais o verbo SER selecciona uma oração desenvolvida contendo um elemento com o traço [+Foco]. As clivadas envolvem movimento A' para [Spec, FocP] para verificar este traço. O movimento deixa um vestígio que é uma variável.

Passamos agora às análises propostas em relação ao estatuto do constituinte clivado. Segundo Lobo (2006), o constituinte clivado nas clivadas de *é que* é deslocado de uma posição interna a IP para [Spec, CP]. A concordância obrigatória do sujeito clivado com o verbo que o selecciona assim como a concordância casual indicam que o constituinte clivado está deslocado, ou seja, que tem origem em IP e depois sobe para [Spec, CP]. Acrescenta-se

18

que o constituinte clivado tem o valor de Foco deslocado típico dos elementos que efectuaram um movimento-A'. A sua proposta de análise é a seguinte:

[<sub>CP</sub>[com este menino] [<sub>C</sub>'é que [<sub>IP</sub> eu não brinco ~~com este menino~~]]]

De acordo com esta análise, o constituinte clivado ocupa uma posição-A' de onde liga uma variável interna a IP.

Também Modesto (1995) propõe que o constituinte clivado está deslocado, como referimos acima. Na sua análise, o constituinte clivado sobe do interior de IP para [<sub>Spec</sub>, FP] e deixa um vestígio variável na posição de base. O autor apresenta argumentos de fenómenos de cruzamento e de conectividade, assim como de licenciamento de lacunas parasitas. Acrescenta-se que a extracção do constituinte clivado está sujeita a ilhas. No entanto, Heycock & Kroch (1999) mostram que os efeitos de conectividade não são necessariamente causados pelo movimento de um constituinte, invalidando os argumentos de Modesto (1995).

Na análise proposta por Soares (2006), o constituinte clivado move-se para uma categoria proxy para verificar o traço [<sub>uF</sub><sub>EPP</sub>]<sup>17</sup> que caracteriza o núcleo C das construções clivadas:

[<sub>XP</sub> A Maria [<sub>X'</sub> [<sub>uF</sub><sub>EPP</sub>] [<sub>CP</sub> [<sub>C</sub>'é que [<sub>uT</sub>] [<sub>uF</sub><sub>EPP</sub>] [<sub>TP</sub> a ~~Maria~~ [<sub>T'</sub> leu [<sub>AgrP</sub> [<sub>Agr'</sub> ~~leu~~ [<sub>VP</sub> ~~leu~~ o livro]]]]]]]]]]]

A autora propõe que C tem um traço F não-interpretável que, para a sua verificação, atrai um constituinte para o seu especificador. O traço é não-interpretável, visto que o movimento do constituinte é obrigatório. Em primeiro lugar, há restrições quanto ao tipo de constituinte clivado. Nomeadamente, o constituinte clivado não pode ser um verbo, um advérbio de frase ou um constituinte proposicional. Outro argumento a favor da análise com movimento é a concordância obrigatória do verbo com o seu sujeito quando este é o constituinte clivado. As marcas casuais dos complementos extraídos também só se podem explicar se os complementos tiverem origem na proposição.

Em conclusão, há pelo menos três argumentos a favor da análise envolvendo movimento. São as restrições quanto ao tipo de constituinte clivado, a concordância sujeito-verbo, a concordância casual. No ponto 3.5 verificaremos se os dados do Cordial-Sin confirmam esta análise.

<sup>17</sup> Traço de primeira posição, cfr. nota 18 e 28

Como vemos, existem dois grandes grupos de análises possíveis em relação à estrutura interna de *é que*, tanto nas interrogativas como nas clivadas. No primeiro grupo, *é que* é tratado como um elemento não segmentável (Soares 2006; Costa & Duarte 2000, 2005; Ambar 1996, Lobo 2006, Costa & Lobo 2009). No segundo grupo, *é que* é constituído por dois elementos (Duarte 2000, Modesto 1995). Ainda, em quase todas as análises assume-se que há um movimento do constituinte clivado do interior de uma oração simples. Excepções são as análises propostas em Duarte (2000), em Costa & Duarte (2000, 2005) e Ambar (1996).

Nos próximos pontos, veremos quais são os dados encontrados no corpus que nos podem dar indicações sobre a estrutura interna de *SER que* nas clivadas de *é que* (3.2.1), para depois decidir se efectivamente se trata de um elemento segmentável ou não (3.2.2). Depois, tentaremos identificar qual a posição estrutural que *é que* ocupa na estrutura das clivadas (3.3) e das orações relativas, adverbiais e completivas (3.4). A questão de saber se a posição do constituinte é gerada na base ou o resultado de movimento será tratada no ponto 3.5.

## 3.2 A estrutura interna de *SER que*

### 3.2.1 Os dados do português não-standard

Em todas as estruturas menos nas estruturas contrastivas, o verbo *SER* por vezes concorda em tempo com outro verbo. Encontramos *SER* variável nas clivadas (cf. 48-50), nas interrogativas (cf. 51), explicativas (cf. 52), nas relativas (cf. 53) e subordinadas adverbiais (cf. 54):

- (48) Fazia tudo e eu era que andava no moinho. (PFT23)
- (49) A ripar e depois ficava aquele (...) linho a luzir, (...) que aquilo era depois era que fazia estrigas. (PCV20)
- (50) É que era que coalhava. (CBV56)
- (51) E quem foi que semeou esta semente? (PAL01)
- (52) Era que ele, se fazia com os olhos abertos, também eu ia fazer com os olhos abertos, também podia fazer conforme ele fazia. (PIC02)
- (53) Isto chamava-se a sega - uma sega - , que era que cortava a leiva (...), cortava o restolho à frente para não ficar tão apertado aqui. (MTM26)

- (54) Depois quando era que iam lá no Espírito Santo, iam lá as procissões todas, não era? (GRJ66)

Nas orações em que o verbo SER está na forma neutra, ou seja, na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, temos de distinguir dois grupos: as orações em que claramente não há concordância temporal e as orações para as quais não se pode determinar se há ou não alguma concordância. O primeiro grupo é constituído pelas frases nas quais todas as outras formas verbais, para além de SER, na estrutura *SER que*, não estão no presente do indicativo. Trata-se mais ou menos de 45 % das frases com SER no presente do indicativo<sup>18</sup>:

- (55) Depois é que ‘havia’ esses rachadores que iam rachar lenha com um machado e com umas cunhas, com uma marreta, para abrir (...) os traços (...) das faxinas para pôr da caldeira. (ALC19)

No segundo, as outras formas verbais estão no presente do indicativo, pelo que SER pode ou não concordar temporalmente com outro verbo:

- (56) Faço aqui um bocado neste cerrado, (...) de enxertia, e depois então é que se planta lá a vinha. (GRC17)

Baseando-nos nestes contrastes, podemos postular que há pelo menos duas estruturas diferentes: as estruturas em que há concordância temporal com outra forma verbal, e aquelas em que a concordância não se verifica. No capítulo 4 veremos que também existem diferenças de valor. Isto levanta algumas questões: o que desencadeia a concordância? As diferenças de concordância devem-se a uma diferença estrutural?

### 3.2.2 A estrutura interna de *SER que* nas clivadas de *é que*.

Como vimos, em quase metade das clivadas de *é que* analisadas, claramente não há concordância temporal com outro verbo<sup>19</sup> e não encontramos nenhum caso em que o verbo SER concorde claramente em pessoa ou número com o constituinte clivado. Portanto, parece que, na sequência *é que*, SER não é um verbo pleno. Os padrões de concordância nos outros tipos de clivadas do PES são totalmente distintos:

---

<sup>18</sup> Ver tabela 3 para os números exactos para cada estrutura.

<sup>19</sup> É possível que também não haja em muitas das frases para as quais não podemos determinar se há ou não alguma concordância temporal.

- (57) Foram os teus pais que telefonaram.
- (58) Foram os teus pais quem telefonou.
- (59) O que o corvo comeu foi o queijo.
- (60) Os teus pais foram quem telefonou.
- (61) O corvo comeu foi o queijo.

Como vemos, o verbo *SER* concorda sempre em tempo com o verbo subordinado. Nestas frases, *SER* é um verbo pleno. Postulamos que, contrariamente às outras estruturas clivadas, o verbo *SER* das clivadas de *é que* não projecta uma categoria IP autónoma da categoria IP do verbo principal.

Visto que só considerámos as estruturas em que *SER* e *que* estão adjacentes, não podemos concluir nada sobre a possibilidade de intercalar um elemento entre *é* e *que* nas variedades não-standard. Isso implicaria olhar para todas as ocorrências do verbo *SER*, o que não era exequível no tempo disponível para terminar esta dissertação.

Vimos que também há algumas estruturas clivadas nas quais *SER* concorda em tempo com outro verbo:

- (62) Depois, durante esse tempo todo, eu era que ia rezar a casa dos mortos quando morriam. (PFT31)
- (63) Fazia tudo e eu era que andava no moinho. (PFT23)
- (64) A freguesia foi que pagou. (FIS31)

O facto de haver concordância nestas frases indica que existe pelo menos uma categoria TP na estrutura. Há uma frase no corpus que nos permite determinar se há também uma categoria AgrP:

- (65) As regateiras era que exportavam que botavam a sardinha para fora. (VPA19)

Visto que o verbo *SER*, verbo pleno segundo a nossa análise, não concorda com o DP sujeito, podemos postular que não está presente a categoria AgrP. No entanto, os padrões de concordância nas variedades não standard são diferentes dos do PES. Trataremos mais amplamente este problema no ponto 3.5. No capítulo 4 acrescentaremos alguns argumentos baseados no valor semantico-pragmático das estruturas com e sem concordância para poder afirmar que se trata efectivamente de duas estruturas distintas.

A frase (65) dá-nos também indicações sobre a estrutura interna da sequência: o mesmo elemento é clivado duas vezes com apenas uma forma do verbo *SER* e dois

complementadores, numa estrutura de coordenação assindética. Isto prova que a sequência *SER que* é constituída por dois elementos, o verbo *SER* e o complementador *que*, da mesma forma que nos outros tipos de clivagem, com a excepção das clivadas de *SER*. Propomos que as clivadas de *SER que* são uma variante das clivadas canónicas, nas quais o constituinte clivado precede a forma de *SER*, de forma paralela às interrogativas com *SER que*.

Em conclusão, seguimos a análise proposta pela maioria dos autores, segundo os quais *é que* é um elemento não segmentável que se encontra numa estrutura que não projecta uma categoria IP autónoma. *SER que*, pelo contrário, é constituído por dois elementos separáveis e está dentro de uma estrutura que projecta pelo menos a categoria TP distinta de TP do verbo principal. Os dois tipos podem coocorrer dentro de uma mesma oração, tal como nas interrogativas. Neste caso, apenas a última ocorrência do verbo *SER* concorda em tempo com outra forma verbal:

- (66) E depois, a serra de São Mamede é que era que pagava, que era o quartel (...) dos lobos. (CBV44)
- (67) Eles mesmo, lá na Caixa, é que é que foi que me ensinaram aquela coisa. (AAL33)

As frases (66) e (67) indicam que podemos adoptar para as estruturas clivadas com *é que* uma análise semelhante àquela proposta por Soares (2006) para as interrogativas. Na sua tese, a autora também alarga a análise de *é que* nas interrogativas às estruturas clivadas, baseando-se na evidência proposta por Duarte (1997) que mostra os paralelismos entre as interrogativas e as estruturas de clivagem.

### 3.3 A posição de *é que* na estrutura sintáctica das clivadas de *é que*

A recursividade da sequência *SER que* pode ajudar-nos a determinar qual o nó ou os nós em que se encontra a sequência. Costa & Lobo (2009) propõem com base nesta característica que *é que* invariável das clivadas se encontra em C. Neste ponto, veremos se os dados do Cordial-Sin não contradizem esta análise.

Nos dados analisados encontramos estruturas em que *é que*<sup>20</sup> ocorre duas vezes, sem elemento intercalado (68-71). Um *é que* duplo ou triplo ocorre nas construções interrogativas

---

<sup>20</sup> Os exemplos (69-71) mostram claramente que se trata de uma recursividade de *é que* invariável e não da sequência *é que SER que*.

e clivadas. Trata-se claramente do *é que* invariável, visto que não concorda com outra forma verbal.

- (68) Um padre que estava aí é que é que foi professor deles. (CRV50)  
(69) É por causa disso é que é que lhe chamavam o ladrão. (AAL12)  
(70) Agora, como é que é que se chamava aquilo, não sei. (AAL19)  
(71) Eles mesmo, lá na Caixa, é que é que foi que me ensinaram aquela coisa. (AAL23)

Há ainda oito estruturas em que ocorrem duas instâncias de *é que* mas com um elemento intercalado entre os dois *é que*<sup>21</sup>:

- (72) Mas, hoje em dia, já eu tenho os meus genros e o meu filho, é que a gente é que arranja. (FLF68)

Estamos perante estruturas que não existem no PES. Estas frases mostram que a expressão *é que* tem de estar inserida na estrutura numa categoria recursiva. Além disso, as frases do tipo (72) são parecidas com as estruturas de recomplementação, nas quais um elemento topicalizado aparece entre dois complementadores, com a diferença de que aparece *é que* em vez de *que*. Existe, contudo, outra diferença entre a estrutura de recomplementação e a estrutura com *é que* recursivo (cf. Costa & Lobo 2009): ao contrário do que acontece nas estruturas de recomplementação com *que*, nas estruturas com *é que* recursivo pode não aparecer nenhum elemento entre as duas sequências:

- (73) a. O Pedro disse que a Ana que estava doente.  
b. \*O Pedro disse que que estava doente.

Costa & Lobo (2009) propõem que *é que* lexicaliza a cabeça C de CP, baseando-se nestes factos. A maioria dos autores propõem o mesmo, com a excepção de Costa & Duarte (2000). Na sua análise, *é que* encontra-se em I, mas os padrões de concordância indicam que provavelmente *é que* está dentro de uma estrutura que não projecta a sua própria categoria IP, pelo que não adoptamos esta análise. A recursividade também indica que *é que* não pode estar em I, visto que este é um nó não-recursivo (cfr. Soares 2006). Segundo Ambar (2005), *que* origina em C, mas desloca-se depois para junto de *é* que está em v, sofrendo um processo de reanálise.

---

<sup>21</sup> Parece haver restrições quanto à função do constituinte clivado que pode ocorrer dentro de uma estrutura de recomplementação com *é que*: todos os constituintes clivados nesta estrutura têm a função de sujeito ou de adjunto, o adjunto precedendo geralmente o sujeito.



Em Costa & Lobo (2009), a recursividade de *é que* é analisada da mesma forma que a recomplementação<sup>22</sup>:

[<sub>CP</sub>Hoje em dia, já eu tenho os meus genros e o meu filho, [<sub>C</sub>é que[<sub>CP</sub>[a gente [<sub>C</sub>é que [<sub>IP</sub> arranja]]]]]

Lobo (2006) acrescenta mais um argumento a favor da estrutura de desdobramento de C, que propomos, com ela: as clivadas de *é que* podem ocorrer em orações subordinadas subordinadas. Os dados não-standard confirmam isto:

- (74) Tinha uma roda que a força da água é que fazia andar a roda e com os baldes porque tem esses ‘tales’ baldes, como era o estanca-rio e regava aquele campo grande (...) que está além. (MIN31)
- (75) Veio, uma altura, aqui, um decreto que o turismo é que se metia nisso para melhorar os moinhos, para isso não acabar era uma coisa antiga. (PST24)

Contudo, há uma diferença importante entre as estruturas de recomplementação e as estruturas com *é que* recursivo: nas segundas, e não nas primeiras, os dois complementadores podem estar adjacentes (cfr. 68-71). Teríamos então de supor que, nas estruturas com *é que* recursivo, é possível intercalar um elemento nulo entre os dois complementadores, da forma seguinte:

[<sub>CP</sub>Joaninha [<sub>C</sub>é que[<sub>CP</sub>[<sub>Ø</sub>[<sub>C</sub>é que [<sub>IP</sub>a gente se emprega cá]]]]]

A existência de estruturas de clivagem com *é que* inicial pode fornecer evidência independente para esta análise:

- (76) Aquele buraco enfia no tolete e é que segura o remo direito para poder remar. (VPA02)
- (77) E depois, aquilo parava o lume e é que ficava o carvão bom. (CTL24)

Aparentemente, é possível ter um constituinte clivado nulo em algumas variedades do PE. A existência de clivados nulos levou Costa & Lobo (2009) a propor que, nas estruturas com *é que* recursivo adjacente, a segunda ocorrência de *é que* é precedida de um clivado nulo, da forma como ilustramos acima. No entanto, esta análise prediz que, nas clivadas com *é que* recursivo, tenhamos uma interpretação semelhante às estruturas com clivado nulo. Ora, a estrutura com duas sequências de *é que* adjacentes não tem essa interpretação (ver capítulo 6

---

<sup>22</sup> Existem análises de recomplementação que implicam uma categoria FocP (Uriagereka, *apud* Soares 2006): o elemento entre os dois complementadores encontra-se em [Spec, FocP] e o segundo complementador em Foc.

para uma análise mais detalhada). Em outras palavras, não tem a interpretação de uma estrutura com dois constituintes clivados. Ainda, se, como propomos no capítulo 5, o clivado nulo for um operador nulo ligado ao discurso, deveríamos ter o clivado nulo a preceder o clivado lexicalizado, pelo que a sequência *Ø é que X é que* seria mais lógica do que *X é que Ø é que*, o que não acontece. Uma alternativa é considerar que em algumas variedades não padrão existe a sequência *é que é que* não segmentável, como alternativa a *é que* simples. A sequência *é que é que* lexicaliza o nó C, tal como a sua variante simples, da forma seguinte:

[<sub>CP</sub>Joaninha [<sub>C</sub>é que é que [<sub>IP</sub>a gente se emprega cá]]]

Se esta análise estiver correcta, podemos adoptar as análises segundo as quais *é que* das clivadas de *é que* (e *é que é que*) lexicalizam C<sup>23</sup>.

Há algumas frases no corpus nas quais aparece um adjunto entre o constituinte clivado e o *é que*:

- (78) Seitouras, então, é que fazíamos em grande escala, que aquilo era agora para esta altura da época. (LAR28)

Frases como (78), se admitirmos que a adjunção se faz a uma projecção máxima, indicam que o constituinte clivado se encontra numa categoria superior ao CP que tem *é que* como núcleo. Por esta razão, e por razões que especificaremos mais detalhadamente no capítulo 4, adoptamos a análise envolvendo a projecção de uma categoria proxy de CP, no seguimento de Soares (2006). As clivadas de *é que* terão portanto uma estrutura semelhante à seguinte, sendo XP a categoria proxy projectada por CP, isto é, temos duas instâncias do núcleo C:

[<sub>XP</sub>o João [<sub>X'</sub>X [<sub>CP</sub>[<sub>C</sub>é que [<sub>IP</sub>comeu o bolo]]]]]

### 3.4 *É que* em orações adverbiais, relativas e completivas

*É que* dentro de estruturas adverbiais, relativas e completivas é possível apenas em variedades não standard do PE. Neste ponto, propomos uma análise para estas estruturas, baseando-nos nos padrões de concordância e nas análises existentes para estas estruturas no PES.

Em primeiro lugar, encontramos os mesmos padrões de concordância que nas estruturas clivadas e interrogativas. Tanto nas adverbiais (cf.79), como nas relativas (cf.80) e

<sup>23</sup> Costa & Duarte (2005), Costa & Lobo (2009), Lobo (2006), Soares (2006)

nas completivas (cf. 81), pode ocorrer um *é que* invariável imediatamente à direita do morfema subordinante:

- (79) Mas, (...) sim, para desempatar número um, a minha senhora desempatou o número quatro, quando é que tinha a filha dezoito anos, (...) a mais velha. (CTL27)
- (80) Mas não tinha onde é que se pusesse uma agulha que não picasse numa tal erva dessas (...) que eu digo que nasceu.. (PAL03)
- (81) E o meu marido conta que o pai morreu ele tinha onze anos e que a mãe (...) que é que lavrava as terras. (FLF32)

Os padrões de concordância levam-nos a pensar que este *é que* tem as mesmas características que o *é que* que encontramos nas clivadas e nas interrogativas: é um elemento invariável e não segmentável. Ora, surgem alguns problemas se queremos adoptar para estas estruturas a análise segundo a qual *é que* se encontra em C, visto que esta posição já está preenchida por outro elemento. Analisaremos cada estrutura mais detalhadamente no que se segue.

Se *é que* lexicaliza C, prevê-se que *é que* não possa aparecer em subordinadas adverbiais, visto que nestas orações a posição C está ocupada pelo morfema subordinante. No entanto, esta estrutura existe em algumas localidades:

- (82) Limpavam-na como é que é limpo o trigo. (CRV65)
- (83) Ele que pegue o pão e ponha em cima da pá que eu vou à lenha quando é que fizer falta. (PAL31)

Para além disto, não são apenas os dados não-standard que contradizem a hipótese, mas também os dados do PES. Segundo Casteleiro (1979), *é que* pode aparecer à cabeça de frases subordinadas:

- (84) Os resultados são os seguintes, se é que as contas estão certas. (Casteleiro 1979, p. 108)

No entanto, o autor analisa este tipo de *é que* como um ‘apresentador de frase’, que se distingue do *é que* das clivadas por ser um elemento segmentável. O *é que* ‘apresentador de frase’ também não pode aparecer em qualquer subordinada adverbial em PES. Apenas é gramatical em condicionais epistémicas ou condicionais de acto de fala (Lobo, comunicação pessoal).

Poderíamos analisar estas estruturas de forma paralela às estruturas interrogativas. Haegeman (2010) propõe que o morfema *when* que introduz uma oração adverbial subordinada é na realidade um constituinte-*qu*. Os morfemas *como* e *quando* do português também podem ser analisados como expressões-*qu*, como já foi proposto por Móia (2000) e.o. Encontramos nas estruturas com orações subordinadas adverbiais os mesmos padrões de concordância que nas interrogativas: em 25 das frases, SER encontra-se na forma neutra<sup>24</sup> (85-86), em 12, concorda com outra forma verbal (87):

- (85) Mas, (...) sim, para desempatar número um, a minha senhora desempatou o número quatro, quando é que tinha a filha dezoito anos, (...) a mais velha. (CTL27)
- (86) E os bois também eram tratados aqui como é que os nossos também iam para lá lavar e tratar. (MIG14)
- (87) Quando foi que ele morreu, depois quando se ele mortalhou, ia-se a pentear e ele largava (...) bocados de pele e de cabeça. (COV32)

Parece que, mais uma vez, estamos perante duas estruturas distintas: uma estrutura com *é que* invariável e outra com *SER que*. Propomos analisar as duas sequências de forma distinta. *É que* é um elemento não-segmentável e invariável, como *é que* nas interrogativas e nas clivadas. *SER que* é constituído por dois elementos e o verbo SER está numa estrutura que apresenta pelo menos a categoria TP.

Acrescenta-se que não parece haver nenhuma diferença semântico-pragmática saliente entre as estruturas subordinadas com e sem *é que*, tal como acontece nas interrogativas, não tendo estas frases a interpretação de estrutura clivada. A diferença entre as estruturas com e sem concordância temporal parece ser a mesma que nas estruturas interrogativas: a estrutura com concordância é mais focalizada.

Propomos portanto que as subordinadas adverbiais têm uma estrutura semelhante à das interrogativas. tal como nas interrogativas, a presença de *é que* nas adverbiais não parece modificar o valor da estrutura, tratando-se apenas de uma variante livre do PE não-standard. Tal como nas interrogativas, o morfema subordinante será um constituinte-*qu* que se encontra em [Spec, CP] e *é que* lexicaliza C.

---

<sup>24</sup> Em apenas 7 delas claramente não concorda com outra forma verbal.

Surge um problema quanto a esta análise: também encontramos orações subordinadas adverbiais encabeçadas por *se*, que só se podem analisar como frases adverbiais, sendo que o constituinte subordinante se encontra em C:

- (88) (...) Só se é que fosses (...) a servir de burro e eu é que fosse à ‘claveira’.  
(CLH07)

Podemos analisar estas frases como contendo um *é que* apresentador de frase, visto que a sequência *é que* é sinónímica a *acontece que*. Neste caso, *é que* não lexicaliza C, visto que SER é um verbo pleno com a sua própria categoria IP.

As estruturas com *é que* dentro de uma relativa não causam problemas a esta análise se adoptarmos a análise tradicional das relativas segundo a qual o pronome relativo se encontra em [Spec, CP]. As estruturas com *é que* dentro de uma relativa teriam portanto a estrutura seguinte, paralela às estruturas interrogativas:

A arrúdia, chega-se [<sub>XP</sub> onde[<sub>XP</sub> [<sub>CP</sub> [<sub>C</sub> é que [<sub>IP</sub> estiver a arrúdia]]], já se sabe, (...) (PAL27)

No entanto, existem frases em que *é que* aparece dentro de relativas introduzidas por *que*, para as quais existem análises segundo as quais o complementador está em C e há um Operador nulo em [Spec, CP] que liga uma variável. Estas análises são motivadas pela existência de relativas introduzidas por *que* com pronomes resumptivos, em vez de relativas com morfemas relativos complexos. Se houver um pronome resumptivo na relativa, teríamos de adoptar uma análise envolvendo um clivado nulo, ou um *é que* explicativo. Visto que não há frases no corpus com *é que* dentro de uma relativa com pronome resumptivo, não podemos verificar se estas análises hipotéticas são adequadas.

*É que* dentro de uma completiva causa problemas visto que o complementador *que* está na posição C. No entanto, a presença de uma categoria proxy permite-nos explicar a recursividade de C. Poderíamos analisar estas frases como envolvendo um constituinte clivado nulo, mas como vimos no capítulo 2, este tipo de clivado implícito tem um valor temporal ou referencial. Nas próximas frases, isto é efectivamente o caso:

- (89) E o meu marido conta que o pai morreu ele tinha onze anos e que a mãe (...) que é que lavrava as terras. (FLF32)
- (90) Até (...) as minhas irmãs ficaram aborrecidas por via que lembraram-se que eles que é que convenceram mais os pais para eles lhe darem aquilo quase tudo. (MLD46)

- (91) Que a castanha aqui não é usada como é devido, porque esta professora nova (...) que é do continente foi fazer a castanha assada, porque elas dizem que é que é muito saborosa. (CDR52)
- (92) E de maneira que ela (...) criava bois e acho que é que lavrava. (CLH35)
- (93) Ele foi botar a cabeça lá no navio (...) e não disse a ninguém que é que é que estava dentro do navio. (CRV43)
- (94) Isto foi coisa que ele mataram-no e coisa, e vai, faz-se que é que era o marido dela. (PIC20)

Para as outras frases que analisámos até agora como ‘estruturas encaixadas’, é preciso outra análise. Propomos que, nas estruturas com uma clivada de *é que* dentro de uma clivada canónica, houve dois movimentos: o primeiro movimento de IP para a posição de [Spec, XP], categoria proxy de CP cujo núcleo está ocupado por *é que*, o segundo para a posição à esquerda do complementador da clivada canónica:

Tirar aquele veio de dentro, limpar tudo, [CP que [IP pro [I' é [VP é [CP isso [C' que [XP ~~isso~~ [X' X [CP [C' é que [IP ~~isso~~ faz mal]]]]]]]]]] (MTV47)

Para as frases restantes, propomos que o SER da sequência *é que* que aparece na estrutura é um verbo pleno que projecta a sua própria categoria IP e que selecciona uma completiva. A sequência *é que* é portanto sinónimo de *acontece que*, como o *é que* apresentador de frase de Casteleiro (1979):

- (95) a. Agora, em o senhor falando, pode ser que eu lhe saiba responder. (AAL53)  
b. Agora, em o senhor falando, pode acontecer que eu lhe saiba responder.

Como o autor refere, o verbo SER apresentador de frase é um verbo pleno com características específicas, sendo que em PES não concorda com o verbo subordinado. Vimos que nas variedades dialectais, o verbo às vezes concorda em tempo com o verbo subordinado, como qualquer outro verbo pleno, mas geralmente não o faz:

- (96) Faz três anos para Junho que é que dissemos. (MIN02)  
Faz três anos para Junho que aconteceu que dissemos.

Não entraremos mais em detalhes sobre esta estrutura, devido à limitação da presente dissertação.

### 3.5 O estatuto do constituinte clivado

Como vimos, quase todas as análises referidas no ponto 3.1 implicam um movimento do constituinte clivado, que tem a sua origem em IP. Neste ponto, veremos se a análise com movimento é confirmada pelos dados do PE não-standard, ou se a análise com geração na base é mais adequada.

#### 3.5.1 Os dados do português não-standard

Em primeiro lugar, veremos se existem restrições quanto ao tipo de constituintes que podem ser clivados. Se a hipótese de Lobo (2006) e de Soares (2006) estiver certa, os verbos, os advérbios de frase e os constituintes proposicionais não podem funcionar como constituinte clivado. Por outro lado, apenas os constituintes que têm origem em IP podem ser clivados.

#### Origem em IP

Para as estruturas de clivagem, efectuámos uma classificação segundo a função do constituinte clivado. Nas clivadas de *é que*, este constituinte pode ter várias funções, incluindo algumas que não podem ocorrer como constituinte clivado em PES. Os elementos que ocorrem à esquerda de *é que* podem ser de diferentes tipos: sujeito (97), complemento (98), adjunto (99), predicativo do sujeito (100) ou constituinte deslocado à esquerda (101)<sup>25</sup>:

- (97) Já me morreram três, um é que só tinha seis dias. (GRJ37)
- (98) Isso é que eu não vou fazer! (MLD07)
- (99) E depois é que dependuram aí. (MIG42)
- (100) Aí é que está o problema nosso. (MIN18)
- (101) (...) Aqui um (...) vizinho meu é que o carro dele cantava sempre (...) muito bem, muito melhor do que os outros e eu como que invejava aquilo. (CLH19)

A tabela seguinte sintetiza as quantidades:

---

<sup>25</sup> Há duas frases para as quais não podemos determinar a função do constituinte clivado, visto que há elipse do VP.

Tabela 4: função do constituinte clivado

Função	<i>é que</i>	<i>é que é que</i>	<i>SER que</i>	<i>é que Ser que</i>	Total
Sujeito	628	8	5	2	<b>643</b>
complemento	71	3	0	0	<b>74</b>
adjunto	616	8	2	0	<b>626</b>
predicativo	41	0	0	0	<b>41</b>
Constituinte anteposto	28	0	0	0	<b>28</b>
Outra	2	0	0	0	<b>2</b>
<b>Total</b>	<b>1386</b>	<b>19</b>	<b>7</b>	<b>2</b>	<b>1414<sup>26</sup></b>

Apenas os 4 primeiros têm origem em IP. O constituinte deslocado à esquerda não: trata-se de diversos tipos de ‘tópicos’.

Encontrámos estruturas com um constituinte anteposto, retomado por um pronome (semelhante a uma estrutura de deslocação à esquerda de um tópico pendente - HTLD Hanging Topic Left Dislocation) seguido da sequência *é que*:

- (102) Isso, a galga (...) e a caixa, é que lhe chamam o pio. (AAL11)
- (103) Isto é que eu lhe chamo a apara (...) e isto é já a fita. (AAL47)
- (104) Isto é que não sei bem o nome disto! (VPC19)
- (105) Eu, as outras é que não estou certa agora quais são elas. (PVC29)

Nas estruturas com HTLD, existe uma dependência referencial entre o tópico e um elemento no interior do comentário, pelo que os dois partilham os traços de concordância. Este elemento pode ser um pronome, um clítico ou um epíteto. Também nestes dados, não há conectividade casual: o constituinte anteposto aparece sempre na forma nominativa, enquanto que o elemento relacionado com ele pode ter outro caso.

Encontrámos também casos em que o constituinte clivado funciona como um tópico pendente ( HT Hanging Topic):

<sup>26</sup> Este total já não inclui as frases em que um expletivo precede *é que*, visto que não se trata de uma construção clivada (ver capítulo 4)



- (106) INF (...) A carreta é que esse limão, esse limão é inteiriço. (AAL41)
- (107) INF É. Giestais, giestais é que criam muito as silvas pelo meio. (FIG17)
- (108) Em vimes é que se eu quisesse trabalhar, em vimes, a minha arte pegava em vimes. (PIC02)

Um HT caracteriza-se pela ausência de efeitos de conectividade, o tópico relaciona-se com o resto do enunciado unicamente porque respeita a condição de relevância. É um tópico de ligação: serve para introduzir um novo tópico no discurso.

Encontrámos ainda ocorrências de constituintes clivados que são retomados por um clítico, como nas estruturas de deslocação à esquerda clítica (CLLD Clitic Left Deslocation):

- (109) À qualidade das uvas é que a gente lhe chama vedonhos. (AAL03)
- (110) À minha mãe é que ninguém a apanhava a fazer carvão. (UNS42)

Nestas estruturas, o elemento conectado referencialmente é obrigatoriamente um clítico. Há conectividade referencial, nos traços sintácticos (género, número e pessoa), casual<sup>27</sup> e temática.

Segundo Duarte (2003), apenas os tópicos propriamente ditos envolvem um movimento-A' para uma posição de adjunção a IP. Segundo Duarte (1987), também pode estar adjunto a CP. Existem duas propostas de análise para os tópicos deslocados à esquerda clítica: uma envolvendo movimento (Cinque 1977, *apud* Brito et alii 2003) e outra com geração na base (Brito et alii 2003). Os tópicos pendentes e os tópicos pendentes deslocados à esquerda (HTLD) são gerados imediatamente na sua posição superficial.

Até agora classificámos as frases com um pronome expletivo à esquerda de *é que* como construções clivadas. Veremos no capítulo 4 que esta classificação não é adequada, visto que estas estruturas têm um valor distinto das estruturas de clivagem. Por esta razão, não analisaremos estas frases dentro deste ponto.

Como vemos na frase (101), em PE não-standard, não são apenas os elementos que têm origem em IP que podem surgir como constituinte clivado, contrariamente àquilo que acontece em PES.

---

<sup>27</sup> Na frase (110), parece não haver conectividade casual, mas o constituinte anteposto está no caso regido pelo verbo: o acusativo. Trata-se nesta frase do acusativo preposicionado, que ocorre mais facilmente com objectos directos antepostos.

### Categoria do constituinte clivado

Quanto ao tipo de constituinte clivado, há uma frase no corpus em que parece que o constituinte clivado é de natureza oracional:

- (111) E batia-se as trindades é que se despegava para se vir para casa. (VPC03)

No entanto, em PE existe a possibilidade de ter uma oração com valor adverbial (temporal ou condicional) sem conector subordinante, como em '*Chega o João, vou para a escola.*' A frase em cima pode ser analisada como uma instância desta construção: o advérbio *quando* introdutor do adjunto está subentendido. No entanto, estas frases não se comportam como as frases subordinadas adverbiais, visto que podem funcionar como membro de uma coordenação (cf. Lobo 2003):

- (112) Era eu pequena, já a minha mãe contava essa história.  
Era eu pequena e já a minha mãe me contava essa história.  
(113) Quando eu era pequena, já a minha mãe me contava essa história.  
\*Quando eu era pequena e já a minha mãe me contava essa história.

Uma outra análise possível é aquela em que a oração é retomada por um elemento nulo no segundo membro da estrutura coordenada assindética. Este elemento nulo funcionaria como um clivado nulo, sendo um operador ligado ao discurso.

Os outros tipos de constituintes clivados que aparecem no corpus, são os mesmos que na língua standard. Podem ser DPs (115), PPs (116) ou AdvPs (117):

- (114) Os carreteiros é que têm uma vida ruim. (MTM25)  
(115) Do norte é que vinha um canasteiro para aí. (ALC36)  
(116) Quando aquilo estava tudo ceifado e carregado, então é que iam os carros, então, acartar para a feira. (AAL07)

Em conclusão, para além de clivagem de DPs, PPs e AdvPs, possíveis também em PES, nas variedades dialectais encontramos também à esquerda de *é que* elementos que não têm necessariamente a sua origem no interior de IP e constituintes que não podem ser deslocados, como por exemplo:

- (117) Isto é que eu lhe chamo a aparta (...) e isto já é a fita. (AAL47)

### Efeitos de conectividade

Contrariamente ao que acontece em PES, encontramos frases em que o constituinte clivado com função de sujeito não concorda em pessoa e número com o verbo que o selecciona:

- (118) Os paus é que ia arrastando aquilo. (AAL50)  
(119) A gente abre até que deita aquela ova toda fora, aquelas “grãozinhas” todas que tem é que sai. (CLC09)  
(120) As aivecas (...) é que largava, virava a terra. (MTM26)  
(121) Isso é que fazem falta. (PAL36)

Ora, trata-se de uma característica independente das construções de clivagem: nas variedades não-standard é comum não haver concordância em pessoa e número entre o verbo e o seu sujeito, sobretudo em estruturas com o verbo SER, mantendo o verbo a marca morfológica neutra da terceira pessoa do singular.

Quanto aos constituintes clivados pronominais, não há diferenças relativamente ao PES: aparece sempre a forma forte com a marca casual (nominativo (122)) que lhe foi atribuída pelo verbo que o selecciona:

- (122) Eu é que digo que é o papa-formigas porque tenho conhecimento disso. (FIG32)

Não há frases no corpus com pronomes objecto.

Em conclusão, estamos perante dados contraditórios. A conectividade nos traços sintácticos (i.e. a concordância sujeito-verbo), a conectividade casual e as restrições quanto ao tipo de constituinte clivado indicam que este tem origem numa posição no interior de IP e que se move para uma posição mais alta da periferia esquerda. A possibilidade de clivar um constituinte anteposto indica que o constituinte clivado foi gerado na base.

#### 3.5.2 Geração na base vs. movimento: proposta

A partir desta descrição dos dados não-standard, podemos estabelecer três hipóteses quanto às estruturas clivadas com *é que*:

- O constituinte clivado que surge anteposto sofreu a operação *move α*
- O constituinte clivado foi inserido por *merge externo* na posição onde surge

- Alguns constituintes clivados sofrem movimento, outros são gerados na base<sup>28</sup> (cfr. Modesto 1995, Kiss 1999).

Os dados dialectais parecem ser contraditórios. Por um lado, os efeitos de conectividade e as restrições quanto ao tipo categorial de constituinte clivado são mais facilmente explicáveis se adoptarmos uma análise envolvendo movimento. Por outro lado, a existência de clivadas com constituinte clivado não originário de IP e geralmente analisado como sendo gerado na base leva-nos a ponderar a segunda hipótese. Podemos pensar que as duas estruturas existem simultaneamente. Existiriam dois tipos de clivadas com *é que*, com uma estrutura de base distinta:

(123) Isso é que acho uma coisa mal feita. (LUZ11)

[<sub>XP</sub> Isso [<sub>X'</sub> X [<sub>CP</sub> [<sub>C</sub> é que [<sub>IP</sub> pro [<sub>I'</sub> acho [<sub>VP</sub> ~~pro~~ [<sub>V'</sub> ~~acho~~ isso uma coisa mal feita]]]]]]]

(124) À qualidade das uvas é que a gente lhe chama vedonhos (VPC19)

[<sub>XP</sub> À qualidade das uvas [<sub>X'</sub> X [<sub>CP</sub> [<sub>C</sub> é que [<sub>IP</sub> a gente [<sub>I'</sub> lhe chama [<sub>VP</sub> ~~a gente~~ [<sub>V'</sub> ~~lhe chama~~ vedonhos]]]]]]]]]

Para os elementos que têm origem em IP, incluindo os tópicos propriamente ditos, adoptamos a análise proposta pela maioria dos autores, envolvendo movimento. Assim podemos explicar os efeitos de conectividade referencial, sintáctica e casual. Adoptamos a análise de Soares (2006) envolvendo uma categoria proxy, visto que pode aparecer um adjunto entre o constituinte clivado e o *é que*.

Para os elementos periféricos, i.e. tópicos pendentes e deslocados à esquerda (clítica), que surgem como constituinte clivado, adoptamos uma análise com geração na base. Por enquanto, deixamos em aberto a sua posição na estrutura.

<sup>28</sup> Modesto (1995) e Kiss (1999) demonstram a coexistência de estas duas estruturas, baseando-se nas estruturas das clivadas canónicas e das clivadas – Q.

#### 4. Função semântica e pragmática de *é que*

Neste capítulo consideraremos a função semântica ou pragmática de *é que* nas diferentes estruturas, considerando as intuições dos falantes, no caso do PES, e, no caso do PE dialectal, baseando-nos tanto quanto possível no contexto discursivo mais alargado em que ocorrem as diferentes estruturas, visto que não temos acesso aos falantes.

Em primeiro lugar, temos de clarificar quais são as definições que utilizamos, visto que os diferentes autores usam diferentes conceitos de foco, contraste, etc<sup>29</sup>. A primeira distinção que temos de fazer é a distinção entre *foco* e *tópico*. Neste trabalho, utilizamos *foco* apenas para o foco informacional (cf. Costa 2004), ou seja, para um constituinte que corresponde a informação nova que pode, por exemplo, constituir uma resposta a uma interrogativa parcial. O *tópico* corresponde a informação conhecida, já activa no contexto discursivo, quer porque já foi referida anteriormente, quer porque está presente no espaço físico. Tanto foco como tópico podem ser associados aos valores *contrastivo*, *exaustivo* e *exclusivo*<sup>30</sup>.

O valor contrastivo caracteriza os enunciados em que é excluída pelo menos uma alternativa<sup>31</sup>, implica que haja entidades que não partilham a propriedade referida, mas tenham outra propriedade:

- (125) O João chegou.  
Não, o Pedro é que chegou.

A exaustividade<sup>32</sup> indica que não sejam excluídos do enunciado constituintes que têm a mesma propriedade:

- (126) Alguém pôs uma banana e uma maçã dentro dum caixote de lixo.  
Foi/foram a maçã e a banana que o menino deitou no caixote.  
#Foi a maçã que o menino deitou no caixote.

---

<sup>29</sup> Ver, por exemplo, Zubizarreta (1999), Costa (2004), Kiss (1998, 1999, 2007), Duarte (1987, 1997),... Molnár (2005) sintetiza e discute algumas definições propostas por outros autores para contraste, tópico e foco. Os autores referido neste artigo são e.o. Kiss (1998), Kenesei (2005), Halliday (1967), Bussmann (1990), Jackendoff (1972), Chafe (1967), Rooth (1992), etc.

<sup>30</sup> No seguimento de Kiss (1998), que propõe que o foco identificacional pode estar associado aos traços [exhaustive] e [contrastive].

<sup>31</sup> cf. Kenesei (2005, *apud* Molnár 2005), *I-contrast* ou *weak exclusion* na terminologia de Molnár (2005)

<sup>32</sup> A exaustividade é geralmente associada ao foco identificacional (cf. Kiss 1998 e.o.) que representa um subconjunto de um conjunto de elementos contextualmente ou situacionalmente dados para os quais o predicado pode ser potencialmente verdadeiro. Este subconjunto é identificado como um subconjunto exaustivo para o qual o predicado é verdadeiro (cf. Kiss 1998, p. 246)

Quando se refere a um elemento excluindo todas as possíveis alternativas, o enunciado tem um valor de exclusividade<sup>33</sup>:

- (127) Quem é que chegou?  
Apenas o Pedro.

Em primeiro lugar, analisaremos os valores encontrados nas estruturas de clivagem de *é que* (cf. ponto 4.1), depois tentaremos determinar quais são as diferenças de valor encontradas entre estas estruturas e as estruturas de clivagem com *SER que* (cf. ponto 4.2). Depois discutimos a origem do valor de contraste (cf. ponto 4.3) e por último tentamos dar conta das diferenças entre as interrogativas com e sem *é que* (cf. ponto 4.4).

#### 4.1 Estruturas de ‘clivagem’

Neste ponto, analisaremos o valor semantico-pragmático das estruturas em que *é que* é precedido de um elemento que não seja um constituinte-*qu*, i.e. as estruturas que classificámos como estruturas clivadas até agora.

##### Sujeitos, objectos, adjuntos, predicativos e constituintes antepostos.

Tradicionalmente, considera-se que o constituinte clivado tem um valor de contraste em relação a outro elemento explícito ou implícito do contexto<sup>34</sup>:

- (128) O João e o Pedro é que comeram o bolo, e não a Ana.

O constituinte clivado nas clivadas de *é que* tem geralmente o valor identificacional e implica exaustividade. As frases com a mesma ordem de constituintes sem a sequência *é que*, ou seja, as frases com topicalização, não têm geralmente uma leitura exaustiva. Os tópicos retomam informação dada ou introduzem informação que serve como pano de fundo para a asserção. Podem estar associados a contraste ou não:

- (129) O bolo, o João comeu.  
(130) O bolo, o João comeu. A pizza, o João deixou no prato.

Na primeira frase, o constituinte topicalizado pode simplesmente ser informação conhecida, sem outro valor acrescentado. O tópico corresponde portanto ao constituinte acerca do qual se

---

<sup>33</sup> *Strong exclusion* ou *all-exclusion* na terminologia de Molnár (2005)

<sup>34</sup> Casteleiro (1979), Costa & Duarte (2000), Ambar (1996), Modesto (1995) e.o.

predica algo (cf. Duarte 1987). Na segunda, vemos que também pode ter valor contrastivo. A interpretação de contraste deve-se ao contexto, e não à ordem dos constituintes.

Outra diferença entre as estruturas de topicalização e as estruturas de clivagem com *é que* é que apenas as segundas estão sempre associadas ao valor de exaustividade (Kiss 1998):

- (131) Um chapéu, a Maria escolheu para si própria.  
#Não, ela escolheu também um casaco.
- (132) Um chapéu *é que* a Maria escolheu para si própria.  
Não, ela escolheu também um casaco.

Vemos mais detalhadamente quais são os valores que podem ter as estruturas de clivagem com *é que* nas variedades dialectais.

Os constituintes clivado tópicos, isto é, dados no contexto discursivo, caracterizam-se pelo valor de contraste. O facto de aparecer dentro de uma clivada de *é que* implica que se exclui pelo menos uma alternativa. Observamos este valor em todas as clivadas de *é que*, independentemente da função do constituinte clivado. O contraste pode ser explícito (cf. 133) ou implícito<sup>35</sup> (cf. 134):

- (133) *Tu e o teu homem* eram os criados e *eles é que* eram os patrões. (COV02)
- (134) *O outro é que* a gente usava. (PIC28)
- (135) *No Alentejo é que* usam isso, *aqui* não. (PAL37)
- (136) *Para o fundo é que* ia, (...) *para baixo* não vinha, *para cima* não vinha. (ALV42)
- (137) *Isto é que* eu lhe chamo a apara (...) e *isto* é já a fita. (AAL47)

As clivadas de *é que* implicam também exaustividade do constituinte clivado, independentemente da função :

- (138) Minha mãe, que Deus haja, mais minha avó, rapava aquelas tripas e minha tia cá era só para destinar, para estar só com a lista, de ver quem *é que* queria a carne. Porque matavam o porco – um queria três quilos, outro queria quatro e minha tia tinha aquela lista e ia dizendo: "Olha, dois quilos para fulana"! Nem podia sequer fazer o jantar. Minha mãe mais minha avó *é que* tomava conta do jantar. (PST12)

---

<sup>35</sup> Segundo Kiss (1998), o contraste é sempre explícito. Quando existe um contraste implícito, trata-se de foco identificacional. Para esta dissertação adoptamos uma definição de contraste parecida com a proposta por Kenesei (2006, *apud* Molnár 2006). Kenesei propõe que contraste pode ser tanto explícito como implícito, contraste implica simplesmente que haja um conjunto complementar ao conjunto referido.

- (139) INF1 Fica tudo pronto. Mas naquele tempo não era assim. Naquele tempo, a gente ceifava com umas foices apropriadas para aquilo, e depois a gente cortava uma manchinha de seara, e depois enrolava-se uma coisinha de roda, prendia neste dedo, e depois tornava-se a ceifar outra manchinha e tornava-se a prender nele, depois tornava-se a enrolar outra vez, tornava-se a prender nele, até que fazia (...) uma manchinha grande.  
 INF2 Uma gavelazinha, uma mancheia perfeita.  
 INF1 Botava-se uma mancheia assim aqui, atravessada assim, depois botava-se duas assim para aqui, e depois botava-se duas assim para aqui, e depois botava-se uma a fechar.  
 INF2 Era encruzadas.  
 INF1 Era seis – (...) antes tratavam era por gavelas –, seis gavelas de trigo é que se botava naquele montinho. Ia-se ceifando e botando aqueles montinhos atrás da gente. (TRC70)
- (140) a. Mas, aí para baixo, aí para baixo para Quarteira, e de Pêra para baixo é que foram mais. (ALV05)  
 b. Um milho ou (...) uma maçaroca preta é que os rapazes tinham de beijar as raparigas todas. (EXB21)
- (141) Isso, a galga (...) e a caixa, é que lhe chamam o pio.  
*INQ* *Às* *duas* *coisas.*  
 INF As duas coisas (...) conjuntas é que é o pio. (AAL11)

Não encontrámos nenhuma ocorrência de uma clivada de um predicativo que tivesse claramente o valor de exaustividade. No entanto, encontrámos uma frase em que o constituinte clivado parece não ter o valor de exaustividade:

- (142) Pois, os agricultores é que sofrem e o povo até sofre, também (AAL32)

Nesta frase, não está incluído dentro do constituinte clivado o referente *o povo*, que tem as mesmas propriedades que o constituinte clivado: sofre. Ora, a segunda parte da coordenação mostra que o constituinte clivado deveria ser exaustivo, mas que houve um lapso da parte do falante. O falante acrescenta depois *o povo* para tornar o enunciado exaustivo, corrigindo assim a falta de exaustividade da construção clivada<sup>36</sup>.

Quanto ao valor de exclusividade, observamos o mesmo para todas as clivadas de *é que*: o constituinte clivado pode ter um valor de exclusividade:

- (143) Só aqui esta roda é que tem o arco em ferro e a roda. (AAL37)  
 (144) Ele só com enchentes (...) é que juntam. (CRV66)

<sup>36</sup> Compara-se com a negação de exaustividade referida por Kiss (1998):  
 It was a hat that Mary picked for herself.  
 No, she picked a coat, too. (p. 251)



- (145) Só com Ervax é que eu ainda já tenho feito aí. (AAL28)
- (146) Só de pedra é que era Moura. (MIN22)
- (147) Só eu é que me calha tão mal e não sou capaz de me arranjar. (CBV29)

O advérbio *só* implica exaustividade e exclusividade do constituinte sobre o qual tem escopo e pressupõe que haja outras entidades a que a propriedade não se aplica (cf. Santos 2006, p. 80). Também se pode relacionar com a noção de escala:

- (148) Este livro custou só dez euros.

O advérbio *só* implica que os elementos que fazem parte do grupo exaustivo estão ordenados numa escala, e o constituinte junto a *só* define um limite nesta escala, excluindo a parte que supera este limite (Kiss 1998).

O valor de exclusividade não caracteriza necessariamente os constituintes clivados de clivadas de *é que*:

- (149) Pois, os agricultores é que sofrem e o povo até sofre, também (AAL32)
- (150) Os molhos é que se faz também (...) com parte (...) do bucho do porco o bucho do porco, lavado e arranjado. (STE36)
- (151) E de forma que, depois, quando era para o ano, aí ao São Miguel, ao São Miguel, aí (...) em Fevereiro, agora neste tempo, mais ou menos, Fevereiro, Março, é que ele ia outra máquina outra máquina ou à mão abria-se outra vala, tudo assim alinhado e plantava-se o bacelo, como a gente lhe chama, o bacelo. (AAL02)
- (152) Por exemplo Agosto, e assim, é que ele, mais ou menos nesse tempo, é que então faziam a malha. (UNS25)

Quando o constituinte clivado integra o foco informacional da oração, associam-se outros valores ao enunciado. Assim, por exemplo, quando quer o constituinte clivado sujeito quer a proposição correspondem a informação nova, é a situação referida pela proposição toda que é contrastada (cf. Santos 2006):

- (153) Faltaste à reunião porque estavas doente?  
Não, o meu carro é que teve uma avaria. (O que acontece é que o meu carro teve uma avaria.)
- (154) Ele é que parece mais novo, porque eu estou muito doente! (...) (CLH08)

O constituinte *o meu carro* não está contrastado com outro objecto que teve uma avaria, mas contrasta-se antes a situação toda. Este tipo de contraste não é possível se o sujeito for conhecido:

- (155) O homem por natureza é bom.  
Não. #O homem é que é mau. (O que acontece é que o homem é mau)

Este tipo de contraste também se encontra nas frases com adjunto clivado. Há frases em que é a proposição toda que está contrastada:

- (156) O homem por natureza é bom. Quando cresce é que se corrompe.

As clivadas de *é que* com constituinte clivado objecto dificilmente permitem contrastar a situação:

- (157) O homem por natureza é bom. #A maldade é que ele ganha ao crescer.  
(158) O homem por natureza é bom. ??À sociedade é que se pode atribuir a sua maldade.

Como vemos, a função do constituinte clivado e o estatuto informacional do clivado têm influência na leitura das clivadas de *é que*. Quando o constituinte clivado corresponde a informação conhecida, associa-se sempre aos valores identificacional, exaustividade e contraste, independentemente da sua função. Isto invalida a hipótese proposta por alguns autores (Lobo 2006, Modesto 1995) que diz que o valor de contraste se deve ao movimento-A' sofrido pelo constituinte clivado. O valor de exclusividade não é típico das construções clivadas de *é que*, mas pode estar associado a elas. Quando o constituinte clivado está marcado pelo foco informacional e desempenha a função de sujeito ou de adjunto, o valor de contraste pode marcar a frase toda, provocando uma leitura de contraste de situação.

### Expletivos

Vejamos o que acontece nas estruturas com um expletivo à esquerda de *é que*:

- (159) Isto é que deviam de vir para aí! (FIG27)  
(160) Isso é que eles gostavam que lhe eu fizesse a caldeirada! (GRJ48)  
(161) Ó rapaz, aquilo é que ele parece que levava lume a fugir! (UNS10)

Visto que um expletivo é um elemento referencialmente vazio, não pode ter o valor contrastivo ou identificacional. Segundo Carrilho (2009), o expletivo em PE não-standard está associado a um valor ilocutório avaliativo ou expressivo, tendo uma função estritamente pragmática. Segundo a sua análise, é gerado na base numa posição periférica:

os expletivos pré-verbais em PE não-standard estão num nó mais alto que IP, a saber o nó ForceP:

Tu sabes bem [<sub>SubP</sub>[<sub>Sub</sub>que] [<sub>ForceP</sub> *ele* [[em Paçô [ [<sub>IP</sub> eles viram para aquele lado]]]]]]

O nó funcional ForceP codifica a força ilocutória da oração e situa-se numa posição estrutural acima dos tópicos e de outros elementos periféricos, e mais baixa que a categoria que acolhe os elementos de subordinação SubP. Os expletivos pós-verbais estão em AvaliativoP, um nó funcional mais baixo na periferia esquerda que codifica os valores ilocutórios avaliativos ou expressivos<sup>37</sup>.

Podemos deduzir do corpus que as frases com expletivos à esquerda de *é que* não têm valor de clivada nem de contraste. Parece tratar-se de um *é que* intensificador: a presença da sequência aumenta o valor expressivo já presente nas estruturas com pronomes expletivos. Verificamos ainda que este tipo de *é que* apenas foi atestado em frases exclamativas.

### Conclusão

Nas estruturas com *X é que*, X um constituinte que não seja um constituinte-*qu*, encontramos dois tipos de *é que*. O primeiro marca pelo menos valor de contraste e ocorre nas clivadas de *é que*. O segundo é um intensificador do valor expressivo e ocorre junto a expletivos em estruturas exclamativas.

## 4.2 Clivadas de *é que* vs. clivadas de *SER que*

Se existir uma diferença entre as clivadas de *é que* e de *SER que*, pode ser que seja a mesma que aquela que existe entre as clivadas canónicas e as clivadas de *é que*. Nas primeiras, a concordância verbal é obrigatória, portanto pode ser que as clivadas com *SER que* sejam uma variante das clivadas canónicas nas quais o constituinte clivado sobe para uma posição ainda mais alta, precedendo assim o verbo SER na estrutura final.

---

<sup>37</sup> Deixamos de lado a questão da existência das categorias funcionais ForceP e AvaliativoP, mas adoptamos a análise segundo a qual os expletivos estão numa posição periférica.

As diferenças de valor entre as diferentes estratégias de clivagem ainda não foram estudadas detalhadamente, embora estejam descritos na literatura alguns contextos em que só podem ocorrer alguns tipos de clivadas (cf. Ambar 2005 e.o.). Se as situarmos num contexto discursivo, podemos compreender as diferenças semantico-pragmáticas que existem entre elas.

Numa situação de rectificação, as clivadas com *é que* parecem mais naturais, embora também sejam possíveis clivadas canónicas<sup>38</sup>:

- (162) A. O João comeu o bolo.  
B. a. Não, o Pedro é que comeu o bolo.  
b. ? Não, foi o Pedro que comeu o bolo.

Em segundo lugar, vemos que as clivadas de *é que* não podem ocorrer como resposta a uma pergunta, contrariamente às clivadas canónicas:

- (163) A. Quem é que chegou?  
B. #O João é que chegou.  
Foi o João que chegou.

Este contraste indica que as clivadas de *é que* não podem servir apenas para introduzir informação nova, contrariamente às clivadas canónicas. Nas segundas, mas não nas primeiras, o constituinte clivado pode ser o foco informacional. Ainda, as clivadas canónicas podem aparecer como resposta a uma pergunta em que o foco informacional é a proposição toda:

- (164) A. O que aconteceu? O que foi este barulho?  
B. a. Foi o pneu do carro que rebentou.  
b. # O pneu do carro é que rebentou.

As clivadas canónicas são mais facilmente juízos téticos, ou seja, estruturas apresentacionais. As clivadas de *é que* apenas podem ser juízos téticos se a frase toda tiver um valor de contraste. As clivadas de *é que* correspondem geralmente a juízos categóricos, ou seja, são geralmente estruturas predicativas<sup>39</sup>.

Em último lugar, as clivadas de *é que* permitem mais facilmente ao falante contrastar a situação toda referida pela proposição. Com uma clivada canónica, apenas se pode contrastar o constituinte clivado:

---

<sup>38</sup> Utilizamos o cardinal # para indicar que a frase não é adequada no contexto indicado, embora seja gramatical noutro contexto.

<sup>39</sup> Para uma definição de juízos téticos e juízos categóricos, ver Duarte (1987).

- (165) A. Faltaste à reunião porque estavas doente?  
 B. a. Não, o meu carro é que teve uma avaria.  
 b. ? Não, foi o meu carro que teve uma avaria.

Os constituintes clivados nas clivadas canónicas têm valor de identificação e de exaustividade, mas geralmente não são contrastados:

- (166) Numa situação em que quer um menino, quer uma menina comeram uma maçã:
- a. Foram o menino e a menina que comeram uma maçã.  
 b. #O menino e a menina é que comeram uma maçã.  
 c. #Só o menino e a menina comeram uma maçã

Relembramos que o advérbio *só* implica exaustividade e exclusividade e pressupõe que haja entidades a que a propriedade não se aplica, ou seja, implica necessariamente contraste. Os mesmos contrastes mostram que, nas clivadas de *é que*, o constituinte clivado é geralmente contrastado com outro elemento, seja implícito ou explícito.

Concluimos que as clivadas canónicas estão sempre associadas a um valor identificacional, e podem ser contrastivas. As clivadas de *é que* estão sempre associadas a um valor identificacional e contrastivo, podendo ser exaustivas e exclusivas. Ainda, o constituinte clivado das clivadas canónicas pode ser o foco informacional, sendo o resto da frase informação conhecida, contrariamente às clivadas de *é que*. Ambos os tipos de clivadas podem ser estruturas apresentacionais, sendo que a frase toda corresponde a informação nova. No entanto, clivadas apresentacionais de *é que* estão sempre associadas a um valor de contraste, contrariamente às clivadas canónicas.

Vejamos se encontramos os valores típicos das clivadas canónicas nas construções clivadas com *SER que*:

- (167) A minha mãezinha tinha que ir para isto, para aquilo, para o outro, e ia remendar, e ia trabalhar e (...) olhar por eles. Fazia tudo e eu era que andava no moinho. (PFT23)
- (168) Depois, durante esse tempo todo, eu era que ia rezar a casa dos mortos quando morriam. Mas agora, já não podia. Tinha medo de me equivocar. (PFT31)
- (169) As regateiras era que exportavam que botavam a sardinha para fora. (VPA19)

- (170) INF Isso! (...) A minha mulher esteve lá, de cozinheira, ali no Porto! Esteve lá no Porto...

*INQ2 Então sabe bem de cozinha?*

INF Sabe. Também já foi cozinheira (...) dum casamento duma amiga. Já, já. Foi ela também que preparou tudo! Bem, ela, deu os planos. Quem estava a (preparar) era ajudantas. E a minha mulher foi agora, chamou a minha filha (...). À uma, sabe preparar as carnes, que a minha filha não sabe. Nós fomos lá só para preparar as carnes, as chouriças, isso tudo, não é? A minha mulher sabe. Por acaso (...) essa é especial, (...) até a vizinhança chama por a minha mulher para lhe preparar aquelas carnes, porque as carnes de porco têm muita coisa que se lhe diga.

*INQ2 Claro, claro. Para conservar e tudo.*

INF Para conservar. E a minha mulher foi que fez o sarrabulho. (VPA42)

- (171) Basta que há lá quatro barcos. Foi o meu marido, que (...) em 85 fomos nós mordomos e foi ele que mandou fazer os barcos.

*INQ1*

*Ai*

*sim?*

INF2 A freguesia foi que pagou.

INF1 Mandou fazer... Foi a freguesia, não é? (FIS31)

Na primeira frase, o constituinte clivado tem claramente um valor contrastivo. Na segunda frase, o constituinte parece ter apenas o valor identificacional. Não temos contexto suficiente para determinar o valor da frase (169). Na frase (170), o constituinte clivado não tem valor de contraste. O constituinte clivado tem apenas foco identificacional. Na frase (171), o constituinte clivado introduz informação nova apenas, a estratégia de clivagem funcionando claramente como a construção de clivagem canónica.

Com base nestas frases, não podemos concluir definitivamente que as clivadas de *SER que* têm o mesmo valor que as clivadas canónicas, visto que há poucas ocorrências. No entanto, não encontrámos nenhuma frase que pareça invalidar esta hipótese. Por razões de limitações do presente trabalho e por trabalhar apenas com dados de um corpus, não podemos definir exactamente qual é a diferença entre as clivadas com e sem concordância verbal. Não temos acesso aos falantes para lhes pedir juízos de gramaticalidade, e podemos apenas estipular algumas hipóteses e sugestões de análise.

No entanto, com base nos contrastes que encontramos entre as clivadas de *é que* e as clivadas canónicas, podemos concluir que o constituinte clivado nas primeiras não pode ser foco informacional, tal como acontece com os tópicos. Parece que nas clivadas, *é que* marca um tópico contrastado. O facto de geralmente aparecer um tópico como constituinte clivado explica a possibilidade de haver clivados nulos (cfr. capítulo 6).

### 4.3 Estruturas interrogativas com *é que*

Tradicionalmente, considera-se que o *é que* das estruturas interrogativas não tem nenhuma função e que se trata simplesmente de uma alternativa mais coloquial das interrogativas com inversão sujeito-verbo. No entanto, Amaral (2009) refere na sua tese alguns contrastes entre interrogativas com inversão e interrogativas com *é que*. Mais especificamente, a autora refere que, nas interrogativas que exprimem um valor de surpresa ou desaprovação, o pronome *bare* interrogativo *que* não pode encabeçar a interrogativa, a não ser que esteja seguido de *é que*:

- (172) a. ?? Que está o João para ali a ler?  
b. Que é que está o João para ali a ler? (Amaral 2009, p. 40)

No entanto, nem todos os falantes estão de acordo com esta interpretação, alguns aceitando a primeira interrogativa com o valor de surpresa ou desaprovação.

Outra diferença entre as interrogativas com inversão e as interrogativas com *é que* é o facto de as segundas poderem ser usadas como interrogativas eco, contrariamente às primeiras (cf. Amaral 2009):

- (173) a. O João comeu o bolo.  
b. O João comeu o quê?  
?O que comeu o João?  
O que é que o João comeu?

Em conclusão, parece haver diferenças mínimas entre as interrogativas com inversão sujeito-verbo e as interrogativas com *é que*, contrariamente àquilo que se afirma tradicionalmente. A primeira diferença é uma diferença de registo: as interrogativas com *é que* são mais coloquiais. A segunda diferença é a possibilidade de as interrogativas com *é que* poderem aparecer como interrogativa eco, contrariamente às interrogativas com inversão.

#### 4.4 Origem das diferenças de valor

Existe uma discussão importante<sup>40</sup> sobre a relação entre a sintaxe e noções discursivas como a oposição dado-novo, foco<sup>41</sup> etc. A pergunta mais importante é saber se os processos sintácticos são afectados pelo discurso, ou seja, se a sintaxe deveria codificar noções discursivas. As propostas que assumem que o discurso tem influência na sintaxe, traduzem esta relação em várias categorias funcionais na periferia esquerda<sup>42</sup> ou em traços que caracterizam um número mais restringido de categorias funcionais<sup>43</sup>. Outros autores assumem que o discurso não determina de forma alguma as operações sintácticas, sendo que os factores discursivos operam pós-sintacticamente, como uma espécie de filtro que exclui as alternativas pragmaticamente não adequadas do *output* sintáctico<sup>44</sup>.

Neste trabalho assumimos a segunda hipótese: as noções discursivas não influem na sintaxe. Veremos no capítulo 5 que não é necessário assumir uma periferia esquerda cartográfica para poder explicar o comportamento das clivadas de *é que*. Ainda, os valores associados às construções de clivagem dependem em grande parte do contexto em que estão inseridos e do estatuto informacional associado aos diferentes constituintes numa estrutura clivada, pelo que é difícil postular vários traços ou categorias funcionais distintos desencadeando cada um valor distinto. Por último, é mais económico projectar apenas as categorias necessárias para a derivação de uma frase.

Propomos que *é que* é uma palavra com valor subespecificado: está caracterizado pelos traços [ $\pm$ identificacional], [ $\pm$ exaustivo] e [ $\pm$ contrastivo], cujo valor é fixado pelos elementos no contexto linguístico. A fixação do valor depende do carácter dado ou novo do constituinte que o precede e da natureza deste constituinte: o valor é distinto quando é um expletivo, um constituinte-*qu* ou um DP (ou Operador ligado ao discurso, *supra*).

---

<sup>40</sup> Ver e.o. Kiss (1998), Costa (1998 e 2010), Duarte (1997)

<sup>41</sup> A noção de foco em causa é o foco contrastivo e identificacional.

<sup>42</sup> Ver e.o. Rizzi (1995), Ambar (1998).

<sup>43</sup> Ver e.o. Duarte (1997)

<sup>44</sup> Ver Costa (2010)



## 5. Análise das estruturas clivadas com *é que*

Da observação dos dados do PE não-standard, chegámos a algumas conclusões. Em primeiro lugar, determinámos que a sequência *é que* invariável é um elemento não-segmentável e não projecta uma categoria IP própria. A sequência *SER que* variável é constituída por SER e o complementador *que* e tem pelo menos o nó TP. Nas estruturas onde não se pode determinar se há ou não concordância temporal entre a forma de SER e outro verbo, não podemos saber se se trata de *é que* ou *SER que*.

Em segundo lugar, propomos que *é que* lexicaliza C, seguindo a proposta da maioria dos autores. A existência de *é que* em estruturas encaixadas e em posição inicial levou-nos a propor que o constituinte clivado pode ser nulo.

Por último, determinámos que a presença de *é que* provoca um valor de contraste: contrasta-se o constituinte clivado ou a situação a que se refere. Também determinámos que as estruturas com um pronome expletivo à esquerda de *é que* não são construções clivadas.

Ainda há algumas questões sem resposta:

- O que desencadeia o movimento dos constituintes clivados?
- Em que posição está o constituinte clivado? Está numa posição distinta se for movido ou gerado na base?
- Quais são as diferenças estruturais entre as estruturas interrogativas com *é que* e as estruturas clivadas de *é que*?

Nos próximos pontos, vamos tentar encontrar uma resposta a cada uma destas perguntas. Rejeitamos a análise das clivadas com *é que* segundo a qual uma oração pequena é seleccionada. Esta análise não explica por que razão o constituinte clivado sujeito concorda com o verbo. Outro problema é que, por razões de minimalidade, apenas o predicado da oração pequena pode subir, contrariamente àquilo que acontece nas clivadas de *é que* (cf. Soares 2006). Propomos portanto que estas clivadas são frases simples, nas quais C é lexicalizado por *é que*.

### 5.1 O que desencadeia o movimento dos constituintes clivados?

Visto que a operação *mover  $\alpha$*  ou *merge interno* dentro da Teoria Minimalista é uma operação menos económica que a operação *merge externo*, esta apenas acontece para “salvar a estrutura”, ou seja, *mover  $\alpha$*  é uma operação de último recurso. Isto implica que um

constituente apenas sofre movimento se realmente for preciso, isto é, se o movimento é necessário para verificar traços não interpretáveis. Estes traços têm de ser verificados antes de *spell-out*, se não a estrutura não é interpretável na Forma Lógica. Se os constituintes clivados sofrem movimento, tem de haver um traço não interpretável numa posição da periferia esquerda.

Existem várias explicações para o movimento do constituinte clivado. Nas análises de Ambar (1999), Kiss (1999), Duarte (2000) e Soares (2006), o movimento do constituinte deve-se à necessidade de verificar um traço que caracteriza um nó funcional. Segundo Ambar (1999), Kiss (1999) e Duarte (2000), o traço [Foco] da categoria funcional FocP desencadeia o movimento. Segundo Soares (2006), [uF<sub>EPP</sub>]<sup>45</sup> caracteriza C das clivadas.

Existem alguns argumentos contra a existência de [FocP] em PE. Uma tal categoria funcional foi postulada por Rizzi (1997) com base em cinco características do foco anteposto em italiano. Em primeiro lugar, um constituinte focalizado anteposto não pode ser retomado por um clítico. Em segundo lugar, há efeitos de cruzamento fraco. Depois, um tal constituinte é incompatível com um constituinte-*qu* e com outros elementos focalizados. Por último, é possível focalizar quantificadores nus. Duarte (1997, *apud* Soares 2006) demonstra que o foco anteposto se comporta de outra forma em PE. A sua observação mais importante é que não está sujeito a efeitos de cruzamento fraco. Costa (1998) invalida mais dois argumentos destacados a favor da existência de FocP, demonstrando que em PE não é possível aparecer um quantificador nu em posição de foco anteposto e que pode haver mais do que um elemento focalizado. Soares rejeita por estas razões uma análise em que o constituinte clivado sobe para [Spec, FocP]. A autora propõe que C das construções clivadas é caracterizado pelo traço [uF<sub>EPP</sub>], e que atrai um constituinte para o seu especificador<sup>46</sup> para verificar esse traço. Visto que se trata de um traço não-interpretável, a sua verificação tem de ocorrer antes do *spell-out*.

Adoptamos a análise segundo a qual o movimento é desencadeado pela necessidade de verificar o traço [uF<sub>EPP</sub>]. Visto que não parece haver necessidade de postular a existência de uma categoria funcional FocP, seguimos a proposta de Soares: [uF<sub>EPP</sub>] caracteriza o núcleo C que atrai um elemento lexical XP com o traço [iF] para o seu especificador para a verificação

---

<sup>45</sup> Traço de primeira posição, proposto por Platzack (2002) para explicar que alguns constituintes sobem na estrutura por razões discursivas.

<sup>46</sup> Ao contrário do que acontece com os tópicos, não podemos ter mais do que um constituinte clivado sem que o *é que* esteja foneticamente realizado: \*o João o bolo é que comeu. Isto mostra que o constituinte está em posição de Especificador e não em adjunção. Ainda, o traço [uF] é caracterizado pelo subtraço EPP. Assim, assegura-se que o constituinte clivado sobe para a posição de especificador : o traço tem de ser verificado dentro do seu domínio local.

do traço não-interpretável. O traço é um traço EPP que causa que a primeira posição tem de estar preenchida. A interpretação discursiva do XP que verifica o traço depende de diferentes factores, e será determinada (pós-sintacticamente) consoante o XP incorpora o foco informacional ou não.

Não adoptamos o traço [Foc], visto que o constituinte clivado não é sempre focalizado. O facto de o constituinte clivado poder ter diferentes valores deve-se a razões discursivas. Seguimos a proposta de que características semântico-pragmáticas não são determinadas pela sintaxe, mas resultam do conjunto das operações sintácticas, lexicais, semânticas e prosódicas, com Soares (2006) e Costa (1998, 2010) e.o.

## 5.2 Em que posição está o constituinte clivado? Está numa posição distinta se for movido ou gerado na base?

Visto que o constituinte clivado não pode ser recursivo, tem de estar na posição de especificador de uma categoria funcional. Determinámos com Soares que, nas clivadas com movimento, esta categoria funcional é C, visto que não há necessidade de postular uma categoria FocP em PE. A análise que propomos é a seguinte:

[<sub>XP</sub>[esses [<sub>X'</sub>X[uF<sub>EPP</sub>]] [<sub>CP</sub>[C'[[uF<sub>EPP</sub>]]é que [<sub>uT</sub>]] [<sub>IP</sub>esses [<sub>I'</sub> conhecem [<sub>VP</sub>[V' [~~conhecem~~ as estrelas todas]]]]]]]]]

Como já referido, adoptamos a análise que envolve a projecção de categorias proxy devido à Condição de Visibilidade de Platzack, segundo a qual uma categoria funcional não pode ter material lexical simultaneamente na sua posição de núcleo e de especificador. O facto de estipular características diferentes para a categoria CP pode ser criticado: porque é que CP tem características diferentes das outras categorias funcionais, por exemplo IP? Acrescenta-se que a Condição de Visibilidade foi baseada no Filtro do Comp Duplamente Preenchido que, sujeito a parametrização, não está activo em PE. No entanto, Costa (2000) propõe que todas as categorias funcionais e não apenas CP têm de ser lexicalizadas. Para além disto, a ideia de que C pode expandir em mais do que uma categoria por efeito da Condição de Visibilidade permite-nos explicar as estruturas nas quais um adjunto aparece entre o constituinte clivado e o *é que*:

- (174) Seitouras, então, é que fazíamos em grande escala, que aquilo era agora para esta altura da época. (LAR28)

Dentro do Programa Minimalista, existem duas correntes de análise dos adjuntos. A primeira análise (Chomsky 2001 e.o.) propõe que a adjunção é um tipo de *merge externo* no qual não se cria uma nova categoria:

$$[_{XP}[_{XP} \text{ adjunto}[_{X'}[X]]]]$$

Segundo a outra análise (Rizzi 1997 e.o.), os adjuntos estão na posição de Especificador da categoria TopP, da forma seguinte:

$$[_{\text{TopP}}[\text{adjunto}[_{\text{TOP}}[_{\text{Top}}[_{\text{CP}}[_{C'}[C]]]]]]]$$

Análises do tipo Categoria Proxy permitem explicar a adjunção entre o constituinte clivado e o *é que*, visto que se pode criar mais estrutura entre os dois, através da projecção de categorias proxy, resultando numa estrutura parecida com a estrutura de adjunção proposta por Chomsky (2001):

$$[_{XP}[\text{seitouras } [_{XP}[_{X'}X[uF_{EPP}]][_{CP} \text{ então}[_{CP}[_{C'}[[uF_{EPP}] \text{ é que } [uT]][_{IP} \text{ esses } [_{I'} \text{ fazíamos } [_{VP}[_{V'}[\text{fazíamos em grande escala}]]]]]]]]]]]]]$$

A derivação da estrutura clivada com *é que* acontece da forma seguinte: C das clivadas caracteriza-se pelos traços  $[uF_{EPP}]$  e  $[uT]$ . Ambos têm de ser verificados antes do *spell-out*. *É que* verifica o traço  $[uT]$  por *merge externo* e torna visível a categoria CP. Soares (2006) propõe que é este traço que estabelece uma relação entre C e IP. Não vamos discutir o estatuto deste traço, por limitações do presente trabalho, e adaptamo-lo com a autora, sendo que *é que* é inserido na estrutura por razões de verificação de um traço.  $[uF_{EPP}]$  tem de ser verificado e atrai um constituinte para o seu domínio local. Devido à Condição de Visibilidade, CP projecta uma categoria proxy, onde o constituinte clivado em posição de especificador verifica o traço não interpretável e torna visível esta categoria.

As estruturas clivadas que não envolvem movimento, mas a operação *merge externo*, têm a estrutura seguinte:

$$[_{XP}[\text{ Isso}[_{X'}X[uF_{EPP}]][_{CP}[_{C'} [[uF_{EPP}] \text{ é que } [uT]][_{IP} \text{ eles } [_{I'} \text{ gostavam}[_{VP} \text{ eles } [_{V'} \text{ gostavam que lhe eu fizesse a caldeirada}]]]]]]]]]]] \text{ (GRJ48)}$$

A diferença com as estruturas com movimento é que o traço  $[uF_{EPP}]$  é verificado por um constituinte com o traço  $[iF]$  por *merge externo*, uma operação mais económica que *move  $\alpha$* . A sua posição final, tal como nas estruturas com movimento, é o especificador de uma categoria proxy, a cópia de CP.

Como vemos, esta análise permite-nos explicar todas as estruturas encontradas no PE não standard. Não é preciso postular mais do que duas categorias funcionais, CP e IP. Um número reduzido de traços que caracteriza CP permite-nos explicar o movimento do constituinte clivado. A projecção de categorias proxy permite-nos adaptar qualquer análise de adjunção. No próximo capítulo veremos se esta análise se adequa às estruturas com clivado nulo.

### 5.3 Quais são as diferenças estruturais entre as estruturas interrogativas com *é que* e as estruturas clivadas de *é que*?

Até agora adoptámos para as interrogativas com *é que* a análise proposta por Soares (2006):

[<sub>XP</sub>[o que [<sub>X'</sub>X[uWh<sub>EPP</sub>][<sub>CP</sub>[C'[[uWh<sub>EPP</sub>][uT] *é que* [<sub>TP</sub> T<sub>i</sub> a Maria leu]]]]]]]]

Na derivação das interrogativas também se projecta uma categoria proxy, devido à Condição de Visibilidade de Platzack. No entanto, há uma diferença importante entre as estruturas clivadas e as estruturas interrogativas: nas interrogativas não pode geralmente aparecer nenhum adjunto entre o constituinte-*qu* e o *é que*:

(175) \*O que, ontem, *é que* a Maria leu?

Nas interrogativas que contenham um N junto ao constituinte-*qu*, a adjunção entre este e o *é que* já é gramatical:

(176) Que livro, diz-me tu, *é que* a Maria leu?

Aceitámos a Condição de Visibilidade para as clivadas porque nos permitia explicar a ocorrência de adjuntos entre o constituinte clivado e o *é que*. Ora, se se projectar uma categoria proxy também nas interrogativas, prevê-se erroneamente a gramaticalidade da ocorrência de adjuntos entre o constituinte-*qu bare* e o *é que*<sup>47</sup>. A análise das interrogativas proposta por Ambar (1988) proporciona uma possível explicação para a agramaticalidade de

<sup>47</sup> Segundo Amaral (2009), é possível ocorrer um elemento entre o constituinte-*qu* e o verbo nas interrogativas 'não-puras', ou seja, nas interrogativas que têm uma função diferente da de pedir informações novas:

Quem inteligentemente deixou a luz acesa sem ninguém no quarto?

O que estupidamente está ele para ali a dizer?

Quem, no seu perfeito juízo, vai para a praia quando chove?

O que frequentemente tem a Maria comprado? (Amaral 2009, p. 42)

No entanto, não refere que seja possível nas interrogativas não-puras com *é que*. Acrescentamos que a intercalação de um adjunto é possível nas interrogativas com constituintes-*qu* não nus:

De que maneira, julgas tu, *é que* deveríamos fazê-lo?

interrogativas como (175). Segundo a autora existe uma categoria vazia [e] não propriamente regida nas interrogativas com um pronome interrogativo *bare* que precisa de legitimação. Nas interrogativas não-*bare*, esta categoria vazia não existe, visto que o seu sítio está ocupado pelo substantivo junto ao constituinte-*qu*. A legitimação da categoria vazia é permitida pela subida do verbo principal ou do verbo SER da sequência *SER que*<sup>48</sup>. Ambar propõe a existência desta categoria vazia para poder explicar a inversão sujeito-verbo obrigatória no caso em que não há *SER que* na estrutura. No caso em que o constituinte-*qu* que é acompanhado de um substantivo, não existe esta categoria vazia, e também não há inversão sujeito verbo.

Adoptamos a ideia de que existe uma diferença de legitimação entre interrogativos *bare* e interrogativos complexos na nossa análise, visto que também permite explicar porque razão não pode ocorrer nada entre o constituinte-*qu* e o *é que*. Os interrogativos *bare* nexigem uma relação de *Agree* mais forte que os interrogativos complexos. A relação *Agree* pode estabelecer-se entre um Núcleo e o seu Especificador, entre um Núcleo adjunto a outro núcleo, por uma posição adjunta a uma projecção máxima ou ao Especificador de um Núcleo. A relação de *Agree* em causa para os interrogativas é a relação entre o Especificador e o Núcleo. *É que* no núcleo de CP estabelece uma relação *Agree* com o interrogativo *bare* na posição de especificador da categoria proxy projectada por CP. Ora, se houver um adjunto entre o constituinte-*qu* e o *é que*, este parece bloquear a relação de *Agree* entre os dois.

A análise que propomos para as interrogativas com *é que* é a seguinte:

[<sub>XP</sub>[o que [<sub>X'</sub>X[uWh<sub>EPP</sub>]] [<sub>CP</sub>[C'[[uWh<sub>EPP</sub>]] [uT]] *é que* [<sub>TP</sub> T<sub>i</sub> a Maria leu]]]]]]

C das interrogativas tem um traço [uWh<sub>EPP</sub>] e um traço [uT] que precisam de ser verificados. O traço [uT] é verificado por *merge externo* de *é que*, que torna visível a categoria CP. Para a sua verificação, [uWh<sub>EPP</sub>] atrai o constituinte-*qu* para a posição de especificador. Devido à Condição de Visibilidade, uma categoria proxy é projectada. Ainda, *é que* está numa relação de *Agree* com o pronome interrogativo *bare*, permitindo assim a sua interpretação na Forma Lógica. Se houvesse algum elemento intercalado, a relação de *Agree* estaria bloqueada, e a derivação não converge.

<sup>48</sup> Segundo Ambar (1988), o verbo SER da sequência *é que* invariável é um verbo pleno, projectando a sua própria categoria IP.

Concluimos que não é necessário admitir estruturas diferentes para as estruturas interrogativas e para as estruturas clivadas com *é que* para além dos traços que caracterizam C. Nas interrogativas, C tem um traço [uWh<sub>EPP</sub>], nas clivadas tem um traço [uF<sub>EPP</sub>].

## 6. Clivados nulos

Classificámos como estruturas com clivados nulos as estruturas com *é que* inicial:

- (177) Arrancava-se a seara e depois fazia-se aquele atilho ao pé da espiga e é que a gente arramava aquela seara. (TRC70)
- (178) INF Porque (...) o atabefe era feito dos sobejos de gordura (...) que calhavam a ir no almece.  
*INQ1 Pois.*  
INF É que era que coalhava. É que é que (...) fazia aqueles tremoços, aqueles caroçozinhos (...) de coalhada. Porque o que era simples, não coalhava nunca. (CBV56)
- (179) Ah, (...) uma cavaca se diz a uma lenha que esteja grossa, que seja desdobrada, é que a gente lhe põe o nome de cavaca. (SRP29)

Determinámos que, nas frases com *é que* inicial, o elemento nulo tem um valor temporal ou referencial. A seguir propomos uma análise das estruturas com clivado nulo, baseando-nos no seu valor semântico ou pragmático.

Em primeiro lugar, apesar o constituinte clivado não estar foneticamente realizado, a estrutura tem um valor de identificação, exaustividade e contraste:

- (180) *INQ1 Faz de conta que é a roda de fora, esta. Rhum-rhum.*  
INF1 A roda de fora que está fora (...) do lagar;  
*INQ1 Sim.*  
INF1 e tinha aqui (...)  
*INQ1 Uma outra roda.*  
INF1 uma outra roda mais pequena, que chamávamos o rodete, com tornozinhos; e tinha então uma outra (...) roda assim redonda, por cima, com tornos assim para baixo...  
*INQ1 Ao alto?*  
INF1 Ao alto; e (...) aquela outra roda que estava aqui encaixava assim (...) naqueles tornos assim, e saíam, iam saindo, e aquilo sempre a andar assim, e é que topava a galga aqui dentro do pio e é que esmagava a azeitona. (PVC09)

O clivado nulo tem um valor referencial, retoma de forma não lexicalizada *aquilo*. Visto que conseguimos recuperar o referente do clivado nulo, tem um valor identificacional. Para além disto, tem um valor de contraste: opõe-se às outras rodas. Também tem valor de exaustividade: *aquilo* refere-se a *aquela outra roda que estava aqui* em conjunto com *aqueles tornos*. É apenas o conjunto que *topava a galga* e *esmagava a azeitona*.



Contudo, não é comum um constituinte nulo estar associado a estes valores:

- (181) \*Foi  $\emptyset$  que comeu o bolo, e não o Pedro.

Assim, não encontramos nenhum exemplo de estruturas clivadas com *X SER que* com um constituinte clivado nulo.

Em segundo lugar, os tópicos podem ser nulos (Ambar 1999, Raposo 1986<sup>49</sup>). Se o elemento nulo nestas construções for um tópico, podemos analisar *é que* como introduzindo o comentário, tal como nas clivadas de constituintes antepostos. Efectivamente, o *é que* parece introduzir informação nova, é um meio de acrescentar uma característica a um elemento já introduzido no discurso. Ilustramos:

- (182) Eles, quando semeiam as melancias no verão, é que metem nos cabos (...) das mantas, que tiram para as melancias, é que põem uma aqui, outra acolá. (PST19)

O tópico é *eles* durante todo o enunciado, e o informante descreve passo a passo como eles semeiam as melancias, i.e., vai acrescentando informações novas sobre o tópico. Nas clivadas com *é que* inicial cujo constituinte clivado nulo tem um valor temporal, o constituinte clivado não funciona realmente como um tópico que corresponde a um elemento do contexto discursivo. As frases com clivado nulo temporal são sequências narrativas em que a sucessão temporal está explícita. O ‘tópico’ é nestas estruturas recuperável da situação:

- (183) O informante está a explicar como a morcela é feita:

E a morcela, a gente vem para dentro, vão amarrando as morcelinhas à maneira que querem, assim em ponto pequeno, e é que são cozidas. A gente depois de encher aquelas morcelas, a gente deita (...) um tacho ao lume, ou um caldeirão com água, sal e malagueta para a pele não ficar deslavada. (PIC29)

Nesta excerto, o informante descreve passo a passo como as morcelas são confeccionadas, numa sequência narrativa. O constituinte clivado nulo tem o valor de *então* ou *naquele momento*, recuperável pela sequência temporal na narração. Nas frases com constituinte clivado nulo com valor temporal, encontramos os mesmos valores: identificação, exaustividade e contraste.

O mesmo acontece nas estruturas com *é que* encaixado:

---

<sup>49</sup> Na análise de Raposo (1989), os objectos nulos do PE são verificados por um Operador nulo de tipo tópico.

- (184) Até (...) as minhas irmãs ficaram aborrecidas por via que lembraram-se que eles que é que convenceram mais os pais para eles lhe darem aquilo quase tudo. (MLD46)

Nesta frase, *eles* funciona como tópico, i.e. informação conhecida, e *é que* introduz o comentário, i.e. “aquilo que se afirma acerca do tópico”. Ainda, podemos analisar da mesma forma as estruturas de “espelho”, que também classificámos como estruturas com clivado nulo:

- (185) E ficavam para lá por sua conta e ela só vinha quando tinha os pintos tirados, é que vinha com as suas ninhadas de pintos. (CDR21)

O elemento nulo que precede *é que* imediatamente funciona como uma espécie de tópico, sendo o referente do tópico nestas estruturas um intervalo temporal e não um elemento concreto e individuado. O *é que* permite acrescentar uma característica ou descrever mais um detalhe da situação. Estas estruturas seriam portanto parecidas com as estruturas com *é que* inicial, e contêm um elemento nulo que funciona como constituinte clivado.

Como o constituinte clivado nulo retoma um constituinte anterior, corresponde a informação conhecida, mas é marcado como exaustivo e contrastivo. Ainda, como *é que* funciona como um introdutor de comentário, propomos analisar as frases com clivado nulo da mesma forma que as frases com constituinte clivado gerado na base<sup>50</sup>. O elemento nulo será portanto inserido na estrutura por *merge externo* e funciona como um tópico nulo.

Ora, a análise que propomos para estas frases tem muitos paralelismos com a análise proposta por Ambar (1999) para as orações explicativas. Segundo a autora, um Operador nulo que funciona como *discourse linker* está no especificador do núcleo onde se encontra *é que*. O Operador é interpretado como tópico e *é que* introduz a oração com foco apresentacional. Como vemos, o mesmo acontece nas estruturas que analisámos. O elemento nulo que funciona como tópico está ligado ao discurso, sendo que tem uma relação com o tópico do enunciado, já identificado no contexto discursivo, ou com a situação discursiva. Adoptamos a análise do elemento nulo como Operador ligado ao discurso.

O *é que* que encabeça as frases com clivado nulo é distinto de alguns outros tipos de *é que* que discutimos até agora: não se trata do *é que* intensificador que encontramos nas exclamativas com expletivo, nem do *é que* simples lexicalizador de C das orações

---

<sup>50</sup> São as estruturas com HT, HTLD e CLLD.

interrogativas, relativas e adverbiais. O *é que* inicial é o mesmo que encontramos nas clivadas de *é que*: é um marcador de exaustividade e de contraste.

Sintacticamente, as estruturas com clivado nulo podem causar problemas para a análise que propomos para as estruturas clivadas de *é que*: o Operador nulo não pode tornar visível a projecção proxy XP, violando assim a Condição de Visibilidade que exige que cada projecção de CP tenha de ser visível na Forma Fonética. No entanto, nas estruturas com Op não há razão para o fissionamento de CP e para a consequente projecção de uma categoria proxy. O fissionamento deve-se à presença simultânea de material fonético na posição de especificador e de núcleo de CP, mas como um Op nulo não tem realização fonética, CP não tem de fissionar. *É que* verifica o traço [uT] e torna visível a categoria CP. Graças à sua relação com o discurso anterior, o Operador nulo é capaz de verificar o traço [uF<sub>EPP</sub>] na posição de especificador de CP. Não há fissionamento, visto que não há material fonético na posição de especificador de CP. Teríamos então a seguinte estrutura:

Arrancava-se a seara e depois fazia-se aquele atilho ao pé da espiga e [CP Op [C' [uF<sub>EPP</sub>]  
é que [uT] [<sub>IP</sub> a gente arramava aquela seara]]] (TRC70)

Em conclusão, nas estruturas com clivado nulo, um Operador nulo liga a oração introduzida por *é que* ao discurso. O Operador é inserido na estrutura por *merge externo*. Ainda, graças a sua relação com o discurso, é capaz de verificar o traço [uF<sub>EPP</sub>]. O *é que* é um marcador de contraste.

Para concluir este capítulo, queremos enfatizar alguns paralelismos entre as estruturas de clivagem com *é que* e as estruturas de topicalização. Não é apenas nas estruturas com clivado nulo que o constituinte clivado funciona como uma espécie de tópico. Vimos no capítulo 4 que as clivadas de *é que* não podem introduzir apenas informação nova, isto é, não podem ter apenas foco informacional. O mesmo acontece com os tópicos: os elementos antepostos são informação dada e servem como pano de fundo para a asserção no comentário. Para além disto, os tópicos podem ser contrastivos ou não, trata-se de uma característica independente. A presença de *é que* nas estruturas de clivagem marca este valor de contraste. Por último, vimos que existem estruturas do tipo *X é que X é que*, parecidas com as estruturas de recomplementação. Foi proposto para as estruturas de recomplementação que o constituinte que se encontra entre os dois complementadores é um tópico. O mesmo acontece nas estruturas com duas ocorrências de *é que*, com a diferença de que o constituinte clivado é marcado como contrastado. A possibilidade de haver mais do que um constituinte focalizado

numa só oração é também descrita por Kiss (2007) e.o.<sup>51</sup>. Este facto é confirmado ainda por outros dados do corpus, nomeadamente pela existência de frases em que existem simultaneamente uma clivada de *é que* e uma clivada de *SER*:

(186) Isso é que anda é mais depressa e mais perfeito, não é? (AAL14)

(187) Agora (...) aquele que se come é que deve ser é o ‘cuco’. (ALC45)

Podemos então concluir que o clivado seguido de *é que* invariável tem algumas características de tópico. *É que* marca, nestas estruturas com tópico, o valor de contraste e de exaustividade.

---

<sup>51</sup> Foco contrastivo na terminologia de Kiss (1998).

## 7. Clivadas de *SER X é que*

As clivadas de *SER X é que* são clivadas com características das clivadas de *é que* e das clivadas canónicas. Este tipo de estruturas ocorre em todo o território português, e é corrente na linguagem popular, segundo Casteleiro (1979).

A nível sintáctico, esta estrutura respeita os padrões de concordância de ambos os tipos de clivagem. A primeira ocorrência de *SER* concorda em tempo com outra forma verbal, e a segunda ocorrência, junto a *que*, é invariável:

- (188) Era todo o bichinho é que lá corria a picar no ovo. (CBV61)

Propomos analisar estas frases da mesma forma que as clivadas canónicas, com a diferença que *C* é lexicalizado por *é que*, tal como nas clivadas de *é que* (cfr. Costa & Lobo 2009):

[<sub>IP</sub> era [<sub>VP</sub> [<sub>V</sub> era] [<sub>CP</sub> todo o bichinho [<sub>C</sub> é que] [<sub>IP</sub> ~~todo o bichinho~~ lá corria a picar no ovo]]]]]

Contudo, há uma frase que causa problemas se adoptamos esta análise:

- (189) A ripar e depois ficava aquele (...) linho a luzir, (...) que aquilo era depois era que fazia estrigas. (PCV20)

Postulámos que nas clivadas de *SER X é que* a sequência *é que* não é segmentável e funciona mais ou menos como um complementador. Também propusemos que a segunda ocorrência de *SER* não corresponde a um verbo pleno, não podendo concordar em pessoa, número ou tempo. No exemplo (189), estes factos não se confirmam. No entanto, trata-se de uma única ocorrência em todo o corpus, podendo tratar-se de um lapso.

A nível semantico-pragmático o funcionamento das clivadas de *SER X é que* aparenta-se a clivadas canónicas e a clivadas de *é que*. Determinámos que o constituinte clivado nas clivadas canónicas tem valor de exaustividade e de identificação, geralmente não contrastivo. Em alguns casos, o constituinte clivado pode receber foco informacional, e até a estrutura toda pode corresponder ao foco informacional. São exactamente estes valores que encontramos nas clivadas de *SER X é que* no corpus. Acrescenta-se que o constituinte clivado parece ser sempre contrastado, tal como nas clivadas de *é que*. Algumas das frases têm claramente valor contrastivo:

- (190) INF Mas a vespa é brava. Morde. Ela morde a gente aí!... Mas também faz igual à abelha,  
INQ2 Pois.  
INF dentro (...) dum barro, dum tijolo duma coisa qualquer.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF Mas é a abelha é que é mesmo para fazer o mel próprio, dentro dos cortiços. (ALC33)

A frase seguinte mostra que o constituinte clivado tem valor de exaustividade:

(191) *INQ2 Ficam as duas larguras...*

INF1 As duas. As duas larguras, mas com essas risquinhas,

*INQ2 A bater certo.*

INF1 portanto, a bater certo: tanto igual de um lado, como igual do outro. Já se sabe, a gente fazem vários feitios. Não é só desse... É os retalhos também é que mandam. (MIG46)

O próximo excerto mostra que as clivadas de *SER X é que* podem introduzir informação nova, i.e. o constituinte clivado pode ter foco informacional:

(192) Ele contava muitas vezes que estava lavrando no Rancho. O patrão, aquilo era também (discurso tirado). Ele o homem (...) maluco, (...) no meu entender, sábado à noite arruma o arado e (...) foi passear para onde chamam-lhe o Tanque. Segunda-feira de manhã, pega no arado e começa a lavar. Eu não sei se lavrava uma hora, se era hora e meia, se eram duas horas, o arado teve uma avaria. O patrão lá, de pé, revistando os lavradores a ver eles o que é que faziam. "Já vens, não me agarras! A mim não me apanhas"! A avaria era pequena... Ele compôs a avaria que tinha, ele vinha chegando e: "Eh"! Pôs-se a andar.

INF1 Eram burros é que lavravam naquele tempo aí. Era com burros. (CRV46)

Isto confirma-se pelos dados do PES, destacados por Casteleiro (1979) ), que mostram que uma clivada de *SER x é que* pode ocorrer como resposta a uma interrogativa-*qu*:

(193) A. Quem é que contestou o ministro?

B. Foi o sindicato é que contestou o ministro.

Não encontramos nenhum contexto em que a estrutura clivada toda tenha foco informacional.

Em conclusão, parece que as clivadas de *SER X é que* se aproximam sintacticamente das clivadas canónicas, com a diferença que C é lexicalizado por *é que*. A nível semântico-pragmático, as duas estruturas parecem funcionar da mesma forma, com a diferença que as clivadas de *SER X é que* são sempre contrastivos. O tipo de *é que* que encontramos nesta estrutura é o mesmo que nas clivadas de *é que*: marca exaustividade e contraste.

## 8. Conclusão

Com base nos dados do PE não-standard, tentámos neste trabalho perceber qual a natureza da sequência *é que* em diferentes estruturas. Para tal, comparámos as diferentes estruturas sintácticas em que esta sequência ocorre, observámos os padrões de concordância temporal, a recursividade, os efeitos de conectividade, e o valor semântico-pragmático das estruturas clivadas com *é que* e com *SER que*.

Em primeiro lugar, concluímos que *é que* se distingue de *SER que* em todas as estruturas em que as sequências ocorrem. O primeiro é um elemento não segmentável e invariável que lexicaliza a cabeça da categoria CP, sendo uma categoria recursiva em PE, o segundo é constituído pelo verbo SER, variável em tempo, e o complementador *que*. As estruturas clivadas com concordância verbal do verbo SER provavelmente têm um valor diferente das que não têm concordância, mas com base no corpus não pudemos chegar a conclusões seguras.

Depois propusemos que o constituinte clivado pode sofrer movimento ou ser inserido na estrutura por *merge externo*. O primeiro ocorre para os argumentos do verbo principal, o segundo para os elementos periféricos. A presença de *é que* invariável marca um valor de contraste nas estruturas de clivagem. A falta deste valor nas estruturas com um expletivo à esquerda de *é que* levou-nos a excluir estas construções da classe de construções clivadas. O *é que* nas exclamativas com expletivo será assim um intensificador expressivo.

Explicamos o movimento pela presença em C de um traço de primeira posição [ $uF_{EPP}$ ], seguindo a proposta de Soares (2006). O traço atrai um constituinte para ser verificado e salvar assim a derivação. O traço pode ser verificado por um constituinte que se move para a posição de especificador de uma categoria proxy de CP, ou por um constituinte que é inserido imediatamente nesta mesma posição. Ainda, o constituinte verificador de traço pode ser um Operador nulo ligado ao discurso. Neste caso, não é projectada uma categoria proxy, visto que a Condição de Visibilidade não é violada. As estruturas interrogativas são derivadas da mesma forma, com a diferença que C é caracterizado pelo traço [ $uWh_{EPP}$ ]. A impossibilidade de ocorrer qualquer elemento entre o constituinte-*qu* e *é que* deve-se à natureza *bare* do pronome interrogativo que precisa de uma relação de *Agree* mais forte do que um interrogativo com N realizado (cf. Ambar 1988). Um elemento intercalado bloqueia esta legitimação.

O *é que* que aparece nas estruturas de clivado nulo é um marcador de exaustividade e de contraste, tal como nas clivadas de *é que*, sendo que o Operador nulo funciona como tópico. Discutimos outros paralelismos com estruturas de topicalização e concluímos que as estruturas com *é que* invariável são parecidas com as estruturas com topicalização, sendo que *é que* marca um valor específico: contraste e exaustividade. Nas estruturas com *SER X é que*, encontramos o mesmo tipo de *é que*.

Em conclusão: existem três valores possíveis associados ao *é que* invariável: i) mero lexicalizador de C, nas interrogativas, relativas e adverbiais (em particular aquelas em que é possível analisar o subordinador como um morfema-qu); ii) intensificador de valor expressivo, nas estruturas exclamativas com expletivo; iii) marcador de contraste e de exaustividade, nas clivadas de *é que* e de *SER X é que*.

Dado que o elemento que precede *é que* é distinto em cada uma das três situações – respectivamente, constituinte-wh, pronome expletivo e XP – podemos pensar que as propriedades das estruturas com *é que* são, de alguma forma, determinadas pela categoria que preenche a posição de especificador.



## 9. Bibliografia

### Fontes:

[http://www.clul.ul.pt/english/sectores/variacao/cordialsin/projecto\\_cordialsin.php](http://www.clul.ul.pt/english/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin.php)

### Bibliografia:

Amaral, Diana Filipe Travado (2009): *Algumas construções-wh em português europeu. Periferia esquerda e fases*. Dissertação de mestrado em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Ambar, Manuela (2005): “Clefts and tense asymmetries” In Di Sciullo, Anna Maria (Ed.): *UG and External Systems. Language, brain and computation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company; 95- 127.

Ambar, Manuela (1988): *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*. Dissertação de doutoramento. Universidade de Lisboa (publicada em 1992. Lisboa: Colibri.)

Brito, Ana Maria & Inês Duarte (2003): “Orações relativas e construções aparentadas.” In Mateus et alii . *Gramática da língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho; 653-694.

Brito, Ana Maria, Duarte, Inês & Gabriela Matos (2003): “Estrutura da frase simples e tipos de frases.” In Mateus et alii . *Gramática da língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.; 431-506.

Carrilho, Ernestina (2009): “Sobre o expletivo ele em português europeu.” In *Estudos de Lingüística Galega* nº1; 1-21.

Casteleiro, João Malaca (1979): “Sintaxe e Semântica das construções enfáticas com *é que*.” In *Boletim de Filologia*, XXV.

Chomsky, Noam (1986): *Barriers*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press

Chomsky, Noam (1995): *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.

Chomsky, Noam (2001): *Beyond Explanatory Adequacy*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.

Costa, João (2004): *Subject positions and interfaces: The Case of European Portuguese*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

Costa, João & Lobo, Maria (2009): “Estruturas clivadas: Evidência dos dados do Português Europeu não standard.” In Dermeval da Hora (org.): *Anais - VI Congresso Internacional da Abralín VOLUME 2*.

Demonte, Violeta (1991): *Teoría Sintáctica: De Las Estructuras a La Rección*. Madrid: Síntesis.

Duarte, Inês (1997): “Ordem de Palavras: Sintaxe e Estrutura Discursiva”. In Brito, Ana Maria, Fátima Oliveira, Isabel Pires de Lima & Rosa Maria Martelo (orgs.): *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Oscar Lopes*. Porto: Campo das Letras; 581-592.

Duarte, Inês (1987): *A construção de topicalização na gramática do português : regência, ligação e condições sobre movimento*. Tese de doutoramento em Linguística Portuguesa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

Duarte, Inês & João Costa (2001): “Minimizando a Estrutura: uma Análise Unificada das Construções de Clivagem em Português” In *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL/Colibri; 627-638.

Duarte Inês & João Costa (2005): *Cleft Strategies in Portuguese: a Unified Approach*. Ms.

Duarte, Inês (2000): *Português Europeu e Português Brasileiro: 500 anos depois, a Sintaxe*. Hand-out do Congresso Internacional 500 Anos de Língua Portuguesa no Brasil, Maio de 2000.

Haegeman, Liliane (1991): *Introduction to Government and Binding Theory*. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell

Haegeman, Liliane (2003): “Speculations on adverbial fronting and the left periphery” In Jacqueline Guéron and Liliane Tasmowski (eds): *Temps et Point de Vue*. Nanterre: Univ. Paris X. ; 329-365.

Haegeman, Liliane (2010): *The internal syntax of adverbial clauses*. *Lingua* 120; 628-648. (doi:[10.1016/j.lingua.2008.07.007](https://doi.org/10.1016/j.lingua.2008.07.007))

Heycock, Caroline & Anthony Kroch (1998): “Inversion and Equation in Copular Sentences.” In *Papers in Linguistics 10*, Berlin: Zentrum für Allgemeine Sprachwissenschaft, Sprachtypologie und Universalienforschung; 71-87.

- Heycock, Caroline & Anthony Kroch (2002): "Topic, Focus and Syntactic Representations." In Mikkelsen L. & C. Pots: *WCCFL 21 Proceedings*. Somerville, MA: Cascadilla Press; 101-125.
- Horvath, Julia (2009): "'Discourse features', syntactic displacement and the status of contrast." In *Lingua*, doi:[10.1016/j.lingua.2008.07.011](https://doi.org/10.1016/j.lingua.2008.07.011)
- Kiss, Katalin É. (1998): "Identificational Focus versus Information Focus" In *Language*, Vol. 74, No. 2; 245-273. (Consulta online: <http://www.jstor.org/stable/417867>)
- Kiss, Katalin É. (1999): "The English cleft construction as a focus phrase" In L. Mereu (ed.): *Boundaries of Morphology and Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company; 217-229.
- Kiss, Katalin É. (2007): "Topic and Focus: Two Structural Positions Associated with Logical Functions in the Left Periphery of the Hungarian Sentence", In Féry, C., G. Fanselow, & M. Krifka (eds.) *Interdisciplinary Studies on Information Structure* 6; 69–81.
- Lasnik, Howard & Juan Uriagereka (1988): *A Course in GB Syntax*. Cambridge MA/ London: MIT Press.
- Lobo, Maria (2003): *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.
- Lobo, Maria (2006): "Assimetrias em construções de clivagem do português : movimento vs. geração na base." In Fátima Oliveira & Joaquim Barbosa, orgs. *XXI Encontro Nacional da APL. Textos Seleccionados*. Lisboa: APL/Colibri; 457-473.
- Modesto, Marcello (1995): *As construções clivadas no PB: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- Móia, Telmo (2000): "Aspectos sintático-semânticos das orações relativas com *como* e *quando*." In Correia, Clara Nunes & Anabela Gonçalves (Orgs.): *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL; 349-??
- Molnár, Valéria (2006): "On different kinds of contrast." In Molnár, Valéria & Susanne Winkler (Eds.): *The architecture of Focus*. Berlin: Mouton de Gruyter; 197-234.
- Raposo, Eduardo Paiva (1986): "On the Null Object Construction in European Portuguese." In Jaeggli & Silva-Corvalán (orgs.): *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris; 373-390.

Raposo, Eduardo Paiva (1992): *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho.

Repp, Sophie (2009): “Defining ‘contrast’ as an information-structural notion in grammar” In *Lingua*. doi:[10.1016/j.lingua.2009.04.006](https://doi.org/10.1016/j.lingua.2009.04.006)

Rizzi, Luigi (1997): “The Fine Structure of the Left Periphery”, In L. Haegeman (ed.): *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer.

Santos, Ana Lúcia (2006): *Minimal Answers Ellipsis, Syntax and Discourse in the Acquisition of European Portuguese*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Soares, Carla (2006): *La syntaxe de la périphérie gauche en portugais européen et son acquisition*. Diss. de Doutoramento. Univ. Paris 8.

Webelhuth, Gert, ed. (1995) : *Government and Binding Theory and the Minimalist Program*. Oxford & Cambridge, MA: Basil Blackwell.

Zubizarreta, Maria Luisa (1999): “Las funciones informativas: tema y foco” In Bosque, Ignacio; Demonte, Violeta (eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid: Espasa Calpe, Vol. 3; 4215-4235.

## 10. Anexos

### 10.1 Lista de localidades

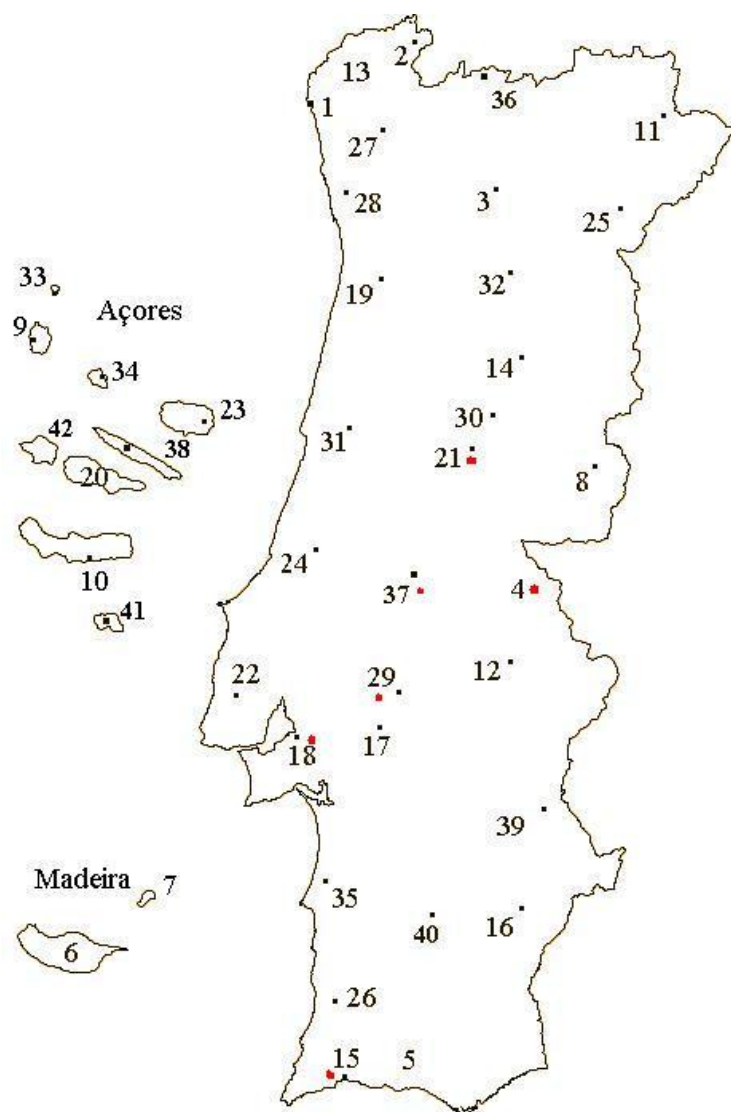
1	VPA	Vila Praia da Âncora
2	CTL	Castro Laboreira
3	PFT	Perafita
4	AAL	Alto Alentejo: Castelo de Vide, Porto de Espada, São Salvador de Amarenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa
5	PAL	Porches, Alte
6	CLC	Câmara de Lobos, Caniçal
7	PST	Camacho, Tanque
8	MST	Monsanto
9	FLF	Fajãzinha
10	MIG	São Miguel: Ponta Garça
11	OUT	Outeiro
12	CBV	Cabeço de Vide
13	MIN	Minho: Arcos de Valdevez, Bade, São Lorenzo da Montaria
14	FIG	Figueiró da Serra
15	ALV	Alvor
16	SRP	Serpa
17	LVR	Lavre
18	ALC	Alcochete

19	COV	Covo
20	PIC	Pico: Bandeiras, Cais do Pico
21	PVC	Porto de Vacas
22	EXB	Enxara do Bispo
23	TRC	Ilha Terceira: Fontinhas
24	MTM	Moita do Martinho
25	LAR	Larinho
26	LUZ	Luzianes
27	FIS	Fiscal
28	GIA	Gião
29	STJ	Santa Justa
30	UNS	Unhais da Serra
31	VPC	Vila Pouca do Campo
32	GRJ	Granjal
33	CRV	Corvo
34	GRC	Graciosa
35	MLD	Melides
36	STA	Santo André
37	MTV	Montalvo
38	CLH	Calheta
39	CPT	Carrapatelo

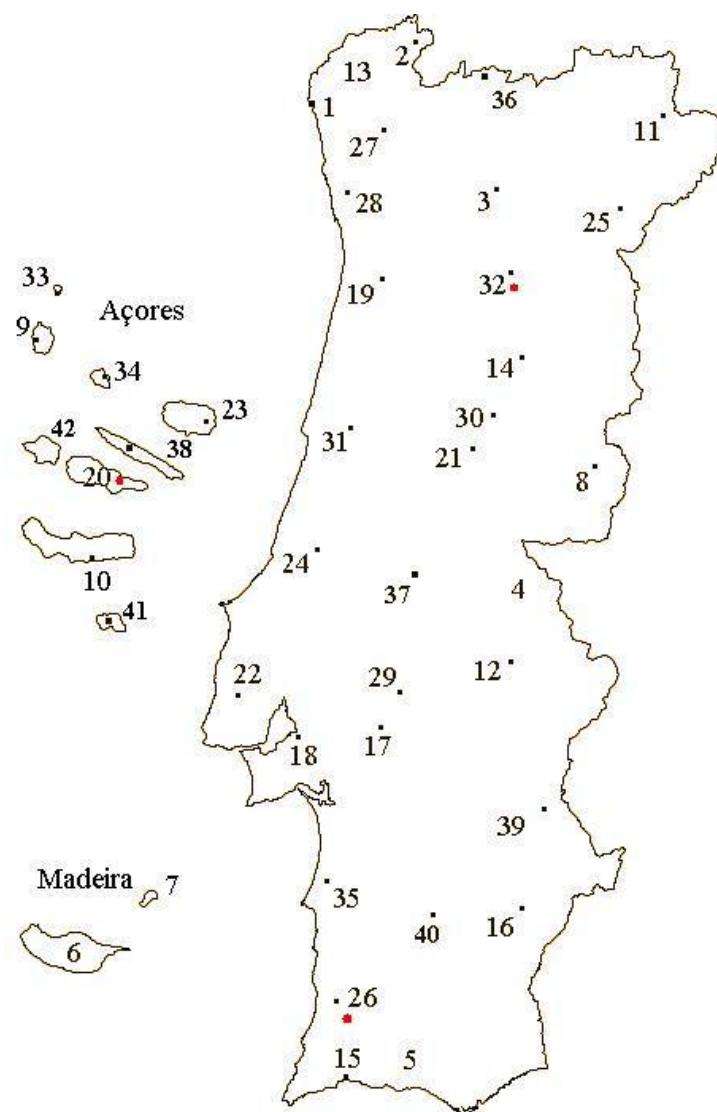
40	ALJ	Aljustrel
41	STE	Santo Espírito
42	CDR	Cedros

## 10.2 Mapas

### 10.2.1 Interrogativas com *é que é que*

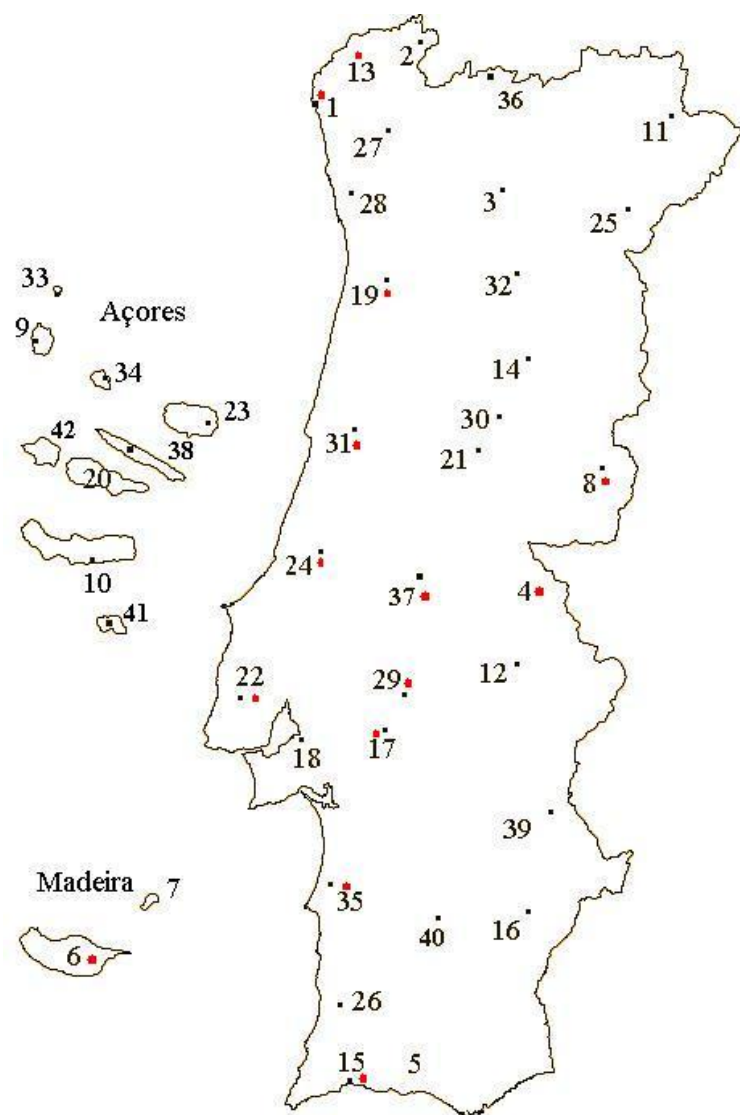


### 10.2.2 Explicativas com concordância temporal

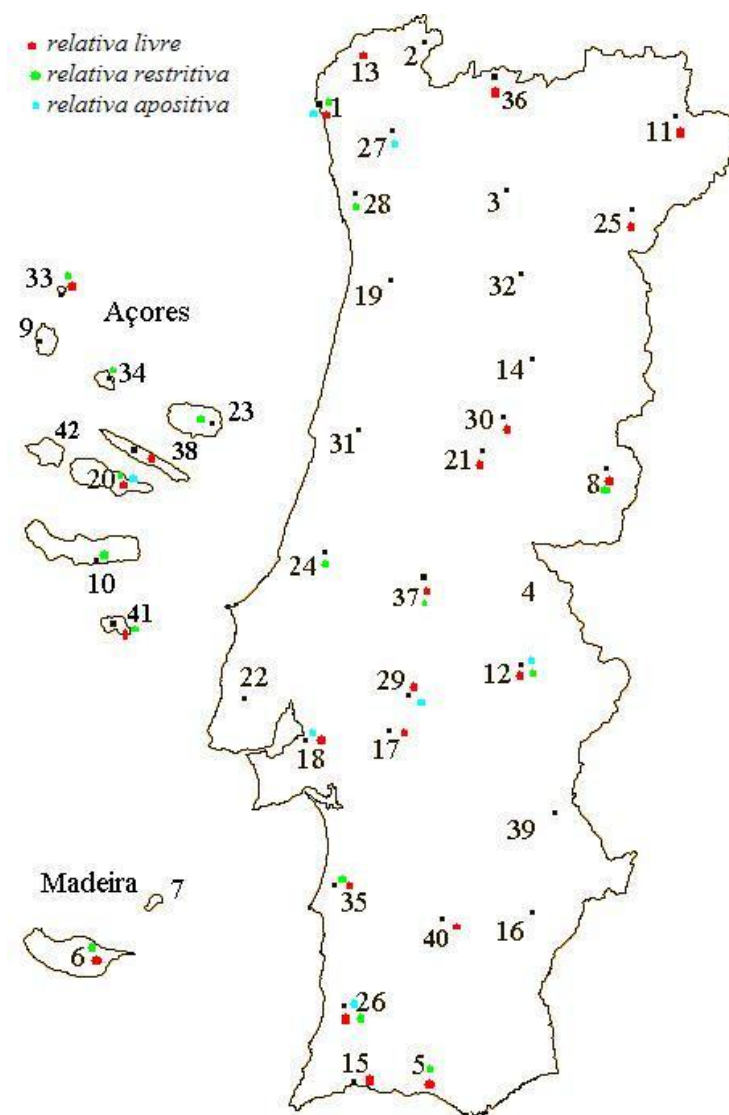




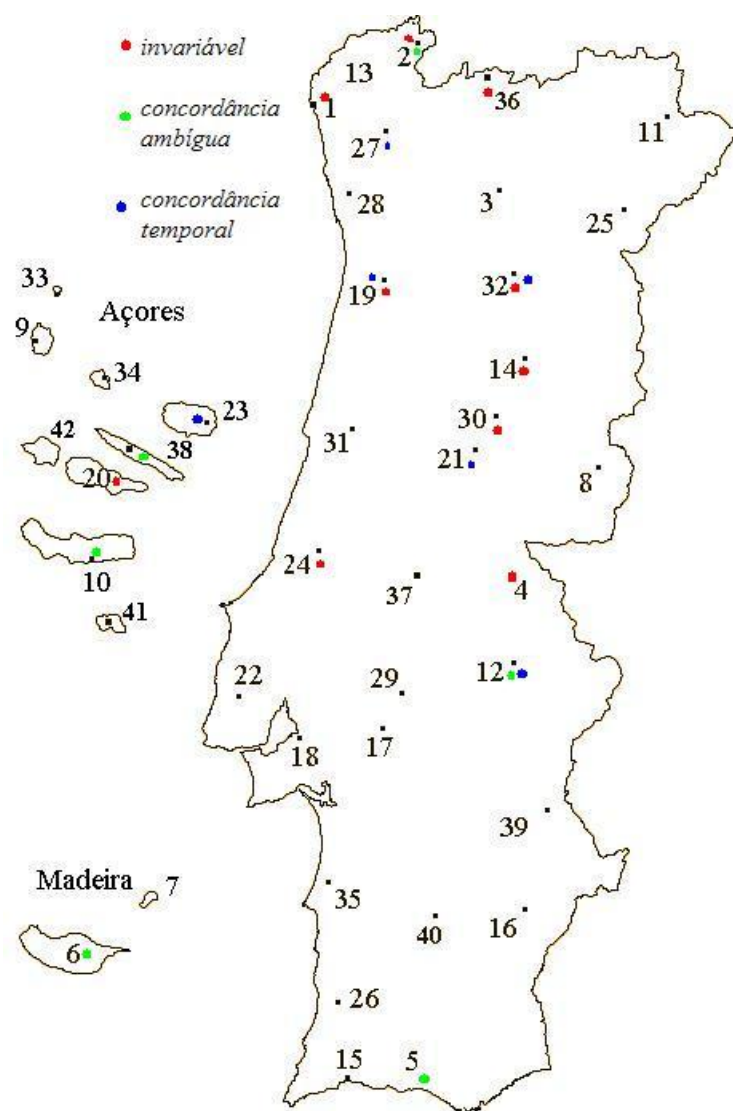
### 10.2.3 Contrastivas



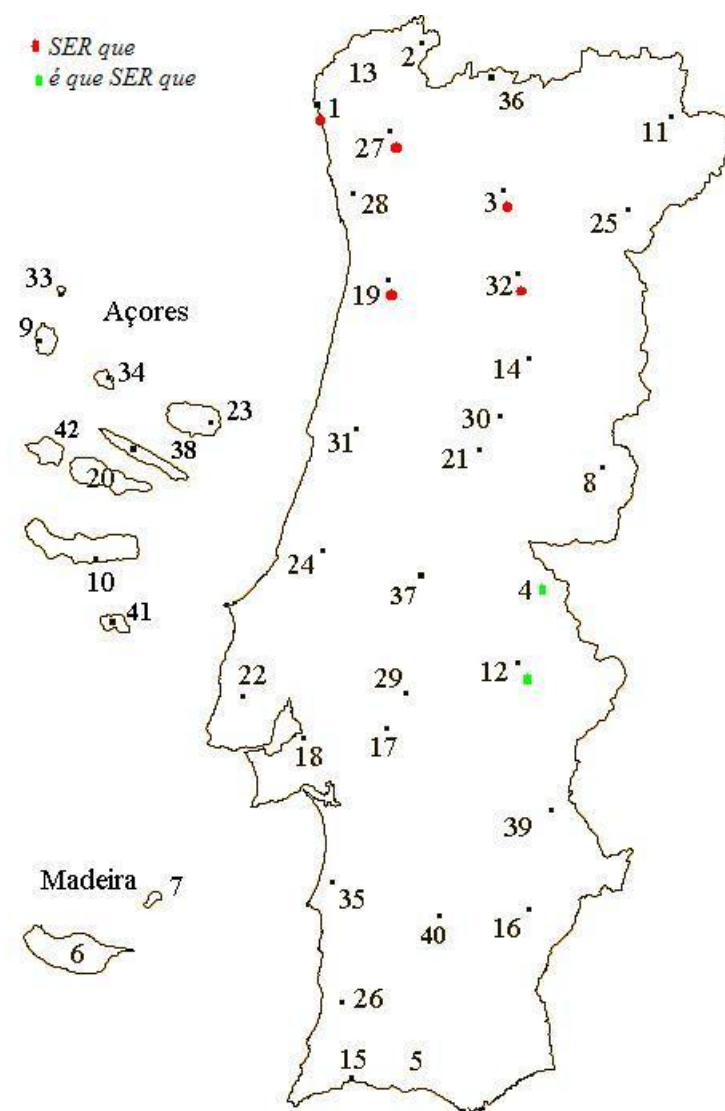
### 10.2.4 Relativas



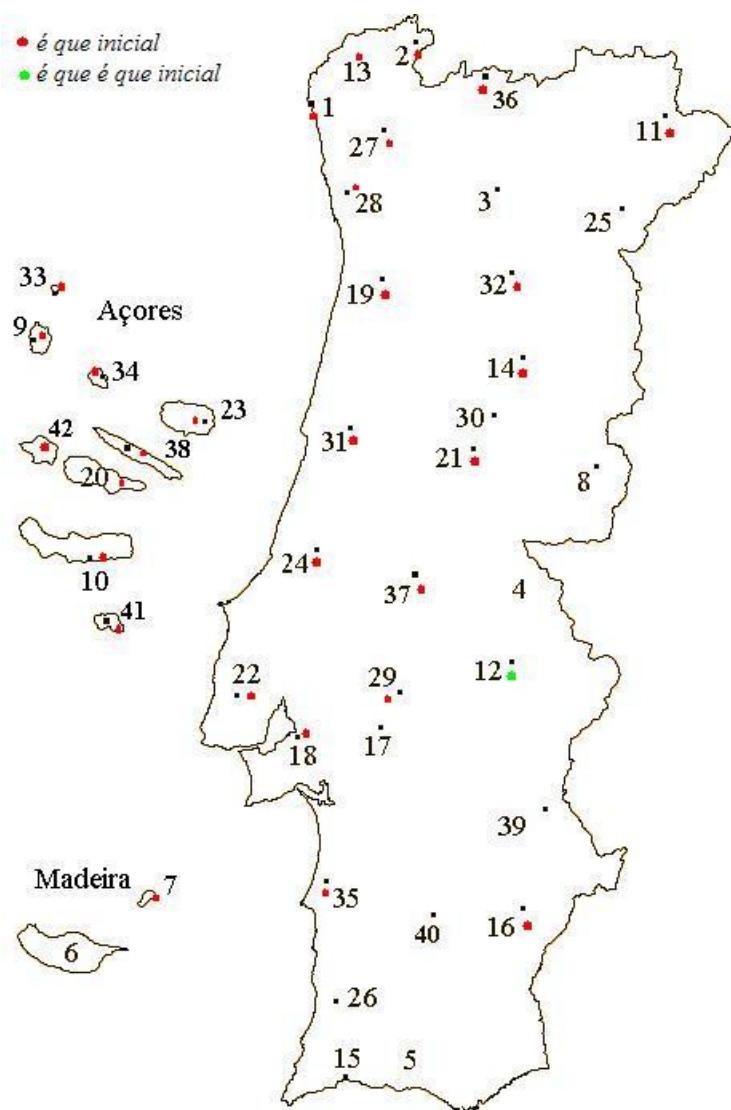
### 10.2.5 Adverbiais



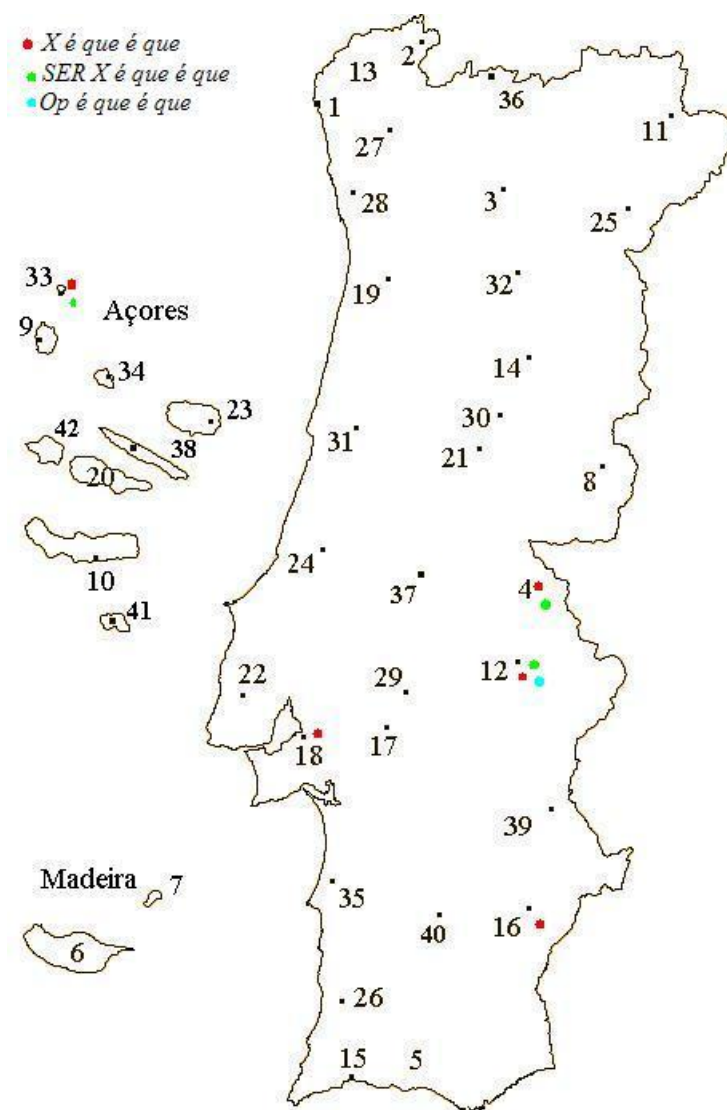
### 10.2.6 Clivadas de SER que



### 10.2.7 Clivados nulos



### 10.2.8 Clivadas com *é que é que*



### 10.3 Corpus: ver CD

## 10.3 Corpus

### 10.3.1 Interrogativas

Interrogativa parcial com *é que* (280/693)

AAL06	O que <u>é que</u> julgava?
AAL17	Como <u>é que</u> era?
AAL18	Eu não sei bem como <u>é que</u> ...
AAL19	Aquilo dava-se um nome àquele bolo, mas eu já não sei bem como <u>é que</u> era.
AAL28	Mas, agora, veja bem, um indivíduo a vender batatas a oito mil réis ou a dez, mesmo, para pagar seiscentos mil réis a um homem, depois, abudos e rendas de terra e essa coisa toda, quanto <u>é que</u> não é preciso!
AAL31	Ah, então o que <u>é que</u> você quer?
AAL33	Ora, cento e sessenta mil réis o que <u>é que</u> em depois hão-de poder pagar, não é verdade?
AAL46	Como <u>é que</u> é?
AAL75	Não compreendo isso por que <u>é que</u> lhe chamam, se é por ser muito antigo, se por que é.
CLC02	Agora donde <u>é que</u> há pessoal?
CLC02	Ele vem o dinheiro aí mas para donde <u>é que</u> vai o dinheiro?
CLC08	Como <u>é que</u> me chamo, que eu chamo?
CLC09	Como <u>é que</u> se (...) dá o nome disso, já?
CLC18	Como <u>é que</u> a gente chama-se?
CLC18	Como <u>é que</u> os senhores dizem?
CLC18	Por baixo é branco, mas por cima é como a- como <u>é que</u> a gente chama-se?
CLC25	Olha a dentuça onde <u>é que</u> fica!
CLC32	E a gente via (...) para que rumo <u>é que</u> elas iam andando.
CTL16	Que <u>é que</u> lhe disse, então, a médica e lá (...) a gente os especialistas (...) que andaram onde eles?
CTL18	“Onde <u>é que</u> se ela esconde”?
CTL18	Claro, o que <u>é que</u> é?
CTL18	“Ó avô, mas como <u>é que</u> ela é inteligente e eu vou fazer para a caçar”?
CTL41	E depois, então, essa, eu lembra-me quando <u>é que</u> eu queria ir lá para os meus cunhados.
PAL02	Quem <u>é que</u> traz esta semente?
PAL02	Donde <u>é que</u> vieram estas moitas?
PAL03	Porque <u>é que</u> nasceu aqui, na leira?
PAL03	De aonde <u>é que</u> veio aquela erva?
PAL03	Mas como <u>é que</u> veio isso?
PAL16	Dizem para ali asneiras que não sei aonde <u>é que</u> vem tanta asneira.

PAL19	Como <u>é que</u> as nuvens se formam para chover e como é que eles se desformam?
PAL19	Como é que as nuvens se formam para chover e como <u>é que</u> elas se desformam?
PAL22	Outros pegam (...) no arado, está marcado dum lado, está marcado do outro, depois dá-se-lhe um rego, que é para saber onde <u>é que</u> chega.
PAL25	Ela não sabe onde <u>é que</u> vai buscar pele para encher de vento.

PAL34	Sim como <u>é que</u> se chama a...
PAL34	Agora, lá como <u>é que</u> eles chamam, lá dão o nome no norte, não sei.
PAL36	Eu não sei explicar e sei qual <u>é</u> o que (...) <u>é bom</u> e qual <u>é que</u> <u>é</u> o ruim!
PAL36	Como <u>é que</u> você explicou o tal carvão de vento?
PAL36	Como <u>é que</u> se explicou?
PAL36	Então, como <u>é que</u> isso <u>é</u> feito?
PAL36	Onde <u>é que</u> está o vento, aquela coisa.
PAL38	Onde <u>é que</u> a galinha põe os ovos?
PFT07	De que <u>é que</u> foi gerado, de que <u>é que</u> veio este nome?
PFT07	De que <u>é que</u> foi gerado, de que <u>é que</u> veio este nome?
PFT07	Acho que era uma fundição de ferro, mas quem <u>é que</u> sabe?
PFT25	Que <u>é que</u> ela fez?
PFT25	O que <u>é que</u> ela fez?
PFT25	Mas quem <u>é que</u> lhe ia fazer o sangue?
PFT33	E não sei a que <u>é que</u> jogam, essas coisas, para aí.
PST01	Dá-se-lhe aqui uma coisinha de o que que ele tem na junta (...) - como <u>é que</u> se diz?
PST01	E logo no podar - como <u>é que</u> se poda(...) - não sendo a para a latada, a gente poda mais ou menos assim neste comprimento, (...) três olhos.
PST08	Como <u>é que</u> se chamava?
PST10	Olhe senhor Acácio, não posso trabalhar, como <u>é que</u> vai ser a minha vida?
PST11	E o que <u>é que</u> se faz?
PST12	Minha mãe, que Deus haja, mais minha avó, rapava aquelas tripas e minha tia cá era só para destinar, para estar só com a lista, de ver quem <u>é que</u> queria a carne.
PST09	O pai diz que lhe perguntou se ele o que <u>é que</u> dizia, se gostava mais da noite se do dia.
PST16	Onde <u>é que</u> está, minha querida?
PST20	Mas, como <u>é que</u> se diz, no último caso, servia para tudo.
VPA10	O pescador já o vende a esse preço, depois no restaurante quanto <u>é que</u> não vai a custar.
VPA12	Porque <u>é que</u> ele não arrebenta fora?
VPA14	E depois como <u>é que</u> vai ser de nós?
VPA33	E aquele peixe como <u>é que</u> se diz?
VPA36	Aquele casco, sabe para que <u>é que</u> serve?
VPA38	Não sei aonde <u>é que</u> foi ela buscar um chamado alecrim, alecrim.
VPA43	Quem <u>é que</u> disse?
VPA43	Sabe onde <u>é que</u> é a praia, dos barcos?
VPA43	Caiu sabe porque <u>é que</u> caiu e até foi bonito?
VPA49	Sabe onde <u>é que</u> nós íamos vender?
VPA49	Você sabe onde <u>é que</u> é Fão?
VPA49	Porque ali não havia autoridades, nem sabiam donde <u>é que</u> vinha aquele peixe.
VPA51	Sabe onde <u>é que</u> é o posto dos guardas, acolá em baixo?
VPA52	Eu lá sei onde <u>é que</u> cheguei a ir aos bailes, homem!
VPA53	Para onde <u>é que</u> foi (...) essa espadilha?
VPA56	E eu também não sei para onde <u>é que</u> foram esses animais.
ALC01	Sabe o que <u>é que</u> fazem?
ALC07	Aqui, antigamente, quando era (...) para fazer-se nas eiras que eu estive aí duma casa, oito anos, e fazia-se, sabe o que <u>é que</u> se fazia?
ALC12	Onde <u>é que</u> enfia (...) a coisa, a rosca.
ALC16	Do que <u>é que</u> nasce?

ALC20	Como é <u>que</u> se faz o carvão?
ALC30	O que é <u>que</u> estão a empregar aquele nome?
ALC35	O que é <u>que</u> tem das patas?
ALC42	Como é <u>que</u> se chama o nome?
ALC45	Sabe o que é <u>que</u> a gente chama cá a este?
ALV02	E se os senhores eu não sei com quem é <u>que</u> estou falando se o senhor amanhã ou o seu superior querer ir ver, eu digo é que é, o rio (...), o senhor vai, com certeza, à mesma à pessoa, que já dei o meu nome, e vai lá, e o senhor (...) diz assim:
ALV09	Como é <u>que</u> queremos a coisa avançada?
ALV12	O que é <u>que</u> eu ouvi?
ALV24	O senhor sabe aonde é <u>que</u> é a minha casa?
ALV50	O que é <u>que</u> há-de se fazer?
ALV50	Tem que queimar a roupa dele, mas como é <u>que</u> se queima, como é que se faz isso?
ALV50	Tem que queimar a roupa dele, mas como é que se queima, como é <u>que</u> se faz isso?
ALV51	O que é <u>que</u> vossemecê está fazendo?
CBV05	E então o homem depois o que é <u>que</u> ele havia de pensar.
CBV14	Então e como é <u>que</u> tu regas...
CBV14	Como é <u>que</u> se isto rega?
CBV14	Então, se sou eu, eu que estou a fazer assim lá sei como é <u>que</u> a hei-de regar.
CBV17	Porque é <u>que</u> você não manda ali abrir uma vala além para o ribeiro?
CBV17	Então o que é <u>que</u> tu estás a dizer?
CBV17	Ouçá lá, e se isto aparecer feito como eu estou a dizer, o qual é <u>que</u> é o maluco?
CBV17	Então, Ângelo, então (...) o que é <u>que</u> andou o pessoal a fazer?
CBV17	Onde é <u>que</u> ele está?
CBV17	Então, o que é <u>que</u> vomecê quer?
CBV17	Vá la ver quando é <u>que</u> acabam a sua.
CBV17	Quero ver o que é <u>que</u> tu andaste para aqui a fazer.
CBV17	Sabia até de modo o que é <u>que</u> ele queria.
CBV17	Eu agora quero saber qual é <u>que</u> é o maluco.
CBV28	Vê-la o que é <u>que</u> tu arranja.
CBV29	Mas o Senhor Doutor não me disse quanto é <u>que</u> era que eu tinha a pagar.
CBV29	Agora venho procurar ao senhor doutor quanto é <u>que</u> eu tenho a pagar.
CBV29	Então mas como é <u>que</u> se ele chama?
CBV29	Então donde é <u>que</u> você é?
CBV29	Então, donde é <u>que</u> a senhora é?
CBV29	Então, olhe, eu não sei os quais é <u>que</u> estão a dormir, se são os de Portalegre, se são os de Cabeço de Vide.
CBV29	Onde é <u>que</u> você vai?
CBV29	Então o que é <u>que</u> você quer?
CBV29	Então, mas o que é <u>que</u> você queria?
CBV29	O que é <u>que</u> você vinha à procura?
CBV29	Entrei além em casa do seu vizinho e ele procurou-me se eu sabia quanto é <u>que</u> era a conta que eu devia, que podia deixar lá o dinheiro, (...) que era entregue o dinheiro.
CBV29	E então, olhe, eu não deixei o dinheiro porque eu não sabia quanto é <u>que</u> tinha a pagar.
CBV31	Quando eu lá estava, sabe o que é <u>que</u> o gajo mandou fazer?
CBV33	Como é <u>que</u> se apanhava?
CBV59	Então onde é <u>que</u> você vai?



CBV59	Então onde <u>é que</u> quer que....
CBV59	Ó amigo, o que <u>é que</u> você vai para aí fazer?
CBV61	Então eu o que <u>é que</u> havia de fazer?
CBV61	O que <u>é que</u> eu faço?
CBV67	Mas o que <u>é que</u> eu vinha aqui fazer?
COV01	Olhai lá, que <u>é que</u> vocês andam a fazer?
COV02	Agora como <u>é que</u> ia ser?
COV02	Como <u>é que</u> ia ser?
COV02	Se não fosse o meu avô, como <u>é que</u> você fazia?
COV08	Ó rapaz, onde <u>é que</u> está o pissão do porco?
COV08	Que <u>é que</u> queres?
COV09	Pff, o que <u>é que</u> a gente lhe há-de fazer?
COV09	Sabe quanto <u>é que</u> se gasta na operação?
COV10	E eu, como <u>é que</u> eu ia fazer?
COV10	Olhe que (...) em nossa casa, ninguém sabe onde <u>é que</u> está a miséria.
COV11	Olhe, tem aqui uma senhora, que é a senhora Berenice, se essa não lhe valer, não vejo quem <u>é que</u> lhe 'vaile'.
COV11	Mas eu, que <u>é que</u> eu fiz?
COV11	E agora onde <u>é que</u> vamos buscar o dinheiro?
COV11	Ai, isso agora como <u>é que</u> vai ser?
COV11	Ai, agora como <u>é que</u> me (...) acabam de vez com ele!
COV11	Olha lá, tu não sabes aqui quem <u>é que</u> em Viseu pode dar um jeito a um rapaz que está para ir para fora e esse homem é (...) o único filho (...) e se ele vai embora, que há-de ser de mim e da minha mulher?
COV11	E onde <u>é que</u> ela mora?
COV11	O senhor o que <u>é que</u> quer?
COV11	O senhor o que <u>é que</u> lhe quer?
COV11	Ai, quem <u>é que</u> o mandou para aqui?
COV11	Estive eu a contar-lhe, que era só aquele filho e que tinha só aquele filho (...) e que <u>é que</u> havia de ser de mim a mais a minha mulher que era uma mulher doente e é.
COV11	Você onde <u>é que</u> vai ficar?
COV12	Ó meu tenente, quanto <u>é que</u> eu tenho a pagar?
COV12	Quanto <u>é que</u> é o seu trabalho, meu tenente?
COV12	Olha lá, (...) porque <u>é que</u> tu não disseste que eras só filho único e (...) que não querias ir para fora?
COV13	E agora como <u>é que</u> vai ser?
COV14	Ora, que <u>é que</u> vale uma pessoa vir para uma boda?
COV15	O que <u>é que</u> a gente gasta?
COV15	Olhe lá, como <u>é que</u> o governo há de empregar tanta gente?
COV15	O que <u>é que</u> me valeu andar a matar?
COV15	Que <u>é que</u> eles comem?
COV15	Vocês conhecem-me bem e esta senhora conhece-me porque <u>é que</u> só vão atrás do dinheiro.
COV20	Para onde <u>é que</u> tu vais?
COV20	Para onde <u>é que</u> tu vais?
COV21	O que <u>é que</u> eles terão?
COV21	Pois como <u>é que</u> ele virava?
COV21	Ó patrão, você o que <u>é que</u> tem?
COV25	Você que <u>é que</u> lhe quer?



COV25	A freguesia de Cepelos, veio todos, e os filhos e a família toda à procura dele, à procura dele, à procura dele, onde <u>é que</u> foram dar com ele?
COV29	Vocês porque <u>é que</u> não prantam videiras aqui?
COV31	O que <u>é que</u> fizeste à palhoça do meu moço?
COV33	Os homens queixam-se (...) que as vacas que não pegam e como <u>é que</u> vai ser?
COV33	Tu que <u>é que</u> lhe faz?
COV35	Olhe lá, onde <u>é que</u> mora aqui o Arquibaldo do Covo?
EXB14	Sabe porque <u>é que</u> cavava à mão?
EXB14	Elas as minhas filhas alguma vez souberam o que <u>é que</u> foi a vida!
EXB23	Eu sei como <u>é que</u> é.
EXB23	Ai, como <u>é que</u> se diz.
EXB36	No que <u>é que</u> você se emprega?
EXB36	Ou proprietário (...) ou como <u>é que</u> se diz?
FIG01	Chamamos aqui isso como <u>é que</u> é?
FIG09	Cruzinha, não sei onde <u>é que</u> eu a pus.
FIG20	Mas eu sei como <u>é que</u> é feita.
FIG25	Então o que <u>é que</u> ele há-de ser?
FIG25	Como <u>é que</u> o punha?
FIG26	Então para que <u>é que</u> a gente há-de andar nisto?
FIG27	Vem o fogo, o que <u>é que</u> aqui fica?
FIG27	Mas o que <u>é que</u> cá ficam?
FIG36	Eu sei lá onde <u>é que</u> elas...
FLF06	Ó Amélio, (...) os animais que andam por debaixo da terra roendo as raízes das plantas como <u>é que</u> se chamam?
FLF06	Como <u>é que</u> se chamam os animais que andam por debaixo da terra roendo as raízes das plantas?
FLF13	Olhe, sabe o meu filho que <u>é que</u> fez a um cão que a gente temos ali fora?
FLF14	Eu não sei como <u>é que</u> se chama.
FLF18	Porque <u>é que</u> o houvera de ter acolá a estragar?
FLF27	Um dia- eu tenho contado isto grandeza de vezes-, quando se fez aquele palheiro ali, eu que <u>é que</u> faço?
FLF34	Como <u>é que</u> eles semeiam?
FLF39	Que <u>é que</u> lhe fazia?
FLF48	Com que <u>é que</u> se aventeja?
FLF49	E sabe porque <u>é que</u> ela não dá crias?
FLF63	O que <u>é que</u> se fazia?
FLF64	O que <u>é que</u> é preciso fazer?
FLF64	Como <u>é que</u> tem uma linguiça?
FLF72	Espera aí que a senhora quer saber agora como <u>é que</u> se faz a caçoila.
FLF72	Olhe, eu vou-lhe explicar como <u>é que</u> faço à minha moda.
FLF74	Ó Amélio, se tiver dois cavalos, como <u>é que</u> se diz?
LVR01	Quem <u>é que</u> me havia de dizer a mim que eu que andava em cima daquilo, que era da grossura aí da perna dum homem, hem (...) e agora está uma sobreiro, que é uma sobreiro, uma coisa...
LVR06	Sabe porque <u>é que</u> eu digo isto?
LVR07	Então que <u>é que</u> é isso!
LVR09	Quem <u>é que</u> anda a pé?
LVR15	E sabe porque <u>é que</u> não se faz?
LVR18	Como <u>é que</u> era o outro nome que chamavam àquilo também?

LVR18	Que havia aqui uma mulher aqui em Lavre, que até se admiravam como <u>é que</u> aquela mulher engordava um porco tão depressa.
LVR24	E eu, mau, travesso, o que <u>é que</u> eu me havia de alembrear?
LVR24	O que <u>é que</u> quer que eu faça?
LVR35	Ó mãe, então quando <u>é que</u> está bom?
MIG02	Eu sei o que <u>é que</u> o senhor está dizendo.
MIG04	No tempo, o que <u>é que</u> tinha?
MIG06	Como <u>é que</u> dizes?
MIG12	Como <u>é que</u> se dizia?
MIG14	A senhora sabe como <u>é que</u> se ia levar ao hospital?
MIG16	Se fosse muita água, trabalhava com três dedos, se fosse pouca, trabalhava com dois, que <u>é</u> para dar a força no penado que <u>é</u> para ele para a pedrinha andar de roda para ele para o moer, para - como <u>é que</u> se diz?- para moer o milho, para fazer farinha.
MIG16	Ele ficava - como <u>é que</u> se diz?- na ponte.
MIG17	Tem o trincho e depois tem uma - como <u>é que</u> eu ia a dizer ao senhor...
MIG17	Batia na pedra e tem uma cantadeira, que ia à ele - como <u>é que</u> se diz? - que ia à telha.
MIG17	Eu sei o que <u>é que</u> a senhora está dizendo.
MIG17	O milho, ele como <u>é que</u> se diz?
MIG18	Sabes o que <u>é que</u> se fazia as seves do carro que se faziam os ‘tanchões’ para as seves do carro quando apanhavam o milho?
MIG19	Não sei como <u>é que</u> aquilo apareceu para abrigos.
MIG29	Aquilo como <u>é que</u> se chama?
MIG31	Aquela flor como <u>é que</u> se chama?
MIG39	Como <u>é que</u> se diz?
MIG39	Não sei como <u>é que</u> aquilo apareceu.
MIG39	Não sei como <u>é que</u> aquilo apareceu...
MIG39	Não sei como <u>é que</u> isso vieram para cá.
MIG41	Ah, como <u>é que</u> se chama aquilo?
MIG45	Essa senhora morreu, vendem o tear, e o que <u>é que</u> eu inspirei?
MIG45	Ah, nunca se sabe para que <u>é que</u> é preciso.
MIG47	O meu filho ontem não sei donde <u>é que</u> ele trouxe, ele trouxe-me umas varinhas disso.
MIG49	O que <u>é que</u> se trata aqui?
MIN08	Sei sachar o milho, sei como <u>é que</u> se semeia, sei como <u>é</u> que se lavra, sei tudo, não <u>é</u> .
MIN08	Sei sachar o milho, sei como <u>é</u> que se semeia, sei como <u>é que</u> se lavra, sei tudo, não <u>é</u> .
MIN14	‘Ciao’, ‘ciao’, como <u>é que</u> se diz adeus?
MIN19	Como <u>é que</u> faziam (...) para a broa?
MST07	Se não semearmos trigo, donde <u>é que</u> há-de vir o trigo?
MST12	Mas como <u>é que</u> havemos de arranjar?
MST21	O que <u>é que</u> você quer arranjar?
MST24	Quem <u>é que</u> há-de trabalhar?
MST34	Agora em eu vindo para baixo, querem ir ver além os molhos (...) como <u>é que</u> são?
OUT01	E de que <u>é que</u> se faz um arracho?
OUT02	E sabe onde <u>é que</u> criam muito essas?
OUT03	Sabe para que <u>é que</u> são utilizadas aqui?

OUT15	Então, como <u>é que</u> se chama o rapaz?
OUT15	Onde <u>é que</u> se vê agora?
OUT15	Onde <u>é que</u> ele...
OUT35	Agora quem <u>é que</u> quer o toucinho?
OUT45	Então, que <u>é que</u> queres?
OUT50	Não sendo no Natal, ele quem <u>é que</u> os come?
OUT55	Vêm este, como <u>é que</u> está lá posto?
PIC04	E o mais moço mais a mãe, eram pobrezinhos, o que <u>é que</u> fazem?
PIC04	Ó filho, tem este irmão (...) que <u>é</u> (...) meio ‘atoleizado’, porque <u>é que</u> não estás aqui com nós em casa, para ajudares o pai e a mãe?
PIC04	E o rei vai e bota por bilhetes, quem <u>é que</u> ia para cima, para Guarda.
PIC04	E a filha vai e disse quem <u>é que</u> tinha sido.
PIC04	Então o homem esteve contando a sua vida como <u>é que</u> tinha sido, com os seus pais e os seus irmãos, aquelas coisas todas.
PIC04	E eles disseram onde <u>é que</u> era e a que distância da aldeia.
PIC04	O que <u>é que</u> queres?
PIC04	Homem, o senhor para onde <u>é que</u> vai?
PIC04	Homem, o senhor, onde <u>é que</u> foi buscar este bordão?
PIC04	Homem, o senhor, por onde <u>é que</u> anda?
PIC04	Olhe, o senhor, quem <u>é que</u> lhe deu estes cães ao senhor?
PIC04	E o rei vai, o que <u>é que</u> faz?
PIC04	Mas eram tantos, já estava o povo todo virado contra o rei, e o que <u>é que</u> o rei faz?
PIC04	E este homem sabe disso e pega em si e perguntou onde <u>é que</u> era isso.
PIC04	E ele perguntou ela o que <u>é que</u> tinha.
PIC04	E o senhor como <u>é que</u> sabe que eu não morro?
PIC04	Porque <u>é que</u> tu vais morrer?
PIC04	Toca o sapateiro, toca a chamar a tropa toda e perguntar a ele o que <u>é que</u> se fazia a ele.
PIC12	Quem <u>é que</u> se metia naquilo?
PIC12	A fábrica só derreteu o nosso óleo e deu-nos só a percentagem do óleo que a gente lhe apanhou a (...) - como <u>é que</u> eu hei-de dizer - a vinte e cinco por cento.
PIC17	Porque o homem não está à espera, não sabe o que <u>é que</u> o touro lhe vai fazer, se é bom, se é mau.
PIC18	Como <u>é que</u> hei-de dizer?
PIC19	Como o bispo era muito amigo dele, e ele o que <u>é que</u> faz?
PIC20	Ó marido, como <u>é que</u> foi isso?
PIC20	Homem, tu o viste no outro dia, por que <u>é que</u> queres tornar a ver?
PIC20	O irmão muito sequinho, amarelo, já para morrer, mesmo já quase morto, a velha lá esteve-o ‘embanhando’, não sei como <u>é que</u> foi, e lá soprou por ele com um assobio, e o irmão ficou, pá, resultou, e aqueles que estavam todos mortos, ela depois juntou os ossos.
PIC20	Como <u>é que</u> ela marcou também o último?
PIC22	Como <u>é que</u> se diz?
PIC28	Como <u>é que</u> eu preparo os bofes do porco?
PIC28	Eu espremo um limão, deste limão tangerino que a gente chama tangerino, não sei como <u>é que</u> se chama, ou laranja azeda, a gente espreme aqui e deita uma coisinha de vinagre para ficar um molho mais forte, e pisa uma alho, malagueta, e uma coisinha de sal, que é para fazer aquele molho forte.

PIC32	A gente sabe as marés (...) por onde é <u>que</u> vão, a gente (...) quer ir pescar ao goraz, a gente tem que ancorar é direito à pedra.
PVC16	Não sei como é <u>que</u> é isto.
PVC19	Tínhamos um (...) por mor de arrepear a semente assim como é <u>que</u> lhe chamava, já não me lembro, (...) e depois era alagado na água.
PVC20	Como é <u>que</u> isso era?
PVC21	Mãe, como é <u>que</u> é?
PVC21	Como é <u>que</u> era (...) aquela parte?
PVC21	Depois, (...) no fim de (...) estar (...) no órgão, o que é <u>que</u> fazia para(...)?
PVC21	E depois (...) empeirava-o, ou como é <u>que</u> vomecê dizia, para pôr no pente?
PVC21	Mãe, que nome é <u>que</u> davam a isso?
PVC21	Não sei que nome é <u>que</u> vomecê lhe dava.
PVC27	A quem é <u>que</u> deu a preguiça?
PVC29	Não sei que dia é <u>que</u> é do mês de Julho.
PVC29	Quando é <u>que</u> a santa vai para lá para cima.
SRP01	E como é <u>que</u> vai?
SRP01	E que é <u>que</u> tu fazes?
SRP01	Onde é <u>que</u> tu vais?
SRP03	Não se sabe por onde é <u>que</u> um homem há-de passar e as ruas não se conhecia nada.
SRP05	Vamos arranjar aquele talhão e quando aquele talhão estiver arranjado, aos depois logo se vê o que é <u>que</u> a gente havemos de semear.
SRP07	Se não querem assim, o que é <u>que</u> faz?
SRP08	Então (...) onde é <u>que</u> tens a tua lavoura?
SRP08	Quando é <u>que</u> acabas?
SRP12	Olha lá, a que horas é <u>que</u> tu comesas a regar?
SRP16	O que é <u>que</u> se fazia?
SRP23	Isso, não sei o que é <u>que</u> tens...
SRP23	O que é <u>que</u> estás vendo?
SRP35	Tu, do que é <u>que</u> (...) estás pescando, pá?
SRP35	“E então o que é <u>que</u> ‘pusestes’ na ‘cibela’”- ouviu?
TRC01	Como é <u>que</u> eu hei-de dizer?
TRC06	É uma tradição antiga, mas uma tradição - como é <u>que</u> eu hei-de dizer? - que torna-se as vezes até...
TRC47	Uma comparação: não sabem nem se morreu alguém à senhora, nem se não morreu; nem em que tempo é <u>que</u> morreu.
TRC21	Já se sabe quem é <u>que</u> vai ter todo o ano, não é?
TRC32	O que é <u>que</u> tu fazes?
TRC37	Mas aí o marchante tem que saber o que é <u>que</u> vai partir também.
TRC38	Quando a nossa lhe dá prejuízo já será uma complicação escolher entre as duas, qual é <u>que</u> vai dar certo.
TRC42	Um dia apanharam aqui em cima um senhor doutor, o dito médico que morreu agora há pouco tempo, e perguntou-lhe a ele (...) como é <u>que</u> se tratava a prombeta.
TRC46	Ora quem é <u>que</u> sabia lá aquilo onde é que estava?
TRC46	Ora quem é <u>que</u> sabia lá aquilo onde é <u>que</u> estava?
TRC46	Quem é <u>que</u> sabia?
TRC46	Quem é <u>que</u> vai ver?
TRC47	Como é <u>que</u> se faz essa benzedura?

TRC52	Como é <u>que</u> é?
TRC53	E a gente onde é <u>que</u> vai morrer?
TRC56	Como é <u>que</u> fazem?
TRC60	E tomou não sei o <u>que é que</u> o doutor lhe deu mas aquilo era bichozinho pequenino, ela gomitou.
TRC64	Mas a gente o <u>que é que</u> há de fazer?
TRC67	A senhora o <u>que é que</u> pensa, é centenas de moios.
TRC67	Aquilo quando é no Verão, a senhora o <u>que é que</u> pensa?
TRC67	Quem é <u>que</u> fez aquilo?
TRC68	Ele para <u>que é que</u> servia a cinza (...) no linho?
TRC68	Mas o <u>que é que</u> fazia?
TRC68	Mulher, onde é <u>que</u> eu tenho isso?
TRC69	Veja lá o senhor, de dois escudos e meio para este dinheiro, a <u>que é que</u> se chegou, hã?
TRC69	Não levava adubo, não levava nada, <u>que é que</u> havia de dar?
ALJ03	Sei que no dia - eu não me lembra em que dia é <u>que</u> lá fazem a festa- , ia muita gente daqui lá festejar, (...) ia a música, iam ...
ALJ04	Que é <u>que</u> ele fez?
ALJ06	Ai, Deus Nosso Senhor, porque é <u>que</u> não põe outro tempo, não vem uma chuva?
ALJ12	Pois, eu (...) também conheço esse coiso, mas não me lembra também do nome disso, como é <u>que</u> é o nome que eles dão a isso.
ALJ14	Pois, aquilo é um porco bravo mesmo, mas eles davam-lhe um nome, não sei como é <u>que</u> era.
ALJ14	Fazem às vezes aí uma batida aqui, coisa e tal, tal, tal, não têm por dúvida, aí daqui até lá abaixo, matarem aí meia dúzia (...) de coisas (...) - como é <u>que</u> é o nome? – de zorras.
ALJ15	Como é <u>que</u> uma pessoa vai tomar uma coisa (...) que o prejudica?
ALJ15	Como é <u>que</u> uma pessoa vai agora (...) fumar uma coisa duma droga, uma coisa que o prejudica?
ALJ15	Então e o <u>que é que</u> você quer?!
ALJ15	Então, e o <u>que é que</u> você quer?!
ALJ15	Então e o conhecimento, porque é <u>que</u> ele hoje não têm algum conhecimento?
ALJ15	Então e depois abalam com eles, não sabem o <u>que é que</u> fazem.
ALJ17	Então o <u>que é que</u> andas aí fazendo?
ALJ22	Como eu tinha moinho, o <u>que é que</u> o gajo se lembrou?
ALJ27	O <u>que é que</u> isso dá?
ALJ27	Ora diga-me lá quantos litros de vinho é <u>que</u> uma pessoa tem de vender durante o dia para tirar um ordenado.
ALJ28	Sabe o <u>que é que</u> o pirata dum cabrão ainda fez?
ALJ28	O <u>que é que</u> o cabrão faz?
ALJ28	Mas os outros todos ministros (...) e moravam aqui uns, o <u>que é que</u> fizeram a esse gajo, o marido dela?
ALJ31	E na banda de cima, havia ali um poço ainda lá está, esse ainda lá está, havia ali um poço que era também da Câmara, como é <u>que</u> se chamava além àquilo?
ALJ32	Acaba a gente por se rir, então o <u>que é que</u> a gente lhe há-de fazer?
ALJ33	Como é <u>que</u> era o nome que a gente...?
ALJ33	Como é <u>que</u> a gente dava depois o nome para se pôr assim, quando se juntava o trigo assim (...), que se fazia um quadro?
CDR08	O <u>que é que</u> se chama o canudo?

CDR11	Portanto, o que <u>é que</u> se comia nesse dia?
CDR11	Havia ver qual <u>é que</u> tinha mais toucinho, porque o porco era apreciado era por ter muito toucinho.
CDR11	O que <u>é que</u> se punha nas morcelas?
CDR13	O que <u>é que</u> se fazia para tirar o sal do torresmo?
CDR15	Os porcos o que <u>é que</u> comiam?
CDR19	Era coiso, aquilo traziam petróleo, mas eu não sei depois como <u>é que</u> elas desinfetavam aquilo para ficar sem cheiro a petróleo e para porem o conduto.
CDR26	Como <u>é que</u> se peneirava a farinha?
CDR30	E, por mim, tempero por cima e por baixo, para ver o calor de cima do forno, quando <u>é que</u> está a modo de pôr a massa.
CDR34	Ai, como <u>é que</u> se chama?
CDR35	Eram uns - como <u>é que</u> se chamavam? - uns ricaços...
CDR35	Não é ricaços, como <u>é que</u> se diz?
CDR43	Portanto, quando <u>é que</u> se comprava fruta?
CDR53	O chapéu para ver qual <u>é que</u> fazia o chapéu mais bonito, com a palha mais, com tranças...
CDR54	E precisávamos de saber como <u>é que</u> elas conseguem levar tanta (...) ervas secas, folhas de foliões (...).
CDR57	Ora, o meu marido até talvez saiba quantas carradas de cré <u>é que</u> levava, mas era à volta de trinta carradas de cré que se punha...
CLH10	Quanto <u>é que</u> a gente ganhava?
CLH10	Sabe-se lá o que <u>é que</u> é.
CLH11	E havia umas rolinhas não sei quem <u>é que</u> nos fez aquelas rolinhas.
CLH11	(...) Já não me lembra quanto <u>é que</u> ganhava.
CLH13	“Olha lá, por quantos anos <u>é que</u> ficaste burro?”
CLH14	Eu não sei como <u>é que</u> a gente dizia?!
CLH14	Ainda andaram para saber quem <u>é que</u> tinha sido e quem não, mas não...
CLH16	“Eu vou saber o que <u>é que</u> tu vais fazer.
CLH16	Eu vou saber (...) o que <u>é que</u> vai haver”.
CLH19	E um dia perguntei-lhe como <u>é que</u> o carro dele cantava e os outros não cantavam.
CLH21	Aquilo (...) que botam nas burras - como é? - , aqueles cambulhões que eles usam a fazer, como <u>é que</u> se chamam àquilo diretamente?
CLH40	Como <u>é que</u> se chama?
CPT02	“Quem <u>é que</u> te ensina?”
CPT02	“Então qual <u>é que</u> sabe <u>mais</u> :
CPT07	(...) Sei lá o que <u>é que</u> eu hei-de fazer?!
CPT10	Quem <u>é que</u> sabe agora o que ele para lá faz”?!
CPT17	(...) Havia uma vez um tipo, era casado, e queria bater na mulher e (...) não sabia como <u>é que</u> lhe havia de bater.
CPT19	E eu o que <u>é que</u> faço?
CPT19	Diga-me lá o que é (...) <u>que</u> eu sei”.
CPT19	“O que <u>é que</u> você quer que eu lhe diga do sétimo ano?!
CPT23	O que <u>é que</u> eu hei-de fazer?
CPT26	Então mas como <u>é que</u> apanharam isso?
CPT26	(...) Mas como <u>é que</u> vossemecês?...
CPT26	Como <u>é que</u> eu mandei isso assim?
CPT32	E como <u>é que</u> eles (...) têm além os ovos e (...) chegam a ter os filhos e não caem?
CPT33	O que <u>é que</u> lhe chamam?



CPT36	O que <u>é que</u> eu sou ao pé dum homem daqueles?
CPT50	De maneiras que o que <u>é que</u> havia de acontecer?
CRV06	Eu para as entalar, sabe como <u>é que</u> eu faço?
CRV28	Agora ele no Verão com quentura, a água como <u>é que</u> chegava acolá por cima da terra?
CRV35	Não sei (...) como <u>é que</u> hei-de chamar agora.
CRV37	Então e em que <u>é que</u> usavam isso?
CRV37	Ele (...) figueira infernal, ou não sei como <u>é que</u> lhe chamavam.
CRV37	Agora eu não sei em que <u>é que</u> utilizavam isso.
CRV39	O Felicíssimo e o Felisberto (...) Deus lhe dê o céu <u>é que</u> mandaram vir, não sei donde <u>é que</u> foi, as primeiras plantas que vieram para aqui.
CRV39	Agora (...) vê eles o que <u>é que</u> aumentaram!
CRV39	Sabes em que <u>é que</u> tenho usado muitos deles?
CRV43	Que <u>é que</u> queres?
CRV43	E ele veio sem dizer o que <u>é que</u> estava no navio, que ele queriam constar que ele que era tudo gente morta que ia dentro dele.
CRV43	Como <u>é que</u> faziam?
CRV46	Tu para onde <u>é que</u> foste sábado à noite?
CRV46	O patrão lá, de pé, revistando os lavradores a ver eles o que <u>é que</u> faziam.
CRV48	Já viste, é o Filinto, ele que <u>é que</u> tem?
CRV48	Não sabes onde <u>é que</u> está?
CRV50	Felício, o que <u>é que</u> tu lá...?
CRV50	Não sei (...) que estudo <u>é que</u> teve, mas fez exame.
CRV50	Não sei agora que erros <u>é que</u> tiveram.
CRV54	O cabo da esquadra tirava a sua sorte para saberem para onde <u>é que</u> haviam ir.
CRV57	Ele é do tempo ou não sei (...) que <u>é que</u> influi isso.
CRV62	Homem, não sei porque <u>é que</u> deitaram agora o nome de Quarteiro?
CRV72	Não sei (...) como <u>é que</u> se amanhavam.
CRV75	Quem <u>é que</u> ia dar com ele lá?
CRV77	Que <u>é que</u> haviam de trazer?
CRV79	Como <u>é que</u> diziam?
FIS05	Não sei como <u>é que</u> lhe hei-de explicar.
FIS12	O que <u>é que</u> iam fazer?
FIS21	Como <u>é que</u> se chama?
FIS24	Não lhe sei agora bem dizer como <u>é que</u> isso se chamava, que já não me vem bem à ideia.
FIS31	Como <u>é que</u> hei-de dizer?
FIS31	Como <u>é que</u> hei-de dizer?
FIS32	E há uns pequeninos, amarelos, mesmo rentes ao chão que chamavam-lhe mísculas, ou não sei como <u>é que</u> lhe chamavam, que andavam a apanhá-los...
GIA07	Aquele pão, agora, não sei como <u>é que</u> se chama esse pão até nas padarias.
GIA10	Não sei como <u>é que</u> eles depois acendem.
GIA12	Não sei quem <u>é que</u> (...) fazia isso, fazia a manteiga assim.
GIA22	A senhora não sabe donde <u>é que</u> vem a doença?
GIA22	Como <u>é que</u> se chamava aquilo, nos cães, quando foram vacinados?
GIA25	De que <u>é que</u> eu estava a falar?
GIA28	Eu e colegas vamos ver o que <u>é que</u> nos parece nesta, porque há problemas nisto e naquilo.
GIA29	Ela que disse que tinha sete patos, como <u>é que</u> é só um patinho, e tal?!

GIA30	Mas o Cosme amanhã é capaz de se ele saber explicar o macho como <u>é que</u> se chama.
GRC01	Como <u>é que</u> tratam aí este peixe?
GRC27	O que <u>é que</u> se chama?
GRC27	Não sabia bem também donde <u>é que</u> estava e fui como um rato.
GRC30	E estou à espera de saber dessa gente do diabo, o que <u>é que</u> querem saber da gente que ainda metem ali inveja que me enjoa!
GRC31	O senhor há quantos anos <u>é que</u> está casado?
GRC32	E numa nação alheia a quem <u>é que</u> vou mostrar cara?
GRC32	Mas quem <u>é que</u> vai sair agora?
GRC34	A senhora sabe porque <u>é que</u> eu estou esquecido?
GRC36	Não é aquele o que <u>é que</u> se chamava o Fulmínio, aquele Fulmínio, o velhote?
GRJ06	Nem sei como <u>é que</u> a ele chamavam.
GRJ08	Que <u>é que</u> eu vi?
GRJ08	Ai, que <u>é que</u> vem aqui?
GRJ13	Ai, como <u>é que</u> se diz?
GRJ16	Como <u>é que</u> eu hei-de dizer?
GRJ23	Assim quando mancam duma perna, que é mais curta que a outra, como <u>é que</u> se chama?
GRJ24	O que <u>é que</u> tu tiveste?
GRJ25	É por isso que ele invoca um espírito e o espírito <u>é que</u> lhe diz lá para ele o que é e o que <u>é que</u> não há-de fazer.
GRJ25	Como <u>é que</u> havia de dar?
GRJ25	O que <u>é que</u> é?
GRJ26	Eu não sei o que <u>é que</u> me para aí fizeram.
GRJ26	Quem <u>é que</u> disse?
GRJ27	O que <u>é que</u> o seu marido tem?
GRJ29	Porque <u>é que</u> o senhor disse isso?
GRJ29	Sabe onde <u>é que</u> outro dia fomos?
GRJ29	Diz que esteve (...) na Lapa um padre a apregar - não sei quem <u>é que</u> me disse -, quem fosse àquele padre que ficava excomungado.
GRJ33	Então o que <u>é que</u> tem?
GRJ33	Nem sei quem <u>é que</u> eu parecia!
GRJ34	Ai, isso é, como <u>é que</u> se chama?
GRJ36	Então o que <u>é que</u> ele tem?
GRJ36	E depois mais tarde tornou lá a (...) ver como <u>é que</u> eu fazia, hã?
GRJ36	Ele andava sempre a ver se me lá apanhava, a ver como <u>é que</u> eu fazia.
GRJ36	Então, senhor Estevão, aquela senhora o que <u>é que</u> lhe é?
GRJ47	Ó velhota, quando <u>é que</u> lá vais para me fazeres o caldinho verde?
GRJ56	Tu como <u>é que</u> estavas mais ela, homem?
GRJ67	Que <u>é que</u> eles fazem?
GRJ67	Ora para onde <u>é que</u> o meu compadre foi cortar?
GRJ67	Aonde <u>é que</u> nós agora vamos sair?
GRJ67	O que <u>é que</u> fazem?
GRJ67	Bem, paramos aqui nessa rodeira a ver para onde <u>é que</u> esta rodeira segue.
LAR21	Então explique-me lá como <u>é que</u> se faz o pão?
LAR21	Como <u>é que</u> lhe chamam aquelas coisas de pôr em cima da masseira?
LAR29	Como <u>é que</u> lhe chamam?
LAR29	Não sei que nome <u>é que</u> lhe dão.



LUZ06	Um seareiro, (...) como <u>é que</u> é um seareiro, que a gente diz <u>que é</u> um seareiro?
LUZ07	Como <u>é que</u> chamariam àquilo?
LUZ08	Depois era um monte de trigo, e sabe o <u>que é que</u> as pessoas faziam?
LUZ10	E veio aqui um gajo com uns barris para eu arranjar e outros para eu amanhar, pois, e esse é <u>que me disse</u> (...) o <u>que é que</u> era bom para aquilo.
LUZ12	Então o <u>que é que</u> vomecê fez?
LUZ12	Porque <u>é que</u> vomecê fez isto?
LUZ12	Então isso está tudo queimoso, então quem <u>é que</u> dá comido isto?
LUZ15	Como <u>é que</u> lhe chamam àquilo?
LUZ15	Como <u>é que</u> chamavam ao nome da água?
LUZ16	A cortiça está ali, como <u>é que</u> a gente sabe se ela tem nove, se tem dez?
LUZ16	Ver onde <u>é que</u> ela estava.
LUZ18	Ora, como <u>é que</u> se faz a taipa?
LUZ18	Como <u>é que</u> construíam?
LUZ19	Ai, como <u>é que</u> se chamava?
LUZ26	Que <u>é que</u> põem dentro?
LUZ27	O <u>que é que</u> fazem ao porco?
LUZ27	Que <u>é que</u> se fazia ao porco?
LUZ31	Como <u>é que</u> se chama?
LUZ32	Eu, nesse tempo, não sei onde <u>é que</u> usavam uma chaminé.
LUZ37	E então quem <u>é que</u> vai bater?
LUZ40	Como <u>é que</u> chamam a isso?
LUZ40	A gente até (...) quando a gente éramos mais novos, sabe o <u>que é que</u> a gente fazia?
LUZ45	Mas assim <u>que é que</u> seria feito do nosso boieiro que ele não apareceu?
LUZ46	Onde <u>é que</u> os coelhos se escondem?
LUZ49	E eu passei por lá, (...) - não sei <u>que é que</u> eu fui para lá fazer -, passei e onde encontrei um ninho de folosa com um cuco dentro.
LUZ51	Como <u>é que</u> se...?
LUZ51	Faz aquilo, faz ali assim um grande teaço e faz ali o ninho, até junto às pezeiras de trigo, junto àquelas, umas ervas - não me lembro o nome das ervas como <u>é que</u> é, e é umas ervas que dão um espigo grande, e então vai ali, junto àquilo ali, faz ali aquilo assim e faz lá o ninho.
LUZ55	Como <u>é que</u> chama?
LUZ55	Ai, como <u>é que</u> chamavam àquilo?
MLD02	Poderia então ele traçar o <u>que é que</u> seria certo.
MLD03	Não sei o <u>que é que</u> as pessoas querem.
MLD06	Chamam-lhe isso (...) uma árvore (...) que faz canilhas, como <u>é que</u> se chama (...) essa coisa?
MLD08	Olhe <u>que eu sozinho</u> - está aí a minha mulher que sabe e muita gente - eu sei o <u>que é que</u> sofria.
MLD12	Então e quem <u>é que</u> vai fazer moreias?
MLD13	Então o <u>que é que</u> foi?
MLD13	A gente, a maior parte das coisas, pois não é às vezes porque a gente não saiba o nome das coisas, ou não saiba como <u>é que</u> elas começam, às vezes não espera é de aparecer, por exemplos, como as senhoras apareceram agora.
MLD13	Ou com este ou aquele, eu não sei o <u>que é que</u> fulano traz na algibeira, ou fulana traz na algibeira.
MLD15	Como <u>é que</u> eles cantaram os versos ali de 'A Aurora tem uma menino'?
MLD15	Mas havia aí quem não percebeu bem como <u>é que</u> eles cantaram os versos.

MLD16	Ai, isso (...) é o coiso, como <u>é que</u> é?
MLD21	Se não se fizesse muito, como <u>é que</u> me eu me safava?
MLD22	Podem ver o que <u>é que</u> ele, o homem, gosta (...) da igreja!
MLD23	Mas onde <u>é que</u> aprendeste tanta cantiga em tão pouco tempo?
MLD25	O que <u>é que</u> será de mim?
MLD25	Deixa ver o que <u>é que</u> minha mãe diz.
MLD25	Ó filha, diz-me a verdade, o que <u>é que</u> te aconteceu?
MLD26	Eu sabia lá o que <u>é que</u> o homem tinha dito.
MLD27	Então, amigo Gastão, então como <u>é que</u> a gente vai?
MLD27	E o homem, que sabe ler e escrever, o homem aplicou umas outras coisas que eu, mais das palavras, (...) nem sabia (...) o que <u>é que</u> elas queriam dizer.
MLD27	Mas todos sabem muito bem as palavras o que <u>é que</u> querem dizer.
MLD28	Isso não sei para que <u>é que</u> se utiliza, isso.
MLD32	Pedi ao Gerânio, que é o meu irmão, para ele dizer onde <u>é que</u> era, bom, aprendi a conhecer as letras todas.
MLD38	A vaga, ele a gente que sai do local, por exemplos, da amarração do barco é que eu tenho tido barcos em Sines, depois quero ir para rumo tal, saio (...) da amarração e (...) vejo logo como <u>é que</u> a vaga está, oriento-me pela vaga.
MLD41	Como <u>é que</u> era ele trabalhar no arroz?
MLD44	A gente vai conversando e, às vezes, lembra-se como <u>é que</u> ...
MLD46	E então como <u>é que</u> se isso fazia?
MLD48	E sabe o que <u>é que</u> aconteceu depois (...) lá nesse Outeiro Redondo?
MLD49	Como <u>é que</u> se chama?
MLD50	E trabalhavam um ano, dia-a-dia, o que <u>é que</u> eles apuravam?
MLD50	Sabe como <u>é que</u> ele pagava nesse tempo?
MLD50	E qual <u>é que</u> é a coisa de primeira necessidade?
MTM02	Braçadeiras, essas já não sei bem como <u>é que</u> eram os nomes delas.
MTM03	Sabes como <u>é que</u> é aquela coisa (...) que eles põem em cima (...) dos burros para acartar estrume e aquilo tudo assim, e como <u>é que</u> chamam aquilo?
MTM03	Sabes como <u>é que</u> é aquela coisa (...) que eles põem em cima (...) dos burros para acartar estrume e aquilo tudo assim, e como <u>é que</u> chamam aquilo?
MTM12	Depois viviam de lugar em lugar, sabiam onde <u>é que</u> havia as zonas das ovelhas e (...) vinham fazer essas cardas assim, cardar.
MTM19	Porque (...) quem <u>é que</u> quer isso?
MTM19	Quem <u>é que</u> a quer numa fábrica, mesmo fábricas grandes onde toda a gente está empregada, mas eles não querem lá andar-lhe a bater assim no ombro e estar-lhe a explicar.
MTM27	Quer ver como <u>é que</u> era?
MTV02	Sabe o que <u>é que</u> apoquento muito esta flor, que a procura muito?
MTV05	Então (...) quem <u>é que</u> limpou aqueles sobreiros à borda da estrada lá ao cimo do aterro, ali daquela inclinação do aterro para cima?
MTV05	Porque <u>é que</u> eu não percebia?
MTV06	E dizia-me aqui uma árvore qualquer para eu dizer qual <u>é que</u> era a poda que ela precisa.
MTV06	Agora há-de-me aqui explicar e dizer porque <u>é que</u> o senhor disse que não há nenhum agricultor.
MTV07	Olhe, mas então onde <u>é que</u> ele andou?
MTV07	Onde <u>é que</u> é?
MTV08	Então como <u>é que</u> é isto?

MTV11	Andava as nossas mulheres, ou alguém que a gente tinha que ajudasse, com uns candeeiros que nem havia luz, nem nada, com uns candeeiros, de lado, para alumiar, para a gente ver onde <u>é que</u> andava a bater, à porrada ao chão.
MTV17	Onde <u>é que</u> estiveram?
MTV17	Onde <u>é que</u> estiveram?
MTV17	Onde <u>é que</u> estiveram?
MTV21	E a terra do campo é mais ‘mentureira’ porque também tem que saber donde <u>é que</u> vem a uva, para saber.
MTV21	Que depois que <u>é que</u> sucede no lagar?
MTV21	Donde <u>é que</u> veio a uva?
MTV21	Onde <u>é que</u> ela foi e como <u>é que</u> ela foi apanhada?
MTV21	Onde <u>é que</u> ela foi e como <u>é que</u> ela foi apanhada?
MTV21	Então como <u>é que</u> eles podem governar e essa coisa toda?
MTV22	Ó tio Guilherme, então como <u>é que</u> a gente há-de fazer?
MTV22	Então quanto <u>é que</u> o vinho tinha?
MTV23	Então quando <u>é que</u> as apanharam?
MTV23	Então (...) que porção de uvas <u>é que</u> são?
MTV25	Ora, o que <u>é que</u> a gente faz?
MTV25	O que <u>é que</u> aquele que está acolá em cima faz?
MTV25	Não sei o que <u>é que</u> lhe hei-de fazer.
MTV30	Ó amigo, você fazia favor, dizia-me aqui onde <u>é que</u> era o caminho para ir (...) diga-me o caminho aqui (...) para Torre de Palma.
MTV32	Para subir, quem <u>é que</u> sobe por ele acima?
MTV50	Sabe com que <u>é que</u> é parecido um sapateiro?
MTV51	Eu não sei onde <u>é que</u> elas iam buscar (...) aquelas fardas.
MTV52	O que <u>é que</u> a gente (...) fazia parte das vezes?
MTV52	Sabe quanto <u>é que</u> era um vintém?
MTV59	Então depois, por causa das batinas e por causa (...) do farnel, como <u>é que</u> se há-de isso aí ser feito?
MTV59	Então como <u>é que</u> isso há-de ser arranjado?
MTV59	O que <u>é que</u> deseja?
MTV59	E vou para muito longe e como <u>é que</u> eles se podem governar?
MTV59	Eh pá, deixa-me lá ir ver, ali àquela janela, ver, (...) senão vem aqui algum diabo de noite ter comigo, para onde <u>é que</u> eu hei-de fugir?
MTV59	Como <u>é que</u> isto há-de ser arranjado?
MTV62	<u>É que</u> se dava isso?
MTV64	O que <u>é que</u> depois tem diferença?
STA05	O que <u>é que</u> era?
STA09	Quem <u>é que</u> se lembrou de tal coisa, sem saber assinar nada disso!
STA09	Ainda antes de um mês (...) de abrir já sabia que dia <u>é que</u> abria.
STA09	Como <u>é que</u> eles estão tolos, pá?
STA09	Donde <u>é que</u> nós tem (...)?
STA23	A gente não sabe onde <u>é que</u> vem.
STA34	Então como <u>é que</u> te ensinei na escola?
STA34	Então como <u>é que</u> se diz?
STA36	Hoje o que <u>é que</u> se faz?
STE11	Como <u>é que</u> te chamas?
STE11	Também passa, pergunta a um rapaz, se vai passando, como <u>é que</u> se chama, ele diz o nome.

STE11	Esse rapazinho como <u>é que</u> se chama?
STE16	Eh mulher, porque <u>é que</u> vieste tão de noite?
STE17	Quando <u>é que</u> vais cozer?
STE46	Ah, como <u>é que</u> eu vou fazer (...) com este enxame?
STJ06	O <u>que é que</u> elas te fizeram?
STJ06	Então onde <u>é que</u> ele vive?
STJ06	Então onde <u>é que</u> ele vive?
STJ06	Onde <u>é que</u> ele vive?
STJ06	Vejam lá o <u>que é que</u> vocês estão a dizer.
STJ06	Aí pela aldeia acima procurando onde <u>é que</u> era.
STJ06	Tem de me dizer aqui a mim só lhe digo onde <u>é que</u> está o meu filho o <u>que é que</u> o senhor quiser (...) ao meu filho.
STJ06	Ó rapariga, eu não sei o <u>que é que</u> elas passaram pela cara do rapazinho não sei o <u>que é que</u> passaram <u>que ele que</u> deu logo um conto e quinhentos.
STJ06	Tem de me dizer aqui a mim - só lhe digo onde <u>é que</u> está o meu filho - o <u>que é que</u> o senhor quiser (...) ao meu filho.
STJ06	O senhor diga o <u>que é que</u> quer ao meu filho.
STJ06	Então porque <u>é o que</u> o senhor não disse lá no centro social quem <u>é que</u> era o Cristiano?
STJ06	Ouçam lá, mas porque <u>é que</u> vocês...
STJ06	Onde <u>é que</u> mora qui o Cristiano Cruz Damásio?
STJ06	Quem <u>é que</u> <u>é os pais</u> do Cristiano Cruz Damásio?
STJ06	Peço-lhe mesmo por favor <u>que o senhor</u> apareça lá com esse papel, para a gente saber quem <u>é que</u> anda a trabalhar para a gente.
STJ06	Não sei onde <u>é que</u> foi <u>que ele</u> nunca disse.
STJ06	Não tive tempo (...) e eu não sei o <u>que é que</u> elas lhe fizeram.
STJ06	Não sei o <u>que é que</u> elas lhe fizeram.
STJ06	Não sei o <u>que é que</u> elas ali fizeram.
STJ06	Ele disse logo <u>que sabia</u> quem era pelo traje <u>que elas</u> traziam e porque <u>é que</u> ele se deixou agarrar por elas.
STJ09	Bem, sabe como <u>é que</u> eu lhe digo?
STJ09	Mas então esta senhora foi lá e sabe já distinguir tudo e dizer como <u>é que</u> foi essa, então!
STJ09	Sabe quanto <u>é que</u> custava uma hortênsia azul?
STJ09	E depois fui a - como <u>é que</u> <u>é o outro</u> - Mafra, ao Convento de Mafra.
STJ09	Sabem onde <u>é que</u> a gente veio acabar?
STJ09	Então, mas como <u>é que</u> este <u>é</u> amanhã, senhor?
STJ09	Então mas como <u>é que</u> <u>é</u> ?
STJ09	Mas como <u>é que</u> <u>isso é</u> foi arranjado?
STJ10	Olhe, antigamente sabe o <u>que é que</u> se enfeitava cá com giestas?
STJ11	O <u>que é que</u> ele tinha com isso, se a gente levava fato-de-banho ou não?
STJ19	Então, quem <u>é que</u> tirou esta?
STJ26	Mas eu não sei como <u>é que</u> chamavam a isso.
STJ27	É ali uma coisa que ali está (...) uma ventoinha ou não sei como <u>é que</u> aquilo se chama <u>que aquilo</u> tem <u>que a gente</u> ter cuidado com aquilo.
STJ31	Sabem como <u>é que</u> se pedia?
STJ42	Como <u>é que</u> eu faço?
STJ42	Como <u>é que</u> era dantes?
STJ42	Onde <u>é que</u> está?

STJ49	Eu agora não lhe sei dizer já como <u>é que</u> era.
STJ51	Não sei se foi disso (...) se o que <u>é que</u> teve de ser.
STJ53	Olhe, eu não sei já bem como <u>é que</u> é.
STJ53	Mas eu agora não sei quais <u>é que</u> é o mouco e quais <u>é que</u> é o cego.
STJ53	Mas eu agora não sei quais <u>é que</u> é o mouco e quais <u>é que</u> é o cego.
STJ53	Eu não sei quais <u>é que</u> é mouca, se era o licanço, se era (...) víbora.
STJ53	Quais <u>é que</u> é a pessoa que se deixa lamber até fazer sangue?
STJ65	E o gajo com um pontapé (...) - o que <u>é que</u> foi? -, foi apalpar o boi - ele apalpava o animal - foi apalpar o boi e achou-lhe um marmelo (...) atravessado nas goelas.
STJ69	Então quanto <u>é que</u> queres por um fato de Santa Clara fino cinzento?
STJ70	Vocês nem sabem o que <u>é que</u> estão a fazer aos rins.
UNS07	Então quem <u>é que</u> está a chamar?
UNS09	Então como <u>é que</u> nós havemos de levar as crianças?
UNS10	O que <u>é que</u> se resultou?
UNS10	O que <u>é que</u> se resultou?
UNS12	Teve lá um livro, como <u>é que</u> se chamava?
UNS12	Onde <u>é que</u> eu tenho agora jornais dos netos?
UNS12	Sabe como <u>é que</u> se eles entretinham a brincar?
UNS16	Bem, quem <u>é que</u> quer ficar (...) com a regadia?
UNS23	Era a minha paga porque isto já se sabe como <u>é que</u> era.
UNS24	Por exemplo, a dona do forno sabe as pessoas que lá vão a pedir a vez, (...) tem que saber quanto <u>é que</u> vai cozer, se é um alqueire, se é alqueire e meio.
UNS24	Ó minha senhora, quando <u>é que</u> hei-de amassar?
UNS24	Quanto <u>é que</u> vais amassar?
UNS24	E depois para diferençarem o pão, como <u>é que</u> haviam de fazer?
UNS24	Pois, a senhora metia (...) o seu pão, o senhor igual, ele metia igual, eu igual, e depois para a tirada de estar cozido, como <u>é que</u> o haviam de diferençar?
UNS24	Ó senhor forneiro, que sinal <u>é que</u> eu ponho ao meu pão?
UNS24	E que sinal <u>é que</u> eu ponho?
UNS24	O que <u>é que</u> eu ponho?
UNS24	O que <u>é que</u> eu ponho?
UNS24	O que <u>é que</u> eu ponho?
UNS24	Então se não fosse assim, como <u>é que</u> haviam de diferençar?
UNS28	Por exemplo; onde <u>é que</u> havia cá os colchões, nesse tempo, que agora há?
UNS29	Sabe quanto <u>é que</u> levei para a tropa?
UNS29	E sabe onde <u>é que</u> os ganhei?
UNS29	Onde <u>é que</u> o havia!
UNS29	Quanto <u>é que</u> queres por isso?
UNS29	Como <u>é que</u> a vida pode ser igual?
UNS30	Então como <u>é que</u> faziam com a espiga dos amores?
UNS37	Olha lá, como <u>é que</u> se escreve um tostão?
UNS44	Então, ‘ó Domingos’ para o meu irmão ‘ó Domingos, então o que <u>é que</u> tem o teu irmão?’
UNS44	Mas o meu irmão andava sempre atrás de mim, sobre mim, a ver o que <u>é que</u> se passava.
VPC07	Do tamanho desta mesa, mesmo alto, não estavam sentadas e tinham (...) uma coisa de pau, parecia (...) uma catana, ou como <u>é que</u> se chamam aquilo, e maçavam, maçavam, maçavam, maçavam, até que saísse saía-se aquela pragana de dentro (...) da pele do linho.

VPC17	Ó avó, <u>quem é que</u> lhe fez esta pá?
VPC24	Agora quem <u>é que</u> toma os ofícios dos pais?
VPC24	O que <u>é que</u> a gente há-de fazer?
VPC33	E depois qual <u>é que</u> vai primeiro.
VPC33	As cachopas <u>é que</u> iam apanhar os cardos, (...) que era o amor, (...) quem <u>é que</u> ele se casava primeiro.

Interrogativas parciais com é que é que (2/7):

AAL32	Vamos lá ver quanto <u>é que é que</u> em depois me...
AAL19	Agora, como <u>é que é que</u> se chamava aquilo, não sei.
ALC19	Sabe onde <u>é que é</u> (...) que há muitas azinheiras?
ALV03	Então como <u>é que é que</u> isto ele é feito?
PVC20	Como <u>é que é que</u> vossemecê disse?
STJ06	Apareça lá com esse papel para a gente saber quem <u>é que é que</u> anda a trabalhar para a gente.
MTV21	E vamos lá ver mas <u>é que como é que é que</u> lá está a outra.

Interrogativas com *é que SER que*

CBV29	Mas o Senhor Doutor não me disse quanto <u>é que era que</u> eu tinha a pagar.
-------	--

Interrogativas parciais com outra forma verbal (11):

PAL01	E quem <u>foi que</u> semeou esta semente?
PAL03	Mas como <u>foi que</u> nasceu?
PAL19	Como <u>foi que</u> essa nuvem se formou?
PAL19	E como <u>foi (...)</u> <u>que</u> adquiriu água para chover?
PFT21	Mas nem sei já como <u>era que</u> se ele lhe chamava.
CBV08	Porque hoje aparece tanto problema desses, de coisas ‘antiguíssimas’ que passou deste para aquele, daquele para o outro, do outro para o outro, mas o nome ainda é de um, às vezes, que quem sabe já quando <u>foi que</u> ele morreu.
MIG45	Para que <u>será que</u> estás fazendo isto à rapariga?
MIG52	Mas eu não sei donde <u>foi que</u> eu as pus.
CPT06	E não sei como <u>foi que</u> eu falei em orquestra.
GRJ50	Ainda agora nós fomos a Sernancelhe - agora não sei que dia <u>foi que</u> lá fomos - e fomos lá mais para falarmos com o senhor presidente a respeito disso.
STE15	Quem <u>era que</u> estava a falar?



### 10.3.2 Explicativas (73/182)

AAL06	É <u>que</u> , por exemplos, um comerciante chega ali até mesmo esses comerciantes de frutas, que estão ali na praça, se não tiverem facturas, aquilo é uma multa, logo uma coisa forte.
AAL10	É <u>que</u> quando a palha está juntamente com o grão, aventa-se ao ar não é? e a palha vai para um lado e o grão para outro.
AAL21	É <u>que</u> uma azenha tem uma roda muito grande e coisa.
AAL27	É <u>que</u> aqui nós, por exemplos, se nós soubéssemos.
AAL30	É <u>que</u> , este ano, se não chove, estou encravado com isto.
AAL30	É <u>que</u> , em depois, também, (...) se vem muito tarde, também já faz mal a outras coisas.
AAL30	É <u>que</u> , à altura de chover, costuma-se a dizer <u>que</u> .
AAL31	É <u>que</u> as batatas e a vinha <u>que</u> se me queimou há dois anos, ela me deitou muita rama ainda, mas o <u>que</u> é <u>que</u> já não deitou fruto mesmo as batatas e tudo, está a compreender?
AAL31	Mas é <u>que</u> o fruto é <u>que</u> abalou, está a compreender?
AAL95	Ele dão-lhe outro nome que faz muito mal ao gado, que está às vezes no meio do feno, que eles até têm medo de gadanhar aquele feno mas é <u>que</u> eu não me lembro do nome dessa erva, agora.
CLC17	Mas é <u>que</u> uma certa era para cá, aparece muito charéu miúdo.
CLC25	É <u>que</u> , a outra escorrega muito.
CLC26	É <u>que</u> a barbatana vem ter aqui.
CLC29	Pois, é <u>que</u> ia sempre.
CTL08	Mas é <u>que</u> depois é <u>que</u> foi chamar por outros.
CTL18	É <u>que</u> então dizia por baixo.
CTL18	É <u>que</u> , com licença, falando como é, tem um rabo muito comprido, a raposa.
CTL23	É <u>que</u> dá para isso.
CTL23	É <u>que</u> arrancava-se (...) o canhoto da urzeira, por baixo, e deitava-se...
CTL44	É <u>que</u> aquele que não trabalha, aí é <u>que</u> está o diabo!
PAL15	É <u>que</u> os antigos não sabiam ler, mas faziam obras bem feitas e obras importantes umas em pedra, outras em muitas coisas.

PAL18	Mas é <u>que</u> eu tenho por obrigação dizer asneiras por não saber, muitas vezes, pronunciar bem a palavra, com esta ou aquela letra e isso e assim e assado.
PAL36	É <u>que</u> nem não pode arder, pois ela afogou-se com terra.
PST20	É <u>que</u> faz o comer.
VPA06	É <u>que</u> eu, olhe, (...) o pouco dinheiro <u>que</u> uma pessoa ganhava naquela vida.
VPA06	É <u>que</u> nós levávamos cinco litros de azeite, num saco de batatas, levávamos umas cebolinhas, levávamos alhos, levávamos (...) um barrilzinho de vinho, <u>que</u> metíamos em Lisboa daquele vinho do sul, (...) e era assim.
VPA14	É <u>que</u> eles, se contassem o pessoal <u>que</u> vive, de todas as famílias <u>que</u> vivem do arrasto, hem, e os lucros <u>que</u> dá o arrasto, para os lucros <u>que</u> dá a pesca artesanal do norte ao sul do país, e (...) os habitantes <u>que</u> estão a viver do mar, eles aí sabiam dar o valor.
VPA15	É <u>que</u> eu tenho boa ideia, fui sempre mestre dos barcos, tirei a carta de marinheiro, tirei a carta de mestre, tirei tudo isso e sou analfabeto!
VPA40	É <u>que</u> acabei.

VPA51	<u>é que</u> eu (...) vi-me atrapalhado.
ALC02	<u>é que</u> não há mais nada a fazer disto que é isto.
ALC11	Mas <u>é que</u> ...
ALC22	<u>É que</u> é.
ALC26	<u>É que</u> a ovelha está alfeira, ainda não pariu.
CBV29	Não, mas <u>é que</u> era de verdade que eu devia.
CBV44	A gente fomos começar aí para o lado de Alegrete - <u>é que</u> a gente começou na serra - direito mesmo à serra de São Mamede.
CBV44	<u>é que</u> o mato, juntamente aos pinheiros, era muito.
CBV45	<u>é que</u> havia obra dessa que era com cunhas e era a poder de marretar muita vez.
CBV55	<u>é que</u> se punha no (...)
COV02	<u>é que</u> não abriu a boca!
COV07	<u>é que</u> não temos vagar, não temos tempo, para lidar com aquilo.
COV10	<u>é que</u> elas, os que as queriam os homens delas, as queriam logo.
COV24	Olhe, <u>é que</u> eu estou casado há pouco.
EXB37	<u>é que</u> faz parede para si e faz parede para o outro.
FIG09	<u>é que</u> pomos nas casas.
FIG14	<u>É (...)</u> <u>que</u> também tem a folha que pica.
FIG14	Ninguém pegava naquilo, que <u>era que</u> picava muito.
FIG37	<u>é que</u> é o alqueve.
FLF49	<u>é que</u> para criar para criar mulos, quando é burra, ...
FLF69	Pois, <u>é que</u> - sabe?
LVR01	<u>é que</u> vai cair tudo na mesma altura, quer dizer, começa a cair em Setembro, e depois - ou em fins de Agosto, vamos lá- , e a outra é em Setembro, fins de Setembro, princípio de Outubro, começa a dar comer aos porcos.
LVR02	<u>é que</u> mas é as herdades têm vários pontos e vários nomes.
LVR06	<u>é que</u> eles tinham que resolver o problema de outra maneira.
LVR06	<u>é que</u> os lavradores, vamos lá, os lavradores depois também precisam da gente.
LVR06	Mas <u>é que</u> aí há também uma coisa.
LVR06	<u>é que</u> se houver muita máquina a fazer serviço, tem que haver homens que estão a fazer serviço.
LVR19	<u>é que</u> davam mesmo mais resultado!
MIG01	<u>é que</u> não há cadeiras ali.
MIG02	Mas <u>é que</u> nesse tanque ficava...
MIG06	<u>é que</u> aquilo junta.
MIG20	<u>é que</u> se ralava a uva nisso, assim em cima dessa selha!
MIG30	<u>é que</u> aqui há uma hera bastante que não é...
MIG42	<u>é que</u> há os pés da arribana, não é?
MIG48	<u>é que</u> aquilo faz-me muita falta, porque a gente sem isso, a gente não trabalham.
MIG56	Porque <u>é que</u> hoje em dia, (...) o quartel é que dá as caixas.
MIN07	<u>é que</u> tinha a minha falecida mãe ainda na cama cinco meses, quase os seis...
MST02	Agora então, <u>é que</u> está claro, não têm nada.
MST04	<u>é que</u> este azeite é muito bom para qualquer...
MST10	Quer dizer, <u>é que</u> a canga – sabe - a canga trabalha com apeças e o animal (...) anda à vontade, de cabeça à vontade.
MST24	<u>é que</u> ele ainda amassa a farinha e nós ainda aqui sacode-se (...) e abala.
OUT11	Partimos em três ou quatro cachas, <u>é que</u> nós dizíamos assim.
OUT40	<u>É que</u> não lhe posso explicar bem o nome, o nome bem do pau.
PIC09	<u>É que</u> o mais conveniente é ir ou (...) por a banda da cauda, do rabo ou que a gente



	(...) chamará bem a cauda! E a banda da cabeça, ao andar dela.
PIC27	E <u>é que</u> isso(...) eu estava com o ouvido à escuta de ser em poucas horas.
PVC20	Pois, <u>é que</u> as meadas eram cozidas no forno com borralho.
SRP03	<u>é que</u> eles aquilo a ficarem ligados um ao outro, um homem chega a pontos que o campo põe-se tudo direito.
SRP04	Isso, o cachafundão, chama a gente a um sítio onde a água faz qualquer caracol, que trabalha assim por aspiração do ar, <u>é que</u> a gente diz assim:
SRP08	Mas <u>é que</u> a gente já não diz assim.
SRP13	<u>é que</u> depois aqueles nomes põe a gente, põe a gente para quando tem outro homem que manda fazer as coisas, para saber, sem ir lá ao pé, (...) a dizer-lhe onde há-de fazer.
SRP14	<u>é que</u> se mete ali a semente e depois novamente (...) é atada.
SRP24	<u>é que</u> a seira é fechada.
SRP24	<u>é que</u> a seira, é assim em volta, como está ali, mas tinha metade voltado para dentro.
SRP28	Mas <u>é que</u> (...) falava-se, numa maneira, do azinho.
SRP28	<u>é que</u> o azinho também tem verdeal como tem a outra.
SRP31	<u>é que</u> secam dentro da bolsa.
SRP32	Mas <u>é que</u> ele essa dita massa, depois de a massa se estar fabricando, é que vai aparecendo.
SRP32	<u>é que</u> enquanto a massa está ali, (...) que não se está mexendo, não tem água nenhuma separada.
SRP32	<u>é que</u> o mesmo dito chorrilho dá filho ainda.
SRP32	<u>é que</u> é assim mesmo!
TRC05	<u>é que</u> ele até este ano, este ano passado e o outro, estive de procurador.
TRC06	<u>é que</u> , muitas das vezes, muitas pessoas, por exemplo, que prometem de dar uma tigelinha de sopa de esmolas como eu dei...
TRC34	<u>é que</u> o Açoreano realmente é um povo pacato.
TRC35	<u>é que</u> isto é pago da mesma forma.
TRC41	<u>é que</u> (...) têm espinha aí pela cabecinha.
TRC53	<u>é que</u> (...) o seu fazer cocó é nas couves para fazerem lagartas.
TRC57	Sim senhora, <u>é que</u> metia à gente.
TRC62	Mas <u>é que</u> ainda no tempo que eu era rapaz, a gente usava camisa preta já se sabe, chapéu preto com um fumo de roda.
TRC69	<u>é que</u> ele as coisas hoje estão diferentes dominado à moeda.
ALJ04	Mas <u>é que</u> os pais sofrem mais por ver os filhos assim.
ALJ05	Mas <u>é que</u> ele não tem jeito nenhum de chover.
ALJ06	Mas <u>é que</u> ele já um ano lá vai que nem sequer volta-se para além.
ALJ22	<u>é que</u> muita gente tem muito medo duma cobra, isso é tudo asneiras!
ALJ31	<u>é que</u> mesmo o cavalo na carrinha, o animal chegava lá e bebia.
CDR33	E aqui há uma coisa muito interessante agora já (...) as pessoas se vão esquecendo mais, <u>é que</u> uma pessoa solteira queria sempre comer a ponta do pão para se casar.
CDR36	Mas <u>é que</u> praticamente as pessoas que cultivavam (...) ovelhas era aqui esta zona.
CDR46	E não era só o ser esquisito de beber, <u>é que</u> ficava sempre a dar aquele cheiro.
CLH14	“(...) <u>É que</u> vais (...) de fazer de carapuchinha de Manel do Canto”.
CLH14	Mas <u>é que</u> era a gente estava parados.
CLH15	“Pois é, mas <u>é que</u> não podes”.
CLH29	<u>É que</u> ele o quintal é que fazia a parte aqui da terra. (...)
CPT24	Não, mas <u>é que</u> ele há árvores que têm dúzias de raízes.

CPT48	É <u>que</u> eu tenho o trigo abafado em erva, nem colho daqui nada”, e isto, e aquilo, lá a pelejar a vida dele, coitado.
CPT49	Mas <u>é que</u> depois chegava a um certo ponto, criavam grandes pastagens, e depois (...) quando aquilo dava em enxugar, metiam-lhe gados para ali para pastarem.
CRV51	Eles (...) foram fazer isso mas <u>é que</u> (...) alguns não foram lá (...) nem vão.
CRV51	Não, mas <u>é que</u> eles não querem tirar (...) nem querem trabalhar!
CRV51	Mas <u>é que</u> (...) a Câmara não manda nada.
FIS03	E <u>é que</u> a cruz em cima...
FIS36	É no próprio (...) pasto que elas estão a comer, <u>é que</u> , se ela passar, é que pode muito fácil envenenar (...) o animal.
GIA17	<u>é que</u> enquanto não estavam habituados a trabalhar, os animais sentem-se doridos no cachão.
GIA19	<u>é que</u> uma rês quando tem um rego habitua-se perfeitamente a andar no rego e não sair.
GIA19	<u>é que</u> quando se acabava...
GIA19	<u>é que</u> quando se acabava o campo, não se dizia nada à burra e ela estava sempre com a ideia para quele campo e no dia seguinte era um caso sério, porque ela tinha sempre a ideia de ir aquele campo.
GIA20	<u>é que</u> , por exemplo, um campo tinha mais humidade dum lado e não tinha no outro, nascia no que tinha húmido e no outro não...
GIA21	<u>é que</u> não era como é agora que eles tanto vale direito como torto, porque depois põem a química (...) para não vir erva e não tem problema.
GIA22	<u>é que</u> naquele tempo era a comida má, mas era o ar bom.
GIA22	<u>é que</u> muita gente pensa-se que o maior perigo...
GIA22	<u>é que</u> isso também não era como agora.
GIA25	<u>é que</u> as culturas e tudo ficava muito caro e nem toda a terra tem condições que permita adequar.
GIA26	<u>é que</u> o eucalipto é a árvore de maior desinfecção que temos.
GIA32	<u>é que</u> sabia.
GIA33	Bom, <u>é que</u> há uma coisa que a senhora não sabe, mas vai ficar a saber para sempre se não lhe esquecer.
GRC02	<u>é que</u> antigamente havia muito bonito.
GRC22	<u>é que</u> eu levei (...) esses cachos de uvas e foi uvas que eu tinha lá em casa que era para passar e levei-lhas.
GRJ13	<u>é que</u> a gente assim...
GRJ25	<u>é que</u> a gente até quando passa nesses caminhos deve dizer assim:
GRJ26	Mas <u>é que</u> eu não queria que o doutor percebesse.
GRJ29	<u>é que</u> a vida de Cristo é muito grande, e muito linda.
GRJ37	<u>é que</u> parecem que arrancavam as veias do peito, ah!
GRJ41	<u>é que</u> a gente anda muito bem naqueles socos.
GRJ46	<u>é que</u> é o almoço.
GRJ55	<u>é que</u> tudo estava com aquela fé, não é?
GRJ59	<u>é que</u> é pior que um cão.
GRJ59	<u>é que</u> um animal passa por um caminho e nunca mais se esquece.
LAR31	<u>é que</u> é a crestadeira.
LUZ02	Mas <u>é que</u> aquilo então era trigo nesse tempo!
LUZ39	Mas <u>é que</u> este...
LUZ40	Pois, <u>é que</u> (...) a ‘sargocina’ dá uma florinha, dá...

LUZ41	é <u>que</u> o tojo-coelheiro é um tojo rasteirinho hum?
LUZ45	é <u>que</u> aquilo durou muitas noites, o galo a cantar!
MLD05	é <u>que</u> as pessoas e depois tornam-se duma forma.
MLD09	é <u>que</u> não tinha uma folha verde.
MLD13	é <u>que</u> às vezes não se lembra, não é?
MLD32	Quando sabia, estava a mula queda lá à porta da cocheira em Santiago, é <u>que</u> sabia...
MLD38	A vaga, ele a gente que sai do local, por exemplos, da amarração do barco é <u>que</u> eu tenho tido barcos em Sines, depois quero ir para rumo tal, saio (...) da amarração e (...) vejo logo como é que a vaga está, oriento-me pela vaga.
MTM29	é <u>que</u> (...) aquilo é inglês.
MTV07	O que fixei foi sempre coisas, enfim, (...)é <u>que</u> via que fazia bem e fazia uma prova disto ou daquilo.
MTV07	é <u>que</u> cansa mesmo a árvore.
MTV12	Depois ia - é <u>que</u> (...) eu quero chegar (...) a este ponto.
MTV20	é <u>que</u> queima todas as impurezas que tem, quer dizer, aquele cheiro, que a gente depois fecha, bate-o bem batido, e ‘reperta’ a madeira, e não entra o bicho na madeira.
MTV22	é <u>que</u> ele se fosse a tirar o vinho, com aquela graduação, dava aí catorze ou quinze.
MTV27	é <u>que</u> vocês apanham-me já muito velho e eu tenho já a ideia passada.
MTV28	é <u>que</u> a árvore respirou, suou, é como a gente diz.
MTV50	é <u>que</u> é parecido com um sapateiro.
MTV54	é <u>que</u> aquele andava a rogar pragas, andava ali assim, andava irritado, andava arreliado porque o serviço não lhe surdia, não andava e tudo, e andava com aquela preocupação.
MTV59	é <u>que</u> entrei.
MTV64	é <u>que</u> antigamente (...) aqui tínhamos aqui um rancho e eu cantei por ali algumas das coisas, mas também queriam modas antigas, estilos, bom, vamos lá por aqui.
STA09	Mas é <u>que</u> nós de lá é donde tiramos os comestíveis, pode-se dizer para comermos e nos alimentar esta freguesia toda quase com duzentos fogos, que estava.
STA09	Mas é <u>que</u> hoje (...) tanto me dá (...)
STE06	É, mas é <u>que</u> a gente comprava bocadinhos.
STE08	é <u>que</u> o meu pai os que iam casando, iam saindo.
STE11	é <u>que</u> eu hoje fiz anos.
STE16	Sabes, é <u>que</u> meu avô não me deixou lá ficar!
STE25	é <u>que</u> vai (...) para as grotas.
STJ20	é <u>que</u> a gente tem aqui um sangue misturado, não é?
STJ25	Não é por malícia, é <u>que</u> a gente depois íamos aqui.
STJ29	é <u>que</u> ele cá veio.
STJ33	é <u>que</u> nós trabalhamos aqui em conjunto e quando (...) começámos aqui, tínhamos, mais ou menos, um nível de vida escapatório.
UNS33	Mas eu uma vez meti um ganhão com umas vacas a lavrar além a horta da ponte, mas é <u>que</u> o ganhão tinha medo de pôr o pé na grade.
VPC13	Mas é <u>que</u> (...) se eu agora o encontrasse!
VPC25	é <u>que</u> ele (...) são à cor de abóbora-menina.
VPC25	é <u>que</u> alguns já a cor já ficava (...) mais vermelho.
PAL11	Onde é <u>que</u> eles mesmo trabalhando, em ganhando o dinheiro, podiam semear alguma coisinha para eles.

Explicativas com SER que (3):

PIC02	Era <u>que</u> ele, se fazia com os olhos abertos, também eu ia fazer com os olhos abertos, também podia fazer conforme ele fazia.
GRJ29	E <u>foi que</u> eles então disseram:
LUZ55	E <u>era que</u> isso era outar.

### 10.3.3 Contrastivas (19/43)

AAL03	O que <u>é que</u> assim isto só tem um contra.
AAL18	O que <u>é que</u> juntavam e não podiam amassar todos no mesmo dia.
AAL31	É que as batatas e a vinha que se me queimou há dois anos, ela me deitou muita rama ainda, mas o que <u>é que</u> já não deitou fruto mesmo as batatas e tudo, está a compreender?
AAL65	O que <u>é que</u> (...) quando era à noite, a gente aqui, portinhas fechadas logo à noitinha, logo fechadinhas, à noitinha.
CLC22	O que <u>é que</u> é do lado da cabeça tem uma espinha.
VPA10	O que <u>é que</u> aquilo (...) diz que <u>é que</u> vai para o japão até...
VPA29	O que <u>é que</u> uma pessoa, aquele ferros, quando era para o pilado (...), tirava aquela rede do camarão e botava-lhe outra, já de propósito, mais grossa.
VPA31	Porque a cagarra (...) é assim estilo da gaivota (...), o que <u>é que</u> é mais negra, é mais escura, e tem um bico amarelo. Ainda class por função
VPA40	O que <u>é que</u> eu não podia lá ficar, que ela sabia que eu que era casado casada.
VPA44	O que <u>é que</u> deixávamos as ovas.
VPA48	E houve aqui um barco que já caçou cento e tal corvinas, o que <u>é que</u> (...) eram assim, assim, assim.
VPA50	O que <u>é que</u> é pancho mais pequeno.
VPA50	E o goraz (...) é do feitio do pancho, o que <u>é que</u> é maior.
ALV37	O que <u>é que</u> a gente foge.
COV13	O que <u>é que</u> (...) se tiveres, comes.
EXB06	O que <u>é que</u> atravesssei uma época que não havia...
EXB13	O que <u>é que</u> (...) a cavar à mão, se for quatro homens ou dois homens só a cavar à mão (...) leva um loro de chão, começa a cavar dali, vai andando, vai andando, chega lá ao fim, volta outra vez, fica sempre.
EXB39	O que <u>é que</u> o casal tinha sempre trinta homens, vinte homens diários a trabalhar, dava que fazer à pessoa a acartar água-pé, vinho, água...
EXB39	E era criado de servir, o que <u>é que</u> chamavam-lhe ele o aguadeiro, não é?
LVR01	A boleta é tudo da mesma árvore, tudo da mesma colheita, o que <u>é que</u> uma vem mais cedo.
LVR01	É as únicas árvores que eu conheço que são iguais todas as outras coisas, o que <u>é que</u> nunca foram esgalhadas, nunca forma cortadas ramos nenhuns, nunca foram nada.
LVR07	Arder, ele é para arder, o que <u>é que</u> ardia em carvão.
LVR27	É uma verga à mesma, o que <u>é que</u> não é de salgueiro.
MIN25	O que <u>é que</u> (...) os ovos iam para o rio.
MST01	O que <u>é que</u> se lhe tiram as formas.

MST01	O que é <u>que</u> são picados três vezes.
MST01	Quer dizer, o que é <u>que</u> fica muito apertados.
MST01	O que é <u>que</u> a gente volta-o.
MST01	O que é <u>que</u> , quer dizer, o queijo da ovelha tem um sabor!
MST05	O que é <u>que</u> , quer dizer, ao comprador facilita porque evita de estar a fazer aquela escolha.
MST11	O que é <u>que</u> o tear, quer dizer, (...) está armado, mas está mal.
MST19	O que é <u>que</u> elas depois parece que diz (...) que aquilo que as que não iam bem arrançadas às vezes, ou bem tecidas, e as maranhas que vinham muito fracas.
MST26	O que é <u>que</u> ele já se usam pouco, agora.
MTM22	Eu ainda há pouco tempo as aí tinha, o que é <u>que</u> queimei-as.
MTM23	O que é <u>que</u> essa (...), por exemplo, nesses que são de pedra, é um fechal chamamos-lhe a gente um fechal, é um fechal de pedra, onde trabalham essas rodazinhas dentadas para moer o milho.
MTM27	O que é <u>que</u> travava aqui assim deste lado.
MLD41	O que é <u>que</u> vai lá as máquinas, têm que fazer os muros.
MTV52	O que é <u>que</u> tinha a asa móvel, como (...) a uma asa duma cesta.
STJ27	O que é <u>que</u> (...) eu a puxar e com o puxão ali (...) daquilo, olha a pregadeira...
STJ28	O que é <u>que</u> (...) cada seu crivo tinha lá a sua medida.
STJ55	O que é <u>que</u> , a gente aqui, o desenho não é tão bem coiso como...
STJ69	Há de tudo cá, de tudo cá no nosso país, o que é <u>que</u> está debaixo da alçada dos americanos (...) e os americanos não lhe convém que se desenvolva isto.
VPC25	O que é <u>que</u> dá-se assim debaixo da terra.

#### 10.3.4 Relativas

Relativas livres com *é que* (32/79)

CLC05	A cagarra onde é <u>que</u> vai ver o peixe é de dia, não é de noite.
CLC09	É como é <u>que</u> tens aqui por trás das costas.
PAL03	Mas não tinha onde é <u>que</u> se pusesse uma agulha que não picasse numa tal erva dessas (...) que eu digo que nasceu.
PAL16	E depois, (...) em um começando (...) com aquela palavra, todos vão empregar aquela palavra aonde é <u>que</u> não faz sentido, aonde é que não tem lugar.
PAL16	E depois, (...) em um começando (...) com aquela palavra, todos vão empregar aquela palavra aonde é que não faz sentido, aonde é <u>que</u> não tem lugar.
PAL16	Aplica-se (...) essa palavra no lugar preciso, aonde é <u>que</u> se deve de empregar.
PAL27	A arrúdia, chega-se onde é <u>que</u> estiver a arrúdia, já se sabe, (...)
PAL36	A gente marca onde é <u>que</u> está o vento , aquela coisa e, depois, aquilo vai andando.
PAL36	Onde é que se dê - é o que a senhora está a falar (...) - onde é que se dê a boca, depois deixou-lhe um ouvido.
PAL36	Onde é que se dê - é o que a senhora está a falar (...) - onde é que se dê a boca, depois deixou-lhe um ouvido.
VPA12	O mar aqui não cogula, mas, onde é <u>que</u> apanha fundo baixo, começa logo a cogular porque lhe falta o fundo.

VPA13	Porque onde <u>é que</u> faz uma enseada, o mar fica mais calmo.
VPA13	Onde <u>é que</u> apanha (...) uma enseada, (...) nos bicos , faz sempre (...) mais vento.
VPA13	Onde <u>é que</u> está mais encapelado, em geral, é nas pontas.
VPA13	Mas (...) onde <u>é que</u> ele meta as pontas para fora é quando o mar se encapela mais, porque vai apanhar fundo mais baixo.
VPA46	Onde <u>é que</u> se cria isto, (...) o mujinho, é aqui.
VPA55	Esfrega bem onde <u>é que</u> tens essa (...)
ALC07	Mas onde <u>é que</u> eu estava, era quase sempre oito, sete, seis.
ALC03	Terras do regadio é onde <u>é que</u> agora têm as regas.
ALC03	É onde <u>é que</u> agora têm as regas.
ALC12	É aquilo cá que há donde <u>é que</u> se põe a porca.
ALC19	Esse pinho é cortado (...) da charneca, onde <u>é que</u> está (...) os pinhais.
ALC23	E depois tem as tetas penduradas, onde <u>é que</u> a gente puxa o leite.
ALC10	Aquela minha (...) é o eixo (...) e é depois (...) os varais é de ferro - onde <u>é que</u> trabalha o animal é os varais.
ALC19	A madeira de ‘móveis’, onde <u>é que</u> isso dá é lá para o norte.
ALC19	Onde <u>é que</u> há muitos pinheiros é um pinhal!
ALC19	É onde <u>é que</u> se dá (...) uma festa muito grande, que é feita de quatro em quatro anos.
ALC20	Isso os buraquinhos é por onde <u>é que</u> deita o fumo.
ALC21	Onde <u>é que</u> se empregava o nome de roupeiro era só (...) do gado bravo.
ALC25	O bandulho é aquele vento todo ventoso onde <u>é que</u> a vaca enche o comer.
ALC30	É onde <u>é que</u> se matava o gado.
ALC30	E depois é onde <u>é que</u> (...) estão os magarefes, que estão lá, que matam.
ALV09	É onde <u>é que</u> eles fazem a matança.
ALV12	É onde <u>é que</u> tenho visto mais no Algarve é aqui rente à terra.
ALV12	Ele vem daquela direcção, seja para onde <u>é que</u> for, ele (...) aterra.
ALV24	Arranja-se também encosto, que mal não seja a gente temos que determinar, seja para onde <u>é que</u> for.
ALV39	Portanto, o que <u>é que</u> cai é a neve e da neve faz água.
ALV41	Onde <u>é que</u> ele apanha o mar é a barra.
ALV41	Onde <u>é que</u> apanha...
ALV50	Chamavam-lhe uma travessa, era (...) onde <u>é que</u> deitavam o lixo antigamente.
CBV10	Porque há uma estrumeira (...) para mexer ou uma coisa qualquer assim, a pessoa vai com uma coisa destas, é como <u>é que</u> é uma enxada que anda a cavar.
CBV44	Apanharam tantos como <u>é que</u> se lá não fossem.
CBV53	Mas, praticamente, quem <u>é que</u> tem, faz uma coisa daquelas, serve para de Verão, e serve para de Inverno, e serve para sempre!
CBV66	Nos favais, aonde <u>é que</u> isso carrega, isso dá cabo até dum faval.
LVR35	Alguma coisa, (...) que eu faço-te já (...) como <u>é que</u> era o mexerico.
MIN33	Lá os franceses não coisa, e ele mostrou lá aos franceses (...) como <u>é que</u> se trabalhava aqui (...) em Portugal.
MIN36	Ele onde é o tio Antipas <u>é que</u> ainda o fiz lá muitas vezes que ele tinha engenho de fazer.
MST12	E eu fazia-me confusão como <u>é que</u> elas haviam de aprender.
OUT02	Onde <u>é que</u> houver bom terrão é (...) onde é que há isso.
OUT02	Onde é que houver bom terrão é (...) onde <u>é que</u> há isso.
OUT03	Aquilo esmagava-se muito bem esmagado onde <u>é que</u> havia umas poças para os esmagar.



OUT09	No Inverno era por onde <u>é que</u> as botava, assim por essa urze, que havia muita.
OUT40	Uma joguinha que é onde <u>é que</u> se põe a boqueja e depois é que ele anda.
PIC04	Quem <u>é que</u> tinha matado aquele bicho, casava com a filha.
PIC04	Faz favor de acompanhar aquela mulher onde <u>é que</u> ela vá ter.
PVC10	Conforme estava além, assim metida na parede, e tinha ali umas pedras grandes, assim com um furo, e que metia-se assim uma coisa assim bem justinha, (...) como <u>é que</u> fosse ou podia ser de ferro ou de (...) madeira, ou coisa, mas tinha que ser uma (...) coisa forte.
PVC24	Não era agora como <u>é que</u> está as estradas alcatroadas.
ALJ16	Mas o perdigão onde <u>é que</u> lá andava com aquela maçada, com aquela parvidade da perdiz, e então em ouvindo tchi-tchi-tchi-tchi-tchi, oh, dava em aparecer.
CLH10	E em cima é como <u>é que</u> se aguçavam um coisinho.
CRV46	Ele ia lá para as lojas jogar, onde <u>é que</u> fica o porto.
CRV65	Limpavam-na como <u>é que</u> é limpo o trigo.
LAR36	Aquele (...) melhorzinho era o linho - o linho fino, fiado donde <u>é que</u> vem o lençol, que se pode ver, aquilo é que era linho - e o outro era estopa, que depois faziam colchões, que eram colchões de palha, que se metia não era só a palha (...) que há agora, os colchões e isso.
LUZ07	Pegavam depois nessas pipas e punham em cima duma (...) dessas carretas e onde <u>é que</u> houvesse água, um tanque ou um poço, ou um depósito qualquer que tivesse água, enchiam essa bilha.
LUZ17	O carvão, o forno todo em roda, ali em fogo vivo, ali como <u>é que</u> aquilo estava.
LUZ39	E então vão onde <u>é que</u> está aquilo, ‘emborneiam’ aquilo ali com aquele pó, aquilo é em pó.
LUZ54	Que, depois, essa farinha que a gente põe por cima do pão (...), quando a gente sabe que o pão que está capaz de ir para o forno, é quando <u>é que</u> o pão abriu umas rachadelinhas por cima, nessa farinha.
LUZ56	Tem a roda volante, tem o sarilho para puxar, para puxar o moinho (...) para onde <u>é que</u> faz vento, para (...) onde é (...) para fora do vento, para o vento.
LUZ57	E depois lá o patrão mesmo onde <u>é que</u> eu trabalhava - ele até fazia teares - e o genro dele tinha lá uns poucos de empregados.
MLD47	Parece mentira como <u>é que</u> ela arde assim e (...) fica bom.
MTV21	O que <u>é que</u> depois fazia, é claro, e depois é.
MTV59	No convento em Tomar, entrei, eu (...) foi-me lá a um padre ensinar onde <u>é que</u> eu havia de pôr a mula e tratar.
MTV59	Fazia favor ensinava-me aqui onde <u>é que</u> estava uns seminaristas que vieram na mesma companhia.
MTV59	E de maneiras, chego - mas depois ele ensinou-me como <u>é que</u> eu havia de dizer -, e eu cheguei à entrada da capela, o senhor bispo estava assentado no meio (...), na tribuna dele, todo ali estendido, por ali afora, com o crucificado aqui estendido em cima da barriga, que ele era mais gordo que a mim, e tinha os escriturários de lado, e mais padres.
STA09	Eu fiquei tão tranquilo, tão tranquilo, que foi como que - ai!- , como <u>é que</u> me dessem (...) um grande manjar, não foi?
STE09	Ah, isso então era ele quem <u>é que</u> eles tinham gosto de levar.
STJ64	Quando ia um (...) que não sabia, o manageiro, o capataz punha a parelha e ia ensiná-lo como <u>é que</u> se trabalhava, por exemplo, a ceifar, a cavar, a armar a horta, essas coisas.

UNS07	É como <u>é que</u> se conhecia já pelos chocalhos - chamava-lhe a gente a louça - era como <u>é que</u> já se conheciam.
UNS07	É como <u>é que</u> se conhecia já pelos chocalhos - chamava-lhe a gente a louça - era como <u>é que</u> já se conheciam.
UNS11	Era como <u>é que</u> era assim um empregozito.

Relativas restritivas com *é que* (7/20)

CLC06	E depois vai por aqui, sempre, sempre, sempre, para o sítio onde <u>é que</u> eles se seca.
CLC09	E sabe o sítio onde <u>é que</u> é para cortar, para partir mais rápido.
CTL10	Mas antigamente só havia aqui um senhor que <u>é que</u> tinha muitas abelhas.
MIG06	Eu já compreendi, minha senhora, mas eu não sei o nome como <u>é que</u> davam a uma vaca assim.
PAL15	Eu calculo que já vi ali o lugar onde <u>é que</u> esta pedra tinha sido assentada.
VPA37	Mas (...) há quem tenha os seus aparelhos na casa onde <u>é que</u> dorme.
CBV01	Diferente da outra terra que <u>é que</u> se andava a cultivar.
CBV57	Isso é conforme (...) o jeito (...) que melhor dá na altura aonde <u>é que</u> isso é feito.
CRV01	Um é para a gordura, que <u>é que</u> se faz a borragem depois.
MST02	Não sei o sítio onde <u>é que</u> ele anda.
PIC32	Mas é preciso desviar, porque elas, toda a lula, quando a gente engata, elas dão (...) uma esguichada de tinta que <u>é que</u> tem.
TRC02	Não sei se quer que lhe diga os temperos que <u>é que</u> se vai deitar dentro?
LUZ26	Depois o fulano pega num acinchozinho e vai lá onde <u>é que</u> o leite está coalhado e vai metendo dentro do cincho.
LUZ31	Olhe, aquilo naquele tempo, o fulano ia lá onde <u>é que</u> ela estava, fazia ali um fogo com uma mancheia de ramas de esteva e dava-lhe fumo ali por baixo hã?
MLD46	Penso que aqui o mestre que <u>é que</u> tem essa serra, uma serra grande, uma serra boa, uma serra para serrar assim dois homens com ela, e o machado, um machado de serrador, uns machadões grandes, pois muito bons, uns machados mesmo pois feitos lá no norte.
MTM15	E depois não tem possibilidade nenhuma, não tendo alguém que (...), pronto, que <u>é que</u> lhe abra o caminho, não é?
MTV17	Na área onde <u>é que</u> estiveram (...) para estar isso assim aí?
STE29	Por isso, isso tem muito a ver, a gente não saber os nomes 'reales', tudo antigo, porque isto foi uma pessoa - ela é mais velha de que eu um ano -, a minha colega, que <u>é que</u> aprendeu mas foi por alto.



GRC04	Somos, nós, que a gente vai apanhar o peixe na lota e (...) há um empregado da casa dos pescadores que <u>é que</u> (...) faz o serviço.
GIA32	Esse homem chamava-se queimador, que <u>é que</u> fazia os fornos de carvão e que assistia do princípio ao fim.

Relativa restritiva com *SER que* (1):

MTM26	Isto chamava-se a sega - uma sega -, que <u>era que</u> cortava a leiva (...), cortava o restolho à frente para não ficar tão apertado aqui.
-------	--

Relativas afirmativas com *é que* (1/8)

CBV55	Quando tirava a coalhada dalém, é claro, (...) depois no fundo, aonde <u>é que</u> tinha a coalhada, ficava também líquido.
STJ24	Que ali, onde <u>é que</u> é também uma...
VPA13	Faz de conta, acolá é uma ponta, onde <u>é que</u> está aquele castelo, não é?
ALC07	Fazia-se ali uma, onde <u>é que</u> está uma 'chaparra'.
PIC29	As tripas, o marchante, que <u>é que</u> abre o porco, é que desmancha as tripas.
FIS02	Que tem, vá lá, um ferro - não é? -, está em cima dum pau, aquele ferro está ali colocado (...) e depois tem um carrinho para cima, que <u>é que</u> faz depois moer aqui a pedra.
LUZ48	Fazem um ninho (...) sobre o terreno, um terreno, onde <u>é que</u> há umas barrocas, onde é que há uns pastozinhos, um magote de pastos e é lá que eles vão fazer o ninho.
LUZ48	Fazem um ninho (...) sobre o terreno, um terreno, onde é que há umas barrocas, onde <u>é que</u> há uns pastozinhos, um magote de pastos e é lá que eles vão fazer o ninho.

### 10.3.5 Adverbiais

*É que* dentro de uma adverbial (7/25):

AAL03	É quando toma muito cacho, quando nascem muitos cachos, quando <u>é que</u> vem o São Miguel, muito cedo, como a gente lhe chama, que a vindima é chuvosa, por vezes, os cachos apodrecem aqui muito.
AAL03	Por exemplos, (...) os cachos, chama-se-lhe a gente espigas, quando <u>é que</u> isto dá em crescer, em depois cada um olho já tem deitado duas espigas (...) e quatro, até.

AAL16	É fazer um arco assim, largar uma mão cheia assim, e a gente, quando <u>é que</u> mete a mão no sementeiro que como a gente anda com um.
AAL94	Quando <u>é que</u> chove, que há pedras que a gente mete lá debaixo, chama-se (...) uma toca.
CTL11	A minha mulher, quando <u>é que</u> pode (...) adquirir o litro daquele (...) que lhe tira um bocadinho àquele, então, diz ela.
CLC11	<u>Ainda quando é que fui lá.</u>
CTL22	Quando <u>é (...) que</u> vem a neve, esse passarinho, antes dois ou três dias, anda.
CTL27	<u>Mas, (...) sim, para desempatar número um, a minha senhora desempatou o número quatro, quando é que tinha a filha dezoito anos, (...) a mais velha.</u>
CTL30	O primeiro leite da vaca, quando <u>é (...) que</u> tem um dia, ou isso, de parida que tinha naquele tempo, de parida, (...) dizia assim.
PAL31	<u>Ele que pegue o pão e ponha em cima da pá que eu vou à lenha quando é que fizer falta.</u>
VPA39	Vou sim, à missa, quando for só, assim quando <u>é que</u> às vezes eu sou (...) de um festejo qualquer, (...) duma festa, aí é que sou obrigado a ir à missa, (...) por causa (...) de ser mordomo (...) por ser da direcção.
CBV46	<u>Aquilo quando é (...) que se começava a fazer um forno desses que era o que se chamava, também era um forno, punha-se uns paus assim no chão.</u>
COV07	Na arca (...) quando <u>é que</u> os mata.
COV09	Vai amanhã para o Porto é a minha sobrinha (...) com o mocito, para essa Belisa ver que ele já está há quinze dias sem tratamento, para ver (...) se é preciso tratamento e para ela telefonar lá, para Inglaterra, quando <u>é que</u> vão, outra vez.
FIG13	Faço assim chás, quando assim <u>é que</u> estou constipada, mas assim, com mel e assim, mas...
PIC04	Foi andando, andando e quando <u>é que</u> encontra...
PIC09	Até o azeite como <u>é que</u> vai, pode calhar isto aqui a dois ou três anos estar melhor que o que está agora.
CLH07	<u>(...) Só se é que fosses (...) a servir de burro e eu é que fosse à 'claveira'.</u>
GRJ59	Quando assim <u>é que</u> têm assim, habituam-nos logo a dar-lhe alguma coisinha à boca.
MTM32	Eu em minha casa tenho lá uma mó que trabalha eléctrica, quando <u>é que</u> aqui não dá, para nós desenrascarmos farinha.
STA25	Quando <u>é que</u> fazem lá o acto, nós vamos a Vilar ver.
STA25	Aqui quando <u>é que</u> se apanham umas flores e só os garotos só é o dia 12 de Maio para fazermos uma procissão à Senhora de Fátima, que é o dia 13 de Maio.
UNS25	A espiga tudo para o mesmo lado, como <u>é que</u> é assim em escama, a fazer escama, a espiga toda assim.

CBV44	<u>Apanharam tantos como é que se lá não fossem.</u>
MIG14	<u>E os bois também eram tratados aqui como é que os nossos também iam para lá lavar e tratar.</u>

*SER* que dentro de uma adverbial (12):

CBV40	Quando <u>era que</u> estava feito, que deitava a semente tinha a semente, deitava a flor na ponta, deitava a semente e depois aquilo era colhido e era posto assim às mancheias.
CBV50	A passarem passar aí uma ribeira, aonde havia dificuldade, que o gado não queria

	passar - por exemplos, que levava muita água, ou qualquer coisa assim -, ele pegava no carneiro e passava por cima das passadeiras, ou por aqui ou por ali, lá como <u>era que</u> ele podia.
CBV52	E depois quando <u>era (...) que</u> ela se saía, era dito e feito.
COV32	Quando <u>foi que</u> ele morreu, depois quando se ele mortalhou, ia-se a pentear e ele largava (...) bocados de pele e de cabeça.
PVC01	E quando <u>era (...) que</u> o rio ia grande...
TRC70	E depois ela ia para a eira aquela seara acartava-se com carros, para as eiras, depois quando <u>era (...) que</u> estava nas 'condições' era ali no mês de Agosto sempre, a gente então debulhava com as reses.
FIS06	Ora, quando <u>fosse que</u> ele tivesse quatro semanas ou cinco semanas, sachava-se.
FIS09	Tem o coberto, o telhado, normalmente, e depois, ora, tem as empanadas que tem as empanadas, que ele vê-se bem que são (...) umas empanadas que acolá tem, ora, e então guarda-se lá dentro e quando <u>for que</u> seja preciso ter que botar cá fora, já está a eira para deitar cá fora.
GRJ20	Lá começamos a ir, lá andávamos quando <u>foi que</u> o meu filhinho morreu.
GRJ49	Quando <u>foi que</u> a minha casinha se queimou, olhe, levantaram-me que nós que éramos comunistas.
GRJ60	Olhe, a minha uma vez, (...) quando <u>foi que</u> se me queimou a casa, que estava lá na casa da minha comadre, nem sentimos gritá-la de noite, nem nada, de manhã quando nos levantámos, chegámos lá, tinha lá três.
GRJ66	Depois quando <u>era que</u> iam lá no Espírito Santo, iam lá as procissões todas, não era?

### 10.3.6 Clivadas de *SER que*

Clivadas com SER que: classificação segundo a função do constituinte clivado

#### 1. Sujeito

Clivadas de sujeito com *é que* (300/628)

AAL04	E depois, ele mostrou-me aquilo depois de pintado, que aquilo <u>é que</u> era uma coisa mesmo linda.
AAL06	Isso <u>é que</u> é pena.
AAL08	Isso <u>é que</u> se chamava uma gavela.
AAL11	As duas coisas conjuntas <u>é que</u> é o pio.
AAL14	Isso, então, isso <u>é que</u> é a coisa melhor (...) para partir.
AAL14	Isso <u>é que</u> anda é mais depressa e mais perfeito, não é?
AAL18	Quando era cá no meu tempo de solteiro e essa coisa, eu <u>é que</u> ia sempre levar o tabuleiro à minha mãe.
AAL24	Isso <u>é que</u> é também aí.
AAL25	Mas esse, lá assim mais fundo, <u>é que</u> é.
AAL27	Mas se soubesse que isto que não nos tiravam (...) o valor ao dinheiro ou assim qualquer coisa, que a Caixa <u>é que</u> ia pagando sempre (...) o jurozito, assim coisa,

	eu, agora, vendia algumas propriedades e vendia o movimento da vida e ficava só com umas coisitas - só assim com umas coisitas (...) assim pequenas.
AAL31	Mas é que o fruto <u>é que</u> abalou, está a compreender?
AAL32	Pois, os agricultores <u>é que</u> sofrem e o povo até sofre, também.
AAL35	E eu, como sendo o mais velho, <u>é que</u> fui sempre o mais escravo.
AAL37	Só aqui esta roda <u>é que</u> tem o arco em ferro e a roda.
AAL50	Os paus <u>é que</u> (...) ia arrastando aquilo.
AAL52	E ele <u>é que</u> foi a origem (...) de arranjar aqui esta vila.
AAL54	A rapariga <u>é que</u> estava a casa da mãe.
AAL54	O rapaz <u>é que</u> foi para casa do padrinho.
AAL56	Agora eu <u>é que</u> não sei se são diferentes nem se não são.
AAL63	Os tratamentos <u>é que</u> não sei como são.
AAL79	Montalvão <u>é que</u> é assim um bocadinho parecido aqui com Alpalhão.
AAL82	Pois, essas <u>é que</u> são os malhõezinhos, que a gente lhe chama, não é?
AAL93	Toda essa gente, os pastores, que ainda (...) sabem (...) quando é a Páscoa, de sete em sete anos, lá pelos estudos deles, esses <u>é que</u> conhecem as estrelas todas, porque não têm relógio.
AAL93	Quem dorme no campo <u>é que</u> observa essas.
CLC05	A gorfuja <u>é que</u> é de noite.
CLC05	(...)Ela <u>é que</u> faz(...).
CLC09	A gente abre até que deita aquela ova toda fora, aquelas “grãozinhas” todas que tem <u>é que</u> sai.
CLC11	Meu pai <u>é que</u> foi lá, e disse por qual a razão que tinha me mandado da escola.
CLC11	Sim, o rico <u>é que</u> podia ter ido para lá.
CLC11	Isso <u>é que</u> é cavalo.
CLC14	Um homem <u>é que</u> levantava a rede para o ar.
CLC25	Este aqui, este <u>é que</u> é o tubarão.
CLC26	Esta <u>é que</u> é a pota.
CLC26	E esta <u>é que</u> é boa para isca, para a espada.
CLC26	Isto <u>é que</u> é o caçapo.
CLC26	Aquilo <u>é que</u> faz assim.
CLC28	Quando havia alguma avaria no mar com a baleeira que partia - com as baleias, às vezes, partia algumas - (...), e eu <u>é que</u> construía as baleeiras.
CLC28	Tinha-se lá o molde, e eu <u>é que</u> construí essas embarcações todas.
CLC33	A fêmea <u>é que</u> tinha aquela coisa de ambre.
CTL02	E (...) o homem que era (...) e o rapaz <u>é que</u> fazia (...) o fuso (...) para lhe dar.
CTL03	E a mais velha <u>é que</u> não estudou.
CTL11	O exame <u>é que</u> sai.
CTL12	A senhora <u>é que</u> ainda lhe não fez perguntas.
CTL23	O canhoto da urzeira <u>é que</u> dá para fazer o carvão.
CTL37	E essa procissão <u>é que</u> era então as pessoas que andavam na estantiga.
PAL02	Portanto, a natureza <u>é que</u> forma isto tudo.
PAL16	Não, pois aqueles homens (...) que falam e que não se percebe, só aqueles homens <u>é que</u> sabem falar.
PAL16	Não, só que eles <u>é que</u> se percebem.
PAL16	Agora, (...), aquele que fala, que não se percebe, aquele <u>é que</u> é um homem inteligente.
PAL17	E então, nessa altura, vieram dois rapazes fazendem parte, rapazes novos e eu e mais um outro <u>é que</u> éramos os velhos.

PAL18	Mas eu <u>é que</u> não é caso para achar que as pessoas estejam a falar mal, porque não sei ler.
PAL18	Pois, está bem, isto <u>é que</u> é asneira.
PAL24	Metade <u>é que</u> fica fora.
PAL25	Pois ele <u>é que me disse que o elefante que remói, tal e qual como a rês.</u>
PFT06	Esse <u>é que</u> tem as orações todas, e é o que se faz nas Vias Sacras.
PFT14	Agora, o cerro <u>é que</u> é um bocadinho mais gordo, mas também tem magro.
PFT22	Hoje <u>é que</u> era o dia.
PFT41	Isso <u>é que</u> é verdade.
PST08	Acolá, aquelas plantas <u>é que</u> é salgueiro.
PST11	Isso <u>é que</u> é o sarapatel.
PST12	Minha mãe mais minha avó <u>é que tomava conta do jantar.</u>
PST15	E eu <u>é que</u> pago.
PST15	Eu <u>é que</u> pago para bordar.
PST19	Praticamente, se minha mãe não tinha, não me disse, mas (...) eu <u>é que</u> pensei que não havia.
PST19	Eles, quando semeiam as melancias no verão, <u>é que</u> metem nos cabos (...) das mantas, que tiram para as melancias, é que põem uma aqui, outra acolá.
PST21	Só eu <u>é que</u> tenho
PST24	A gente <u>é que</u> ia buscar.
PST24	Veio, uma altura, aqui, um decreto - que o turismo <u>é que</u> se metia nisso- para melhorar os moinhos, para isso não acabar - era uma coisa antiga.
VPA03	Eu <u>é que</u> punha o motor a (...) trabalhar e tudo.
VPA03	Era o dono do barco e ele <u>é que</u> punha tinha (...) o aparelho.
VPA14	Vá lá, os grandes latifundiários <u>é que</u> vivem sobre os pescadores, sem nunca irem ao mar.
VPA17	Quer dizer, a forra na parte de fora, compreende, (...) <u>é que</u> vai fechar (...) a malha (...) na parte de dentro.
VPA17	O sobressaco <u>é que</u> é pior!
VPA25	Isso <u>é que</u> cheira a gueira.
VPA38	Nós <u>é que</u> éramos o mestre!
VPA39	Eu <u>é que</u> não vou.
VPA57	Esta <u>é que</u> não é.
ALC02	Isso <u>é que</u> é margear.
ALC11	Isto <u>é que</u> se chama os limões.
ALC12	Isso <u>é que</u> é o cubo.
ALC12	Aquilo <u>é que</u> é o cubo.
ALC19	O azinheiro <u>é que</u> é.
ALC30	Isso <u>é que</u> era comer carne de porco e saber bem!
ALC30	Porque este pau <u>é que</u> era de entalar dentro dos ‘perniles’ das pernas do porco.
ALC31	Isso <u>é que</u> se chama o galinheiro.
ALC40	O besouro <u>é que</u> faz.
ALC40	Isso <u>é que</u> tem pêlo.
ALC43	Essas <u>é que</u> não fazem mal.
ALC45	Agora (...) aquele que se come <u>é que</u> deve ser é o ‘cuco’.
ALV01	Eu <u>é que</u> fui criado na Baixa, mas eu não sei.
ALV08	A gente <u>é que</u> diz que não.
ALV08	A faneca então <u>é que</u> não faz mal a pessoa nenhuma.
ALV33	Agora o período da terra, essa coisa <u>é que</u> não está no meu alcance.

ALV33	Agora o período da terra <u>é que</u> vai diminuindo.
ALV36	A minha mulher <u>é que</u> tem sido...
ALV36	A minha mulher <u>é que</u> tem sido doente.
ALV40	Agora quando cai a geada lá, (...) que chamam o gelo, o gelo isso <u>é que</u> é frio.
CBV06	Quer dizer, eu <u>é que</u> plantei estas oliveiras que estão aqui.
CBV12	Que os patrões dão cabo da sementeira e depois os trabalhadores <u>é que</u> ficam com a carga?
CBV17	Há uma vala que vai apanhando uma distância grande de terreno e esses que ficavam com o terreno à parte de baixo da vala <u>é que</u> a hortavam.
CBV24	A casca <u>é que</u> não é.
CBV24	Que ela, a mulher (...) do meu afilhado e sobrinho, <u>é que</u> me trouxe sete.
CBV29	Você <u>é que</u> ma estragou.
CBV29	Ela <u>é que</u> lhe deu cabo da consulta a você e ela <u>é que</u> tem que lha fazer.
CBV29	Ela <u>é que</u> lhe deu cabo da consulta a você e ela <u>é que</u> tem que lha fazer.
CBV48	Esse que tinha a coisinha assim <u>é que</u> era o gravato mas não é aquele.
CBV49	O pastor começou a envelhecer e tinha lá um filho- foi toda a vida a ajuda do pai - , esse <u>é que</u> ficou a ser pastor.
CBV55	Quer dizer, o escorrimento do (...) coiso <u>é que</u> era a parte que vinha escorrendo (...) pela abarrelreira abaixo.
CBV58	Mas, muitas vezes, carne mesmo que costuma ir noutras coisas, metem-nas e depois o tempero <u>é que</u> faz aquilo.
CBV59	Então, você <u>é que</u> é o veterinário?
CBV62	Mas o gajo <u>é que</u> tem uma rjeza para picar que eu sei lá o quê!
CBV63	E então essas (...) que fazem um buraco no chão <u>é que</u> fazem (...) um ‘abespereiro’ debaixo do chão.
CBV65	Sozinho, eh amigo, ele <u>é que</u> tem que levar a carroça!
CBV65	E se for duas, já uma se pode encostar para a outra e a outra <u>é que</u> tem que fazer o trabalho todo.
COV02	Tu e o teu homem eram os criados e eles <u>é que</u> eram os patrões.
COV02	Bem, que enquanto se faz a ceia ela faz a ceia e governa alguma coisa, ela <u>é que</u> tem o lume para as tigelas, o lume para uma travessa, outro para os pratos ou para qualquer coisa que tira.
COV02	Que o meu avô <u>é que</u> era fino!
COV05	E a água vem dali e chega aqui tem a torneira, que é um pau furado e apertadinho, que é por causa de não ir na água, e ele recebe aqui (...) a água, e depois (...) aquele pauzinho (...) <u>é que</u> dá força às penas do moinho para andar o moinho.
COV05	E (...) a debaixo está aqui firme e depois (...) esta aqui <u>é que</u> anda com a mó de cima.
COV05	E depois aquilo então <u>é que</u> faz (...) a pressão da água (...) para moer.
COV05	Não, aquela <u>é que</u> tem que estar firme.
COV05	E cai para dentro (...) do olho da mó e depois a mó <u>é que</u> mói o outro - aquele que cai.
COV06	Isso <u>é que</u> é bom com leite.
COV06	Todas vermelhas, todas vermelhinhas, essas <u>é que</u> é a serrana!
COV07	Tenho uma casa e aquilo <u>é que</u> tem...
COV09	E aquilo <u>é que</u> lhe dava cabo...
COV18	Isso <u>é que</u> era um livro de dizer coisas!
COV19	Os homens <u>é que</u> acabam com o mundo!
COV19	Aquilo, os homens <u>é que</u> (...) acabam com o mundo.

COV20	Depois inventários, dois inventários, porque nós era tudo menor, (...) só ele <u>é que</u> era o mais velho (...), é que era de maior idade, pronto.
COV23	E depois nós <u>é que</u> estivemos encarregados.
COV27	Vais para Cabrum, vais ficar a mais nós, que eles era tudo de Cabrum, só eu <u>é que</u> era ainda lá de cima.
COV29	Vocês <u>é que</u> não prantam.
COV30	Não torno, Arquibaldo, não torno mais, que ele eu <u>é que</u> tive vergonha e ele a fazer mangação de nós!
COV35	Eu <u>é que</u> (...) não contava que não viesse ninguém.
COV38	Só um <u>é que</u> tinha burro.
EXB03	Pois se as fazendas são nossas, a gente <u>é que</u> tem os prejuízos, a gente é que está a criar caça!
EXB03	Pois se as fazendas são nossas, a gente é que tem os prejuízos, a gente <u>é que</u> está a criar caça!
EXB09	Depois de Pêro Negro, ele pôs aqui uma casa para oficina de sapateiro, éramos cinco a trabalhar, eu <u>é que</u> já tomava já conta da oficina.
EXB14	Eu <u>é que</u> tratava delas!
EXB15	Andava numa arroteia de mato vinte e tal homens e eu <u>é que</u> era (...) o aguaderio.
EXB16	A gente, por nós próprios, <u>é que</u> temos mais o cuidado.
EXB33	E então, depois elas <u>é que</u> começam (...) a lutar umas com as outras e naquelas todas vai ficar só uma, que é a abelha mestra.
EXB35	Ele <u>é que</u> é (...) o patrão próprio.
EXB35	E depois andam lá dez, quinze homens, você <u>é que</u> dá ordens àquilo tudo.
EXB35	Esse <u>é que</u> é um caseiro.
EXB36	Olhe, ele o dono da propriedade <u>é que</u> pode dizer assim:
EXB45	O coelho <u>é que</u> ‘alinha’.
FIG01	E este <u>é que</u> era o chá da horta, que faz bem aos estômagos, olhe.
FIG24	Tenho dois filhos na França, e eu, se estivesse boa, <u>é que</u> ele hoje estava ao pé deles, não estava aqui.
FIG24	Mas eu, por causa deste filho meu, <u>é que</u> não o vendo.
FIG32	Eu <u>é que</u> digo que é o papa-formigas porque tenho conhecimento disso.
FIG35	Quando chego junto da camioneta, estavam lá mais três aqui de Ribamondego- dois irmãos, <u>é que</u> era-, dois irmãos, que estavam também aqui, que tinham ido em excursão.
FLF26	E tu <u>é que</u> a vais botar.
FLF33	Um rapaz que foi para a Terceira <u>é que</u> o trouxe da Terceira e depois, então, mandaram-na vir e a gente comprou-o aqui.
FLF43	Ele <u>é que</u> os faz mesmo!
FLF58	A Florestal, quando veio, <u>é que</u> proibiu as ovelhas no concelho.
FLF67	E ela, a mãe, <u>é que</u> os sustentava a bem dizer, que foçava raízes de feitos que comia, está percebendo?
FLF67	A porca <u>é que</u> fazia.
FLF68	Mas, hoje, em dia, já eu tenho os meus genros e o meu filho, é que a gente <u>é que</u> arranja.
LVR01	E aquela <u>é que</u> é uma coisa desmarcada.
LVR03	Estas <u>é que</u> são as cortiças boas, que é com isto que eu trabalho.
LVR06	Isso <u>é que</u> é pena!
LVR07	Eles <u>é que</u> compravam a lenha, e depois coziavam-na, e depois vendiam o carvão, pronto.



LVR18	É o cevão, quer dizer que é um porco que está a engordar (...), e as mulheres <u>é que</u> chamam...
LVR19	Essa <u>é que</u> era carne!
LVR19	Que os do norte <u>é que</u> usavam muito isso desses porcos.
LVR21	Eu <u>é que</u> não tenho possibilidades de ir todos os dias.
LVR26	Quer dizer, isso um carpinteiro <u>é que</u> pode dizer todos esses nomes que é coisas que a gente não...
LVR30	Isso aqui <u>é que</u> me parece mais um saca-rabo do <u>que</u> o outro.
LVR30	Isto <u>é que</u> era a cor dele, era esta.
LVR35	Aquilo <u>é que</u> era amassar, amassar!
LVR37	Eu <u>é que</u> já andava (...)
MIG03	A tasquinha <u>é que</u> tirava aquela folhada toda do linho.
MIG10	Isso <u>é que</u> fazia um bom porco!
MIG12	As pessoas ricas <u>é que</u> tinham disso.
MIG15	Ele as pessoas depois <u>é que</u> matavam para vender nas lojas (...) para fazer iscas (...) para tomar com o seu copo (...) de bebida lá com o copo, os canarinhos.
MIG16	O moinho de vento, o vento <u>é que</u> está girando.
MIG17	Oh! (...) isto <u>é que</u> é uma pedra boa!
MIG18	Esta <u>é que</u> é a urze, que é o que se faz umas vassouras, que fazia-se no tempo, que era de varrer as eiras, retelhar as casas.
MIG18	Era, sim senhor, porque (...) a urze (...) <u>é que</u> cria mais.
MIG20	Os mestres <u>é que</u> faziam isto.
MIG20	Os muito ligados (...) a isso <u>é que</u> sabem qual é a diferença que há.
MIG20	Isto <u>é que</u> era um ralador antigo!
MIG20	E depois o pé que fica aqui dentro, que é aquele pé basto, <u>é que</u> vai para a prensa ou para o lagar, a apertar (...) para tirar mais vinho.
MIG21	As mulheres <u>é que</u> sabem fazer esse tempero, não é?
MIG29	Esse amarelo <u>é que</u> não é a bonina?
MIG29	A cor <u>é que</u> se chama bonina e não o...
MIG29	Eu tenho a impressão de que a cor <u>é que</u> derivou (...) da flor.
MIG45	Porque o meu pai <u>é que</u> me fez aquela espadilha.
MIG45	E eu <u>é que</u> dividia.
MIG45	Eu <u>é que</u> estou ali porque ele essas cabeças têm que ser muito bem feitas, porque se não, depois, descabeça ali.
MIG51	Ele depois de ter o fio da lâ, eu <u>é que</u> fazia as sueras para eles.
MIG52	E ela <u>é que</u> nos fiava a lâ.
MIG52	E ela lá <u>é que</u> nos fazia (...) o fio, e a gente depois iam buscar.
MIG54	E isto é tudo, ele tanto o liço, como a haste, eu <u>é que</u> faço tudo com a minha mão.
MIG54	Ele esse trabalho não é ninguém que o faça, eu <u>é que</u> sei fazer tudo.
MIG56	Porque é que hoje em dia, (...) o quartel <u>é que</u> dá as caixas.
MIG56	Mas no tempo que eu fui para a tropa, a gente <u>é que</u> levavam a caixa de casa.
MIG56	O museu <u>é que</u> lhe falou e diz que essa seve está no nosso carro.
MIG56	Mas (...) quando se partiram - porque eu <u>é que</u> arrematei os bens de meu pai todos...
MIG56	Mas eu <u>é que</u> avaliei...
MIG56	Ou uma rapariga <u>é que</u> achava a maçaroca.
MIN01	E às sextas-feiras, essa <u>é que</u> eu julgo que é menos...
MIN05	Meu amigo, costuma-se a dizer que quem é bom <u>é que</u> vai depressa.
MIN07	Esse <u>é que</u> é o sargento.



MIN07	Eu dá-me muita pena, que isto é <u>que</u> é verdade.
MIN15	Só Deus do céu é <u>que</u> nos há-de desapartar um do outro!
MIN16	Esta aqui é <u>que</u> tirava.
MIN29	Que, se tivesse de dar, Deus é <u>que</u> marca (...) e dava na mesma.
MIN31	Tinha uma roda que a força da água é <u>que</u> fazia andar a roda e com os baldes porque tem esses ‘tales’ baldes, como era o estanca-rio e regava aquele campo grande (...) que está além.
MIN31	Tinha um rego fundo e depois (...) a própria água é <u>que</u> fazia tanger a roda.
MST01	Eu é <u>que</u> vou pondo assim de uma por uma, de uma por uma, lá vou pondo.
MST02	As pessoas de dantes, assim (...) mais velhas, noutro tempo, é <u>que</u> costumavam.
MST19	Mas então quem as tecia é <u>que</u> remetia para lá aquelas maranhas.
MST26	Agora só as máquinas é <u>que</u> trabalham.
MST39	Bom, até (...) aquela palha, aquele linho, aquilo por dentro era rijo e só a pele por fora é <u>que</u> era...
MST39	Aquela pele por fora é <u>que</u> era boa.
MST39	Está a ver, (...) isto era a pernada do linho, só assim a casca por fora é <u>que</u> era boa e por baixo era rijo.
MST42	Aquele que tinha vagar é <u>que</u> ia.
OUT07	Bem, ele eu é <u>que</u> isto sou teimosa e vou a elas e lá escaldo-as muito e coisa.
OUT40	No rodízio, e o rodízio é <u>que</u> faz andar a pedra.
OUT57	O vinho é <u>que</u> vem acima.
PIC02	Ele é <u>que</u> fazia os meus cestos.
PIC05	Agora ele nalgum tempo, a gente chavava o grande aqui e os maneirinhos do lado, mas agora já o grande é <u>que</u> faz tudo.
PIC05	É ir ali à casa do Baldomero, que ele é <u>que</u> faz.
PIC10	Esse é <u>que</u> lhe podia dizer alguma coisa.
PIC10	Esse, o Barrabás, é <u>que</u> podia dizer alguma coisa.
PIC12	Talvez muito bem visto, não é uma coisa talvez muito bem feita, que ele a baleia a gente é <u>que</u> a tomou.
PIC12	Isso até meu irmão é <u>que</u> poderá explicar uma coisa melhor.
PIC16	Até meu pai que era um homem que não bebia- que é doente, não bebia- é <u>que</u> foi lá para dentro para o botequim para pagar vinho para todo o pessoal beber -ou para muita gente beber.
PIC20	O cabelo da tua cabeça (...)é <u>que</u> está ali (...) numa corrente!
PIC24	Ai, (...) a gente agora é <u>que</u> faz esses poços para despejar.
PIC27	E depois (...) a minha mãe então é <u>que</u> cuidou disso.
PIC27	Agora eu é <u>que</u> era valente!
PIC27	E criou os nossos seis filhos- a gente é <u>que</u> éramos irmãos, que era a minha mãe, que isto é uma irmã da minha mãe-, e criou os seus seis filhos.
PIC29	Uma só é <u>que</u> trabalhou, a outra veio só de dó mesmo.
PIC29	As tripas, o marchante, que é que abre o porco, é <u>que</u> desmancha as tripas.
PIC33	E eu é <u>que</u> comprei e é meu.
PIC33	Sei que a despesa está em cima de mim porque eu é <u>que</u> dou tudo, é que compro os preparos, é anzóis, é arame, é a seda, é...
PIC33	Tudo o que é necessário para o barco, eu é <u>que</u> compro tudo.
PIC33	Mas o resto, eu é <u>que</u> dou tudo.
PVC06	E aquilo, depois, o sol é <u>que</u> tirava a semente é que tirava a linhaça é que se tirava a linhaça.
PVC09	Aqui dentro ainda havia uma outra roda aqui (...) no coiso, no eixo da roda de fora,

	(...) que esta <u>é que</u> é a roda de...
PVC09	O outro de fora, (...) a roda de fora, <u>é que</u> vinha encaixar naqueles (...) tornos da capela por cima, <u>é que</u> tocava.
PVC09	O rodete (...) <u>é que</u> tocava a capela por cima.
PVC09	A capela (...) <u>é que</u> ia tocar a galga a esmagar a azeitona no (...)
PVC10	Este, faz de conta (...), aqui <u>é que</u> era (...) o ...
PVC12	Naquela altura era caldeado nas seiras, aquilo <u>é que</u> era com água a ferver, ia sempre...
PVC20	Faziam uma trancinha (...) no linho, faziam uma trancinha e depois aquelas trancinhas <u>é que</u> era mesmo o linho verdadeiro.
PVC20	Mas a minha mãe <u>é que</u> sabia bem tudo.
SRP08	Tu <u>é que</u> andaste além!
SRP14	E isso então <u>é que</u> se chama uma paveia.
SRP15	O nome disto <u>é que</u> (...) já não (...) vem (...) na minha idade.
SRP16	Separado da palha, porque o vento (...) <u>é que</u> a levava.
SRP16	Porque isso <u>é que</u> é a tal moinha, que é a tal camisa (...) que está segurando o baguinho de trigo, que é a tal camisa que segura o bago de trigo.
SRP16	<u>Que o vento é que ia soprando e a gente ia puxando.</u>
SRP19	Aquele próprio que seja dono, ou que seja rendeiro, e que tenha homens a trabalhar, esse <u>é que</u> se chama o hortelão próprio.
SRP19	Quer dizer, o responsável, que é o usufrutuário daquilo, <u>é que</u> se chama o hortelão próprio.
SRP19	Até pode o hortelão não trabalhar, mas o que é o usufrutuário (...) da fazenda, que seja dono, que seja rendeiro, esse <u>é que</u> tem o nome (...) de hortelão.
SRP19	Que vai pesar uma pequenina, aquela <u>é que</u> pesa, já sabe que aquela é que tem que comer.
SRP28	E a outra miudinha <u>é que</u> é a 'holândia'.
SRP31	Mas noutro tempo, os moirais <u>é que</u> faziam isso.
SRP31	Os próprios que a guardavam <u>é que</u> faziam isso.
SRP32	Essa então <u>é que</u> já não vale então para nada.
SRP32	Que essa <u>é que</u> já não tem aplicação nenhuma.
TRC03	E eu <u>é que</u> tenho também frequentado várias vezes.
TRC05	Este ano aquele <u>é que</u> está e mais dois colegas -não é?-, eles <u>é que</u> emprestam, <u>é que</u> tomam contas.
TRC05	Este ano aquele <u>é que</u> está e mais dois colegas -não é?-, eles <u>é que</u> emprestam, <u>é que</u> tomam contas.
TRC07	Isto é, (...) um uso, então, que eu, eu talvez <u>é que</u> o tenha posto a andar- não é?
TRC08	Essa <u>é que</u> tem uma responsabilidade muito grande.
TRC19	Vêm aqui à porta e a gente arremata-o aqui, toda a gente está aqui, e o que mais dá <u>é que</u> fica.
TRC22	E esta <u>é que</u> segue.
TRC22	Este olho que sai daqui <u>é que</u> é o pé.
TRC23	Isso <u>é que</u> era rir.
TRC23	Isso <u>é que</u> era rir, irem fazer o rabusco, que eles dizem que era o rabusco.
TRC25	Esta torneira <u>é que</u> regula o vapor ao fundo, ao fundo aqui da caixa.
TRC25	Ali, ali <u>é que</u> não é serpentina mas sim tubagem.
TRC30	Esses cães, esses donos desses cães (...) <u>é que</u> criam dores à gente.
TRC30	Aquilo <u>é que</u> era a companhia ali.
TRC30	E eu agora <u>é que</u> me estou a queixar dos braços (...) e é das pernas da água que eu

	apanhei!
TRC33	O que pertence à carne, ele <u>é que</u> faz.
TRC33	Ele <u>é que</u> se encarrega da carne.
TRC35	Mas isso, isso <u>é que</u> era muito engraçado!
TRC42	Meu pai <u>é que</u> estava certo.
TRC46	O poder de Deus <u>é que</u> é muito grande!
TRC46	Quem foi lá <u>é que</u> me disse.
TRC53	As borboletas <u>é que</u> punham.
TRC53	Os antigos <u>é que</u> diziam.
TRC55	Mas a falta de porcos o lavrador <u>é que</u> teve a culpa.
TRC59	Aquele bicho <u>é que</u> mexeu com ele!
TRC63	Eles <u>é que</u> levavam (...) numas saquinhas ou numa cestinha ou numa saquinha.
TRC64	Eles <u>é que</u> tomam aquilo, porque não foram criados com gente que (...) lhe dessem educação.
TRC64	Nosso Senhor <u>é que</u> dá?
TRC67	Ele <u>é que</u> tem arranjado então.
TRC69	Hoje semeia-se em qualquer uma parte, dá sempre muito porque o adubo <u>é que</u> faz dar - está o senhor percebendo o que é?
TRC69	A moeda <u>é que</u> está fazendo isto.
TRC70	A não ser, por exemplo, batatas ou umas coisas assim parecidas a esta <u>é que</u> é antes do milho.
TRC70	E depois a gente ia, (...) da seara mesmo, a gente <u>é que</u> fazia os atilhos.
TRC70	A gente (...) tinha aqueles trilhos, metia daquelas pedrinhas, e aquelas pedrinhas <u>é que</u> iam esfregando por riba daquela seara fora e é que ia andando, andando, (...) até que aquilo ficava moído, o trigo moído, (...) e as reses <u>é que</u> andavam de roda.
TRC70	A gente (...) tinha aqueles trilhos, metia daquelas pedrinhas, e aquelas pedrinhas <u>é que</u> iam esfregando por riba daquela seara fora e é que ia andando, andando, (...) até que aquilo ficava moído, o trigo moído, (...) e as reses <u>é que</u> andavam de roda.
ALJ02	Já (...) há muitas pessoas que dizem que ela tem, mas (...) a mulher <u>é que</u> não está lá a mostrar, pois.
ALJ08	Esta gente (...) das ervanárias <u>é que</u> sabem.
ALJ17	Ele <u>é que</u> conta isto.
ALJ19	E então esse senhor <u>é que</u> apareceu aqui (...) com uma santola.
ALJ25	A gente <u>é que</u> tem essa mania...
ALJ28	O seu patrão <u>é que</u> os vai lá tachar.
ALJ28	Só o mar <u>é que</u> segurava o bicho.
ALJ28	Só o mar <u>é que</u> segurava o bicho.
ALJ28	Então se a tua mulher <u>é que</u> é a filha!
ALJ33	Mas depois vinha uma pessoa atrás com uma pá de madeira com uma pá de madeira, esse depois <u>é que</u> (...) ia sacudindo lá no coiso.
CDR03	Ah, temos então um que chama-se os cerrados -que eu já não trabalho nenhum deles, as minhas filhas <u>é que</u> os trabalham-, mas temos ele aí um que chama-se os cerrados baldios.
CDR03	Como eu aqui tinha alguns cinco ou seis cerrados, ou mais, cerrados que eram aqui do meu sogro, cerrados que eram de meu pai, e eu depois <u>é que</u> fiquei com eles.
CDR03	Porque agora (...) os meus genros <u>é que</u> os trabalham, e as minhas filhas <u>é que</u> os trabalham.
CDR03	Porque agora (...) os meus genros <u>é que</u> os trabalham, e as minhas filhas <u>é que</u> os trabalham.

CDR03	Ele ou morria o pai ou morria a mãe ou quando morriam a família, praticamente os filhos <u>é que</u> iam (...) continuando a trabalhar.
CDR07	Mas eu ainda <u>é que</u> fiz o meu enxoval do casamento à moda antiga, com a colcha de lã, (...) o colchão de linho.
CDR08	Uma vizinha minha <u>é que</u> lhe fez isso.
CDR10	Depois de estar o porco todo limpo, todo rapado, o mesmo que tinha passado a matar <u>é que</u> passava a abrir o porco.
CDR16	E eles <u>é que</u> acordavam.
CDR21	E aqueles <u>é que</u> não tinham prejuízo.
CDR26	Só quem não tinha gado <u>é que</u> moía (...) no moinho.
CDR61	O que <u>é para</u> secar <u>é que</u> se deixa amadurecer mais.
CDR35	O meu sogro então <u>é que</u> saberia contar isso.
CDR43	Mas as laranjas por exemplo, os Flamengos <u>é que</u> eram o lugar da laranja.
CDR48	A malagueta <u>é que</u> talvez então é (...)...
CDR53	Ele, mas então o chapéu de palha <u>é que</u> não faltava!
CDR56	(...) A pessoa que comprava a palha <u>é que</u> ia cortar.
CDR56	Meia quarta <u>é que</u> dava dezasseis dúzias de palha.
CDR56	E esse <u>é que</u> era o trigo muito limpo que as pessoas guardavam para ficar para semente, para semear para o outro ano, porque era um trigo muito limpo, muito escolhido.
CDR57	E o que era o mestre da eira <u>é que</u> ia ver quando <u>é que</u> a eira estava a modo de ficar.
CDR57	O trigo <u>é que</u> tinha que ser redondo para a vaca poder andar de roda.
CDR58	A parte grossa <u>é que</u> batia no chão, e a parte fina ele seguravam na mão.
CLH01	E daí <u>é que</u> a água que saía (...) da parte que era já madeira <u>é que</u> batia ali naquela coisa (...) que chamam as penas do moinho.
CLH06	É nossa não, está de renda, mas, quer dizer, a gente <u>é que</u> a amanhã.
CLH07	(...) Só se <u>é que</u> fosses (...) a servir de burro e eu <u>é que</u> fosse à 'claveira'.
CLH08	Ele <u>é que</u> parece mais novo, porque eu estou muito doente! (...)
CLH11	E agora a gente fazia aquela coisinha e tínhamos uns macinhos assim que lá (...) um velhotezinho que morreu <u>é que</u> nos fez no torno aqueles macinhos. (...)
CLH11	(...) E então lá uns vizinhos - tinham uma mancheia de rapazes - <u>é que</u> nos ajudavam a fazer aqueles arquinhos.
CLH14	"Ora, tu agora (...) <u>é que</u> és (...)"...
CLH14	Só um <u>é que</u> andava!
CLH14	Ele então mesmo <u>é que</u> se enforcou.
CLH14	E depois (...) o meu pai então <u>é que</u> disse.
CLH16	Ou o homem <u>é que</u> saía (...)?
CLH17	A minha filha <u>é que</u> trouxe isto da fazenda do vime.
CLH19	Mas agarrei um bocadinho de sanguinho e ele mesmo <u>é que</u> mas botou então aqui.
CLH22	As cozinhas <u>é que</u> (...) são bem amanhadas, não é como a minha, porque a minha é muito mal amanhada.
CLH23	Isso <u>é que</u> a gente diz que é:
CLH29	É que ele o quintal <u>é que</u> fazia a parte aqui da terra. (...)
CLH35	Foi criada com o avô e o avô criava quatro bois, e o avô <u>é que</u> a foi ensinando.
CLH38	A Florestal <u>é que</u> plantou lá árvores, e nasceu acácias.
CPT02	Mas ele os outros não sabiam e eu <u>é que</u> dizia.
CPT06	(...) Eles estavam a mangar de mim, aonde eu <u>é que</u> podia mangar deles, não é verdade?

CPT07	Mas eu <u>é que</u> não posso falar diante deles.
CPT07	Mas estas poucachinhas que sei ainda são aproveitadas, que (...) eu <u>é que</u> escrevo as minhas coisas, não é verdade?
CPT08	Eu <u>é que</u> tinha que fazer o acompanhamento para o tocador ouvir e aprender.
CPT12	A conversa deles <u>é que</u> valia, mais delas.
CPT21	O meu irmão morreu há questão de um mês ou dois, eu <u>é que</u> devia ter ido.
CPT26	(...) Eu <u>é que</u> sei, eu é que faço e aconteço”.
CPT26	(...) Eu é que sei, eu <u>é que</u> faço e aconteço”.
CPT36	E dizem que eles <u>é que</u> sabem falar.
CRV06	A gordura aqui <u>é que</u> conserva as nossas coisas.
CRV07	A gordura <u>é que</u> conserva tudo!
CRV07	A gordura <u>é que</u> conserva.
CRV13	Mas o cherne, o cherne, aqui (...) <u>é que</u> tem mais valor.
CRV27	As pessoas (...), parente ou vizinho ou amigo (...), <u>é que</u> vão levar.
CRV29	A tia Gilda <u>é que</u> contava?
CRV6	E aquela água - iam tirando uma certa porçãozinha - <u>é que</u> coalhava o leite.
CRV36	Só, do cacto, ele as mulheres <u>é que</u> tinham aqui, aqui por baixo (...), em vasos, plantas (...) de alguns até que têm picos.
CRV37	As mulheres <u>é que</u> cultivavam isso, nas terras aqui em baixo, ao pé das paredes.
CRV38	E outra (...) <u>é que</u> dá amora.
CRV39	O Felicíssimo e o Felisberto (...) - Deus lhe dê o céu - <u>é que</u> mandaram vir, não sei donde <u>é que</u> foi, as primeiras plantas que vieram para aqui.
CRV43	O teu tio, tio do teu pai, o tio Formosinho (...) <u>é que</u> era o administrador.
CRV46	Os burros <u>é que</u> lavravam.
CRV46	Os burros (...) <u>é que</u> faziam as lavouras.
CRV50	Olha, foi a caminho (...) começou a lavar, a minha tia Gabriela <u>é que</u> mudava o arado.
CRV51	Porque ele eu mais o teu pai, velhos como hoje estamos, <u>é que</u> havemos de ir trabalhar para o baldio, (...) para outros que têm (...) mais gado do que eu não tenho lá mais teu pai darem à mocha por aí abaixo só e a fazer escárnio da gente?
CRV51	O baldio <u>é que</u> foi.
CRV51	A gente não gosta (...) do bolchevismo e o bolchevismo <u>é que</u> veio entregar (...) o baldio (...) ao povo.
CRV52	Mas naqueles dias estive muita névoa (...) e o Nuno <u>é que</u> me disse:
CRV53	A geada e o vento <u>é que</u> vai comer a erva que é o que está (...).
CRV54	Elas <u>é que</u> iam por si (...) para os seus lugares.
CRV54	Elas <u>é que</u> iam por si.
CRV58	Ele o tempo <u>é que</u> permitia essas coisas.
CRV58	O tempo (...) <u>é que</u> influi (...) com as coisas aqui - ele.
CRV58	O tempo (...) <u>é que</u> tange isso tudo aqui dentro, aqui neste lugarinho.
CRV59	O vento <u>é que</u> era mau.
CRV59	O vento <u>é que</u> era mau.
CRV59	Tinha diferentes qualidades de terra e aquilo (...) tudo caldeado uma na outra (...) <u>é que</u> era bom.
CRV71	Para cima, a gente <u>é que</u> levava, os lavradores <u>é que</u> levavam para cima.
CRV71	Para cima, a gente <u>é que</u> levava, os lavradores <u>é que</u> levavam para cima.
CRV71	Eles <u>é que</u> vinham por si.
CRV77	Agora (...) alguns talvez <u>é que</u> pagavam tudo, talvez (...), ou o que melhor podia.
CRV78	Eram todos mas o último <u>é que</u> andava em cima do carro.

CRV79	Agora eu por mim <u>é que</u> não sei nada.
FIS02	Ela <u>é que</u> vem directamente.
FIS03	A gente <u>é que</u> faz, levanta esse tal 'reiro' e o 'reiro' <u>é que</u> faz levantar a pedra ou descer a pedra aqui.
FIS03	A gente <u>é que</u> faz, levanta esse tal 'reiro' e o 'reiro' <u>é que</u> faz levantar a pedra ou descer a pedra aqui.
FIS03	Ora como o carrinho (...) anda, <u>é que</u> faz andar depois a tal segurelha <u>é que</u> faz andar aqui em cima a mó.
FIS06	A égua <u>é que</u> semeava, <u>é que</u> sachava quando fosse o tempo do sachar.
FIS31	Mas os travessos <u>é que</u> <u>é que</u> é em...
FIS31	A pesqueira <u>é que</u> <u>é que</u> é...
FIS35	Mas os antigos <u>é que</u> <u>é que</u> diziam que havia umas que avoavam.
GIA22	A gente <u>é que</u> não dá por ela.
GIA23	É porque a flor <u>é que</u> <u>é que</u> é a fecundação e <u>é que</u> cruza (...) uma raça com outra.
GIA32	Porque nem só o vendedor de carvão <u>é que</u> <u>é que</u> é carvoeiro.
GRC07	E depois (...) o mastro <u>é que</u> <u>é que</u> enfia (...) nos arcos.
GRC13	Estas pedras mesmo, que estão ali naquela burra, eu <u>é que</u> <u>é que</u> as fiz com a minha mão.
GRC15	Que hoje isto o meu filho <u>é que</u> <u>é que</u> está aí a olhar por isto, que eu (...) não tenho já pachorra para nada disto.
GRC20	O alambique depois <u>é que</u> <u>é que</u> faz a aguardente.
GRC21	Isso <u>é que</u> <u>é que</u> é angélica de primeira!
GRC22	Mas um <u>é que</u> <u>é que</u> era o mestre só.
GRC27	Eu até eu <u>é que</u> <u>é que</u> estou aí a tomar conta dos prédios dele e ele disse que eu fosse lá mais ele.
GRC30	Olha agora, só esta pequena, ou este rapazinho mais velho que eu tenho, <u>é que</u> <u>é que</u> me dói até.
GRC32	Mas, numa comparação, Deus dá uma doença, numa comparação, a mim, porque eu <u>é que</u> <u>é que</u> era o banqueiro, eu <u>é que</u> <u>é que</u> era o chefe da navegação, <u>é que</u> <u>é que</u> era o cabeça, isso eu disse.
GRC32	Mas, numa comparação, Deus dá uma doença, numa comparação, a mim, porque eu <u>é que</u> <u>é que</u> era o banqueiro, eu <u>é que</u> <u>é que</u> era o chefe da navegação, <u>é que</u> <u>é que</u> era o cabeça, isso eu disse.
GRC39	E esse (...) da farmácia, já vê, a pessoa toda <u>é que</u> <u>é que</u> diziam as drogas, o nome das drogas.
GRC01	Esse <u>é que</u> <u>é que</u> é o moinho lá dos Emaús.
GRJ05	O meu filho <u>é que</u> <u>é que</u> já esteve na Alemanha.
GRJ06	Eu <u>é que</u> <u>é que</u> não.
GRJ07	A Justina <u>é que</u> <u>é que</u> tem até do princípio do Menino Jesus.
GRJ07	Esta <u>é que</u> <u>é que</u> sabe, canções antigas, não é?
GRJ21	Estava a pôr a mão, como que era ela a porteira, porque a mãe não sabia ler e não a queriam lá, ela <u>é que</u> <u>é que</u> fazia às vezes da porteira, <u>é que</u> <u>é que</u> assinava.
GRJ23	A gente <u>é que</u> <u>é que</u> atalha o ar.
GRJ25	É por isso que ele invoca um espírito e o espírito <u>é que</u> <u>é que</u> lhe diz lá para ele o que é e o que é que não há-de fazer.
GRJ26	Se ensinassem para fazer qualquer uma porcaria que desgraçasse uma pessoa, isso <u>é que</u> <u>é que</u> é pecado.
GRJ27	A Lara <u>é que</u> <u>é que</u> me ensinou este.
GRJ28	O lavrador <u>é que</u> <u>é que</u> o levou para casa.
GRJ29	Isto <u>é que</u> <u>é que</u> é mesmo Cristo, porque senão o galo, já assado e tudo...



GRJ29	Olhem eu, eu <u>é que</u> quero crer.
GRJ29	Eles <u>é que</u> são excomungados!
GRJ29	Eles <u>é que</u> ficam excomungados!
GRJ29	Eles <u>é que</u> são excomungados!
GRJ34	O sarampo, isso <u>é que</u> é mau.
GRJ35	Eu <u>é que</u> criei muitos.
GRJ36	Ela <u>é que</u> o tem tratado com estes remédios.
GRJ37	O leite <u>é que</u> ia atrás.
GRJ37	Já me morreram três, um <u>é que</u> só tinha seis dias.
GRJ41	Estas moças bonitas que havia <u>é que</u> iam a chamar os bois, com uns lenços todos de franja- eu até ainda lá tenho um-, todos de franja (...) e outro xaile também de franja, e com aquelas saias e aqueles aventais, e com muito oiro!
GRJ41	A Fábia <u>é que</u> quase sempre <u>é que</u> ia, a Fábia.
GRJ45	Eu <u>é que</u> não sou amiga de frango.
GRJ47	A avó hoje <u>é que</u> vai compor o frango!
GRJ47	Eu <u>é que</u> parto o caldinho, não temos máquina.
GRJ48	E eu <u>é que</u> esfregava, <u>é que</u> tratava do frango.
GRJ51	Porque (...) ela vinha cá para fora e ele <u>é que</u> ia lavar a louça.
GRJ54	Minha mãe <u>é que</u> tecia os sacos e as sacas.
GRJ60	A gente <u>é que</u> os arruma debaixo dum cesto.
GRJ64	O frio <u>é que</u> ajuda (...) a fazer os fumeiros bons.
GRJ67	Isso <u>é que</u> são trabalhos!
GRJ67	Só as cabras <u>é que</u> eram nossas.
GRJ69	Ela <u>é que</u> (...) sabe se gosta (...) dele ou não gosta.
GRJ69	Tu <u>é que</u> sabes se gostas dele ou não.
LAR01	O lobo <u>é que</u> é um animal (...) que tem bem mais de instinto.
LAR01	Raposas <u>é que</u> se vêem bastante.
LAR18	O arado <u>é que</u> tem dois nomes devido à curva que tem.
LAR19	Isso <u>é que</u> é mesmo o nome dos ganchos.
LAR21	Isso (...) <u>é que</u> sabia bem nesse tempo.
LAR25	Isso a gente já sabe que os anos têm vindo ruins, secos- este ano <u>é que</u> foi um aninho menos mau-, mas já há anos (...) que não há muita, que há pouca água.
LAR27	Quem queira vender <u>é que</u> tem que arrasar.
LAR27	Esse dia então da malhada, depois de estar limpinha e preparada, a gente mandava recado ao dono, o dono vinha, o dono com a gente via os alqueires, portanto os alqueires então <u>é que</u> se arrasavam.
LAR36	Aquele (...) melhorzinho era o linho- o linho fino, fiado donde <u>é que</u> vem o lençol, que se pode ver, aquilo <u>é que</u> era linho- e o outro era estopa, que depois faziam colchões, que eram colchões de palha, que se metia não era só a palha (...) que há agora, os colchões e isso.
LUZ01	Pessoas mais idosas <u>é que</u> diziam que estes arados que era para lavrar terras (...) para arroz, aí nessas várzeas, nesses vales, nessas coisas assim, que aquilo (...) nunca pegava.
LUZ06	Pois, isso <u>é que</u> era o ...
LUZ09	Depois vim de lá e o médico <u>é que</u> me disse que tinha sido um enfarte.
LUZ10	Porque um não sabe tudo, muitos <u>é que</u> sabem tudo!
LUZ10	E veio aqui um gajo com uns barris para eu arranjar e outros para eu amanhar, pois, e esse <u>é que</u> me disse (...) o que <u>é que</u> era bom para aquilo.
LUZ12	Pois, essas <u>é que</u> é boas.

LUZ18	Com aquela terra barrenta, terra barrenta, mesmo terra barrenta, que essa <u>é que</u> é a terra de taipa.
LUZ20	Vocês <u>é que</u> não têm vagar também, não é?
LUZ28	Aquilo iam corando, iam corando, iam corando, que essas <u>é que</u> eram saborosas!
LUZ31	Essas <u>é que</u> eram saborosas!
LUZ35	Isto <u>é que</u> é uma loisa.
LUZ35	Isso <u>é que</u> é uma loisa.
LUZ35	Isso <u>é que</u> é uma loisa.
LUZ35	Isso <u>é que</u> é...
LUZ35	Isso <u>é que</u> é mesmo uma loisa.
LUZ35	Pois, aquilo <u>é que</u> é a loisa.
LUZ35	Isso <u>é que</u> é a loisa.
LUZ35	Isso <u>é que</u> é a loisa.
LUZ35	Isso <u>é que</u> é uma loisa.
LUZ37	Onde o meu pai, que Deus tem -o meu pai (...), que Deus tem, <u>é que</u> contou que fez aquela parte.
LUZ37	Tu <u>é que</u> foste o culpado, e tu <u>é que</u> foste o culpado, portanto agora não lhe tocas.
LUZ37	Tu <u>é que</u> foste o culpado, e tu <u>é que</u> foste o culpado, portanto agora não lhe tocas.
LUZ40	O mato, o mato parece, (...) agora a flor <u>é que</u> é um bocadinho diferente!
LUZ41	Isto <u>é que</u> é a carqueija?
LUZ41	Este <u>é que</u> é o tojo-moleirinho que se apanhava noutro tempo para fazer ‘asilho’ para as sacas de empreita.
LUZ42	Isto <u>é que</u> serve para enxertar.
LUZ49	O cuco <u>é que</u> vai pôr os ovos nos ninhos da folosa.
LUZ55	E depois a outra parte <u>é que</u> tinha...
LUZ57	A sogra <u>é que</u> me dava...
MLD01	Ele <u>é que</u> me ensinou a música também.
MLD03	Pois, mais ou menos, pessoal da minha idade <u>é que</u> , mais ou menos, faz isto.
MLD03	Agora a gente defender-se para prejudicar as outras pessoas <u>é que</u> não está certo, não é?
MLD06	Olhe, isto <u>é que</u> cheira bem, isto.
MLD07	E depois sabe, eu <u>é que</u> não dou à conta.
MLD08	Não se admirem porque as cooperativas, (...) tenho-lhe a certeza que a maior parte, se andam lá cinquenta, só dez <u>é que</u> fazem pela vida.
MLD11	O meu pai e os meus irmãos <u>é que</u> eram moleiros.
MLD19	E depois meu pai <u>é que</u> foi buscar a São Teotónio.
MLD20	Então depois este <u>é que</u> já lhe ficou cá.
MLD21	Mas noutro tempo (...) isto era uma coisa, pisar <u>é que</u> dava trabalho.
MLD22	Eu <u>é que</u> não quis o dinheiro que eu tinha-lhe pago.
MLD22	E eu disse para o homem, esse sujeito que lá estava, o feitor, que ele <u>é que</u> fez para ele me vender isto, e então disse-lhe a ele:
MLD25	Se acaso não lhe convém um qualquer trabalhador, acarear um lavrador <u>é que</u> acho que não está bem.
MLD26	Sozinho não posso ir, quatro <u>é que</u> me vão levar.
MLD26	Sozinho não posso ir, quatro <u>é que</u> me vão levar.
MLD27	O mesmo artigo, quer dizer, só o mote <u>é que</u> era igual.
MLD28	Nós <u>é que</u> temos este hábito, não é?
MLD29	A cor dele depois <u>é que</u> manda, está a perceber?
MLD34	E o peixe depois <u>é que</u> anda a girar e encontra (...) os alares, vem.



MLD37	O polvo <u>é que</u> é giro.
MLD42	Eles <u>é que</u> cantavam.
MLD46	A madeira lá da minha casa lá à Espanha- que eu tenho lá uma casinha também-, eu <u>é que</u> as serrei mais o meu irmão.
MLD46	E o meu irmão <u>é que</u> foi mais premiado, aqueles dois meus irmãos um é mais novo e outro é mas velho, mas (...) eu, parece por infelizmente, o que ganhei mais do meu pai foi ser tal e qual (..) a cara dele e (...) as maneiras, mais ou menos.
MLD46	Eu <u>é (...)</u> <u>que</u> tive (...) menos sorte.
MLD46	Ele não os obrigou a dar nada, eles <u>é que</u> quiseram dar.
MLD48	Ele <u>é que</u> tinha guerreado mais ele (...) e ela sempre lhe disse qualquer coisa.
MLD49	E a lavradora também, aquilo estava também já muito velha e (...) elas <u>é que</u> mandavam.
MLD50	A jorna <u>é que</u> está a dar mais qualquer coisa e as outras coisas custam tudo muito.
MTM03	E então isso <u>é que</u> eram os alforjes.
MTM06	Isso <u>é que</u> é os cavacos, que é aqueles toros delgaditos.
MTM10	O animal mesmo <u>é que</u> disparava.
MTM14	E (...) antes de eles comerem, por exemplo, aí com três semanas, um mês, ainda não comiam, e depois vendiam os cabritos e esses próprios cabriteiros <u>é que</u> vendiam depois os coalhos às pessoas, não é?
MTM21	E esses <u>é que</u> ficam os padrinhos.
MTM22	Só quatro <u>é que</u> tinham as velas e depois as velas atavam-se aos outros quatro (...) com as cordas, que era (...) para fazer a vela, (...) para o vento pegar na vela, para o moinho andar.
MTM22	Tinha duas entrosas e a que vinha do eixo do moinho, do lado de fora - vinha do eixo, trazia as velas, o moinho trazia as velas à porta- <u>é que</u> tinha uma entrosa e tocava então, chamávamos a gente cartão.
MTM23	A vela <u>é que</u> fazia.
MTM24	Isso <u>é que</u> era um pequenino.
MTM25	Os carreteiros <u>é que</u> têm uma vida ruim.
MTM26	As aivecas (...) <u>é que</u> largava, virava a terra.
MTM26	Isto isso vibrava e as aivecas <u>é que</u> voltavam a leiva.
MTM27	Isto <u>é que</u> travava.
MTM31	Quando ele tem assim a média de cinquenta para cima, isso <u>é que</u> faz uma música muito forte.
MTM31	Agora só eu <u>é que</u> estou a funcionar ainda.
MTM32	Mesmo eu <u>é que</u> coloquei isto já faz quatro anos para Setembro.
MTM32	Eu <u>é que</u> fiz isto tudo.
MTV02	E aquele pó justamente <u>é que</u> gala, é que gerece depois a azeitona.
MTV05	Afinal o senhor <u>é que</u> é cá o capataz da quinta?
MTV05	Foi uns rapazes que aí andavam, mas eu <u>é que</u> mandei, que eles não sabiam, não percebiam nada daquilo.
MTV06	Elas <u>é que</u> sabem aquilo que precisam e é isso que a gente tem que fazer.
MTV09	Isso <u>é que</u> foi a minha criação!
MTV09	Eu <u>é que</u> sei o que eu passei, com esta idade que tenho, é que eu sei o que eu passei, minhas meninas.
MTV13	O meu patrão - o pai até desse que lá está agora na quinta – (...) <u>é que</u> pôs lá em capataz, que eu não queria.
MTV14	Mas o alemão <u>é que</u> comprou.
MTV16	E o pé por baixo <u>é que</u> estava a trabalhar.

MTV37	E a filha <u>é que</u> ia lá ter, que, como era a filha (...) do senhor lá empregado (...) lá das Finanças, é claro, tinha todo o direito e arranjavam-lhe ordem.
MTV42	E se isso agora me perguntei o que eu disse primeiro, por exemplo, (...) no mato, ou (...) na pastagem, onde eles andam a comer é que está essas malhadas onde eles vão ficar e os pastores <u>é que</u> fazem isso.
MTV55	As mulheres <u>é que</u> andam a cantar (...) e a assobiar, quando andam a trabalhar, fazer qualquer serviço.
MTV57	A outra parte que se deita depois na canja, é claro, <u>é que</u> é depois migada e tudo.
MTV59	Eu estou (...) entregue (...) a boa gente, mas eu <u>é que</u> sou o mais ruim.
MTV59	Deus Nosso Senhor <u>é que</u> pintou a gente!
MTV61	Elas <u>é que</u> são piores que a gente e tudo.
MTV61	Ele <u>é que</u> sabe bailar à moda de agora.
MTV62	A gente <u>é que</u> vai direito ao Cabaço, é a estrada que vai para Coimbra, para dentro.
STA09	E, de resto, os outros <u>é que</u> ‘há-dem’ assinar.
STA24	Esses <u>é que</u> andavam pelas portas a cantar as canções dos Reis.
STA25	E essa <u>é que</u> sabia tudo (...) quanto tocava (...) do acto.
STA25	Essa aí <u>é que</u> sabia tudo ainda, do tempo passado.
STA25	O padre <u>é que</u> diz:
STA28	Mesmo o São Brás <u>é que</u> é mais maroto, que nos tapa a garganta.
STA30	Faz-se o almoço numa casa ou na casa do noivo ou da noiva e os convidados <u>é que</u> vão lá almoçar e vão-lhe lá levar as prendas.
STA31	Agora eles <u>é que</u> se descartam.
STA37	Depois a gente <u>é que</u> maçava aquele linho, antes de ir para o rio, e aproveitava-se então a linhaça.
STA39	Mas há aí um homenzito que esse homenzito <u>é que</u> conhece.
STE04	Aquilo talhava e aquilo <u>é que</u> (...) era a iluminação.
STE04	Isso <u>é que</u> é bolo de sebo.
STE09	Ah, então meu pai (...) <u>é que</u> pagou e eles também lá.
STE09	Ele mesmo o meu marido <u>é que</u> estava ganhando para casa, porque o meu sogro já era velhinho, é que fez aquilo tudo à sua custa.
STE13	E tu <u>é que</u> tens de vir cá.
STE17	O pai dele <u>é que</u> é muito de bebedeira, então.
STE17	Que ele <u>é que</u> cozia o pão!
STE28	Minha avó <u>é que</u> fiava nisto que tinha que ver!
STE34	Aquilo <u>é que</u> se chama a moira do queijo, que é para deitar dentro da tal coalheira para fazer o tal líquido para talhar o leite.
STE35	A língua, (...) os bofes e o coração <u>é que</u> vem tudo junto para fora e depois a gente cá é que tira.
STE35	A língua, (...) os bofes e o coração é que vem tudo junto para fora e depois a gente cá <u>é que</u> tira.
STE46	Aquilo <u>é que</u> é voar, voar tudo na mesma direcção.
STJ06	Você <u>é que</u> é o pai dele.
STJ06	Eu <u>é que</u> não sabia se era esse moço.
STJ06	Que eu <u>é que</u> sou Cristiano (...) eu e outro rapaz.
STJ06	Pelo jeito do homem depois aqueles aqui <u>é que</u> disseram aqui à gente, com certeza foi elas que apanharam (...) aquilo, alguns papéis.
STJ06	Eu <u>é que</u> não tive tempo!
STJ09	E então, elas <u>é que</u> já sabiam, não é?
STJ09	A terra <u>é que</u> faz a cor.

STJ09	Mas esta senhora, isto <u>é que</u> é engraçada!
STJ12	As maias <u>é que</u> é para chá.
STJ19	Ele então os compradores <u>é que</u> dizem.
STJ24	Eles <u>é que</u> dizem.
STJ31	Isto <u>é que</u> foi também cá.
STJ31	Isto <u>é que</u> não se pode matar.
STJ39	E a cana <u>é que</u> cortava e <u>é que</u> fazia dar o jeito.
STJ44	O ano passado -o outro ano-, cá no país ele até <u>é que</u> ganhou o primeiro prémio, pois, de arranjar mel.
STJ44	E os que têm dentes <u>é que</u> mordem.
STJ50	Isto <u>é que</u> é o ralo?
STJ51	Aquele <u>é que</u> ele me doeu muito!
STJ57	A gente <u>é que</u> lá <u>é que</u> fazia as cangas para a gente.
STJ59	Esse tampão <u>é que</u> apertava, ia a apertar até ao limite.
STJ59	O homem que trabalha que <u>é</u> o mestre do lagar <u>é que</u> sabe.
STJ61	Com (...) dois anos e meio, três <u>é que</u> metiam a amansar.
STJ64	E então o abegão ia orientar, e o boieiro <u>é que</u> ia a abrir os regos, umas belgas com cinco passos, que era para semear, que era para alcançar.
CTJ64	O abegão (...) <u>é que</u> era o homem, tinha de ser o homem que sabia de tudo da lavoura.
STJ66	Os ventos <u>é que</u> mandam no tempo.
STJ66	De dia 21 do mês de Natal até ao 21 do mês de São João, o quente <u>é que</u> governa.
STJ66	E de 21 do mês de São João até 21 de Natal, os ventos <u>é que</u> governam.
STJ70	Eu <u>é que</u> batia ali a ordenhar.
STJ70	Eu <u>é que</u> ensinava os rapazes a ordenhar.
STJ70	Depois eles não queriam ordenhar, eram homens de idade, eu <u>é que</u> batia.
STJ72	O meu avô <u>é que</u> me contava.
UNS12	Só esse homem <u>é que</u> tratou por senhor, o mais era tudo por tu.
UNS14	Eu e os meus irmãos <u>é que</u> fizemos aquilo tudo a ferro frio.
UNS16	Aquele que mais dá <u>é que</u> fica!
UNS29	Ele <u>é que</u> limpa a casa, ele <u>é que</u> faz tudo!
UNS29	Ele <u>é que</u> limpa a casa, ele <u>é que</u> faz tudo!
UNS33	Eu <u>é que</u> me agarrei à corda e fui eu para a grade e ele na frente das vacas.
UNS34	O homem <u>é que</u> arremata todos os anos esta levada.
UNS34	O senhor tem uma horta, eu tenho outra, aquele tem outra, (...) e depois o homem <u>é que</u> diz...
VPS01	Só aquele <u>é que</u> tinha uma junta de bois coisa.
VPC01	E, no entanto, ele com a sua junta de bois um homem já de certa idade, com os seus caniços cheios de pedra, <u>é que</u> desceu a essa ladeira que <u>é</u> uma ladeira mesmo a pique, e então, quando veio do trabalho, “olha o tio Duval a descer à ladeira do Jesus da Venda, (...) com os caniços da pedra”.
VPC07	E o próprio coiso <u>é que</u> puxava o linho.
VPC16	Porque sabe, (...) os mais antigos ainda que eu <u>é que</u> conheciam essas ervas.
VPC18	Naquela altura eles <u>é que</u> o arranjavam.
VPC21	Então eles os toicinhos, a criação <u>é que</u> o come.
VPC21	Essas <u>é que</u> aproveitam essas groassas para fazer os palaios.
VPC25	Tanto que quando se rompe <u>é que</u> eles <u>é que</u> vêem ele.
VPC28	A outra <u>é que</u> dá flor.
VPC28	Às urzes bravas chama-lhe giestas e essas <u>é que</u> são urzes mansas.

VPC28	As outras <u>é que</u> dão.
VPC33	As cachopas <u>é que</u> iam apanhar os cardos, (...) que era o amor, (...) quem <u>é que</u> ele se casava primeiro.
VPC34	Mas eu <u>é que</u> não me atrevo.
VPC34	Eu <u>é que</u> não me atrevo a bebê-lo.

Clivadas de sujeito com é que é que (3/8)

AAL05	Que em depois o bagaço <u>é que é que</u> vai ali para o alambique (...) para fazer a aguardente que <u>é o</u> bagaço, como a gente lhe chama, a aguardente, não <u>é</u> ?
AAL26	Agora, depois de assadas, nós <u>é que é que</u> podemos, por exemplos, pendurar isto aqui, não <u>é</u> ?
AAL33	Mas a minha mulher <u>é que é que</u> estava lá como empregada lá em cima, lá naquilo.
AAL48	Porque o ar <u>é que é que</u> seca a madeira.
AAL48	O ar <u>é que é que</u> seca a madeira.
CBV59	Só eu <u>é que é que</u> disse coisas a um veterinário.
CBV68	Isso <u>é que é que</u> serve para chá.
CRV50	Um padre que estava aí <u>é que é que</u> foi professor deles.

Clivadas de sujeito com SER que (5):

PFT23	Fazia tudo e eu <u>era que</u> andava no moinho.
PFT31	Depois, durante esse tempo todo, eu <u>era que</u> ia rezar a casa dos mortos quando morriam.
VPA19	As regateiras <u>era que</u> exportavam que botavam a sardinha para fora.
VPA42	E a minha mulher <u>foi que</u> fez o sarrabulho.
FIS31	A freguesia <u>foi que</u> pagou.

Clivadas de sujeito com é que SER que: (2)

AAL33	Eles mesmo, lá na Caixa, <u>é que é que foi que</u> me ensinaram aquela coisa.
CBV44	E depois, a serra de São Mamede <u>é que era que</u> pagava, que era o quartel (...) dos lobos.

## 2. Complemento

Clivadas de objecto com é que (28/71)

AAL21	As azenhas <u>é que</u> naturalmente não havia.
AAL53	Ah, isso <u>é que</u> não sabemos.
CLC10	A gata <u>é que</u> não se come.
CLC14	O peixe que não tinha consumo <u>é que</u> eles se dividiam logo.
CLC14	As grandes <u>é que</u> se apanhava.
VPA18	Isso <u>é que</u> pode haver.
ALC04	Mas ele eu os nomes disso <u>é que</u> eu (...) não me lembro.
ALC12	O cubo <u>é que</u> se enfia.

ALC18	A corda depois <u>é que</u> o homem ata à carga.
ALC19	Isso <u>é que</u> há muito aí Moura!
ALC19	Isso agora <u>é que</u> não sei.
ALC19	O que <u>é</u> o material que se faz daquilo <u>é que</u> eu não sei.
ALC19	Dessa <u>é que</u> vem muita madeira para as serrações.
ALC36	Do norte <u>é que</u> vinha um canasteiro para aí.
ALC44	‘houvia’ ele muitas ervas dessas que se fazia chá, mas ele o nome dela <u>é que</u> eu não sei.
ALC22	Deixam lá as crias à parte, à noite vêm, tiram o leite à ovelha, e depois (...) o que resta de leite <u>é que</u> vai para lá ele (...) escorropichar.
ALV27	E daquela ovazita pequena <u>é que</u> nasce o choco.
ALV36	Mas da idade <u>é que</u> precisa a gente de ter mais conta.
ALV42	A gente jogava uma pedra, para o fundo <u>é que</u> ia.
ALV42	Para o fundo <u>é que</u> ia, (...) para baixo não vinha, para cima não vinha.
CBV15	Quer dizer, aprendem a trabalhar e do trabalho <u>é que</u> tiram a experiência.
COV14	É vida pobre e as senhoras compreende bem mas da terra <u>é que</u> vem tudo!
EXB39	Aguaderio quase <u>é que</u> se dava sempre o nome.
FIG37	Mas o alqueve <u>é que</u> se vai fazer no terreno.
LVR04	Antigamente chegava-se ali, lançava-se o peso da cortiça, iam para lá uns homens uma porção de homens pesar com três ou quatro balanças, pesava-se a cortiça toda e o que ela dava <u>é que</u> eles vendiam.
FLF26	Olha, tu esta <u>é que</u> vais botar no tear e eu também te quero ‘dir’ ajudar.
MIG29	Pois, isso <u>é que</u> há.
MST28	Isso <u>é que</u> cantavam quando iam assim (...) -dantes os senhorios metiam assim ajudas, a acarregar pedras ou assim.
PIC28	Para depois usar, o outro <u>é que</u> a gente usa, está a perceber?
PIC28	O outro <u>é que</u> a gente usa.
PVC04	Destes pinheiros grandes <u>é que</u> faziam as cales, as cales tudo em...
PVC12	Na outra tarefa <u>é que</u> era metido o azeite.
PVC27	Ele assim uns odres <u>é (...)</u> que eles levavam (...) a transportar o azeite lá (...) para donde o queriam vender.
SRP19	Que vai pesar uma pequenina, aquela <u>é que</u> pesa, já sabe que aquela <u>é que</u> tem que comer.
SRP32	Escorrem essa água toda fora, e a massa que fica ali <u>é que</u> fazem então o requeijão quem quer!
TRC05	Quer dizer que esse dinheiro <u>é que</u> a gente vai guardando para as construções e para as necessidades que temos aqui (...) do império.
TRC22	Daqui <u>é que</u> nasce o pé.
TRC22	É a primeira poda, segunda poda, terceira poda e dali <u>é que</u> cresce o pé da vinha.
TRC59	Mas daquilo <u>é que</u> o outro morreu.
TRC59	Ou mesmo (...) no fato da gente, ou coisa, <u>é que</u> dá essa desgraça.
TRC70	Era seis (...) antes tratavam era por gavelas, seis gavelas de trigo, <u>é que</u> se botava naquele montinho.
CDR55	Havia quem punha (...) de coiro, mas o meu pai tinha (...) uma dedeira dum chifre duma vaca, descolado, pois, sem a parte de dentro, e aquela parte de fora <u>é que</u> ele punha no dedo (...) para ceifar.
CLH13	E, às vezes, calhavam a dar as voltas todas e a gastar as cartas e a um só <u>é que</u> ficar com as cartas.

CRV54	E de lá <u>é que</u> se partia então, cada uns para os seus lugares.
GIA13	Isso era já (...) nos primitivos, que eu era pequena, mais nova, isso <u>é que</u> a gente achava graça!
GRC38	Deste vinho <u>é que</u> não, este ano!
GRJ58	O milho <u>é que</u> se passa.
GRJ58	O milho <u>é que</u> se tira (...) duma forma de madeira, e depois tira-se, põe-se assim.
LAR17	Têm dentro de uma mão o leite, e depois daí <u>é que</u> se forma o coalho.
LAR17	O requeijão, põe-se ao lume e vai-se fervendo, fervendo, fervendo, (...) lentamente, até que forma uma coalhada e depois dessa coalhada <u>é que</u> ele sai os requeijões.
LAR28	Seitouras, então, <u>é que</u> fazíamos em grande escala, que aquilo era agora para esta altura da época.
LAR30	Isso <u>é que</u> não posso dizer.
LUZ11	Isso <u>é que</u> acho uma coisa mal feita.
MLD07	Isso <u>é que</u> eu não vou fazer!
MLD09	Isso <u>é que</u> eu não faço!
MLD46	Àqueles dois <u>é que</u> eles deram quase tudo, onde deram essa serra e o machado grande, que era também de serrador.
MLD49	Mas aquela <u>é que</u> eu tinha as minhas filhas, (...) aquela <u>é que</u> eu havia de ter aproveitado.
MTM01	Punha-se-lhe o garfo --lhe eles o garfo, exactamente- e depois então esse garfo (...) <u>é que</u> se formava a dita parreira, a dita cepa, que dá as uvas então.
MTM03	Faziam dois bolsos, e lá <u>é que</u> punham a horta, ou feijão, (...) ou aquilo que quisessem lá pôr.
MTM16	De lá <u>é que</u> vinha.
MTV13	Das pernas <u>é que</u> me sinto mais mal.
MTV35	O milho <u>é que</u> semeiam ao pé.
MTV52	Nos coisas <u>é que</u> leva o conduto (...), chamavam-lhe um roleiro.
STE01	Era então homens <u>é que</u> eles apisoavam!
STE28	A isto <u>é que</u> se chama fusos.
STE33	E aquilo ia estilando e daquilo <u>é que</u> a gente fazia o coalho.
STE36	Os molhos <u>é que</u> se faz também (...) com parte (...) do bucho do porco -o bucho do porco, lavado e arranjado.
STJ09	De Portugal, para Norte <u>é que</u> eu gostava.
STJ19	Depois de lá <u>é que</u> vieram vindo, vieram vindo, depois a gente começou...
UNS24	Bem, esta <u>é que</u> não disse!
VPC25	Há então outro, que é este, que esse <u>é que</u> eu não conheço.

Clivadas de objecto com *é que é que* (2/3)

ALC41	Joaninha <u>é que é que</u> se a gente emprega cá.
CBV17	Mas havia açudes, que lhe chamam, que era (...) o comando que mandava a água para as azenhas e desses açudes <u>é que é que</u> vinha a água.
CBV72	As bichas <u>é que é que</u> usavam para isso.

### 3. Adjunto



Clivadas de adjunto com *é que* (301/616)

AAL02	E de forma que, depois, quando era para o ano, aí ao São Miguel, ao São Miguel, aí (...) em Fevereiro, agora neste tempo, mais ou menos, Fevereiro, Março, <u>é que</u> ele ia outra máquina- outra máquina ou à mão- abria-se outra vala, tudo assim alinhado e plantava-se o bacelo, como a gente lhe chama, o bacelo.
AAL05	Assim, quando em depois começa a cair <u>é que</u> a gente vai despejando de um para o outro não <u>é</u> ? para ficar cheio.
AAL07	Em depois então <u>é que</u> vinham iam os outros acartar, engrelar -chamava-lhe a gente engrelar-, que isso então já se dizia em medas.
AAL07	Quando aquilo estava tudo ceifado e carregado, então <u>é que</u> iam os carros, então, acartar para a feira.
AAL20	Naqueles próximos dias <u>é que</u> ele trabalhava ali.
AAL24	Agora, em fazendem o resto das outras <u>é que</u> fica tudo ali junto, já.
AAL28	Pelo menos nas vinhas, só com Ervax <u>é que</u> eu ainda já tenho aí feito.
AAL28	Por causa disso <u>é que</u> eu não concordo muito com isso.
AAL30	Este ano, já com o medo, <u>é que</u> comprei menos semente nova porque também aquilo custa muito dinheiro.
AAL35	Agora <u>é que</u> pôs aí os escritos mas nem sei quanto elas pedem por isto.
AAL52	Em Portalegre <u>é que</u> o mataram.
AAL66	Aí <u>é que</u> o íamos buscar, de noite, às escuras noites muito escuras.
AAL66	Com umas peles de cabra <u>é que</u> trazíamos o azeite.
AAL66	Por isso <u>é que</u> se chamava a pobreza.
AAL70	Às vezes, assim nos domingos, <u>é que</u> se juntava por aí (...) uma rapaziada e metiam-se num barco à vela para irem comer uma caldeirada à outra banda.
AAL75	Por isso <u>é que</u> eu não compreendo.
AAL90	O meu gaiato, quando entra ou que sai, por causa de não entrarem as moscas <u>é que</u> eu digo.
CLC02	Em tempo <u>é que</u> havia muito.
CLC04	Embrulhar nas patas dela e depois então <u>é que</u> se puxa e ele vem preso.
CLC11	Depois de eu ter cinquenta anos, <u>é que</u> pendi a ir à escola.
CLC17	Quando se ia à pesca da bicuda <u>é que</u> se matava o chicharro (...) esse charuteiro.
CLC18	Aqui <u>é que</u> não há.
CTL08	Mas <u>é que</u> depois <u>é que</u> foi chamar por outros.
CTL16	E depois <u>é que</u> cá para cima o menino ou a menina, a criança, e a senhora vem depois.
CTL19	Por isso <u>é que</u> te eu digo que...
CTL46	Depois, à volta, <u>é que</u> se lhe punha o barro.
CTL48	Mas agora <u>é que</u> vai vir.
CTL48	E agora <u>é que</u> veio.
PAL21	A gente quando vai semear o trigo <u>é que</u> talha a belga.
PAL21	Por isso, a belga é para semear o trigo ou a cevada ou a aveia, (...) <u>é que</u> se talha a belga.
PAL22	Margear, no Alentejo, <u>é que</u> usam isso- que era também o antigo à margem.
PAL22	No Alentejo <u>é que</u> era à margem.
PAL24	Na tropa <u>é que</u> têm.
PAL25	Assim inteiras e, depois, ao remoer <u>é que</u> remói- e então assim, conforme as comia, assim as deitava fora.
PAL26	Pois, por isso <u>é que</u> , eu lhe disse tempero e eu fiquei assim.

PAL31	Deita-se à pá, e depois <u>é que</u> se põe.
PAL31	Depois de varrido <u>é que</u> se põe o pão dentro do forno.
PAL31	Antigamente, chamavam-lhe o celeiro, hoje <u>é que</u> já se chama, toda a gente chama despensa.
PAL33	Agora <u>é que</u> já vão utilizando <u>é</u> barris, barris de cortiça?
PAL33	No Alentejo <u>é que</u> usam umas marmitas, que a gente tem visto.
PAL33	Agora <u>é que</u> vão usando aí <u>é</u> uns barris.
PAL37	No Alentejo <u>é que</u> usam.
PAL37	No Alentejo <u>é que</u> usam isso, aqui não.
PAL39	Pelo Entrudo <u>é que</u> fazem isso, comem o galo.
PFT04	<u>De lá é que iam para o pisão.</u>
PFT08	Depois <u>é que</u> boto para a panela.
PFT08	Depois então <u>é que</u> se apanha, apanha-se e vai-se fazendo assim, aprainando, aprainando, (...) bota-se para cima, aprainando, depois vira-se daqui para ali, daqui para acolá, e depois cobre-se bem cobertinha com um lençol já próprio para cobrir o pão, um cobertor ou uma manta, por cima, depois quando ele começa de abrir assim (...) uns gricheirinhos, assim, e se está a abrir, a gente trata de tender.
PFT08	Depois, pesa-se tem a gente ali balança pesa-se e põe-se assim, por exemplo, por cima desta arca, é uma coisa maior, mas põe-se assim aqui por cima, para pesar, só, e depois <u>é que</u> trata de se tender.
PFT12	<u>Isso era só, quando as porcas parissem, para habituar os leitõezinhos a comer é que a gente punha aquele gamelo para se ele habituar a comer.</u>
PFT27	E os Jeovás dizem que a Nossa Senhora- nisso <u>é que</u> eu não gosto (...) deles, por eles dizerem dizer isso -dizem que Nossa Senhora que teve mais do que um filho (...), que fez como as outras mulheres.
PST10	Agora <u>é que</u> há tudo isto, há as arcas (...) e estas cómodas e tudo.
PST16	<u>Quando era de trigo da terra, peneirava-se a farinha, duas vezes e depois é que se deitava dentro da vasilha.</u>
PST16	<u>Cozia-se a batata, (...) descascava-se e depois (...) amassava-se separado e depois é que se deitava no pão.</u>
PST16	<u>Depois é que o meu marido aumentou mais esta coisinha.</u>
PST16	Agora, <u>é que</u> , já se sabe, está um senhor velhote e já não...
PST16	<u>Andava para o caminho, saía daqui, andava para o caminho, depois cortava no caminho velho que, já se sabe, (...) que era antes (...) do aeroporto e, então, é que andava de roda e chegava à casa da minha mãe.</u>
PST17	Deita-se aquela roda toda de forno e depois <u>é que</u> se vai deitando outra vez.
PST19	Quando não há, <u>é que</u> é pior para todos.
PST24	<u>Para levantar, empinava-se e então é que começava-se a picar.</u>
PST24	Agora <u>é que</u> tenho a minha reforma.
VPA16	Eu, ia-me embora, que este homem parece um doido, mas aqui <u>é que</u> ganho dinheiro!
VPA17	Por a parte de cima <u>é que</u> foge mais.
VPA18	<u>E depois é que veio, mais tarde- isso já era eu casado...</u>
VPA18	<u>E depois, quando eu era casado, é que veio uma lei de Lisboa -ou donde fosse, do Porto, ou donde fosse- de dar aqui uma desinfeção por toda esta zona, (...) uma desinfeção.</u>
VPA18	<u>Daí para cá, minha senhora, é que nunca mais se viu esses bichos.</u>
VPA38	<u>Havia uma velinha, quando havia ventos ‘sus’ é que era para irem por o rio acima, porque que os ajudava.</u>



VPA38	E depois <u>é que</u> acordei.
VPA39	Vou sim, à missa, quando for só, assim quando <u>é que</u> às vezes eu sou (...) de um festejo qualquer, (...) duma festa, aí <u>é que</u> sou obrigado a ir à missa, (...) por causa (...) de ser mordomo (...) por ser da direcção.
ALC01	Agora <u>é que</u> há “os maquinismos”.
ALC02	Assim <u>é que</u> <u>é que</u> margear e assim <u>é que</u> fica o trabalho bem feito.
ALC04	Depois, do tanque, <u>é que</u> eram transportadas depois para as terras.
ALC07	Depois de estar do chão ali dois dias <u>é que</u> vai-se depois atar.
ALC13	Ele tinha um da cabeça eu agora <u>é que</u> me está a lembrar.
ALC19	Mas dessa madeira que <u>é</u> boa, isso <u>é</u> lá para a banda de Leiria, isso aí <u>é que</u> há, essas madeiras.
ALC19	Aquilo <u>é</u> levado para a fábrica e depois da fábrica <u>é que</u> sabem como isso <u>é</u> feito.
ALC19	E então para o Alentejo então <u>é que</u> há muito disso.
ALC19	Ali <u>é que</u> fazem então um grande lareiro, com grandes faxinhas de lenha de sobro.
ALC19	Depois <u>é que</u> ‘havia’ esses rachadores que iam rachar lenha com um machado e com umas cunhas, com uma marreta, para abrir (...) os traços (...) das faxinas para pôr da caldeira.
ALC20	E ali <u>é que</u> fazem o carvão.
ALC21	Agora do Alentejo <u>é que</u> usavam muito.
ALC21	Isso (...) para a Espanha <u>é que</u> usavam muito disso.
ALC21	Da Espanha <u>é que</u> usavam muito disso.
ALC22	Por isso <u>é que</u> vai à mãe e não mama.
ALC22	Agora (...) o cavalo <u>é que</u> não emprega-se ‘rês’.
ALC25	E depois dali <u>é que</u> está a remoer, <u>é que</u> vem à boca.
ALC29	Aí <u>é que</u> se emprega este nome.
ALC30	Depois <u>é que</u> veio estes brancos.
ALC30	E depois <u>é que</u> estavam lá os empregados, que foram daqui, deste matadouro que fechou, para lá.
ALC30	Depois de estar lavado, com um pano com água quente, <u>é que</u> depois <u>é</u> pendurado.
ALC30	Depois <u>é que</u> <u>é</u> separado.
ALC30	Depois, dali, <u>é que</u> já não está feitio nenhum de porco.
ALC30	Depois de ele estar ali pendurado e aberto <u>é que</u> lhe sai aquilo tudo para fora.
ALC30	Quando ele está ali pendurado <u>é que</u> <u>é</u> tudo fora.
ALC31	Uma mancheia de palha e (...) dali <u>é que</u> eles vão pôr.
ALC31	Por isso <u>é que</u> se emprega o nome dum galinheiro, mas (...) <u>é</u> preparado (...) como deve ser.
ALC33	Depois aquele cortiço (...) de cortiça <u>é</u> tapado e tem um buraco ao meio, que <u>é</u> para ela trabalhar, e lá dentro <u>é que</u> faz o mel.
ALC33	Depois de tirar o mel <u>é que</u> a cera vai para isso, que <u>é</u> aquela coisa do favo do mel.
ALC38	Quando ele estava raivoso <u>é que</u> estava.
ALC40	Assim <u>é que</u> se faz.
ALC42	Depois <u>é que</u> vai crescendo e vai fazendo aquela coisa.
ALV01	Aqui em baixo <u>é que</u> <u>é</u> mais carregado.
ALV05	Mas, aí para baixo, aí para baixo para Quarteira, e de Pêra para baixo <u>é que</u> foram mais.
ALV09	Porque matando a criação <u>é que</u> não lucram nada.
ALV16	Agora <u>é que</u> eu me lembrou.
ALV19	Nos rios <u>é que</u> cresce mais um bocadinho.
ALV23	Mas aqui <u>é</u> pouco, lá na costa norte <u>é que</u> há mais.

ALV28	Nasce da água, mas cria-se nos calores e na água <u>é que</u> faz aquilo.
ALV33	Agora as voltas que a terra dá <u>é que</u> ela se esconde.
ALV36	Por exemplo, ganhava num ano dez ou doze contos, ou quinze contos, ou dez ou doze - não era nada - ou quinze contos, que ganhava-se pouco, agora <u>é que</u> ganham mais.
ALV45	Conforme os dias <u>é que</u> regula as marés.
ALV51	Agora <u>é que</u> eu não me lembro se era encarnado no princípio, se foi verde no princípio.
ALV51	E mais tarde <u>é que</u> me diz:
CBV15	Eu, assim <u>é que</u> me tem acontecido.
CBV34	E depois <u>é que</u> ia separando.
CBV35	E assim <u>é que</u> é (...) o trabalho feito naquele tempo.
CBV40	Secando, e depois de estar seco <u>é que</u> havia alguém que gramasse aquela coisa.
CBV55	Está um certo tempo de molho e depois <u>é que</u> é posto no leite.
CBV68	E depois quando começa a ir para o lado (...) da ponta <u>é que</u> começa, (...) mais ou menos, a estreitar e a fazer o bico.
COV03	E a gente (...) tem aquele moinho lá, que aquele moinho, há algum tempo, antes da electricidade, era lá que a gente moía de Verão porque de Verão <u>é que</u> se faz.
COV05	E está com aquele peso de água e depois faz aquele peso e depois <u>é que</u> foge a água - é que corre dali.
COV07	E depois então <u>é que</u> a gente come dali, daquela.
COV11	Agora <u>é que</u> ela está....
COV22	Depois <u>é que</u> foi que eu...
COV25	Quando a neve derreteu <u>é que</u> deram com ele.
COV30	Ui, aqui <u>é que</u> é lindo!
COV30	Se as senhoras agarrarem um vício (...) de ter uma coisa qualquer, <u>é que</u> têm mesmo!
EXB02	Assim <u>é que</u> se fazia uma couve.
EXB04	Nesse tempo <u>é que</u> havia bom vinho, que se podia beber, não é agora.
EXB04	Assim <u>é que</u> era o palheiro feito.
EXB17	Porque agora <u>é que</u> eu já não estou a dar nada por isto, outra vez, o tempo agora... que isto está outra vez (...) a ver-se coisas que nunca se viu.
EXB21	Um milho ou (...) uma maçaroca preta <u>é que</u> os rapazes tinham de beijar as raparigas todas.
EXB22	E esse bacelo depois é enxertado e no enxerto depois <u>é que</u> arrebenta.
EXB22	Depois é composto com terra, tudo tapado com terra, e ali <u>é que</u> vai arrebentar depois aquela vide (...) no buraco.
EXB23	A gente vai, corta, serra a cepa com uma mão travessa por cima do cavalo- hã-, o que é o bravo, e na própria cepa depois <u>é que</u> vai fazer outra vez outro enxerto de garfo.
EXB25	Depois tiro a brasa toda para dentro dum caldeiro, que está assim à boca (...) do forno, e depois <u>é que</u> molho um pano e ponho enrolado (...) no rodo, (...) e lavo o forno todo por dentro, fica todo lavadinho.
EXB29	Depois <u>é que</u> era dividido em peças.
EXB30	E aproveitavam muito as carnes então era para o chouriço de sangue, porque o chouriço de sangue ia durar muito tempo, porque o chouriço de sangue ia para o fumeiro, era curado, e depois metiam-no em azeite caseiro, em latas, de folha, era acamados ali dentro das latas (...) e era coberto de azeite e depois dali <u>é que</u> se comia, ou cru, ou feito com ovos, ou para a panela para temperar uma panela, ali é

	que havia chouriço para seis, sete meses, uma ano, se fosse preciso, que não se estragava.
EXB30	Esse só agora <u>é que</u> dura mais por causa de que vai para a arca, não é?
EXB30	E aproveitavam muito as carnes então era para o chouriço de sangue, porque o chouriço de sangue ia durar muito tempo, porque o chouriço de sangue ia para o fumeiro, era curado, e depois metiam-no em azeite caseiro, em latas, de folha, era acamados ali dentro das latas (...) e era coberto de azeite e depois dali <u>é que</u> se comia, ou cru, ou feito com ovos, ou para a panela para temperar uma panela, ali <u>é que</u> havia chouriço para seis, sete meses, uma ano, se fosse preciso, que não se estragava.
EXB34	Assim <u>é que</u> eles escorriam daquilo.
EXB34	Agora em moderno <u>é que</u> há uns cinchos de o apertar.
EXB37	Às vezes <u>é que</u> há um intermediário que chegou a fazer isso.
EXB46	Assim <u>é que</u> eu tenho ‘ouvisto’ dizer.
EXB47	Agora <u>é que</u> eu ando, que ele tem estado doente.
FIG01	Eu agora <u>é que</u> não me vem à ideia.
FIG05	Mas agora <u>é que</u> ainda não rebentaram.
FIG23	Quando não houvesse lá água (...) <u>é que</u> era o senhor vir e ver bem a tudo como era.
FIG24	Depois <u>é que</u> tem o chamadouro (...) para puxar o grão da caneleira para cima da mó.
FIG24	E depois além <u>é que</u> vem a levada e a água encaixa na cale.
FIG27	E depois <u>é que</u> eram semeados.
FIG37	E depois <u>é que</u> se semeia em Outubro.
FLF07	Por isso <u>é que</u> eles não comem a novidade toda.
FLF17	Ele depois de vir do lago <u>é que</u> se amaçava.
FLF24	E a gente fazia a da dona e ‘dia-a’ levar lá e depois <u>é que</u> vinha trabalhar a nossa.
FLF24	Pois, a primeira coisa (...) era lavá-la e depois de ela lavada <u>é que</u> se escolhia.
FLF40	E naquilo <u>é que</u> amarravam o gado está entendendo?
FLF44	Por isso <u>é que</u> (...) a gente chama-lhe o milho do Senhor Santo Christo.
FLF49	Por isso <u>é que</u> Nossa Senhora conjurou a mula para ela não ter crias.
FLF68	Mas, hoje, em dia, já eu tenho os meus genros e o meu filho, <u>é que</u> a gente é que arranja.
LVR01	Aí <u>é que</u> há quatro árvores reais.
LVR03	Por isso <u>é que</u> dizem que a cortiça (...) criada no mato, que se torna mui melhor.
LVR06	Por isso <u>é que</u> eu digo:
LVR07	Aí <u>é que</u> cozia-se o carvão.
LVR12	Depois <u>é que</u> passa a vitelos.
LVR13	Nesses tipos que (...) têm gado bravo <u>é que</u> têm os bois para a guia mesmo.
LVR13	Nas ordenhas das ovelhas <u>é que</u> havia uma ovelha que chamavam-lhe a ‘emparadeira’, que ia sempre ao lado.
LVR14	Agora <u>é que</u> usam disso.
LVR14	Agora <u>é que</u> usam isso.
LVR37	Só ultimamente agora <u>é que</u> estive aí vinte anos ali num escritório.
MIG03	Quando a erva pegava bem no linho <u>é que</u> o vento nunca mais levantava ele.
MIG03	A fazer linha <u>é que</u> aquilo ia fazer obra.
MIG03	E ele vem dali <u>é que</u> se põe em pé outra vez - chegava a fim de muito tempo, ele ia-se pondo em pé -, até ele espigar e dar a semente outra vez.
MIG04	E depois <u>é que</u> ele à maneira que a gente se foram casando <u>é que</u> foram se

	montando.
MIG04	De ovelhas <u>é que</u> é o pastor.
MIG04	E depois <u>é que</u> ele à maneira que a gente se foram casando <u>é que</u> foram se montando.
MIG05	Que então de Verão <u>é que</u> havia a erva-santa, que traziam muita e era o que se usava nas festas.
MIG05	Depois (...) <u>é que</u> começavam a vir mais.
MIG06	Ele quando ele já está comendo <u>é que</u> lhe chamamos vitelinho já que já está comendo, já está...
MIG06	Ao fim de dois, três dias <u>é que</u> se tirava esse leite para fazer requeijão.
MIG07	Ao fim de tempos <u>é que</u> cavavam aquele monte e deitavam uma serra direita, assim toda direita.
MIG07	E depois <u>é que</u> acartavam isso para as terras.
MIG08	E depois <u>é que</u> lavavam aquilo tudo, e então <u>é que</u> era pesado naquelas balanças com umas pedras.
MIG08	E depois <u>é que</u> lavavam aquilo tudo, e então <u>é que</u> era pesado naquelas balanças com umas pedras.
MIG10	Agora <u>é que</u> já (...) vão usando mais.
MIG11	Depois de derretida <u>é que</u> chamam manteiga.
MIG17	Ali <u>é que</u> a gente lhe tempera a farinha.
MIG20	Só com as mãos, sim senhor, <u>é que</u> pisavam a uva e depois a uva caía (...) aqui dentro.
MIG20	Depois <u>é que</u> vai para o balseiro.
MIG21	A gente matam o porco assim hoje e amanhã da manhã <u>é que</u> vão almoçar esse debulho!
MIG33	Isto agora <u>é que</u> está tudo rico.
MIG39	Este ano <u>é que</u> houve uma quantidade...
MIG39	Este ano <u>é que</u> houve disso cá, com muita fartura.
MIG40	Agora <u>é que</u> o gafanhoto está mais verde do que o que era há anosquando dava nas restevas do trigo.
MIG41	Cortando-lhe a cabeça; então <u>é que</u> ela...
MIG42	E depois <u>é que</u> dependuram aí.
MIG42	E quando a gente abrem o milho, então <u>é que</u> se chama esgalhar o milho.
MIG44	Lá <u>é que</u> é bom para ver aquilo.
MIG46	Eu ele (...) fazia, agora <u>é que</u> eu não quero fazer porque não posso.
MIG56	Lá <u>é que</u> está bem estimado.
MIG56	Ali <u>é que</u> satisfaziam as suas vontades.
MIG58	A ovelha no tempo que estava norte e ela aí <u>é que</u> fugia para baixo!
MIG59	Ou quando nascia um cabritinho pequenininho, tiravam o bucho daquele cabritinho e dali <u>é que</u> faziam o coalho (...) para fazer os queijos.
MIG59	Desse bichinho <u>é que</u> se fazia o...
MIN02	Agora há muito pouco tempo (...) não há muito tempo <u>é que</u> fui aumentada.
MIN07	Só passado tempo <u>é que</u> soube, então.
MIN08	Depois que fui para Lisboa <u>é que</u> fui para o comércio.
MIN11	Depois desfaz-se o porco a gente põe-o todo em peças e todo em miúdo, não é?- então, depois <u>é que</u> se faz a rojoada que é o que leva o sangue, que é o 'tais' serrabulho.
MIN15	Mas depois então <u>é que</u> quando as crianças começaram a crescer, viemos para aqui outra vez.

MIN18	Agora <u>é que</u> era sério isso.
MIN19	Fazia o fermento primeiro, e depois <u>é que</u> lhe botava fermento naquela massa toda.
MIN22	E depois <u>é que</u> ia para abrir (...) no banco, já que ia ser pendurado.
MIN22	Fazia-lhe a língua e fazia-lhe a parte de trás, metia-a para dentro, e depois <u>é que</u> o abria a meio.
MIN22	E depois <u>é que</u> lhe tirava o fato fora.
MIN22	E depois <u>é que</u> lhe tirava (...) as costelas.
MIN22	E depois <u>é que</u> fazia os presuntos e as pás e cortava em quadrado (...) as barrigas e as unhas.
MST01	Com a minha mão <u>é que</u> os escorro a todos, de um por um, só para não secarem, para depois eles ficarem realmente...
MST09	Só para palhas e estrume e assim <u>é que</u> púnhamos a sebe.
MST10	Só partindo os chifres <u>é que</u> se safava.
MST16	Bem que eles para aqui vinham a brincar (...) para aqui, por isso <u>é que</u> me faltam aqui as coisas do tear.
MST21	Deixe que vamos a arranjar a casa e depois <u>é que</u> havemos de falar.
MST39	Agora <u>é que</u> já não.
MST42	Bom, só, por fim <u>é que</u> iam para a Terra Fria, alguns.
OUT19	E depois de fiado, ele encama-se dois fios e depois passa-se-lhe cera e depois <u>é que</u> se fazem...
OUT21	E depois <u>é que</u> a Augusta encontrou-se doente.
OUT26	E amassaram com água fria, foram-se embora para Bragança, e só depois ao outro dia <u>é que</u> acenderam o forno.
OUT30	Depois de rojo <u>é que</u> se tiram as brasas com um saca-borrvalho e depois de tirar as brasas <u>é que</u> se põe um vassouro de giestas, verde, (...) num pau e varra-se o vassouro.
OUT30	Depois de rojo <u>é que</u> se tiram as brasas com um saca-borrvalho e depois de tirar as brasas <u>é que</u> se põe um vassouro de giestas, verde, (...) num pau e varra-se o vassouro.
OUT40	Uma joguinha que <u>é onde é que</u> se põe a boqueja e depois <u>é que</u> ele anda.
OUT51	E com a salsa <u>é que</u> se faz aquele molhinho e <u>é que</u> se unta a carne para ir para o forno.
OUT51	E alho e com a salsa <u>é que</u> se unta a carne que <u>é para</u> meter no forno.
OUT54	Começa a botar folha e tal, daqui e dalém, depois <u>é que</u> a gente cava-o, bem cavadinho, e tal, depois chega, quando quer pôr o campo da vinha, depois (...) abre, com uma máquina, abre os regos que uma pessoa quer, os valados que quiser, e coloca (...) cada metro (...) seu bacelo.
OUT56	E depois daqui <u>é que</u> vai aquele bocadinho à frente e depois <u>é que</u> fica a outra galha ao para cima.
OUT56	E depois daqui <u>é que</u> vai aquele bocadinho à frente e depois <u>é que</u> fica a outra galha ao para cima.
OUT57	Depois, estando a ferver, <u>é que</u> <u>é preciso</u> sempre, sempre, sempre, sempre.
PIC04	Homem, isto hoje <u>é que</u> <u>é o mesmo</u> homem.
PIC05	E a senhora depois <u>é que</u> lhe deita esta farinhazinha.
PIC05	Depois de estarem os ovinhos mexidinhos, se deita a farinha, deita a levedurazinha e depois <u>é que</u> vai amassando.
PIC05	E depois de ela estar - fica muito fininha, muito fininha - <u>é que</u> a gente enrola para dentro.
PIC05	E aí <u>é que</u> está aí então o bolinho do senhor Espírito Santo feito.

PIC05	Como vamos acrescentando os bolos, vão ficando grandes, já a gente agora o mesmo chavão <u>é que</u> marcamos o bolo.
PIC06	Torno a pôr outra roldanazinha de peixe, outra roldanazinha de cebola, e aí <u>é que</u> então faço o meu guisadozinho.
PIC06	Assim <u>é que</u> eu faço o peixinho.
PIC07	Acabante quatro, cinco diazinhos <u>é que</u> a gente enche a nossa lingüíça.
PIC07	Assim <u>é que</u> nós fazemos.
PIC07	Com lenha <u>é que</u> a gente faz.
PIC09	A vigia por os rádios <u>é que</u> vai (...) guiando a gente por ali fora, por ali fora.
PIC11	Só em cardume <u>é que</u> aquilo poderia dar resultado.
PIC13	Mais tarde, já aqui no meu tempo, <u>é que</u> podiam (...) ter um valorzito, mas coisa pouca.
PIC13	Aqui há (...) uns oito ou nove anos - não é? - <u>é que</u> se fala nos dentes da baleia.
PIC17	Nessa altura <u>é que</u> a gente se lembra de Deus.
PIC18	E com o vazante, ele vai crescendo e cresce mais e depois de estar grado <u>é que</u> espiga.
PIC20	Que ele tinha ficado mais ela, mas tinha posto a espada no meio da cama, de maneira que ele tinha conhecido que era a sua cunhada, e que andava à procura do irmão, e que tinha ido perguntar o caso, e vai aí <u>é que</u> veio a descobrir que o irmão estava nesta torre.
PIC22	E a gente aí <u>é que</u> lhe metia nas travesseirinhas, para os bebés.
PIC22	Assim <u>é que</u> eu faço.
PIC22	Assim <u>é que</u> eu faço.
PIC27	Por isso <u>é que</u> podia bem com o berço.
PIC28	E depois <u>é que</u> os levo para o lume para deitar os seus temperinhos dentro para fazer a molha dos bofes.
PIC31	A pesca da lagosta é que o peixe vai para dentro do cofre e a lagosta depois <u>é que</u> se vai lá meter.
PVC02	Só aquando cheguei aqui ao pé do açude <u>é que</u> ele viu que vinha perdido.
PVC06	É naquela dobadoura que faz a gente então os novelos, e depois <u>é que</u> ia para o tear.
PVC14	Depois <u>é que</u> se tirava a calda.
PVC14	Tornava-se a dar outro aperto e então com aquele aperto e com aquela água a ferver <u>é que</u> a gente passava o azeite para a outra tarefa.
PVC20	Num cortiço das abelhas <u>é que</u> a gente espadanava.
PVC20	No fim de seco <u>é que</u> se tascava.
PVC20	No fim de tascar <u>é que</u> se espadanava.
PVC20	No fim de espadanado <u>é que</u> era (...)
PVC21	Primeiro era nos liços e depois <u>é que</u> era no pente.
PVC21	No pente <u>é que</u> já era a dois a dois.
PVC24	Adonde nos ficasse de noite <u>é que</u> a gente (...) pedia dormida.
PVC27	Cheguei uma vez a ir lá, aos quatro dias <u>é que</u> vim para casa.
PVC27	E depois <u>é que</u> (...) vieram lá, assim que se pôs de dia.
PVC29	Ele ali <u>é que</u> é o dia quinze de Agosto.
PVC29	Por exemplo, calha um ano ao domingo, só daí (...) a sete anos (...) <u>é que</u> torna a calhar.
SRP01	E depois <u>é que</u> calhei a avistar dois portugueses.
SRP01	E passado três épocas a seguir <u>é que</u> trabalhei junto com três portugueses.
SRP01	Isso é homem só apanha aquilo bem, às vezes, quando está assim a trabalhar com



	eles <u>é que</u> vem e é capaz (...) de arremedar (...) na altura.
SRP04	Noutro tempo, quando havia contrabandistas, aí <u>é que</u> era a passagem deles para aquele lado, para Beja.
SRP04	Em vindo o Verão, ali <u>é que</u> era a passagem deles.
SRP14	E depois <u>é que</u> se junta tudo num molho.
SRP16	Bom, aqui a gente, mais ou menos, é o pó e depois (...) quando estava junto (...) <u>é que</u> saía outro, chamava-lhe a gente as moinhas.
SRP22	E quando ele deixava de ferver, depois <u>é que</u> já passava ao nome de vinho.
SRP27	E depois <u>é que</u> vai então o varredor.
SRP27	E então <u>é que</u> vai então (...) o varredor (...) que é esse dito pano que eles até pediam a quem tinha roupas velhas que atavam a uma dita vara e depois era molhado dentro de água e depois é que varriam então o solo com aquela cinza.
SRP27	E então <u>é que</u> vai então (...) o varredor (...) que é esse dito pano - que eles até pediam a quem tinha roupas velhas - que atavam a uma dita vara e depois era molhado dentro de água e depois <u>é que</u> varriam então o solo com aquela cinza.
SRP27	Depois de aquilo bem varrido <u>é que</u> era o pão posto lá dentro.
SRP29	Se a gente agora cortá-lo aqui - ou seja ao comprimento -, e se o abrir ao meio, como sendo a lenha, <u>é que</u> a gente lhe chama a cavaca.
SRP32	Depois <u>é que</u> é tirado novamente para fora para uma...
SRP32	E (...) depois de estar coalhado, <u>é que</u> é tirado para se fazer os queijos.
SRP32	Mas é que ele essa dita massa, depois de a massa se estar fabricando, <u>é que</u> vai aparecendo.
SRP32	Quando se está fazendo os queijos <u>é que</u> a água começa a aparecer.
SRP32	Está tudo coalhado, mas depois de a tirar dali para fora <u>é que</u> a água começa a aparecer.
SRP34	Pelo nariz <u>é que</u> rasteja à procura da comida.
TRC02	E depois de tirar a carne <u>é que</u> a gente faz um tempero final.
TRC02	Quer dizer, e depois <u>é que</u> a gente então tira as sopas.
TRC02	Ora, depois de a gente abafar a sopa, já temos a carne abafada porque foi cozida, tirou-se e depois <u>é que</u> se preparou a sopa.
TRC02	Pois os temperos, em cada uma panela dessas de cinquenta litros, leva uma cebola e meia grande, seis dentes de alho, meio litro de vinho branco, duzentas e cinquenta gramas de tocinho de fumo, uma barra de manteiga até não cozer bem a carne - quando a carne está bem cozida, leva mais uma barra de manteiga, vêm a ser duas barras -, sal, tal e qual o paladar que a pessoa tenha <u>é que</u> vai temperando tal e qual precisa.
TRC04	O senhor padre coroa três crianças que vêm mesmo preparadas para coroar, vêm outras ao lado com umas insígnias como aquelas que ali estão, e depois voltam lá a casa (...) do imperador, nessa altura <u>é que</u> há o jantar, e depois então vão levá-lo à casa doutro imperador.
TRC06	E depois disso tudo, <u>é que</u> há o jantar então das pessoas adultas, depois com os seus convidados, que vêm assistir ao banquete.
TRC06	Mas primeiro trata-se (...) das crianças todas e depois então <u>é que</u> se sentam os adultos, a comer e a beber, à vontade.
TRC08	Quer dizer, tomar a presa é fazer a mistura da massa com ovos e leite e açúcar - não é?, e quando está preparada já com os ovos, e o leite, e o açúcar, o fermento, isso, quando deitam dentro, então <u>é que</u> as outras pegam todas a amassar.
TRC24	Com uns panos <u>é que</u> a gente rolhava, para rolhar por dentro e rolhar por fora.
TRC27	E depois quando acabe o último anzol, a gente (...) amarra (...) numa linha e depois

	é <u>que</u> corre.
TRC30	E depois a gente demos em cramar que o trabalho que era muito, depois <u>é que</u> deu em botar para o Pico.
TRC31	Deitam assim a rede (...) encostada às pedras, esticadinho assim, com uma para fora, um bocadinho, e amanhã <u>é que</u> vão alevantá-las.
TRC37	Por isso <u>é que</u> a gente chama marchante.
TRC37	Por isso <u>é que</u> lhe estou eu a dizer.
TRC40	E depois <u>é que</u> eles enriçam naquilo tudo e (...) eles coiso, assim.
TRC44	Se ele não fosse canalha, deixava-se sair do castelo primeiro e depois <u>é que</u> se casava.
TRC48	Agora <u>é que</u> não queres!
TRC49	Nos pastos <u>é que</u> há disso, muito.
TRC54	Esses frontais, quando eram velhos, <u>é que</u> aqueles ‘percebes’ criavam-se a modos naqueles frontais velhos.
TRC56	As sopas são secas, a gente miga-as secas, e depois <u>é que</u> deita a água a ferver por cima das sopas.
TRC57	Assim <u>é que</u> elas fazem, que a gente faz, que eu também...
TRC57	Ah, isso então assim <u>é que</u> a minha mãe fazia.
TRC59	Por isso <u>é que</u> eu estou a dizer para mais de trinta anos.
TRC62	E ao cabo de um ano <u>é que</u> tirámos então (...) aquelas roupas.
TRC65	Mas agora depois que há mais um açúcarzinho <u>é que</u> a gente gosta!
TRC66	Só se na mão de outros -de outros ricos- <u>é que</u> a senhora viu!
TRC67	Arranjou foi o nosso governo quando andou que fez o tapume, aí <u>é que</u> ele arranjou.
TRC68	Depois de ir à água <u>é que</u> se faz isso.
TRC68	Aquilo ficava naqueles carreirinhos, aberto, por ali fora, estava lá uns dias, e depois ao fim de dias, ele iam juntar aquilo, ficava aquilo aos molhinhos, e depois <u>é que</u> então pegavam nessas gramas e nessas coisas a trabalhar, e iam andando até chegar a ponto de fiar, numa roca (...) presa na cintura e elas...
TRC68	E assim <u>é que</u> a gente fazia!
TRC69	E depois com as grades <u>é que</u> a gente ia partindo aquilo!
TRC70	No Janeiro <u>é que</u> se semeia o trigo.
TRC70	E depois quando é ali em Abril - Março, já em Março se semeia muito, o milho, mas então a força é em Abril - (...) <u>é que</u> então que se pega à sementeira dos milhos.
TRC70	E depois <u>é que</u> , passado da sementeira do trigo, passa-se à sementeira do milho.
TRC70	Antigamente <u>é que</u> era assim.
ALJ02	Ali <u>é que</u> fazem os funerais.
ALJ04	Depois <u>é que</u> me estive a contar a história.
ALJ05	Isto só em providência divina <u>é que</u> salvará isto.
ALJ07	O coiso da ponte, quando há maré baixa <u>é que</u> ainda aparece um tanto.
ALJ12	Isso nas ribeiras de coiso <u>é que</u> há mais, de água.
ALJ19	E depois de o homem estar aqui dentro <u>é que</u> começou lá a contar a vida dele.
ALJ19	Pelo meio lá dessa coisa, em elas estando cheias <u>é que</u> têm lá comidinha.
ALJ25	Ele no nosso país <u>é que</u> se come essa coisa toda.
CDR01	No fim de Setembro <u>é que</u> se pegava a quebrar as espigas.
CDR02	E a terra fica uma terra fofa, uma terra leve, e aí <u>é que</u> ela fica uma terra doce de trabalhar.
CDR03	No mês de Agosto vinha para fora, ficava aqui até Março, no mato baldio, e outra



	vez em Agosto <u>é que</u> voltava.
CDR03	(...) De Março a Agosto <u>é que</u> ela estava na caldeira.
CDR03	Depois <u>é que</u> dão entrada (...) nos Serviços outra vez.
CDR12	E depois por aí <u>é que</u> se foi começando a juntar famílias e a fazer então (...) as matanças, que já hoje então são muito diferentes:
CDR16	E eles <u>é que</u> acordavam.
CDR18	E depois <u>é que</u> se iam lavar então (...) para a fonte.
CDR19	Quando a batata subia ela partia uma batata numa talhadinha estreitita, (...), quando a batata subia para o ar <u>é que</u> a moira estava boa (...) para salgar.
CDR19	Aí <u>é que</u> a gente aqui era uma talhada.
CDR20	Depois <u>é que</u> começaram a aparecer os trevos...
CDR20	Há quarenta e seis, quarenta e sete anos <u>é que</u> começou a aparecer os primeiros trevos que se semearam aí.
CDR21	E até há uma superstição que eu não sabia, este ano <u>é que</u> soube, há pessoas que têm superstição com essa 'freima':
CDR30	Aí <u>é que</u> está o calor temperado para poder pôr a massa e ela ficar em boa cor.
CDR35	E então nessa altura <u>é que</u> mais umas pessoas vizinhas aqui dos Cedros ficaram a ter terra de lenha.
CDR37	Portanto, naquela altura <u>é que</u> os donos sabiam as ovelhas que tinham.
CDR40	Para ficar (...) o queijo mais aguentado, ficava dum dia para o outro e no outro dia <u>é que</u> se tirava a forma (...) e tornava-se a fazer o outro queijo.
CDR45	Depois <u>é que</u> se começou a ir pondo o endro e o coentro.
CDR45	Então aí <u>é que</u> não se fazia sem ter o coentro.
CDR45	Mas então já depois que eu tive as minhas filhas <u>é que</u> começaram os médicos a aconselhar que era bom dar sopa (...) de espinafres ele às crianças, aos bebés, e então já começaram a cultivar.
CLH01	E a gente ali nas portinholas <u>é que</u> regula a água.
CLH01	E daí <u>é que</u> a água que saía da parte que era já madeira <u>é que</u> batia ali naquela coisa (...) que chamam as penas do moinho.
CLH13	Eu ainda o outro dia <u>é que</u> me lembrei deste jogo.
CLH21	Ele eu não o escolhi para semente, agora <u>é que</u> tenho que escolher que o vou tirando para os animais e <u>é que</u> tenho que as escolher.
CLH27	E aí <u>é que</u> fez de modo a afugentar mais os pastores dali para fora.
CLH32	Porque a batata-doce, ele em terra fraca (...) e fosse bem estrumada <u>é que</u> dava batata boa. (...)
CLH37	E depois <u>é que</u> botavam a água a correr e estava para ali uns dias.
CLH39	Aquilo quando era a encruzar <u>é que</u> eu não gostava de maneira nenhuma.
CLH41	(...) Mas depois começavam a encruzar, aí <u>é que</u> eu não gostava!
CPT01	E assim <u>é que</u> me vou governando.
CPT02	Nas paredes <u>é que</u> estava escrito, tudo à roda da casa.
CPT12	Aí <u>é que</u> trabalhava.
CPT13	Assim <u>é que</u> aí andava o meu irmão.
CPT15	Para aí para a Espanha <u>é que</u> ela caiu.
CPT28	Agora hoje <u>é que</u> já não.
CPT53	Hoje <u>é que</u> já não presto.
CRV01	Depois <u>é que</u> vem ele as abóboras, os mogangos.
CRV01	Mas em Março <u>é que</u> há aqueles bacorinhos.
CRV02	Com o lombo (...) <u>é que</u> se faz esses torresmos.
CRV05	No outro dia <u>é que</u> se lhe caldeia o alho e mais sal a gosto.

CRV06	No dia seguinte, ou nesse dia à tarde, depois de elas estarem bem frias, <u>é que</u> eu as passo na gordura; frito bem frito, e é que ponho então debaixo (...) da banha para conservar.
CRV06	E depois <u>é que</u> pico, depois de frito, e arrumo depois de fria.
CRV10	E depois então <u>é que</u> se faz...
CRV28	Por exemplo, os que se casaram dia de São Marcos do ano passado até esse ano - está compreendendo - <u>é que</u> vão.
CRV41	À noite então <u>é que</u> era a ceia.
CRV41	Quando o sol se queria ocultar (...) <u>é que</u> ceavam.
CRV50	Assim quando os bois 'pastravam' da 'pastradura', ele botava o rabo do arado aqui (...) ao ombro e então <u>é que</u> 'pastrava'.
CRV54	Quando ele havia bom tempo ou quando o povo podia <u>é que</u> se ia então.
CRV54	E lá <u>é que</u> eles se criavam e era a lã <u>é que</u> (...) fazia a roupa (...) de a gente se vestir.
CRV55	Agora semeados em Janeiro, quando é ele para meados de Abril, <u>é que</u> eles começam de aumentar.
CRV55	Estão lá pregadinhos todos, pequeninos, e em Abril, então, <u>é que</u> começam a vir.
CRV55	Quando é lá para meados de Março, meados de Abril, <u>é que</u> eles aumentam muito.
CRV55	E em Maio <u>é que</u> se lavram.
CRV55	Fim de Maio, princípio de Junho, <u>é que</u> se começa então nos milhos, (...) a mexer neles, (...) lá para cima.
CRV61	E depois então <u>é que</u> se começavam a lavar e elas produziam.
CRV61	E depois <u>é que</u> se deitava a terra em cima daquilo e produziam (...).
CRV64	E as outras duas, ao lavar ou ao botar ali a sementeira <u>é que</u> cortava.
CRV65	Depois <u>é que</u> semeavam aquilo.
CRV65	Para outro ano, naquele tempo <u>é que</u> a tinham lá.
CRV66	Ele só com enchentes (...) <u>é que</u> juntam.
CRV72	Matava à tarde, deixava-os pendurados para o outro dia, no outro dia (...) <u>é que</u> os cortavam.
CRV77	Eles agora <u>é que</u> trazem.
CRV77	Agora <u>é que</u> trazem muita coisa.
FIS01	E de casar <u>é que</u> depois viemos morar para aqui para uma casa.
FIS03	Ora como o carrinho (...) anda, <u>é que</u> faz andar depois a tal segrelha é que faz andar aqui em cima a mó.
FIS14	E depois no engenho <u>é que</u> fazia o linho.
FIS36	É no próprio (...) pasto que elas estão a comer, é que, se ela passar, <u>é que</u> pode muito fácil envenenar (...) o animal.
GIA01	Depois de fiado (...) <u>é que</u> se fazia as meadas.
GIA06	Depois <u>é que</u> ia ao forno e cozia antes de ir as broas.
GIA10	Depois quando estava queimado, quando tinha aqueles dias, eles já sabiam, depois <u>é que</u> tiravam, a gente depois ensacava o carvão.
GIA13	Agora <u>é que</u> faz-se o sangue, sangue, não é?
GIA14	Ao fim dum mês <u>é que</u> se levantava essa carne e ficava (...).
GRC02	Agora aí há anos <u>é que</u> não há.
GRC02	Este ano <u>é que</u> não houve.
GRC04	Se fosse (...) ao quilo, <u>é que</u> ele a gente podia levar...
GRC09	Antigamente <u>é que</u> havia muita feiticeira mas já hoje não há.
GRC10	Antes de o barco arrear (...) <u>é que</u> o padre vem benzê-lo.
GRC10	Depois - está claro - <u>é que</u> vai para a água.

GRC17	Faço aqui um bocado neste cerrado, (...) de enxertia, e depois então <u>é que</u> se planta lá a vinha.
GRC24	E depois de o forno cheio e apado, então <u>é que</u> se vai aquecer.
GRC26	Eu fazia em trinchozinhos que fazia, de piteira, a modo umas rodinhas, e ali <u>é que</u> se coalhava em cima duns pratos, ou dumas travessas, ou conforme a gente fazia, conforme a porção, em pratos.
GRC7	Aí <u>é que</u> eu fui apanhado.
GRC27	E aí depois <u>é que</u> eu fui caçado.
GRC27	Bem, agora <u>é que</u> vou seguir.
GRC31	Outro dia <u>é que</u> eu conheci a mulher dele.
GRC31	E aí <u>é que</u> a rapariga disse que era.
GRC34	E agora, ultimamente, depois de já velho <u>é que</u> já sempre vou levando mais um vintém e ainda por enquanto sozinho a trabalhar.
GRC34	Agora para não lhe fazer a desfeita <u>é que</u> sou capaz...
GRJ03	E depois por cima leva tripas e depois <u>é que</u> leva o telhado.
GRJ09	Na hora em que eu estava para vir embora <u>é que</u> vi aquilo (...), quase mal.
GRJ12	Depois <u>é que</u> é o rouxinol.
GRJ15	A gente assim de repente <u>é que</u> não se lembra assim do nome deles.
GRJ36	Depois de fazer aquilo <u>é que</u> eu fui apanhar.
GRJ39	Agora <u>é que</u> já não dizem isso.
GRJ41	Na Senhora dos Remédios <u>é que</u> a senhora via coisas antigas se lá fosse!
GRJ41	Aí <u>é que</u> a senhora...
GRJ41	Ali <u>é que</u> as senhoras tiravam uns retratos bonitos, na procissão.
GRJ41	A Fábria <u>é que</u> quase sempre <u>é que</u> ia, a Fábria.
GRJ46	Às nove <u>é que</u> é o almoço.
GRJ47	E ao outro dia <u>é que</u> eu o frito, <u>é que</u> é saboroso.
GRJ47	Depois esfrego muito esfregadinho em duas águas, muito lavadinho, muito limpinho, depois <u>é que</u> o meto em a batatinha estando desfeita, meto.
GRJ47	Depois quando começa a ferver <u>é que</u> lhe ponho o azeite e o sal.
GRJ49	Por causa disso <u>é que</u> o meu Emanuel não me deixou cozer mais no forno.
GRJ54	E depois <u>é que</u> são metidas (...) na panela.
GRJ54	E depois <u>é que</u> lhe põem cinza e água a ferver.
GRJ54	Depois de ser tecido <u>é que</u> vem para os donos.
GRJ54	Antigamente <u>é que</u> era (...) para camisas de homem de linho.
GRJ58	Olhe, onde eu estive em Carvalhais <u>é que</u> tu havias de ir ver governar o milho.
GRJ58	Na minha terra <u>é que</u> se governa pão milho que nem é em parte nenhuma.
GRJ62	E então (...) depois <u>é que</u> é desfeito depois de estar escorrido, de estar já enxutinha a carne - é desfeito.
GRJ63	Depois <u>é que</u> se mete na tripa.
GRJ63	E depois <u>é que</u> escorre fica ali a escorrer até de manhã.
GRJ63	De manhã depois, quando a gente quer encher as moiras <u>é que</u> põe a cebola dentro (...) daquele sangue.
GRJ63	Depois bota-se-lhe um bocadinho de água a ferver, para amolecer, e bota-se-lhe as gorduras todas muito compostinhas na frigideira, (...) e depois <u>é que</u> se mexe aquilo muito mexedinho, muito compostinho, e depois <u>é que</u> se fazem as morcelas.
GRJ63	Depois bota-se-lhe um bocadinho de água a ferver, para amolecer, e bota-se-lhe as gorduras todas muito compostinhas na frigideira, (...) e depois <u>é que</u> se mexe aquilo muito mexedinho, muito compostinho, e depois <u>é que</u> se fazem as morcelas.
GRJ67	Agora <u>é que</u> eles andam perdidos.

GRJ67	Aonde nós tínhamos a cova <u>é que</u> andamos a seguir para aquele lado.
LAR01	E, depois, ao fim de as matar todas então <u>é que</u> come uma um bocado e fica satisfeito.
LAR02	Dês <u>que</u> ela virou contra mim <u>é que</u> vi bem <u>que</u> era uma raposa.
LAR06	Ao poder dos vincelhos, <u>é que</u> lhe fazia botar o ar fora, ao antigo.
LAR06	Agora, se comer, por exemplo, figos, grão, certas coisas, <u>é que</u> está a empertigar, isso é <u>que</u> está sujeita a morrer.
LAR08	Do quinto, dos cinco anos <u>é que</u> termina.
LAR16	Há meia dúzia de anos para cá, então <u>é que</u> se vê onde queira os porcos, e o rasto deles e assim.
LAR17	E depois tira-se daí os requeijões (...) para a travessa (...) e as malguinhas, <u>é que</u> se fazem os requeijões.
LAR17	Era (...) um pau direito e daí <u>é que</u> é uma ‘fateca’ mesmo, que lhe chamam a ‘fateca’.
LAR26	Ao fim de malhar o pão todo, então <u>é que</u> se junta, varre-se, ajunta-se todo numa rima para se juntar.
LAR35	Lá para baixo <u>é que</u> há muitas.
LAR36	E depois faziam aquilo nas estribas chamavam estribas (...), quando pudessem, durante o Inverno <u>é que</u> se fiava, punha-se nas rocas e fiava-se.
LUZ02	Hoje <u>é que</u> não há nada!
LUZ15	Ora agora hoje <u>é que</u> usam umas mós, nesses lagares, usam umas mós e as mós vão correndo ali em cima da azeitona, vão correndo, vão correndo, vão correndo, e aquilo depois tem uma coisa para abrir, aquilo a azeitona vai saindo a azeitona pisada vai saindo para fora.
LUZ15	E depois da prensa <u>é que</u> dali cai e passa então por essas bilhas que estão a ferver, essas bilhas quentes e por lá depois é <u>que</u> passa e depois é <u>que</u> começa a correr para dentro (...) dum alguidar grande, dum alguidar que há ali de cobre (...) ou de zinco.
LUZ15	E depois da prensa é <u>que</u> dali cai e passa então por essas bilhas que estão a ferver, essas bilhas quentes e por lá depois <u>é que</u> passa e depois é <u>que</u> começa a correr para dentro (...) dum alguidar grande, dum alguidar que há ali de cobre (...) ou de zinco.
LUZ15	E depois da prensa é <u>que</u> dali cai e passa então por essas bilhas que estão a ferver, essas bilhas quentes e por lá depois é <u>que</u> passa e depois <u>é que</u> começa a correr para dentro (...) dum alguidar grande, dum alguidar que há ali de cobre (...) ou de zinco.
LUZ17	Para a limpeza (...) <u>é que</u> usavam uma burra.
LUZ17	Estando ardido, estando bem, bem, bem alado lá dentro, fechava-se aquela porta com terra outra vez, metia-se-lhe mato, tapava-se com terra e depois dali <u>é que</u> começava a tomar fôlego (...) por os ouvidos que era os ouvidos que estavam pela parte da rés do chão.
LUZ19	Aquilo era malhado com um malho e depois <u>é que</u> ia para esse sedeiro é um sedeiro, parece <u>que</u> é um sedeiro, que fazem assim, depois daí é <u>que</u> se fazia a estopa e o linho para se fiar.
LUZ19	Aquilo era malhado com um malho e depois é <u>que</u> ia para esse sedeiro é um sedeiro, parece <u>que</u> é um sedeiro, que fazem assim, depois daí <u>é que</u> se fazia a estopa e o linho para se fiar.
LUZ19	E depois <u>é que</u> ia (...) para as tecelagens, para a família tecer, que era para fazer o pano, (...) para colchões, para lençóis, para camisas, para essas coisas todas.

LUZ20	Em Lisboa <u>é que</u> era arranjado.
LUZ26	Hoje <u>é que</u> há muito mais.
LUZ27	Hoje <u>é que</u> põem umas ‘confeccções’.
LUZ28	Depois no outro dia - aquilo já tenro, já a carne já estava toda fresquinha, bem fresquinha -, <u>é que</u> pulava lá um homenzinho ou dois, começavam, chamava-se desmanchar.
LUZ31	E pondo ali aquilo um bocadinho, depois <u>é que</u> levávamos para lá e depois era espremido à mão.
LUZ31	E desse joeiro <u>é que</u> era para baixo, para dentro do coiso.
LUZ34	Pois, agora, agora <u>é que</u> puxam (...) uma ‘podadeira’, uma ‘podadeira’, uma ‘podadeira’.
LUZ55	Pronto, aqui para trás <u>é que</u> tinha e tinha assim um rebolozinho, em volta, para o trigo não sair dali.
LUZ57	Aí <u>é que</u> aprendi.
MLD08	Assim <u>é que</u> se isto poderia fazer alguma coisa.
MLD09	E então deixa-se sarar as feridas primeiro e depois <u>é que</u> se limpa.
MLD09	Deixa-se primeiro folgar um ano ou dois e depois <u>é que</u> se trata delas, não é?
MLD11	Nessa altura <u>é que</u> pensei então em fazer vida disto, mas por minha conta.
MLD11	Depois <u>é que</u> fui aprendendo à minha conta.
MLD17	Uma vez <u>é que</u> uma senhora aqui - era uma tia da minha mulher - ia ali a um rapaz que tinha uma oficina lá em baixo.
MLD19	E depois à vinda para cá <u>é que</u> já achou o caminho longe, é que veio num comboio de Grândola e veio então entrar já num comboio.
MLD19	Já conseguiu (...) lá vir a pé para o outro lado e depois <u>é que</u> (...) veio parar ali a Grândola depois no comboio.
MLD19	Daqui diz que foi ficar a São Luís e no outro dia <u>é que</u> foi para São Teotónio.
MLD29	De forma que, assim a respeito das químicas, depois mais tarde <u>é que</u> apareceu isso de se dar com um motorzinho.
MLD30	Agora, se calhar, só por me mandarem embora, talvez, <u>é que</u> eu deixo aquilo.
MLD46	Ia descontando, no fim dos meses (...) <u>é que</u> ia pagando.
MLD47	Quando ele (...) fosse empoado <u>é que</u> era muito natural.
MLD48	Por conta dessa mulher mais desse homem <u>é que</u> eu fui.
MLD49	Mas aquela <u>é que</u> eu tinha as minhas filhas, (...) aquela é que eu havia de ter aproveitado.
MLD49	Mas lá <u>é que</u> ele ainda esteve mais um tempozito.
MLD49	Lá então <u>é que</u> foi essa coisa de morrer também um filho (...) dessa lavradora, que era o Giordano da Saramaga.
MLD49	E daí <u>é que</u> começou assim a ir para diante.
MTM01	E depois <u>é que</u> se vai que estava já boa para isso.
MTM01	E depois dali então <u>é que</u> era (...) transportado (...) para as vasilhas (...), e lá fervia o mostro.
MTM01	E depois então <u>é que</u> passado (...) uns dois meses ou quê, está o vinho feito está o dito vinho.
MTM03	No tempo (...) da escravidão <u>é que</u> era isso tudo assim.
MTM11	E depois então <u>é que</u> davam.
MTM11	Quando era na época de Inverno <u>é que</u> usavam mais isso.
MTM12	Cardavam a lã, lavavam-na, (...) carpeavam-na, e depois tinha que ser carpeada (...) à mão, e depois <u>é que</u> ia ser cardada.
MTM12	Isso agora <u>é que</u> eu não estou bem certo...

MTM13	Aqui, ele mesmo cá <u>é que</u> havia quem lhe chamasse o bode e quem lhe chamasse o chibo.
MTM13	E depois <u>é que</u> era a cabra.
MTM13	Só mais tarde quando já estavam grandes, assim (...) já capazes de desmamar <u>é que</u> se começavam então a retirar de noite para as ovelhas (...) terem leite de manhã.
MTM13	E depois <u>é que</u> se iam então tirar, deixava-se-lhe um pinguito para eles mamarem depois (...) de os soltar.
MTM14	Levava a mezinha, chamavam-lhe a mezinha, e então depois <u>é que</u> coalhava o leite, (...) e era a coalhada, era a coalhada do leite.
MTM14	A minha mãe e os outros todos tiravam-se aquele (...) punhadozinho (...) de coalhada, e depois (...) iam espremendo aquilo assim para cima (...) duma tábua preparada, chamada queijeira, e espremiam aquilo até chegar a um certo já (...) mais duro, um bocadinho mais duro, e depois <u>é que</u> punham dentro de chamavam-lhe o trincho.
MTM17	Essa coisa da picota era só para abrir (...) o próprio poço, e para puxar a terra para cima, para fazer (...) o buraco, <u>é que</u> se fazia que usava-se a picota.
MTM19	Passavam-se muitas horas e devia estar sempre com aquele gelo, assim <u>é que</u> eu ouvia - não é? -, na altura.
MTM22	E as mós estavam em cima, todas num andar, e isso (...) furava cá para baixo e cá em baixo então <u>é que</u> andava a tocar...
MTM22	Cá em baixo, então <u>é que</u> (...) as mós tinham um carroto, e essa entrosa pegava nos carros das pedras e fazia-as rodar.
MTM27	Só nas rodas <u>é que</u> é diferente.
MTM31	Por isso <u>é que</u> nós vamos sempre mantendo.
MTM31	Sim, sou eu só agora <u>é que</u> estou a moer.
MTV05	Mas como o senhor deu como informações dos engenheiros donde andou a trabalhar -porque foram nossos professores- <u>é que</u> se os (...) ensinaram, o senhor está desculpado.
MTV08	Aí <u>é que</u> está a diferença.
MTV09	Eu é que sei o que eu passei, com esta idade que tenho, <u>é que</u> eu sei o que eu passei, minhas meninas.
MTV10	Agora é posto tudo à máquina também, tudo com uns tractores <u>é que</u> põem, à máquina.
MTV10	As mulheres agora <u>é que</u> têm que trabalhar mais.
MTV12	Se apanhavam alguma coisa aberta, e tal, <u>é que</u> vinham, senão...
MTV30	Mas depois mais tarde <u>é que</u> a gente foi descobrir isto.
MTV32	Ali (...) ao pé de Couço coiso <u>é que</u> eu vi (...) que há o amieiro é ali ao pé (...) de Vale de Cavalos.
MTV36	Quando são novos, para se ensinarem, <u>é que</u> a gente põe uma corda lançada ao chavelo fora.
MTV38	Depois deitava fermento, (...) peneirava uma pouca de farinha de centeio que lhe chamávamos a gente a mistura de centeio, peneirava a farinha de centeio e depois então com água morna <u>é que</u> lhe amassava então aquela farinha toda, muito bem amassadinha.
MTV42	E se isso agora me perguntei o que eu disse primeiro , por exemplo, (...) no mato, ou (...) na pastagem, onde eles andam a comer <u>é que</u> está essas malhadas onde eles vão ficar e os pastores é que fazem isso.
MTV42	Aqui para o lado da Chamusca (...) e de Alpiarça <u>é que</u> usam muito (...) desse gado.



MTV46	Ali depois <u>é que</u> fica.
MTV52	Pois o pão, a gente usava a comprar o pão, por exemplo, de dois em dois dias <u>é que a gente comprava o pão</u> .
MTV57	Olhe, em Odivelas <u>é que</u> há lá umas poucas de casas de frangos (...) e eu sei que não.
STA09	Pelas informações do Gotardo <u>é que</u> pomos um carimbo (...) e aquele que vê que assinar, põe-lhe um carimbo e ao que vê que não assina, não põe.
STA24	Nos Reis depois à frente <u>é que</u> havia essas canções.
STA25	Só em Vilar <u>é que</u> ele fomos já lá a um ele.
STA25	Quando morre, <u>é que</u> eles fazem esse acto.
STA25	Depois dá a volta pelas ruas da aldeia e, ao ela recolher, <u>é que</u> lhe deitam as flores.
STA27	O dia da Senhora da Saúde <u>é que</u> ele vão com as vacas.
STA27	Quando o domingo calhar <u>é que</u> fazem a festa.
STA29	E depois de o namoro continuar <u>é que</u> arranjámos a rapariguita mais velha que está na França.
STA35	Depois <u>é que</u> ia para o rio.
STA38	Mas depois então <u>é que</u> se trabalhava.
STE06	Depois aquilo ficava ali (...) dum dia para o outro, depois talhava e então <u>é que</u> se cortava assim aos pedacinhos.
STE10	Agora <u>é que</u> não há nada.
STE18	Fazem aqui a festa das candeias e daqui <u>é que</u> então se repartem lá para as igrejas todas, para gastarem todo o ano, (...) para acenderem as velas e tudo.
STE22	Quando eles estavam ardidos, abafavam com a terra e com lenhas por cima da terra, tapavam muito bem tapado (...) e depois então daí a dias <u>é que</u> iam desenterrar.
STE23	E depois quando se acabava aquilo tudo, varria-se com um ramo e então <u>é que</u> se estendia o trigo.
STE23	E depois acabava-se de ajuntar e depois com as forquilhas <u>é que</u> se ia limpando, com o vento.
STE24	Ali <u>é que</u> é bom!
STE26	A gente ‘encamalhava’ a terra toda, com os reguinhos, toda, toda, toda, e depois <u>é que</u> espalhavam o trigo e passava a grade.
STE29	E então, a gente indo por nós, <u>é que</u> já fôramos tirando uns repassos (...) e aprendendo.
STE32	E depois quando (...) a gente já tem coisa dum litro, ou litro e tal, <u>é que</u> faz a manteiga.
STE33	Isso então <u>é que</u> deitava-se uma colher, duas, conforme o leite que se punha.
STE34	Aquele fica durante a noite e no outro dia <u>é que</u> a gente aproveita não precisa todos os dias!
STE35	Isso fica dum dia para o outro e (...) no outro dia <u>é que</u> se derrete, que se chama o molho de fígado.
STE37	Quando é aquelas pequeninas que fazem na terra (...), aí <u>é que</u> chama-se a toca.
STE45	Tem uma torneira que vai correndo e a gente ali <u>é que</u> vai armazenando o mel.
STJ03	E depois no outro dia <u>é que</u> os vão abrir, é que os vão ‘desfachinar’ (...) e salgá-los.
STJ06	Agora, se fosse agora que aquelas moças me fizessem aquilo, agora <u>é que</u> eu ia a Lisboa!
STJ06	Agora <u>é que</u> de certeza que já lá passei até onde elas estavam.
STJ06	Agora (...) <u>é que</u> elas me haveram de dizer, que agora eu procurava-as ali como

	quem não quer.
STJ11	Até na volta saloia <u>é que</u> eu vi.
STJ11	Lá para diante <u>é que</u> era mobílias e coisas mais bonitas.
STJ15	Ao fim de dois anos, se tinha grossura, <u>é que</u> ela era enxertada com uma estacazinha uma vide, que se diz, que se vai cortar a uma das outras.
STJ15	Já com uma grossurazinha <u>é que</u> se vai pôr no tal bacelo - lhe chama a gente -, que é um bacelo americano.
STJ26	Quando vinham para cima <u>é que</u> vinham cheios, estava sempre...
STJ28	No pinhão <u>é que</u> há.
STJ28	No pinhão <u>é que</u> há.
STJ30	Ele só se não tiverem uma árvore <u>é que</u> poisam no chão.
STJ33	E até exactamente por a coisa se ter modificado <u>é que</u> nós abandonámos a arte.
STJ35	Depois (...) <u>é que</u> se ia...
STJ35	E depois <u>é que</u> se ia tirando dali para se ir fabricando.
STJ36	Depois então <u>é que</u> era...
STJ36	Depois de estar com os devidos (...) cuidados <u>é que</u> era depois fabricado.
STJ37	Só no Inverno, quando o tempo vai assim de chuva, assim muito macio, <u>é que</u> nós trazíamos para a rua.
STJ42	Dantes fazia-se o fermento à véspera para ficar a fintar, no outro dia <u>é que</u> se metia.
STJ44	Mas primeiro dão-te o dinheiro a ti e depois <u>é que</u> ponho o pé em cima da cabeça do lacrau.
STJ55	Agora <u>é que</u> eu ele me está a lembrar por causa de esta estar a dizer que eram peganhosas.
STJ57	A gente <u>é que</u> lá <u>é que</u> fazia as cangas para a gente.
STJ59	Depois <u>é que</u> eles vão purificar.
STJ61	Depois, ao fim daí dum mês de trabalharem assim, a quatro ou a seis, iam então, <u>é que</u> se juntavam os dois a trabalhar com uma corda cada um, e a lavar nesses chaparros.
STJ66	A passar dos quatro anos <u>é que</u> se chama boi.
STJ70	Só ao primeiro dia <u>é que</u> custava, mas depois já sabiam, entrava tudo no prisco.
UNS07	Só se houver assim cães bravos e assim, <u>é que</u> vão atacar.
UNS08	E quando ele veio também <u>é que</u> eu tive medo.
UNS11	E aquelas senhoras iam vender a manteiga à Covilhã e depois, pronto, conforme (...) os quilos que a gente tinha <u>é que</u> elas pagavam.
UNS11	Pronto, elas lá tiravam o ganho delas e a nós, conforme os quilos que levavam, <u>é que</u> nos pagavam.
UNS12	Agora <u>é que</u> já não!
UNS16	Ou o que mais barato faz, então <u>é que</u> fica.
UNS16	Por isso mesmo (...) <u>é que</u> há um juiz (...) para dirigir a água.
UNS21	E aí então <u>é que</u> fiz o exame (...) da terceira classe.
UNS21	Já tinha, depois comecei a trabalhar na Penteadora e nas horas vagas <u>é que</u> comecei sempre a tecer disto.
UNS24	Aí <u>é que</u> é importante.
UNS25	Por exemplo, Agosto, e assim, <u>é que</u> ele, mais ou menos nesse tempo, <u>é que</u> então faziam a malha.
UNS38	E depois de colherem o lampão, dá - aí <u>é que</u> é interessante -, (...) ele essa figueira do figo-lampão dá aquela camada do figo grande.
UNS45	Aquela bicharada com o calor <u>é que</u> saem mais.



UNS45	Por pouco <u>é que</u> não se me enfiou aqui na cabeça.
UNS47	E depois então <u>é que</u> é sedado num sedeiro.
VPC02	Bem, era, mas depois botava-se o milho e o feijão a lanço, depois <u>é que</u> se cobria assim.
VPC03	E batia-se as trindades <u>é que</u> se despegava para se vir para casa.
VPC08	E depois media uma coisa à outra, depois <u>é que</u> andavam assim com os braços.
VPC11	Depois eram tratados, ao fim de oito dias <u>é que</u> eram tratados.
VPC12	Mais para lá para cima <u>é que</u> usavam o paio.
VPC13	Depois <u>é que</u> se punham.
VPC13	Depois (...) <u>é que</u> veio essa coisa para plantar.
VPC22	Agora <u>é que</u> não, que agora, é como lhe estou a dizer.
VPC25	Tanto que quando se rompe <u>é que</u> eles é que vêm ele.
VPC26	Havia de ser assim como ela saía da ovelha <u>é que</u> havia de ser fiada.
VPC26	E depois então <u>é que</u> a gente fazia as meadas (...) na dobadoira, embrulhava-se, e depois é que era lavado.
VPC26	E depois então é que a gente fazia as meadas (...) na dobadoira, embrulhava-se, e depois <u>é que</u> era lavado.
VPC26	E era batida, e bem corada, e bem lavada em águas limpas e depois <u>é que</u> se dobrava para novelo, e depois é que era feita a obra.
VPC26	E era batida, e bem corada, e bem lavada em águas limpas e depois é que se dobrava para novelo, e depois <u>é que</u> era feita a obra.

Clivadas de adjunto com é que é que (2/8)

AAL02	E depois, como a raiz é brava (...) e a cepa é mansa, está a compreender, assim <u>é que é que</u> dá mais resultado.
ALC30	Depois <u>é que é que</u> chama-se isso separar o porco das carnes.
CBV22	E depois nesse sítio, então até, <u>é que é que</u> se faz então o calçadouro.
CBV24	Mas a gente a pôr-se assim a tomar nota, aqui no bico <u>é que é que</u> se nota assim uma diferençazinha qualquer, assim quase a arremedar as de cá.
CBV31	Dantes <u>é que é que</u> havia rabisco.
SRP21	E lá <u>é que é que</u> eu vi.
CRV60	Janeiro, Fevereiro, <u>é que é que</u> nós (...) limpamos (...) o estrume (...) do curral do porco.
CBV31	Quando era (...) aqueles restos do bagaço - sim, aquilo tem mesmo nome de bagaço - é que é que chamavam-lhe o mosto.

Clivadas de adjunto com SER que (2)

GRJ29	<u>Foi que</u> então tudo acreditou que era Deus.
COV11	Olhe, aqui não <u>é que</u> mora a senhora Berenice?

#### 4. Predicativo do sujeito

Clivadas de predicativo com *é que* (16/41)

AAL35	E então assim <u>é que</u> é a vida.
AAL39	E assim <u>é que</u> é.
AAL42	E assim <u>é que</u> é, mas aquilo era um chiadeiro enorme.
AAL42	E assim <u>é que</u> era.
AAL63	Pois, assim <u>é que</u> é.
CTL44	É que aquele que não trabalha, aí <u>é que</u> está o diabo!
PST12	Vai para a casa do tio Acanto, isto <u>é que</u> a gente lhe chamava.
VPA49	Passa-se a ponte, e depois ali <u>é que</u> é Fão.
ALC01	Assim <u>é que</u> era.
ALC02	Assim <u>é que</u> é margear e assim <u>é que</u> fica o trabalho bem feito.
ALC30	Do matadouro <u>é que</u> é (...) os magarefes.
ALC31	Põe-se lá o caixote, com palha, ou com uma mancheia de serradura, e elas ali <u>é que</u> vão.
ALC42	Das águas podres <u>é que</u> está isso.
ALC42	Das águas podres <u>é que</u> está esses bichos.
ALV36	Na idade <u>é que</u> é.
ALV37	Pois assim <u>é que</u> havia de ser a lei.
ALV37	Pois assim <u>é que</u> havia de ser a lei.
COV07	Carquejas <u>é que</u> era!
COV10	Assim <u>é que</u> foi.
FIG08	Rosmaninhos <u>é que</u> é.
FIG24	Ao cimo <u>é que</u> é o açude, onde se tapa a água da ribeira.
FLF77	E aqui <u>é que</u> estou há quarenta anos!
MIN18	Aí <u>é que</u> está o problema nosso.
MIN20	Uma hora <u>é que</u> era.
MIN22	Em Moura <u>é que</u> era.
MIN22	Só de pedra <u>é que</u> era Moura.
PIC10	Quatro <u>é que</u> é.
PVC21	Depois então nos liços, nos liços <u>é que</u> era a empeirara, e era fio a fio.
TRC61	Ele aqui em casa <u>é que</u> está, que eu vou rondar essa casa toda.
CPT04	Na América do Sul <u>é que</u> essa gente está.
CPT11	Era ao pé da caseta de São Leonardo, além de Mourão para lá, <u>é que</u> era.
GRC27	Cá em baixo <u>é que</u> é o campo.
MLD44	Pois assim <u>é que</u> é.
MTM09	E para a levar à prisão <u>é que</u> era o problema.
MTM21	Isso assim <u>é que</u> ficam os padrinhos.
MTV61	E ele começa logo de caminho também, como as cachopas agora, assim a fazer aqueles movimentos e a bailar, assim <u>é que</u> é andar a bailar.
STA09	Ó Gotardo, assim <u>é que</u> são homens!
STJ11	Aí assim <u>é que</u> ficaram as camionetas.
STJ61	Aqui <u>é que</u> era.
STJ61	Aqui <u>é que</u> era.
VPC19	A gente agora <u>é que</u> é a ordenha.

## 5. Constituinte anteposto

Clivadas de constituinte anteposto com *é que* (8/28)

AAL03	À qualidade das uvas <u>é que</u> a gente lhe chama vedonhos.
AAL11	Isso, a galga (...) e a caixa <u>é que</u> lhe chamam o pio.
AAL47	Isto <u>é que</u> eu lhe chamo a apara (...) e isto é já a fita.
AAL41	A carreta <u>é que</u> esse limão, esse limão é inteiriço.
ALC03	Essa parte de cima <u>é que</u> eu não me lembro, homem, o que eu lhe chamava.
ALV31	E só alcatraz <u>é que</u> só (...) o que come é sardinha.
CBV29	Só eu <u>é que</u> me calha tão mal e não sou capaz de me arranjar.
FIG17	Giestais, giestais <u>é que</u> criam muito as silvas pelo meio.
LVR32	Esse <u>é que</u> não sei o que é ele.
GRJ59	Este cãozinho <u>é que</u> só lhe falta falar.
PIC02	Em vimes <u>é que</u> se eu quisesse trabalhar, em vimes, a minha arte pegava em vimes.
PIC06	O forno <u>é que</u> a gente lhe larga um braçado de lenha, é que arde e que lá cozemos o nosso bolo.
PIC31	A pesca da lagosta <u>é que</u> o peixe vai para dentro do cofre e a lagosta depois é que se vai lá meter.
ALJ33	Eu cá <u>é que</u> não me recorda agora o nome disso.
CPT14	Eu <u>é que</u> foi de noite.
PVC29	Eu, as outras <u>é que</u> não estou certa agora quais são elas.
CDR26	Do trigo <u>é que</u> nas atafonas das vacas pouca gente sabia moer.
CLH19	(...) Aqui um (...) vizinho meu <u>é que</u> o carro dele cantava sempre (...) muito bem, muito melhor do que os outros e eu como que invejava aquilo.
LAR01	Raposa <u>é que</u> há umas raposinhas.
LAR06	Agora, se comer, por exemplo, figos, grão, certas coisas, é que está a empertigar, isso <u>é que</u> está sujeita a morrer.
LUZ40	Ele eu <u>é que</u> não me lembra o nome, pronto.
UNS42	À minha mãe <u>é que</u> ninguém a apanhava a fazer carvão.
UNS48	Os meus filhos <u>é que</u> já foi aqui.
UNS25	Por exemplo Agosto, e assim, <u>é que</u> ele, mais ou menos nesse tempo, é que então faziam a malha.
VPC28	As urzes bravas (...) <u>é que</u> chamam-lhe giestas.
VPC29	Isto <u>é que</u> não sei bem o nome disto!
GRC08	E ainda antes dessa vem uma outra, essa <u>é que</u> a gente (...) trata-lhe por a estrela.
MTM06	Tem aqueles troncos mais grosso (...) que dá, que sai do (...) pinho, (...) do próprio pinheiro, (...) e alarga para além e depois é nas pontas, (...) aquela 'machuqueira' de (...) caruma (...) <u>é que</u> a gente chamava-lhe, (...) por exemplo, essa ramada.

## 6. Expletivo

Orações exclamativas com expletivo e *é que* (5/9)

FIG27	Isto <u>é que</u> deviam de vir para aí!
GRC14	Isso (...) <u>é que</u> se trata um prumo.
GRJ48	Isso <u>é que</u> eles gostavam que lhe eu fizesse a caldeirada!

GRJ09	Isso <u>é que</u> eu gostei muito!
LAR19	Isso <u>é que</u> eram mesmo...
UNS10	Ó rapaz, aquilo <u>é que</u> ele parece que levava lume a fugir!
ALC21	Isso <u>é que</u> se empregava esse nome.
PAL36	Isso <u>é que</u> fazem falta.
CLH11	Assim que restava um poucachinho, aquilo <u>é que</u> era uma carreira para ir para lá!

## 7. Outra (2)

VPC22	Só as tripas <u>é que</u> não.
PIC29	Isso <u>é que</u> não.

## 10.3.7 Clivados nulos

Constituinte nulo tem valor temporal (10/28)

CTL24	E depois, aquilo parava o lume e <u>é que</u> ficava o carvão bom.
COV05	E está com aquele peso de água e depois faz aquele peso e depois <u>é que</u> foge a água- <u>é que</u> corre dali.
COV12	Só o conheci quando ele ia a entrar (...) à porta de armas, <u>é que</u> ele alevantou assim o braço e <u>é que</u> eu o conheci.
COV12	Só o conheci quando ele ia a entrar (...) à porta de armas, <u>é que</u> ele alevantou assim o braço e <u>é que</u> eu o conheci.
MIG10	É um marrãozito já grande, novo, pois aproveitam e <u>é que</u> fazem o leitão, comem aquilo.
PIC28	E <u>é que</u> fazem a molha (...) dos bofes.
PIC29	E a morcela, a gente vem para dentro, vão amarrando as morcelinhas à maneira que querem, assim em ponto pequeno, e <u>é que</u> são cozidas.
PIC21	Aqui, está há, mais ou menos, como dois meses e picos - <u>é que</u> principiou a haver luz aqui.
PVC10	E depois a vara descia-se para baixo e apertava aqui e <u>é que</u> se punha...
TRC70	Arrancava-se a seara e depois fazia-se aquele atilho ao pé da espiga e <u>é que</u> a gente arramava aquela seara.
TRC70	A gente (...) tinha aqueles trilhos, metia daquelas pedrinhas, e aquelas pedrinhas <u>é que</u> iam esfregando por riba daquela seara fora e <u>é que</u> ia andando, andando, (...) até que aquilo ficava moído, o trigo moído, (...) e as reses <u>é que</u> andavam de roda.
CDR18	Porque era a minha mãe que desmanchava as tripas, depois as minhas filhas chegaram <u>é que</u> passaram a desmanchar as tripas.
CLH20	Primeiro fincavam os paus na parede e <u>é que</u> ficava mais altinho.
CLH21	Ele eu não o escolhi para semente, agora <u>é que</u> tenho que escolher que o vou tirando para os animais e <u>é que</u> tenho que as escolher.
CRV05	Depois está uns dias e <u>é que</u> <u>é</u> picadinha (...) e <u>é que</u> se enchem as linguças.
CRV05	Depois está uns dias e <u>é que</u> <u>é</u> picadinha (...) e <u>é que</u> se enchem as linguças.

CRV06	No dia seguinte, ou nesse dia à tarde, depois de elas estarem bem frias, é que eu as passo na gordura; frito bem frito, e <u>é que</u> ponho então debaixo (...) da banha para conservar.
CRV07	Depois então vai ao lume e <u>é que</u> vai fritar.
GRJ47	E ao outro dia é que eu o frito, <u>é que</u> é saboroso.
GRJ63	<u>É que</u> se compra a tripa e é que se enche e é que se põe tudo a secar.
GRJ63	<u>É que</u> se compra a tripa e <u>é que</u> se enche e é que se põe tudo a secar.
GRJ63	<u>É que</u> se compra a tripa e é que se enche e <u>é que</u> se põe tudo a secar.
MLD19	E depois à vinda para cá é que já achou o caminho longe, <u>é que</u> veio num comboio de Grândola e veio então entrar já num comboio.
MTV02	Faz falta porque (...) a própria abelha gala (...) aqui as sementes por exemplo (...) da laranjeira, gala - (...) por acaso, tenho até instruções disso, dos engenheiros - gala e <u>é que</u> gerece.
MTV41	Anda cá como é cá e tudo, e <u>é que</u> a gente lhe manda botar.
STE09	Depois vão para a igreja e depois de ir para a igreja voltam para casa da noiva e <u>é que</u> têm então o seu jantar.
STE32	E depois deita-se coalho e <u>é que</u> se faz o queijo.
STJ03	E depois no outro dia é que os vão abrir, <u>é que</u> os vão ‘desfachinar’ (...) e salgá-los.

Constituinte nulo tem valor referencial/pronominal (30/42)

PST19	Eles, quando semeiam as melancias no verão, é que metem nos cabos (...) das mantas, que tiram para as melancias, <u>é que</u> põem uma aqui, outra acolá.
VPA02	Aquele buraco enfia no tolete e <u>é que</u> segura o remo direito para poder remar.
ALC25	E depois dali é que está a remoer, <u>é que</u> vem à boca.
COV06	Aquele mais fino é boa e <u>é que</u> fica (...) para o pão.
COV20	Depois inventários, dois inventários, porque nós era tudo menor, (...) só ele é que era o mais velho (...), <u>é que</u> era de maior idade, pronto.
EXB22	Vem esse e <u>é que</u> forma uma cepa.
FIG27	A lenha, e <u>é que</u> cozia.
OUT17	E <u>é que</u> fazia cruz para tecer e forte ficou.
MIN15	Eram nove irmãos e eu era a mais velha deles todos - não é? - e <u>é que</u> trabalhava no campo, e é que os levava.
MIN15	Eram nove irmãos e eu era a mais velha deles todos- não é? - e é que trabalhava no campo, e <u>é que</u> os levava.
MIN26	E <u>é que</u> tinha moinho e azenha!
PIC13	A renda não era endireitada ao ferro, era direito com o próprio dente da baleia, <u>é que</u> se endireitava a própria renda que se fazia cá.
PIC27	<u>é que</u> corta o umbiguinho à miúda, e é que lhe deu o seu banhozinho geral.
PIC33	Sei que a despesa está em cima de mim porque eu é que dou tudo, <u>é que</u> compro os preparos, é anzóis, é arame, é a seda, é...
PVC05	Comprei-as a um sobrinho meu de Lisboa, <u>é que</u> nos as vendeu.
PVC06	E aquilo, depois, o sol é que tirava a semente, é que tirava a linhaça - <u>é que</u> se tirava a linhaça.
PVC06	E aquilo, depois, o sol é que tirava a semente, <u>é que</u> tirava a linhaça - é que se tirava a linhaça.
PVC09	E (...) aquela outra roda que estava aqui encaixava assim (...) naqueles tornos assim, e saíam, iam saindo, e aquilo sempre a andar assim, e <u>é que</u> topava a galga

	aqui dentro do pio e é que esmagava a azeitona.
PVC09	E (...) aquela outra roda que estava aqui encaixava assim (...) naqueles tornos assim, e saíam, iam saindo, e aquilo sempre a andar assim, e é que topava a galga aqui dentro do pio e é <u>que</u> esmagava a azeitona.
PVC09	O outro de fora, (...) a roda de fora, é que vinha encaixar naqueles (...) tornos da capela por cima, é <u>que</u> tocava.
TRC05	Este ano aquele é que está e mais dois colegas - não é? -, eles é que emprestam, é <u>que</u> tomam contas.
TRC23	Levavam em carros de bois, é <u>que</u> acartavam.
TRC60	Ele veio, a primeira consulta que fez para fora foi a minha avó - é <u>que</u> foi a primeira consulta que fez para fora.
CDR03	Mas isso já está tudo por conta dos Serviços Florestais, em pastagens grandes, e é <u>que</u> adubam (...).
CDR31	Ainda há pouco tempo este ano, fez uma pessoa aqui uma função - ela era de São Miguel e fez uma função do Espírito Santo - e é <u>que</u> fez (...) o pão para as sopas .
FIS03	E essa entrosa (...) tem uns dentes, e é <u>que</u> faz moer o tal carrinho daqui de dentro que faz moer a pedra em cima.
FIS06	A égua é que semeava, é <u>que</u> sachava quando fosse o tempo do sachar.
GIA19	E eu, às vezes, era rapazote e é <u>que</u> ia a cavalo nela, porque ela era muito mansa era muito velha já!
GIA23	É porque a flor é que é a fecundação e é <u>que</u> cruza (...) uma raça com outra.
GRC32	Mas, numa comparação, Deus dá uma doença, numa comparação, a mim, porque eu é que era o banqueiro, eu é que era o chefe da navegação, é <u>que</u> era o cabeça, isso eu disse.
GRJ21	Estava a pôr a mão, como que era ela a porteira, porque a mãe não sabia ler e não a queriam lá, ela é que fazia às vezes da porteira, é <u>que</u> assinava.
GRJ48	E eu é que esfregava, é <u>que</u> tratava do frango.
MTM22	E tinha então o eixo, (...) o eixo que tinha cá fora que tinha as velas, tinha outra entrosa e é <u>que</u> tocava então no cartão, e tocava aquilo tudo a eito, tudo o mais.
MTV02	E aquele pó justamente é que gala, é <u>que</u> gerece depois a azeitona.
MTV06	O senhor é o engenheiro, é <u>que</u> mandou, mandou-me cortar as oliveiras mas eu não as vou cortar todas.
MTV13	E um tio meu era capataz ali da casa Sommer – era capataz geral- e é <u>que</u> me pôs em capataz.
STA37	Botava aquela cabeça, botavam a cabeça e é <u>que</u> então amadurava.
STE09	Ele mesmo o meu marido é que estava ganhando para casa, porque o meu sogro já era velhinho, é <u>que</u> fez aquilo tudo à sua custa.
STJ39	E a cana é que cortava e é <u>que</u> fazia dar o jeito.
VPC26	E é <u>que</u> fornecia aqui as tecedeiras - a linha.
VPC26	Depois, mais tarde, começou a aparecer o senhor Eduardo - não era Eduarda?-, o senhor Eduardo, e é <u>que</u> trazia a lâ de maçaroca de fábrica.
VPC26	E é <u>que</u> fornecia aqui as tecedeiras.

Constituinte nulo tem outro valor (2/3)

CTL37	Até se falava (...) que andava de noite uma procissão que saía uma procissão e é <u>que</u> eram as almas.
ALJ20	Pus-me a comer e é <u>que</u> comi bem!
PIC04	é que não morres!

É que é que inicial: (1/2)

É que é que fazia (...) aqueles tremoços, aqueles caroçozinhos (...) de coalhada. (CBV56)

É que era que coalhava. (CBV56)

Estruturas de ‘espelho’ (6/10)

CDR21	E ficavam para lá por sua conta e ela só vinha quando tinha os pintos tirados, <u>é que</u> vinha com as suas ninhadas de pintos.
CDR59	E fazia-se pelas noites de cantar, <u>é que</u> se faziam as bolachas (...) para se ir ouvir cantar os ranchos.
GRC25	Veio aqui um oleiro que estava na Terceira, que era de São Miguel, <u>é que</u> veio aqui.
SRP29	Ah, (...) uma cavaca se diz a uma lenha que esteja grossa, que seja desdobrada, <u>é que</u> a gente lhe põe o nome de cavaca.
MLD10	Mas isto é (...) uma caixa <u>é que</u> é.
MLD12	Pois, os lavradores (...) davam aquelas terras (...) mais mal andamosas, <u>é que</u> eles davam para a gente fazer aí serviços.
MLD46	Fazia-se com (com) dois homens <u>é que</u> serravam.
MTV62	E havia aí essa quinta <u>é que</u> usavam muito.

#### 10.3.8 Clivadas de *SER X SER que*

Clivadas de SER..... é que: classificação por função do constituinte clivado (52/126)

Sujeito (20/50)

AAL77	Mas isso é o milhafre - chama-se cá um milhafre - é que pára, aos bocadinhos.
CTL41	<u>Era ela é que</u> fazia os fatos das noivas naquele tempo.
ALC33	Mas <u>é</u> a abelha <u>é que</u> é mesmo para fazer o mel próprio, dentro dos cortiços.
ALC36	E depois (...) <u>é</u> as pernadas (...) daquela árvore <u>é que</u> é cortadas e depois aquilo é descascado, e é (...) aplainado com uma faca como ele tinha.
ALC45	E depois <u>é</u> a pessoa que conhece isso <u>é que</u> sabe distinguir o que é bom do o que não é.
CBV61	<u>Era todo o bichinho é que</u> lá corria a picar no ovo.
CBV71	Essa mosca persegue muito os animais <u>é</u> , mais ou menos, dentro de Abril e Maio <u>é que</u> é (...) o pior mês para isso.
COV09	<u>É</u> só a minha irmã <u>é que</u> está aí.
COV22	E <u>era</u> o gordo, o peru que queria a tua cunhada, <u>é que</u> a trouxe às costas.
EXB10	Eu vinha a quarenta e cinco quilómetros, mas <u>era</u> uma carreira já por conta da casa <u>é que</u> levava a gente e trazia.
EXB35	<u>É</u> ele <u>é que</u> manda.
FIG37	<u>É</u> o terreno <u>é que</u> é o...
FLF19	Que <u>era</u> aquela (...) <u>é que</u> era a cruz.



LVR23	É isso é <u>que</u> é as tais coisas que a gente às vezes...
MIG44	Foi a minha mulher é <u>que</u> me disse.
MIG46	É os retalhos também é <u>que</u> mandam.
MST28	Era só os ganhões é <u>que</u> acarrejavam tudo.
PIC09	E é isto é <u>que</u> é a baleia, mais ou menos, que a gente...
PIC11	Ele é aquela (...) ferramenta que a gente faz o buraco na cauda da baleia para rebocar é <u>que</u> é a espelha.
PIC12	Isso já é a fábrica é <u>que</u> resolve isso.
TRC25	Visto que a primeira coisa é dois arrefecimentos e é o vapor de água (...) é <u>que</u> vai aquecer a borra, ou o vinho que está...
TRC42	É os de São Mateus é <u>que</u> dizem cabras.
TRC67	Foi o nosso governo é <u>que</u> (...) encheu aquilo tudo de matas.
TRC69	É o adubo é <u>que</u> não é o mesmo, porque naquele tempo não havia adubo e hoje há o adubo.
CDR03	Porque há aqui, vamos lá, mato do Salão, (...) o mato da Pedra Miguel, o mato da Praia do Norte (...) já é a Florestal é <u>que</u> está a tomar conta.
CDR18	São descosidas ou desmanchadas chama-se desmanchar as tripas, (...) tira-se-lhe aquelas gorduras para o lado, e era quase sempre pessoa escolhida <u>era</u> as pessoas mais idosas é <u>que</u> sabiam desmanchar as tripas.
CDR19	Era o barro é <u>que</u> era mais...
CDR19	Era as tais salgadeiras que eu já falei há bocadinho, barrigudas, é <u>que</u> eram as salgadeiras...
CDR21	É o que é mais miudinho é <u>que</u> é uma 'freima'.
CDR57	Havia então uma pessoa que não ganhava, mas <u>era</u> o mestre da eira, é <u>que</u> sabia destinar a eira.
CPT54	É uma mulher é <u>que</u> canta isso.
CRV46	Eram burros é <u>que</u> lavravam naquele tempo aí.
CRV54	E lá é que eles se criavam e <u>era</u> a lã é <u>que</u> (...) fazia a roupa (...) de a gente se vestir.
CRV57	Em tempos, <u>era</u> as ovelhas é <u>que</u> andavam nelas.
GIA23	Que é aquilo (...) é <u>que</u> faz crescer (...) a espiga.
GRJ12	É o pardal é <u>que</u> é a seguir.
LUZ01	Não é aquilo é <u>que</u> é as cavadeiras?
LUZ32	Era isso é <u>que</u> era o chazinho de ferrugem.
LAR16	Agora é os porcos é <u>que</u> se vêm.
MTM12	Eram homens mesmo é <u>que</u> teciam isso (...) com aquelas duas agulhas.
STJ06	É o senhor é <u>que</u> é o pai do Cristiano?
STJ29	Foi ali o Rádio Sorraia é <u>que</u> veio aqui, para ser entrevistada.
STJ39	Era essas é <u>que</u> eram as boas.
STJ39	A mão que trabalhava por dentro, <u>era</u> esta parte é <u>que</u> puxava o barro.
UNS34	Se o homem é competente para tratar daquele problema, é esse de quinhentos que faz mais barato é <u>que</u> fica com ela.
VPS24	Eram as próprias pessoas é <u>que</u> tratávamos do gado.
VPC32	São estes, são estes é <u>que</u> são míscaros.
VPC39	Não, é este é <u>que</u> é o escôparo.
VPA03	É só o mestre é que manda.
FIG12	Que é esse é <u>que</u> dizem que é bom para...



Clivadas de SER...é que é que: (1)

CRV36	<u>Eram</u> as mulheres <u>é que é que</u> punham isso aqui por baixo em cactos.
-------	--

Adjunto (26/56)

AAL19	Eu sei <u>que era</u> só com mais chouriço e sardinha <u>é que se</u> fazia.
CLC09	<u>É</u> assim <u>é (...)</u> <u>que</u> a gente corta.
CTL21	E <u>é</u> com aquele material do vido <u>é que</u> ele faz o ninho.
ALV41	<u>É</u> aí <u>é que</u> se chama a barra.
CBV45	<u>É</u> com a picota <u>é que</u> eu (...) estou a fazer aquele trabalho.
CBV46	Isso <u>era</u> depois de a terra estar lá posta <u>é que</u> ficavam uns buracos assim perto do chão.
CBV53	Isso <u>é</u> quando não há, <u>é que</u> fazem um gamelão de madeira e os animais vão beber água a esse gamelão.
COV25	<u>Foi</u> quando ele apareceu <u>é que</u> aconteceu isso.
EXB05	Dantes <u>era</u> fins de Outubro e entrava para o outro mês dentro, <u>é que</u> se apanhava a uva, quando ela estava bem madura!
EXB34	Ele <u>era</u> com as próprias mãos <u>é que</u> eles tiravam, que eu vi ele via-lhe (...) tirar o mel.
FIG37	Naquele tempo, <u>era</u> com uns os arados de pau <u>é que</u> faziam aquele serviço.
FLF18	Fiava <u>era</u> sempre na roda <u>é que</u> fiava.
LVR05	Que <u>é</u> no norte <u>é que</u> há muito.
LVR19	<u>É</u> por isso <u>é que</u> fica com aquele nome diferente.
MIG12	<u>É</u> com o andar <u>é que</u> elas estão gastas.
MIG21	Ele <u>é</u> no outro dia <u>é que</u> almoçam dessa comida.
OUT14	Não, <u>era</u> (...) para queimar os tascos que deixava o linho <u>é que</u> eram os fiadeiros.
PIC21	Há, mas <u>é</u> nas casas de parede <u>é que</u> tem a umbreira.
PVC24	A praça <u>é</u> ao domingo <u>é que</u> lá se vendia.
PVC24	E depois, (...) quando vínhamos para baixo, <u>era</u> donde nos começasse de noite <u>é que</u> dormíamos.
PVC29	<u>Era</u> nessa altura <u>é que</u> era a festa lá da Senhora das Preces.
SRP19	É a mesma coisa, que (...) <u>é</u> depois de ela espigada <u>é que</u> faz aquilo.
TRC13	Estão as alcatras feitas, a carne da sopa salgadinha, de sábado, que <u>é</u> para domingo de manhã então <u>é que</u> a gente prepará-la para a sopa.
TRC46	<u>É</u> nos matos <u>é que</u> essas águas vêm para aqui.
TRC67	<u>Era</u> assim <u>é que</u> se fazia.
CDR01	Noutro tempo, <u>era</u> sempre tudo com as vaquinhas <u>é que</u> a gente fazia tudo.
CDR40	E havia quem fazia o leite da cabra que ainda <u>era</u> então <u>é que</u> era um queijo mais saboroso, o queijo feito com leite de cabra.
CDR49	<u>Era</u> no tempo da minha mãe <u>é que</u> se fazia muito.
CDR54	Mas, os primitivos, <u>era</u> naqueles moinhos <u>é que</u> se moía (...) o café.
CRV01	Sabe, isso também <u>é</u> tudo de Verão <u>é que</u> engorda os porcos.
CRV71	Ele <u>é</u> (...) de pouco tempo para cá, depois que aqui está a estrada, <u>é que</u> deixaram isso.
GRC14	Isso <u>é</u> nos moinhos <u>é que</u> eles usavam isso, para ver o prumo (...) daquele veio que vai de baixo acima, que trabalha com as pedras.

GRC20	Agora para (...) ficar bom, bom (...) <u>é à fim de umas três semanas é que</u> está puro.
GRJ55	<u>E foi depois da guerra é que</u> veio...
MLD44	Mas <u>é assim é que</u> aprendeu (...) muitas palavras.
MTV03	<u>É em Torres Novas (...)é que</u> é o feriado da Câmara.
MTV16	E <u>é aí é que</u> se tira o azeite antes de ser caldado.
MTV14	Não foi já (...) pelos pais dela, <u>foi por ela é que</u> foi feito.
MTV46	E <u>é assim é que</u> foi o seu pai.
MTV52	<u>É onde é que</u> leva o comer.
STE19	Quando não há endoenças <u>é no domingo (...) é que</u> cantam a aleluia.
STE25	E <u>é assim é que</u> se faz.
STE37	Até isso dá, essas abelhas, <u>é no terreno quando é muito pobre é que</u> elas fazem essas casinhas.
STJ18	<u>É assim é que</u> eu faço o queijo.
STJ28	<u>É no pinhão é que</u> há.
STJ45	Isso <u>é no fim de tirar o mel todo, que ela esteja enxuta, é que</u> é depois fervida num tacho ali um valente bocado, que é para...
STJ65	<u>Foi daí é que</u> ele teve grande fama.
STJ71	<u>É de há cinquenta anos para cá é que</u> se começou a desenvolver a turina.
STJ72	<u>Era pelas nalgas é que</u> levávamos porrada.
STJ72	<u>Era só pelas nalgas é que</u> levávamos.
STJ72	<u>Era ali pelas nalgas é que</u> levávamos as correadas.
VPC13	E <u>era na área dos que regavam dali é que</u> faziam o represo.
VPC15	<u>Era quando a gente tinha ocasião é que</u> se ia comer.
VPC17	<u>Foi assim é que</u> a minha mãe me ensinou a dizer sempre esta oração.
VPC28	<u>É só ali ao pé da fábrica do Mondego é que</u> há isto.

PVC16	Com esse ano <u>foi é que</u> veio a queima com o lume, queimou tudo. Adjunto, nos e que, mas categoria a parte
-------	---

Clivada com SER... SER que (1):

PVC20	A repar e depois ficava aquele (...) linho a luzir, (...) que aquilo <u>era depois era que</u> fazia estrigas.
-------	--

Clivada com SER... é que é que: (2)

AAL12	<u>É por causa disso é que é que</u> lhe chamavam o ladrão.
CBV38	<u>Era com pão mole é que é que</u> se fazia aquilo.

Complemento (5/13)

AAL87	<u>É o que vende a carne é que</u> se lhe chama magarefe.
ALC02	A gente (...) <u>era o esterco dos animais é que a gente punha.</u>
ALV41	Quando ele começa a absorver a água, <u>é da parte (...) da barra é que</u> vem, é do mar que entra para dentro do rio.
CBV56	<u>Era do almece é que</u> saía o atabefe.
LVR03	E <u>é isso é que</u> eu me falta saber.

MIN19	<u>Era broa é que a gente fazia.</u>
PIC08	<u>É</u> nos peixinhos que vai aparecendo <u>é que</u> nós trabalhamos.
PIC29	Logo que não há sangue bastante, <u>é vinho é que</u> se manda para dentro.
PIC30	<u>É</u> malagueta e alho bastante <u>é que</u> eu ponho, e sumo (...) e vinho branco.
FIS31	Ora vem a água no ar - hã? -, e depois chega acolá tem um muro e <u>é</u> isso <u>é que</u> lhe chama a pesqueira.
STE17	Mas <u>é</u> aquilo <u>é que</u> chamam maricas!
UNS09	Era o feijão, batatas, <u>era</u> o que dava a terra <u>é que</u> comiam!
UNS09	<u>Era</u> o que dava a terra <u>é que</u> comiam!

### Predicativo (3)

AAL86	<u>É</u> ficáficáficáficá <u>é que</u> lhe chamam.
MST01	<u>É</u> uns acinchos <u>é que</u> costumam chamar.
MTV58	<u>É</u> aí (...) <u>é que</u> é a Escola Agrícola.

### 10.3.9 Encaixadas (9/15):

Orações com recomplementação nas quais o segundo complementador se segue por é que:

FLF32	E o meu marido conta que o pai morreu ele tinha onze anos e que a mãe (...) que <u>é que</u> lavrava as terras.
MLD46	Até (...) as minhas irmãs ficaram aborrecidas por via que lembraram-se que eles que <u>é que</u> convenceram mais os pais para eles lhe darem aquilo quase tudo.

Orações com um complementador “expletivo” seguido de é que:

PIC29	A gente faz uma calda com farinha, que <u>é que</u> sai aquela borra toda da tripa, e a seguir a gente deita salsa, cebola e (...) o limão picado (...) para lavar as tripas.
ALJ24	Que <u>é que</u> ele dá aquela luzinha.

Orações com uma subordinada completiva em que o complementador é seguido de é que:

CDR52	Que a castanha aqui não é usada como é devido, porque esta professora nova (...) que é do continente foi fazer a castanha assada, porque elas dizem que <u>é que</u> é muito saborosa.
CLH35	E de maneira que ela (...) criava bois e acho que <u>é que</u> lavrava.
CRV43	Ele foi botar a cabeça lá no navio (...) e não disse a ninguém que <u>é que é que</u> estava dentro do navio.
COV18	Que os homens de sessenta anos que <u>é que</u> haviam de fazer uma guerra!

Orações com sujeito uma relativa intorduzida por complementador seguido de é que:

MIN02	Faz três anos para Junho <u>que é que</u> dissemos.
PIC20	Isto foi coisa que ele mataram-no e coisa, e vai, faz-se <u>que é que</u> era o marido dela.

*É que* à direita de *que* de uma clivada canónica:

OUT51	Bem, é uma calda <u>que é que</u> fazemos.
TRC69	Mas naquele tempo não havia a moeda, era só se fosse com estrume, (...) ou uma coisa qualquer, <u>que é que</u> podia dar.
CDR26	E era a peneira de trigo, <u>que é que</u> apurava a farinha (...) para ficar apurada para poder fazer a massa sovada.
CRV39	Alguns dizem que é a força da terra, que a terra é forte, <u>que é que</u> faz aquilo.
MTV47	Tirar aquele veio de dentro, limpar tudo, que é isso <u>que é que</u> faz mal.

### 10.3.10 Outras

CLH20	(...) Mas ali a tábua <u>como é que</u> sofreu então uma coisinha.
STA05	Sangue cozido com azeite e pimento espanhol porque tanto me dá que isto acuse como <u>é que</u> não acuse.

### 10.3.11 Não entram na classificação

Pseudo-clivadas e estruturas identificacionais (30)

AAL33	O que é certo <u>é que</u> o que se desconta para a Casa do Povo é muito poucachinho.
CLC15	O que nós queríamos <u>é que</u> eles (...)
CLC17	Mas (...) o que se diz <u>é que</u> aparece desse, mas voa só nestas redes.
CLC22	O que tem <u>é que</u> aqui picou, inchou.
CTL08	A origem de ser a raça lobeira, entende, <u>é que</u> eles obrigavam o próprio cão a dormir no curral.
CTL16	Daqui aquilo o que é certo <u>é que</u> descobriram que, ao chegar àquele ponto, iam abaixo.
ALC19	Agora o que é, <u>é que</u> não tiram é a cortiça.
ALV20	Só o que dá <u>é que</u> eles ganham cinquenta ou setenta mil réis ou oitenta para bebida.
ALV37	Porque eles agora, o que ele diz <u>é que</u> os homens não querem ir.
ALV47	O que é <u>é que</u> a gente se esquece.
CBV62	A cor das penas, (...) mostra sempre a mesma cor, mas o que é certo <u>é que</u> tem umas listras mais claras.
CBV72	Só a diferença que tem <u>é que</u> a bicha tem uma listra encarnada de cada lado e a sambixuga é toda da mesma cor.
FIG04	Mas o que é <u>é que</u> se desfazia - desfazia-se bem.
FIG05	Mas o que é <u>é que</u> a gente, às vezes, não lhe lembra o...

PIC20	Só o que tinham <u>é que</u> tinham uma pouca diferença, mas era num dente só, na frente.
SRP19	O que é, <u>é que</u> (...) é muito perguntado também.
TRC34	O que eu estou a dizer <u>é que</u> ...
CLH15	“Pois querias, mas o pior <u>é que</u> ele está na América”.
CRV65	A diferença que tinha <u>é que</u> queria (...) mais semente do que o milho.
GIA19	O problema maior que ela tinha <u>é que</u> quando se acabava, num campo, de sachar...
LAR16	O que sei <u>é que</u> antigamente não se via um porco, viam-se lobos.
MLD08	O que é <u>é que</u> se tiro umas batatas, dá para mim comer.
MLD29	Mas o que é <u>é que</u> , hoje em dia, o pessoal não...
MLD48	Mas o que é certo <u>é que</u> abalámos os dois.
MLD48	Ele (...) o que sei <u>é que</u> passei um Inverno mais desgraçado.
MLD49	O que é certo <u>é que</u> depois chegou-se (...) à idade (...) dos vinte anos, fui à inspecção (...) e nunca fiquei apurado, mas depois pensei cá (...) em seguir outra vida.
MTM25	O que é <u>é que</u> isso era uma despesona agora!
MTV64	O que é <u>é que</u> o outro é assim mais espalmado e tem articulações, tudo espalhado assim por o coiso.
ALJ20	E o caso <u>foi que</u> eu depois de o ter comido ...
STA10	Eu, o que eu gostava <u>era que</u> corresse a minha vidinha mas não estragar a sua.

#### Clivadas de ‘ser’ seguidas de complementador (20)

AAL58	Então, há <u>é que</u> dizer que é a amora.
PST15	Elas não se importam porque querem <u>é que</u> fique boa.
ALV02	E se os senhores - eu não sei com quem é que estou falando - se o senhor amanhã ou o seu superior querer ir ver, eu digo <u>é que</u> é, o rio (...), o senhor vai, com certeza, à mesma à pessoa, que já dei o meu nome, e vai lá, e o senhor (...) diz assim:
ALV36	Sendo novos, forramos e depois quando se chegar à idade mais avançada, já não se pode trabalhar, temos então <u>é que</u> comer e beber.
ALV06	Exactamente, não quer dizer (...) <u>é que</u> mude (...) ou que venha.
EXB46	Eu ouço dizer <u>é que</u> se a gente...
OUT45	Se é cão de guarda, a gente quer <u>é que</u> lhe arrumem.
PIC08	Só estranhava muito <u>é que</u> não tínhamos luz.
ALJ25	Há muita gente <u>é que</u> tem essa mania que uma cobra e que isto e que aquilo.
GRC10	Ele vai à delegação e está claro <u>é que</u> põe o nome que quer.
GRC30	Interessa <u>é que</u> eu tenho mesmo que o arrancar, hã!
MIG49	A gente, isso ele dava-nos uma ideia era que quando arrebentasse um fio não enriçava.
MTV61	Em ouvindo o coiso a tocar lá, quer <u>é que</u> o avô vá pôr a telefonia do carro a tocar, a pôr as cassetes.
VPC37	Há os gatos-toirões <u>é que</u> são assim.
ALV06	É natural, tornando as culpas do homem do outro lado, <u>é que</u> ele não pode dar consulta a todos.
PIC09	É bom <u>é que</u> as duas...
PIC09	E é bom <u>é que</u> as duas aguentem.
MLD23	Agora, gostava era que a senhora dissesse qual era.

MLD47	Quando aquilo estivesse (...) tudo terradinho, largava-se lume, começava a arder (...) e o fulano depois tinha era que cuidar, de vez em quando, (...) a calcar a terra para baixo (...) para ir aconchegando o carvão para ele (...) não arder todo.
ALJ25	E há muita gente aqui no nossas coisas é que é.

#### SER predicativo (18)

CDR09	Ia-se muita vez à caldeira (...) buscar junco, mas não <u>é que</u> se fosse noutra lugar não se pudesse trazer muito mais junco.
CBV23	Eu, esses coisos, essas medidas pequeninas, não é que eu não as visse, que eu vi-as, mas, quer dizer, nunca fui homem que tivesse assim prática de andar a mexer nessas medidas.
MTM32	Dentro de quatro, mal é que não haja um que não fique a tomar conta.
AAL30	Pode ser que à lua nova que venha mais, mas dá-se em passar tempo.
AAL53	Agora, em o senhor falando, pode ser que eu lhe saiba responder.
ALV06	Pode ser que continue é o médico.
COV19	Não foi, não é, não pode ser que (...) Deus Nosso Senhor não ia matar tanta gente.
FIG07	Será que aquelas pessoas, se calhar, andam a ver se acham algumas ervinhas, que são próprias para chás.
TRC01	E lá faz-se então o jantar em casa do imperador que dá a função - pode ser para duzentas pessoas, pode ser para trezentas, pode ser para quatrocentas -, não é? -, tanto seja que seja as pessoas que ele convida, faz-se esse...
CLH15	“Será que haverá alguma pessoa” – isto foi as únicas duas perguntas que eu pronunciei mais...
CLH15	“Ó Margarida será que haverá hoje em dia alguma pessoa que quisesse reviver o passado”?
CLH18	Não foi que eu então tomasse coisas para...
GRJ20	Olha, ias à ribeira, compravas-me lá um cestinho de fruta e eu mais o Epicurito que era o meu filho mais velhinho que eu tinha comigo íamos por aí vendê-lo àquele prédio, podia ser que o vendêssemos.
STJ71	Não fosse (...) que tivesse qualquer (...) doença contagiosa, já não podia ordenhar.
UNS05	Só sendo que comprem para fazer.
COV11	Se ele não for lá fora, se ele for que não vá lá fora, dou-te dois contos.
FIS10	Vá, (...) se for que seja pequeno ainda, chamam-lhe touro.
FIS10	Se for que seja grande, chama-se-lhe um boi, normalmente.

#### Frases incompletas (37)

TRC22	Esta <u>é que</u> ...
CBV09	Mas (...) a minha orientação é que é que é que...
CBV09	Mas (...) a minha orientação é que é que é que...
CBV09	Mas (...) a minha orientação é que é que é que...
CBV09	É que é que.
CBV09	É que é que.
CBV62	Aqui quem tinha isso era ali a minha irmã é que...
COV12	O que é que...
COV15	Ora, o que é que um homem...
COV30	Aqui é que é...

EXB44	Agora o abrunheiro bravo é que...
SRP14	O que é que...
SRP14	Assim é que...
CLH03	Milho é que .
MTM17	Ele aqui como (...) não é sítio (...) de rega, só assim uns bocadinho, pois, é que...
CLH38	Hoje, a Florestal é que... .
CRV09	O sal é que...
CRV10	E aquilo é cozido tudo então e é que...
GRJ48	Isso é que ele...
MTV56	E depois o que é que...
STA30	E eu fui à do meu sobrinho no mesmo dia, mas o que é que nós...
STJ09	Aqui é que é o (...)?
STJ27	Era (...) do arroz é que se...
STJ26	Ah, mas hoje os motores é que...
VPC12	É quase o tipo, o que é, é que são...
VPC18	Eles é que...
VPC30	Essas (...) com o pêlo é que...
LVR23	E só, só assim é que...
PIC07	Por isso é que a gente...
PIC09	E lá é que ele então...
PVC04	Hoje, agora é que a gente...
GRJ55	Só quando vissem as coisas feitas é que...
STJ15	Depois de estar dois anos, ou isso assim, é que ele...
CBV49	E assim é que é (...) que a pessoa se...
GIA31	Também há essas, mas é que andam aqui (...) nas coisas, nos canos e assim, que é (...) as baratas.
CTL16	Que claro, como sabe, pois ele é lá (...) no fundo é que lhe...
STA11	As três estrelas é que eu não lhe...

Outras (1)

MTV21	E vamos lá ver mas é que como é que é que lá está a outra.
-------	--